

1570/256.

OBRAS
DO
PADRE ANTONIO VIEIRA.

SERMÕES.



TYPGRAPHIA DA REVISTA UNIVERSAL
RUA DOS FANQUEIROS, 82,

SERMÕES

do

PADRE ANTONIO VIEIRA.

TOMO IX.

LISBOA

EDITORES, J. M. C. SEABRA & T. Q. ANTUNES

RUA DOS FANQUEIROS, 82.

1856



SERMÃO

DO

DEMONIO MUDO.

**Prégado no convento de Odivellas, religiosas do
patriarcha S. Bernardo, no anno de 1651.**

*Erat Jesus ejiciens dæmonium, et illud
erat mutum. — Luc. XI.*

I.

Vigiaie, e estae á lerta, diz o apostolo S. Pedro, porque o demonio, vosso inimigo, como leão bramindo, cerca e anda buscando a quem tragar: *Sobrii estote, et vigilate, quia adversarius vester diabolus tanquam leo rugiens circuit, quærens quem devoret.* (1 Petr. V — 8). Necessaria e temerosa advertencia é esta; mas muito mais necessaria, e muito mais temerosa a de que hoje nos avisa o evangelho. Porque? Porque o demonio, de que nos manda acautelar S. Pedro, é demonio com bramidos: *Tanquam leo rugiens*; e o demonio de que falla o evangelho, é demonio mudo: *Erat Jesus ejiciens dæmonium, et illud erat mutum.* (Luc. XI—14)

Se o demonio vem bramindo, os mesmos bramidos dão rebate do perigo, e ninguem haverá tão descuidado, ainda que esteja dormindo, que não esperte assombrado, e se acautele; porém se o demonio vem mudo; debaixo do mesmo silencio, em que se esconde o perigo, descança, e adormece o cuidado.

O demonio sempre é inimigo: *Adversarius vester diabolus*; mas quando vem bramindo, vem como inimigo declarado; quando vem mudo, vem como inimigo occulto; e muito mais para temer é o inimigo occulto, e dissimulado, que descoberto. Quando o exercito contrario com as bandeiras estendidas ao som de caixas e trombetas se vem avançando aos muros, não são necessarias vigias; mas quando de noite vem marchando á surda com todos os instrumentos bellicos em silencio, então é necessario que as sentinellas estejam com os olhos muito abertos. Quando o demonio vem como leão bramindo, avisa-me o leão, e avisa-me S. Pedro; mas quando elle vem mudo, nem o leão, nem S. Pedro me póde avisar. Em fim, a differença do demonio (como leão, e bramindo) ao mesmo demonio (como demonio, e mudo) até aos mesmos sentidos é manifesta: como leão ve-se, e como bramindõ ouve-se; porém como demonio, que é invisivel, não se póde ver, e como mudo que não falla, não se póde ouvir.

Esta é o demonio que Christo hoje lançou fóra: e este o maligno que muitas vezes repete por meio dos prégadores, se o estado já incapaz dos ouvintes o não impede. Quando o leão levava algum cordeiro do rebanho de David, se não estava ainda trágado e engulido de todo, e lhe ficavam as orelhas de fóra, pelas mesmas orelhas o tornava elle a tirar da garganta do leão. É o que diz o propheta Amos, que tambem foi pastor: *Quomodo si eruat pastor de ore leonis extremum auriculæ.* (Amos III — 12) Eu não duvido que possa haver neste auditorio alguns a quem tragasse o demonio, porque elle não bramiu, nem elles o ouviram. Se tambem lhe tragou as orelhas, não lhe vejo remedio; mas se ainda lhe ficaram de fóra, por ellas, e pelos ouvidos, se poderão livrar, se ouvirem com a attenção que pede tão grave materia: Ave Maria.

II.

O grande patriarcha S. Bernardo, que sendo entre os outros douttores sagrados tão eminente, neste lugar é o maior, expondo o texto de S. Pedro, diz que dava graças ao grande leão do tribu de Judá Christo Senhor nosso, porque permittindo o bramir ao leão do inferno, não lhe permittia o ferir: *Gratias magno ille leoni de tribu Juda: rugire iste potest, ferire non potest.* E porque não pôde ferir, se pôde bramir? Por isso mesmo. Quando o leão vem bramindo, na mesmo boca, em que traz o perigo, traz juntamente o remedio. Os seus bramidos nos livram dos seus dentes, e as suas ameaças das suas garras. Mas se elle, que assim como pôde bramir, pôde não bramir, se vier mudo, que será? Aqui ha de bater o nosso ponto. Vae por diante o texto, e diz que não só vem bramindo, senão cercando: *Rugiens circuit, quærens quem devoret.* E posto que estes cercos do demonio não darão muito cuidado a S. Bernardo, porque os muros da sua religião são muito altos, muito seguros, e muito fortes; comtudo, se o demonio despir a pelle, e o corpo de leão, pouca resistencia lhe podem fazer os muros. E tal é o caso e a casa em que estamos.

O demonio como espirito, e como espirito soberbo, atrevido, e sem temor nem reverencia dos logares sagrados, entra pelos claustros religiosos, passeia os corredores e dormitorios, e por mais fechadas que estejam as cellas, sem gazua, com ser ladrão, se mette e mora nellas muito de assento. Por signal, senhoras, que muitas o deixastes na vossa cella, e o achareis lá quando tornardes. Ninguem se benza, porque esta verdade, posto que não seja fé catholica, é romana. É a novidade que de lá trago, para que vos peço nova attenção.

Sendo o estado das virgens consagradas a Deus a mais illustre porção do rebanho de Christo, como lhe chama S. Cypriano: *Illustrior portio gregis Christi*; que meio tomaria o supremo e vigilantissimo pastor Innocencio X, que Deus guarde muitos annos, para conservar q mesmo estado em sua pureza e perfeição, e onde estivesse descaído, o restituir a ella? Elegeu sua santidade em Roma um religioso de grande virtude e prudencia, e

mestre do espirito muito experimentado, ao qual encommendou que visitasse de secreto os conventos das religiosas, não só em commum, senão tambem nas cellas ou aposentos particulares : e que procurasse de lhes tirar (não por violencia, mas com a suavidade de santas exhortações) tudo o que julgasse menos decente á fé, e unico amor que devem a seu divino Esposo. Fel-o assim o visitador com o zelo que delle se esperava ; e depois de alguns mezes, dando conta ao mesmo santo pontifice da sua missão, disse que vinha muito edificado do que achara, mas não de todo contente. Edificado, porque achara tantas penitencias, tantos jejuns, tantas disciplinas e cilícios, e tantas orações e devações, que lhe fôra necessario moderar o excesso, e ir á mão a tão demasiados fervores. Edificado tambem, porque havendo nos ditos aposentos algumas alfayas, ou peças de maior preço e curiosidade do que permite a pobreza e simplicidade religiosa, todas, posto que com alguma repugnancia, as fizera despedir, e applicar a melhores usos, excepta somente uma. E porque esta a não pudéra arrancar das paredes, e muito menos dos affectos, senão em muito raras daquellas monjas, por isso não estava totalmente satisfeito da sua diligencia. Então perguntou sua santidade, que alfaya ou que peça era aquella ? Ao que respondeu o visitador, que o espelho. O espelho ? Beatissimo padre, sim. E a razão do meu descontentamento é, porque tenho alcançado por larga experiencia, que em quanto uma religiosa se quer ver ao espelho, não tem acabado de entregar todo o coração ao Esposo do céu, e ainda lhe ficam nelle alguns resabios do amor e vaidade do mundo.

Tal foi a resposta do visitador daquelles conventos, ouvida não menos que da boca de sua santidade. E com esta tão authentica e bem fundada noticia, fiquei eu persuadido a uma coisa, e me resolvi a outra. A primeira a que fiquei persuadido, com boa venia de tão veneravel communidade, é, que nos conventos e cellas das religiosas o espelho é o diabo mudo. A segunda a que juntamente me resolvi, foi que vindo a Portugal, havia de publicar e prégar neste caso no primeiro logar a que podesse pertencer. Elle pois será hoje o argumento do meu discurso, e uma al-

legoria tão propria das palavras que propuz no thema, como ellas mostrarão.

III.

Erat Jesus ejiciens dæmonium, et illud erat mutum. Diz o evangelista S. Lucas, que estava Christo lançando do corpo de um endemoninhado um demonio que era mudo. E porque não diz que o lançou, ou que o lançara, senão que o estava lançando: *Erat ejiciens?* Este reparo é de todos os expositores, os quaes também respondem todos, que aquelle estar, ou aquella detença e tardança, significava a repugnancia, a rebeldia, e a resistencia e contumacia, com que o demonio se não queria despegar daquelle corpo, nem deixar-se arrancar d'elle. Mas isto mesmo tem nova difficuldade no evangelho do mesmo S. Lucas. Diz este evangelista, que quando Christo lançava os demonios fóra dos corpos, não era necessario que o Senhor lh'o mandasse com alguma palavra, mas bastava que o endemoninhado tocasse as vestiduras sagradas, para logo ficar livre: *Qui vixabantur à spiritibus immundis, curabantur: et omnis turba quærebat eum tangere, quia virtus de illo exibat, et sanabat omnes.* (Luc. VI — 18 e 19) Pois se a virtude de Christo tão facilmente lançava dos corpos os demonios; porque expèrimentou tanta resistencia e difficuldade na expulsão deste demonio mudo? Por ventura por sêr mudo? Não: antes por ser mudo era conveniente que o lançasse por um tacto também mudo, e juntamente passivo como aos demais. Apertemos a duvida em todo o rigor. É certo que o demonio não podia resistir á virtude de Christo, que era omnipotente. E também é certo que as difficuldades e resistencias do *erat ejiciens*, eram affectadas pelo mesmo Christo, para debaixo dellas nos dar alguma importante doutrina. Que queria logo significar o Senhor naquelle demonio mudo, e naquellas resistencias? Antes da prova ninguem tenha a resposta por paradoxa. No demonio mudo queria o Senhor significar o espelho, e nas resistencias a grande difficuldade, com que o espelho se lança fóra. No mesmo exemplo de Roma, que acabo de referir, temos a prova, e muito mais encarecida.

Quando Christo Senhor nosso mandou aos seus discipulos prègar, deu-lhes juntamente poder sobre os demonios, para que os lançassem dos corpos. Com este poder lançavam fóra indifferentemente todos os demonios, até que lhe trouxeram um, tambem mudo, como consta do evangelho de S. Mattheus, o qual por mais exorcismos que lhe fizeram, era tão obstinado e rebelde, que de nenhum modo o puderam arrancar os apostolos do corpo de que se tinha apoderado. Deram conta desta novidade ao divino Mestre, perguntando a causa della; e o Senhor lhes respondeu, que os demonios daquella casta, não se lançavam fóra, senão com oração e jejum: *Hoc genus dæmoniorum non ejicitur nisi in oratione, et jejunio**. Ao nosso ponto agora. Naquellas devotas religiosas de Roma, que deram motivo ao nosso discurso, não ouvimos que eram tão continuas as orações e os jejuns, que foi necessario moderar-lhes o excesso destes santos exercicios? Sim. Pois se os demonios mudos se lançam com orações e jejuns, as mesmas que tanto oravam e jejuavam, porque repugnavam tanto a que se lhes tirasse da cella o espelho? Porque o espelho é um demonio mudo, de peor casta que ~~os outros demonios~~ mudos: os outros lançam-se com orações e jejuns: *In oratione, et jejunio*; porém estes são muito mais rebeldes e obstinados. Estão tão pegados á parede, e muito mais ao coração, que orará e jejuará a dona da casa quanto quizerdes, e muito mais do que quizerdes, mas o espelho não ha de ir fóra,

Depois, e mais em seu lugar declararemos a razão ou sem-razão desta difficuldade; agora vamos seguindo o texto, e tirando as duvidas, ou os escrupulos que póde ter a nossa allegoria.

IV.

Á palavra *ejiciens* segue-se *dæmonium*. E chamar demonio ao espelho parece que não só é fazer injuria á arte, senão á mesma natureza. O espelho depois de muitos annos (quando já

* Matth. XVII — 20. Marc. IX — 28.



o mundo não tinha muito que ver em si, senão muito que aborrecer) foi invento artificial e humano. Porém na sua primeira origem já tinha sido o espelho obra da natureza, e do soberano Auctor della. As estrellas são espelhos do sol: os rios são espelhos das arvores: uma fonte, que não devera, foi o espelho fatal de Narciso: e o mesmo mar, espelho d'aquelle rustico presumido, que dizia: *Nuper me in littore vidi, cum placidum ventis staret mare*. Seneca com toda a severidade estoica diz que os espelhos (em que os primeiros homens encontravam com a sua imagem em qualquer pedra liza) foram ordenados desde seu principio pela natureza, como mãe e mestra dos bons costumes, para que o moço que nasceu bem afigurado, vendo no espelho a sua gentileza, a não afeiasse com os vícios: e o que nasceu feio, supprisse e emendasse aquelle defeito com a formosura das virtudes. Do mesmo modo para que o mancebo vendo-se robusto e forte, empregasse as suas forças em honestos e honrosos trabalhos; e o velho considerando as suas cãs, as não affrontasse com acção indigna dellas; antes reconhecendo os poucos dias que lhe podiam restar de vida, os perpetuassem com exemplos merecedores da immortalidade. Esta mesma doutrina tinha sido a de Platão e Socrates, em cujas escolas estavam collocados espelhos, para que a elles se vissem o compo- zessem os discipulos das virtudes que nellas se ensinavam.

Pois se o espelho desde sua origem não foi obra humana, senão divina: se o fim deste instrumento natural foi para que o homem creado á imagem de Deus, vendo a sua no espelho, a procurasse conformar com a perfeição e soberania de tão alto original; não é aggravado e affrontado, sobre impropriedade grande, comparar o espelho ao demonio, e chamar-lhe demonio? Não. Porque desde sua mesma origem não ha duas coisas que Deus crenesse mais parecidas e semelhantes, que o demonio e o espelho. O demonio primeiro foi anjo, e depois demonio: o espelho primeiro foi instrumento do conhecimento proprio, e depois do amor proprio, que é a raiz de todos os vícios.

E para que se veja quão alheio de aggravado nem encarecimento é o nome de demonio que dei ao espelho; piçam todos com as-

sombro o que agora hei de dizer. E é, que de um espelho não artificial ou fingido, senão natural e verdadeiro, e de uma formosura também natural e verdadeira, que nelle se viu, nasceram todos os demonios, quantos depois de serem anjos ardem no inferno.

Os espelhos em que se vêem os anjos (e o mesmo se intende das nossas almas), não são compostos de vidro e aço, ou de outra materia corporea, senão espirituaes como os mesmos anjos; os quaes nos actos do proprio intendimento, como em espelhos naturaes e clarissimos, se vêem a si, e as expressas imagens de si mesmos. Em Deus, que é o supremo espirito, e exemplar de todos, temos o melhor e mais qualificado exemplo. Deus Padre desde o principio sem principio de sua eternidade, produziu e está sempre produzindo por acto de intendimento o Verbo divino, e o mesmo Verbo é um espelho de candidissima luz, e sem macula, no qual vê Deus a sua essencia, a sua magestade, a sua grandeza infinita, e todos seus attributos: *Candor est enim lucis æternæ, et speculum sine macula Dei majestatis, et imago bonitatis illius.* (Sapient. VII — 26) Assim o diz o Espirito Santo no livro da Sabedoria; e assim por seu modo se vêem os anjos a si mesmos, não fóra, senão dentro de si, no espelho natural, e imagem expressissima do proprio intendimento.

Isto posto, tanto que foi creado o maior e mais excellente de todos os espiritos angelicos, Lucifer, viu-se neste seu espelho mental, e contemplando nelle a sua formosura, maior sem controversia que a de todos os anjos, ficou tão namorado e elevado da mesma vista: *Elevatum est cor tuum in decore tuo:* (Ezech. XXVIII — 17) que não se contentou com menos que ser como Deus: *In cælum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum, sedebo in monte testamenti, ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo.* (Isai. XIV — 13 e 14) E que se seguiu d'aqui? O mesmo que ao homem quando quiz ser como Deus: *In quocumque die comederitis, aperientur oculi vestri, et eritis sicut dii.* (Gen. III — 5) Note-se com muito grande attenção esta paridade. O homem querendo ser mais do que era, perdeu o que era: quiz ser como Deus, e perdeu a dignidade de

homem, ficando semelhante aos brutos: *Homo cum in honore esset, comparatus est jumentis, et similis factus est illis.* (Psal. XLVIII — 13) E Lucifer do mesmo modo, querendo ser como Deus, perdeu a dignidade de anjo, e em signal de ficar tambem como bruto, lhe nasceu logo uma cauda tão grande, que arras-tou e derribou com ella a terceira parte de todas as jerarchias angelicas: *Et cauda ejus trahebat tertiam partem stellarum cæli, et misit eas in terram.* (Apoc. XII — 4) De sorte, como dizia, que vendo Lucifer a sua formosura natural e verdadeira em um espelho, tambem natural e verdadeiro, deste espelho e desta vista, como de pae e de mãe, nasceram todos os demonios, quantos com o mesmo Lucifer ardem no inferno. A certo demonio per-guntou Christo uma vez como se chamava; e elle respondeu: *Legio, quia multi sumus*: (Marc. V — 9) que se chamava legião, porque não era um só demonio, senão muitos mil. E se ao espe-lho, por ser em Lucifer origem de todos os demonios, se podia dar o nome de todos, bem se segue quão curto lhe vem o de um só demonio: *Erat ejiciens dæmonium*.

V.

Só resta a ultima e principal differença de mudo: *Et illud erat mutum*. E não é necessaria outra prova mais certa e mais evi-dente que a mesma experiencia dos que se vêem, e muito mais das que se vêem ao espelho. Não ha eloquencia, nem rhetorica com todas suas figuras, que mais diga, que mais persuada, e que mais deleite, que aquelle lisongeiro mudo. Mudo adula, mudo en-carece, mudo attrae, mudo afeição, mudo enfeitiça, mudo en-gana, mudo mente e desmente juntamente, negando o que é, e fingindo o que agrada. Nonno, poeta antigo, e tão erudito nas lin-guas, como nos silencias, chamou ao espelho, pregoeiro mudo: *Tacito præcone (speculo) imagini credebat puella suæ pulchritu-dinis*. E diz discretissimamente que uma donzella que se viu ao espelho, pregoeiro mudo, não cria da sua formosura o que ella via, senão o que elle apregoava. São os mysterios do espelho como os da fé, em que uma coisa é a que se vê e outra a que se crê:

vê-se o que concedeu a natureza mais ou menos avara ; e crê-se em fé do amor, ou desejo proprio, não o que retrata o espelho, senão o que representa a imaginação : *Imagini credebatur pulchritudinis suæ*. Formosura apregoada não está muito longe de vendida. Diga-o a de Sara, quando as vozes do pregão chegaram aos ouvidos de Pharaó. Se Deus não acudira pela honra de Abrahão, já elle de antemão tinha recebido boa parte da paga : *Fuerunt que ei oves, et boves, et servi, et famulæ, etc.* (Gen. XII — 16)

Para este juizo falso e mudo concorre com o espelho uma testemunha também falsa e muda, que é a formosura. Com este sobrenome tão pouco ameno a censurou Theofrasto referido por Laercio na vida de Aristoteles : *Pulchritudinem esse silentem fraudem* : que a formosura é um engano e uma mentira muda. De sorte que deste mudo e desta muda se representa no theatro do espelho um dialogo, que se ouve sem voz, tão apparente á vista, tão pintado ao desejo, e que tanto persuade, engana e tenta como o mesmo demonio. Aqui está a propriedade do demonio e mudo. O demonio tentou a Christo fallando ; a nós tenta-nos mudo e sem dizer palavra. Mas de que modo, se o não vemos, nem ouvimos ? Perguntem agora esta philosophia os que a não sabem, posto que todos a experimentam.

Dentro na nossa phantasia, ou potencia imaginativa, que reside no cerebro, estão guardadas, como em thesouro secreto, as imagens de todas as coisas que nos entraram pelos sentidos, a que os philosophos chamam especies. E assim como nós das letras do *A B C*, que são somente vinte e duas, trocando-as e ajuntando-as variamente, escrevemos e damos a intender o que queremos ; assim o demonio daquellas especies, que são infinitas, ordenando-as, e compondo-as como mais lhe serve, pinta e representa interiormente á nossa imaginação, o que mais pôde inclinar, affeição, e attrair o appetite. E deste modo mudamente nos tenta, mudamente nos persuade, e mudamente nos engana. Isto mesmo é o que passa entre a vista e o espelho, e tanto mais viva e enganosamente, quanto é maior o desejo de bem parecer. São as especies directamente do rosto ao espelho, e recebidas no vidro e rebatidas do aço, tornam reflexamente aos olhos ; e nesta

ida e volta, ambas mudas e em silencio, por engano do amor proprio, se pinta ou despinta de tal sorte o mesmo objecto, que mais parece milagre da transfiguração, que illusão da vista.

Diz S. Paulo que o demonio algumas vezes se transfigura em anjo de luz: *Ipse enim Satanas transfigurat se in angelum lucis.* (2. Cor. XI — 14) E estas são as transfigurações que cada dia faz o diabo mudo. Vê-se talvez ao espelho uma figura só por sua antiguidade veneravel; e quando aos que a vêem de fóra lhes parece aquella cara pouco menos fea que um demonio; ella depois que se viu, sáe tão transfigurada, que na confiança e estimação da propria belleza, só lhe faltam as azas para cuidar que é um anjo. Assim o cuida, porque assim se viu; e assim se viu, porque assim se quiz vêr: como se o espelho não fóra espelho do rosto, senão da vontade. A visão beatifica, com que os bemaventurados vêem a Deus, chamam sabiamente os theologos: *Speculum voluntarium*: espelho voluntario. E o demonio (que como bogio de Deus, diz S. Gregorio Nazianzeno, em tudo o arreda) transformando-se no espelho, o fez muito mais voluntario do que é Deus na visão dos bemaventurados. Deus na visão beatifica é espelho voluntario; porque só se vê nelle e delle o que quer Deus, que é o espelho. E o espelho, em que se transformou o demonio, é muito mais voluntario, porque se vê nelle á medida e ao arbitrio da propria vontade, não o que quer, ou representa o espelho, senão o que quer, e como quer quem se vê. Só não póde fazer o demonio que as que se vêem ao espelho como querem, sejam vistas tambem como querem; mas isto se suppre com as receitas que se vão buscar á botica, que no mesmo espelho ensinam por acenos o mesmo diabo mudo.

VI.

Já temos chegado ao logar para onde reservei a razão, ou sem-razão do *Erat ejiciens*, ou de ser tão difficultoso de se arrancar da parede de uma cella, ou do affecto de uma religiosa, o espelho que alli está tão pegado. É possivel que uma virgem consagrada a Deus, e desposada com o Filho de Deus, ha de estar tão

casada com o espelho? É ella mulher? É ella filha de Eva? Pois de lá lhe vem esta inclinação: e não é muito que tenha lançado tão fortes raizes. Diz Tertulliano, que quando Eva foi creada no paraíso, se já se tivessem inventado as lisonjas com que se costuma enfeitar a formosura, e se já houvesse também os espelhos, aos quaes fosse licito enganar e mentir, como hoje fazem, que também Eva se havia de deixar enganar delles: *Si margaritæ canderent, et ceramnia coruscarent, et speculo tantum mentiri liceret; et Eva concupiisset*. Isto cuidou Tertulliano de Eva; e eu cuido do demonio, que se já houvesse espelhos, não havia elle de pedir emprestada á serpente a lingua, para a enganar e render. Mais digo: que se a serpente lhe promettesse: Serás como Deus; e o espelho lhe dissesse: Verás em mim tua formosura; que havia Eva de aceitar o partido e offerta do espelho, e não a promessa da serpente. E para que não pareça coisa incrível no juízo de uma mulher antepor a gloria ou idolatria de estar contemplando a sua formosura á dignidade e divindade de ser como Deus, seja juiz e prova o mesmo demonio.

Quando Lucifer disse: *Similis ero Alissimo*, (Isai. XIV — 14) julgaram muitos doutores, principalmente antigos, que nesta similhaça com Deus (que é o *sicut dñi*) affectára Lucifer a divindade; porém muitos outros interpretes não menos doutos, que vieram depois (não por serem mais amigos do demonio, senão porque ao mesmo demonio se deve fazer justiça, quando elle a tiver) teem para si, que um espirito de tão sublime intendimento não podia cair em uma ignorancia tão evidente, e em um erro tão crasso, senão em outro mais natural e mais proprio da formosura, em que também podem ser cúmplices os nossos espelhos. E qual foi? Foi que vendo Lucifer sua estremada formosura, ficou tão satisfeito della, que renunciando a vista de Deus, não quiz outra mais que a sua.

Em que consiste a gloria e bemaventurança de Deus? Consiste em se estar sempre vendo a si mesmo, contemplando a sua essencia, a sua divindade, a sua formosura eterna, infinita, immensa. Pois assim como Deus se vê no espelho do seu intendimento: assim eu (diz Lucifer) me quero vêr no espelho do meu.

E assim como elle tem a sua gloria em se estar vendo a si mesmo ; assim eu quero ter a minha em me estar vendo a mim, e por isso não quero a sua gloria, nem a sua bemaventurança, senão a minha.

Esta vista, pois, e esta contemplação da propria formosura é a similhaça de Deus, que Lucifer affectou, quando disse : *Similis ero Altissimo* : e a mesma vista e contemplação, se já houvesse espelhos no paraíso, como dizia Tertulliano, seria a maior tentação de Eva, tendo experimentado o demonio em si mesmo, quanto mais poderosa era para a persuadir e render o silencio do espelho mudo, que a astucia da serpente, fallando. E porque esta experiencia não teve logar em Eva, porque ainda não havia espelhos, bem se viu, depois que os houve, o appetite que herdaram da mesma Eva as suas filhas. E por isso ha tantas no mundo (e fóra do mundo) que gastam as horas e perdem os dias inteiros em se estar vendo, revendo e contemplando no espelho, como se não tiveram, nem esperaram outra gloria.

Exemplo seja Blesilla, aquella nobilissima viuva romana, da qual escreve S. Jeronymo, que desde amanhecer o sol até noite empregava com grande vagar e estudo o dia todo em se enfeitar ao espelho : *Blesilla vidua nostra antè morosior ornabatur, et die tota quid sibi deesset, quærebat ad speculum*. Não desenganou a Blesilla nem a morte, que a fez viuva, nem a mortalha, que a obrigou ao capello, para lhe enfastiar aquelle immortal appetite de se estar sempre vendo ao espelho. Mas pôde tanto a graça triumphadora da natureza, que, com mudança não imaginada, a mesma Blesilla, como se fóra outra, renunciando ambos os mundos, se vestiu de um habito grosseiro de penitencia, e se fez religiosa. Disse, renunciando ambos os mundos ; porque além deste mundo, em que todos vivemos, em frase de latinos e gregos ha outro mundo, que são os enfeites das mulheres : *Mundus mulieris*. Não acharam os homens mais sabios, nem outra menor comparação com que definir, nem outro menor nome com que declarar o excesso desta vaidade e appetite mulheril. E que fazia depois a que assim gastava os dias em semelhantes enfeites ? O mesmo S. Jeronymo, comparando os dias de então ás noites

de agora, continúa dizendo com admiração: *Nunc ad orandum festina consurgit, et tinnula voce cæteris alleluia præripiens, prior incipit laudare Dominum suum*: Aquella Blesilla, que d'antes tão mal empregava os dias, agora aproveita tão santamente as noites, que ella é a primeira que se levanta ás matinas, e com a voz e campainha, *tinnula voce*, esperta as outras monjas, não para se verem e contemplarem a si, mas para irem ver e contemplar a Deus naquella espelho da oração elevada, em que nesta vida, como diz S. Paulo, vêem menos claramente o rosto divino os que depois o hão de vêr face a face: *Videmus nunc per speculum in ænigmate: tunc autem facie ad faciem*. (1. Cor. XIII — 12)

Este mesmo appetite de as mulheres se verem ao espelho, declara S. Justino Martyr, com um notavel abuso que refere do seu tempo, por estas palavras: *Usuvenit quibusdam se ipsas fallentibus, ut cum apertè vultum pigmentis fingere non audeant, arte id faciant, in undam, aut oleum facie inclinata despicientes*. S. Justino floresceu duzentos annos depois da vinda de Christo, em que ainda durava o primeiro espirito da egreja, e era prohibido ás mulheres christãs o uso dos espelhos. E que obraria nellas o appetite tão contrario a este preceito, e ainda ao de se pintarem, como faziam as gentias, e como hoje fazem as christãs idolatras, que teem o seu rosto por idolo? Diz o santo, que não se atrevendo a ter, nem usar dos espelhos artificiaes, com outra arte se viam, ou no azeite, ou na agua, *ad undam, aut oleum facie inclinata*. Mas não parava aqui a curiosidade, que se podia perdoar. A deusa Pallas tambem se viu na agua, e lhe serviu de emendar um defeito, que não via. Como creada nos valles do monte Ida entre os pastores, recreava-se a deusa em tocar uma frauta pastoril: mas como ao passar de um ribeiro visse nelle que a frauta lhe descompunha a harmonia das faces, inchando mais uma dellas, não quero eu (disse) comprar a tanto custo a consonancia da frauta; e lançou-a de si muito longe.

*I procul hinc, dixit, non est mihi tibia tanti,
Ut vidit vultum Pallas in anne suum.*

Se aquellas boas ou más christãs usaram dos dois espelhos naturaes para emendar alguma descomposição, ou deformidade do rosto, venial pedia ser o peccado contra o preceito. Mas diz com grande invectiva o zelo de S. Justino, que o faziam para vêr se a natureza as tinha dotado de algumas prendas das que agradam aos olhos dos homens, e para as converterem em armas, com que fazer guerra á castidade: *Ut de se ipsis judicarent, an adversus castitatem belligerare possent*. Tanto mais abominavel era que o verem-se, o fim porque se viam. De Archimedes, famosissimo mathematico, sabemos que em um porto de Sicilia fabricou uns espelhos de tal fórma, que reverberando nelles os raios do sol, convertidos em fogo, abrazaram uma armada inimiga. E tal era a diabolica tenção destas mathematicas do inferno, para abrazarem as almas dos que falsamente se chamam amigos.

Ainda é mais impio, e por seu modo sacrilego, este appetite mulheril de se verem ao espelho. Quasi estive duvidoso se o diria, com receio de que haja quem lhe tome a invenção. Nas terras do Norte são mais usadas as orações dos livros, que as das contas, e a todas as senhoras leva um criado á egreja em um saco de veludo o livro porque ha de rezar. Oíçamos agora ao auctor do grande Theatro da Vida Humana, archipresbytero da cathedral de Antuerpia, o qual, como testemunha de vista, diz assim fallando das mulheres: *Harum luxuries eò processit, ut etiam in libellis, quos ad ecclesiam deprecaturæ adferunt, specula componant, quibus mundum muliebrem, et phaleras suas, ac capellitium inter fervidas scilicet suas preces adornent*. Tem chegado (diz) o luxo e vaidade das mulheres a tal nas horas ou livros de orar, que levam á egreja, vão entre as folhas encadernados espelhos, nos quaes estão compondo de novo os seus enfeites, a fim de que as suas fervorosas orações não appareçam diante de Deus desacompanhadas deste ornato. Atéqui o auctor, a cujo theatro, se isto houvesse de sair por farça, não haveria coisa mais ridicula. Mas se se houver de representar, o ponderar com juiso, nenhuma póde ouvir a christandade nem mais tragica, nem mais triste, nem mais injuriosa. De sorte que á egreja, onde as mulheres vão orar e adorar a Deus, se vão

idolstrar a si mesmas; e naquelles livros santos, cujas folhas umas teem estampadas as imagens da Virgem Maria, outras as de Jesus Christo crucificado, se não pejam de que appareçam tambem as suas! Se vos não atreveis a estar duas horas sem vos vêr por amor de Deus, como esperaes vêr a esse mesmo Deus eternamente? Ó christandade: ó gentilidade! Conta Pausanias, que no templo maior da arcadia, estava um espelho, no qual os homens que olhavam para elle, não se viam a si, mas só viam as imagens dos deuses. E quando os gentios adoradores dos deuses falsos intenderam que nos espelhos dos templos não se haviam de ver outras imagens que as dos mesmos deuses, teem nome e fé de christãs as que levam os espelhos aos templos do Deus verdadeiro, não só para tirarem os olhos dos altares e os pôrem em si, nem só para se verem a si, que seria menor escandalo, mas para verem e enfeitarem o modo com que desejam ser vistas?

E como este appetite de bem parecer, herdado de tão longe, e esta inclinação e estimação, fundada nos ornatos de uma caveira, e no esquecimento della, é tão natural e tão propria do genero feminino, e ainda na adulação do amor proprio mais enganado, não ha gentileza tão perfeita, que não tenha que emendar, nem tão inteira, que não tenha que supprir, nem tão sã, que não tenha que curar, de que o espelho é o medico: esta é a razão, ou sem-razão da difficuldade e resistencia, com que nos mesmos claustros religiosos, e entre as mesmas que professam o desprezo dos olhos humanos, sejam tão raras dentro das suas quatro paredes as que deixem despegar e sair dellas o espelho.

VII.

D'aqui (fallando agora comnosco) parece se seguem duas consequencias certas. A primeira, em respeito das religiosas que renunciarem o espelho, o grande sacrificio que farão a Deus: a segunda, em respeito das que se não atreverem a tanto, uma natural desculpa de o não fazerem.

Quanto ao sacrificio; estão nelle escondidos dois extremos

rigores, em que ninguém repara. O primeiro é, que quem renuncia o ver-se no espelho, não só sacrifica a vista, senão também os olhos com que se vê. Funda-se esta proposição em uma sentença approvada e louvada pela philosophia conimbricense, que é a mais auctorisada e elegante que atégora appareceu no mundo : *Scitè dictum est, ut speculum oculus est artis, ita oculum esse naturæ speculum* : Quer dizer este grande reparo philosophico, que assim como os olhos são espelhos da natureza, assim os espelhos são os olhos da arte. Os olhos são espelhos da natureza, porque nelles se retratam as imagens de quem se vê, a que chamamos meninas. E chamam-se meninas, e não meninos, porque a mesma natureza parece que fez os espelhos para as mulheres, e não para os homens. E porque são os espelhos olhos da arte ? Admiravelmente ; porque os olhos naturaes não se vêem a si mesmos, nem o proprio rosto : e fez a arte os espelhos como segundos olhos fóra de nós, para que nos pudessemos vêr a nós. Logo quem sacrifica o espelho, não só sacrifica a vista, senão também os olhos com que se vê, e sem os quaes se não póde vêr. E esta é a maior mortificação, ou rigor da natureza neste sacrificio.

O segundo, e ainda mais apertado é, porque quem sacrifica o espelho, não só sacrifica a vista, com que se havia de vêr, senão também a vista, com que se tem visto. Esta proposição, que parece mais difficilissima, nem é menos que theologica, fundada em outra de fé. Diz o apostolo Santiago, que os que ouvem a palaeira de Deus, e não fazem o que ouvem, são semelhantes aos quvêem no espelho o seu rosto natural, e logo se esquecem da figura e feições do mesmo rosto que viram : *Si quis auditor est verbi, et non factor, hic comparabitur viro consideranti vultum natiuitatis suæ in speculo : consideravit enim se, et abiit, et statim oblitus est qualis fuerit.* (Jacob. I — 23 e 24) Isto que diz o apostolo, e é de fé, porque elle o diz, a experiencia ordinaria o ensina. Vê um homem aos outros, e lembra-se claramente das feições do rosto e figura de cada um, e ausente o retrata na imaginação assim como o viu ; mas se se viu no espelho a si mesmo, logo se esquece, nem se póde pintar, ou figurar como é. E d'onde vem, ou se causa esta differença tão notavel ? Vem de diferente

modo com que vemos as coisas no espelho, ou em si mesmas. Em si mesmas vemol-as por especies directas, que são mais vivas, e mais fortes ; no espelho vemol-as por especies reflexas, que não teem aquella vida, ou aquella viveza, nem aquella força. E a razão é, porque o reflexo que as rebate no espelho, as enfraquece de tal sorte, que quando chegam á potencia, onde se formam as especies memorativas, por meio das quaes nos lembramos, ou estas se não produzem, ou são tão tenues, e quasi mortas, que se não póde servir dellas a memoria, e se segue naturalmente o esquecimento. Logo quem sacrifica o espelho, não só renuncia nelle a vista futura, senão tambem a passada. A futura, porque se não ha de vêr, pois não tem espelho : a passada, porque por falta do mesmo espelho não póde renovar na memoria, nem supprir no esquecimento o retrato de quando se viu : *Et oblitus est, qualis fuerit*. Tanto renunciám e dão para sempre a Deus as religiosas de animo varonil, que por seu amor e reverencia lhe sacrificam o espelho !

E quanto á fraqueza das que se não animam, nem atrevem a tanto, e á desculpa que parece teem natural de não degolarem para sempre em si mesmas a vista do proprio rosto ; verdadeiramente considerada a miseria dos nossos tempos, e o desmaio e frieza a que tem descaído geralmente o valor e espirito da perfeição christã, não só no estado secular, senão tambem no religioso, parecerá do mesmo modo que nos devemos contentar com esta moderação, posto que não sem dor. Mas se nos puzermos fóra dos nossos tempos, e fóra tambem das obrigações da christandade, acharemos que a chamada desculpa natural neste caso é tão grande miseria, tão grande fraqueza, e tão grande affronta de qualquer congregação religiosa, que nem dizer, nem ouvir, nem imaginar se póde, sem igual confusão, como agora demonstrarei, com lastimosa evidencia.

Posto, pois, fóra dos nossos tempos e fóra da christandade, antes de Salomão edificar o famosissimo templo de Jerusalem, fabricou Moysés outro templo menor e portatil, chamado o Tabernaculo, em que no caminho da terra de promissão se faziam os sacrificios, e se ensaiavam as outras ceremonias, que depois se haviam de

exercitar no templo. E sendo uma das peças notáveis deste Tabernaculo um tanque, ou lavatorio grande para uso e purificação dos sacerdotes, antes de entrarem a sacrificar; diz o texto sagrado, que este lavatorio era fundido de bronze, e que este-bronze era dos espelhos das mulheres, que de dia e de noite serviam, oravam e vigiavam no Tabernaculo: *Fecit et labrum æneum cum basi sub de speculis mulierum, quæ excubabant in ostio Tabernaculi.* (Exod. LVIII — 8) Não faça duvida ser o bronze dos espelhos, porque os espelhos ordinarios daquelle tempo eram de bronze, como tinham sido os primeiros de estanho, e depois se fizeram tambem de prata e oiro, guarnecidos de pedraria; pelo que disse Seneca, que um destes espelhos valia mais que o dote com que o senado dotara as filhas de Scipião Africano, sendo aquelle grande triumphador de Carthago tão pobre, que não teve com que as dotar. Mas por isso mesmo digno, como diz o mesmo Seneca, de que tivesse por sogro o senado romano.

De maneira (tornando aos espelhos de bronze) que assim como Arão do oiro das arrecadas das mulheres tinha fundido o idolo do bezerro, assim Moysés do bronze dos espelhos, tambem das mulheres, fundiu a grande concha do purificadorio sacerdotal. Com uma differença porém muito notavel, que as arrecadas foram trazidas por mandado de Arão, arrancando-as os homens das orelhas de suas mulheres e filhas; e os espelhos sem mandado de Moysés, ou outra auctoridade superior, espontanea e voluntariamente, por pura e mera devação das mulheres foram offerecidos a Deus, e dedicados ao serviço e uso do Tabernaculo. Assim o observou e pondera elegantemente Philo Hebreu: *Ex vasis jam antea expolititis in usum tamen alium, quem mulieres mira animi alacritate certatim contulerant: specula enim, ad quæ formam curare solitæ fuerant, sponte, nemine jubente, Deo dicaverant; hæc ad se delata opifex in unum massam confundit.* Das quaes palavras se colhe quão aceita fosse a Deus, e quão grata aos olhos divinos aquella offerta, assim por serem os espelhos, e o cuidado e cultura da gentileza, a coisa que mais estimam, e de que mais se prezam as mulheres, *Specula, ad quæ formam curare solitæ fuerant;* como pela vontade e promptidão de animo e pela alegria

justamente chamada admiravel, com que foram offerecidos, *mira animi alacritate, certatim contulerant*. E sobretudo, sem que alguem a isso obrigasse aquellas devotas mulheres, *namine jubente*, que é o que Deus mais estima, mais preza e mais ama no que se lhe offerece, como diz S. Paulo: *Non ex tristitia, aut necessitate, hilarem enim datorem diligit Deus*. (2 Cor. IX — 7)

Provado assim o muito que agrada a Deus a renuncia e sacrificio dos espelhos, que é a primeira parte da nossa proposta, segue-se a segunda, que prometti de mostrar, de não terem desculpa, nem escusa, as religiosas que o não fazem e repugnam. E senão, pergunto, para que me respondam. Estas mulheres que tão animosa e valorosamente, e com animo e resolução mais que varonil, dedicaram os seus espelhos a Deus e ao tabernaculo, que mulheres eram? Eram aquellas hebreas que havia um anno tinham saído do captiveiro do Egypto, onde muitas dellas como escravas adoravam os idolos de seus senhores; havendo tambem um só anno (e o mesmo) que Deus tinha dado no monte Synai a lei de Moysés. E estas mulheres tinham voto de religião? Não, porque ainda não havia taes votos, nem tal nome no mundo. E eram virgens consagradas a Deus? Tambem não, porque d'ahi a dois mil annos deu principio a Virgem das virgens a tão soberano instituto. Qual era logo o estado destas tão admiraveis mulheres? Umas eram casadas, outras viúvas, outras donzellas, e assim o confessam até Calvino e Beza, os hereses mais inimigos do estado religioso.

Vamos agora subindo por esta mesma escada, e vejam as religiosas christãs, não naquelles espelhos deixados, senão nas mesmas que os deixaram, se tem desculpa, ou escusa alguma de estarem tão pegadas aos seus. Com os mesmos olhos com que as hebreas se costumavam ver e enfeitar aos seus espelhos, os viram depois quebrar, desfazer, derreter, e fundir, não chorando aquella destruição, nem tendo saudades do tempo em que nelles se viam, mas grande gloria sim do differente uso e emprego em que os viram trocados. E se isto faziam mulheres casadas, ou que o foram, ou que o podiam ser; que devem fazer ou ter feito as que com vinculo perpetuo e indissolvel se desposaram com o Filho

de um Pae eterno ? Se este consentimento commum, e impeto fervoroso de espirito, ardia nos corações das filhas de Israel successoras de Rachel e Lia ; qual era bem que se venerasse nas filhas dos Basilios, Bentos, e Agostinhos, e muito particularmente nas de S. Bernardo, successoras das Umbelinas, das Leogardes, das Eduvigias, e de tantas outras ? Se aquelle zelo e devação se admirava na synagoga e lei de Moysés, quanto se deve estranhar não só a falta delle, mas o contrario, nas recoletas da egreja catholica, e lei de Christo ? É tanta a differença da lei de Moysés á lei de Christo, quanto vae da sombra á luz, da noite ao dia, da figura á verdade, e da lei da graça, que só ella póde dar, áquella que não podia. E se tanta fé e lealdade guardavam a Deus as que havia um só anno que o conheciam ; as que antes de terem intendimento receberam a fé do mesmo Deus no baptismo, e antes de ter lingua prometteram nelle que renunciavam ao demonio, e a todas as suas pompas ; porque ha de poder tanto com ellas o mesmo demonio, tambem mudo e sem lingua, que na idade capaz de arrependimento lhe tornem a dedicar as pompas renunciadas, e não occultamente, senão nos olhos do mundo, e na propria cara, sem se lhe fazerem as faces vermelhas de pejo e confusão, senão de outra cor ?

VIII.

Mas passando do tempo das hebreas, que tinham fé, ás gentias e idolatras sem conhecimento do Deus verdadeiro ; no Egypto assim como era venerado por deus Osyris, que tinha sido rei, assim Isis, que fôra sua mulher, era venerada por deusa. E no dia em que se celebravam as festas desta segunda e falsa deidade, e era levada de um templo a outro em procissão, diz Apuleyo, que ia diante um coro de donzellas vestidas de gala, e coroadas de flores, as quaes levavam em açafates, e semeando-as por toda a parte faziam prados as ruas. Diz mais, que ao meio do caminho vinha outro coro a encontrar e receber a deusa, e que estas (de cujas galas se não faz menção) traziam lançados detraz das costas os espelhos, e os mesmos espelhos tambem voltados do avesso,

com que nem ellas nem outrem se podia ver nelles. Isto posto, sabida coisa é vulgarmente, que os egypcios, como primeiros inventores das sciencias, sempre significavam mais do que diziam, e todas suas acções eram mysterios. Que mysterio tinha logo o primeiro coro das donzellas alcatifando as ruas de flores, e o segundo trazendo os espelhos detraz das costas? É certo que umas e outras se queriam mostrar devotas e obsequiosas á deusa; mas esta devação e obsequio attribue o mesmo auctor mais principal e declaradamente ás segundas, que ás primeiras: *Aliæ, quæ nientibus speculis pone tergum reversis venienti deæ obviam demonstrarent obsequium*. Saibamos agora: E porque era maior obsequio o dos espelhos voltados e lançados detraz das costas, que o das flores semeadas pelas ruas, por onde a deusa havia de passar? Porque nas flores significavam as primeiras donzellas, que cada uma consagrava á deusa a flor das suas idades; e nos espelhos significavam as segundas, que sacrificavam á mesma deusa o que aquella idade mais preza e mais estima, que é o ver-se ao espelho. De sorte que competindo as donzellas a quaes se haviam de mostrar mais obsequiosas á divindade que adoravam; a juiso dos sabios instituidores daquella publica solemnidade, maior era o obsequio e sacrificio das que se condemnavam a não se ver mais ao espelho por amor e reverencia della, que as que vestidas de festa lhe offereciam e punham aos pés a flor de sua idade.

Em umas e outras se representavam com propriedade grande as religiosas christãs. Nas primeiras, as que entrando noviças na religião, consagram a Deus a primavera dos annos, e flor da idade: nas segundas, as que, professoras e antigas no mesmo instituto, e propectas na virtude e no juiso, lhe sacrificam a perpetua e voluntaria cegueira do objecto mais amavel, e mais amado, não se querendo ver ao espelho, nem vel-o, que por isso as mais discretas os levavam detraz das costas. E se ellas isto faziam tão alegre e animosamente, guiadas só pelo dictame da razão natural, sendo gentias e idolatras; que escusa ou desculpa podem ter de o repugnar no estado mais sublime da fé e christandade, as que tendo renunciado o mundo por amor do verdadeiro Deus, não só se chamam esposas, mas verdadeiramente o são de seu pro-

prio Filho? Diga-o por todas uma, em que são significadas todas.

Nos Canticos de Salomão, a que alli se chama esposa santa, era uma figura prophetica das que depois na lei da graça haviam de ser esposas de Christo. O mesmo esposo lhe deu então o nome e sobronome com que hoje se chama cada uma, esposa e soror: *Soror me sponsa*. (Cant. IV — 9 e 10) Diga-nos agora aquella esposa, e aquella soror, que é o de que mais se presavam os seus olhos. Tinha-os ella formado pelo exemplar que o mesmo Esposo lhe mostrára nos seus (pensamento singular de S. Gregorio Nissenso), e fallando de uns como de outros, diz que eram semelhantes a duas pombas, as quaes estando sobre os rios das aguas, não se lavavam em agua, senão em leite: *Oculi ejus sicut columbæ super rivulos aquarum, quæ lacte sunt lotæ*. (Cant. V — 12) Notavel dizer, e tão difficuloso a todos os interpretes, como notavel! É certo que nesta comparação não se louva a cor, que nos olhos é tão varia; porque louvar nelles a brancura, seria louvor tão frio como a mesma neve. Que quiz logo significar a esposa, quando diz, que os seus olhos, como pombas, *sicut columbæ*, em cima dos rios d'agua, *super rivulos aquarum*, não se lavavam em agua, senão em leite, *quæ lacte sunt lotæ*? O mesmo Gregorio Nissenso, como tão eminente philosopho, por observação sua, e experiencia certa, diz que todos os outros licores podem servir de espelho, só o leite não; porque ninguem, nem coisa alguma se póde ver nelle. As palavras do santo são estas: *Verè in lacte hoc observatum est, solum inter humida proprietatem hanc habere, ut in eo nullius rei simulacrum, aut similitudo conspiciatur*. E como entre todos os licores só o leite não póde servir de espelho, por isso os olhos da esposa, informados do Esposo divino, eram semelhantes áquellas pombas, que estando sobre os rios d'agua, *super rivulos aquarum*, não se lavavam na mesma agua, na qual se podiam lavar e ver juntamente; mas deixada totalmente a agua, posto que tão visinha, se lavavam só em leite, *quæ lacte sunt lotæ*; porque no leite só se podiam lavar, mas não se podiam ver. Lembremo-nos agora dos espelhos de que Moysés fez a concha ou tanque, em que os sa-

cerdotes se haviam de lavar antes do sacrificio. Aquelles sacerdotes já se não podiam ver nos espelhos de que se tinham feito as margens do tanque; mas podiam-se ver na agua delle, em que se lavavam. Porém as pombas, em que eram significados os olhos das religiosas do nosso tempo, *Oculi ejus sicut columbæ*, ainda que estavam sobre as aguas dos rios, em que se podiam lavar e ver, *super rivulos aquarum*; para maior e total sacrificio, não só renunciavam na mesma agua todos os licores em que se podiam ver, mas no leite, que só não pôde servir de espelho, renunciavam todos os espelhos: *Ut in eo nullius rei simulacrum, ac similitudo conspiciatur*.

IX.

Alfronta seria de uma tão religiosa e santa communidade como a presente, depois dos dois exemplos das hebreas, que tinham fé de Deus, e das gentias, que a não tinham, se a houvessemos de exortar á imitação desta, que tambem no tal caso seria injuria chamar-lhe fineza. Esta é a razão que eu tenho para não querer persuadir, como não quero, o desuzo dos espelhos; mas para os reduzir religiosamente a uma bem entendida concordata. E qual é? Que as filhas de S. Bernardo os não deixem, mas que os troquem, e que esta troca se faça, vendo-se d'aqui por diante ao espelho não mudo, senão eloquente; não lisongeiro, senão verdadeiro; não do mundo, senão de céu, qual é o que o mesmo santo patriarcha compoz, para que todos os seus monges e monjas se vissem e compuzessem a elle.

Compoz S. Bernardo um breve e excellente tratado, que intitulou: *Speculum Monachorum*, Espelho de Monges, o qual começa assim: *Si quis emendationis vitæ desiderio tactus, cogitationum, locutionum, operumque suorum excessus corrigere nititur, presentis paginæ frequenti lectione tamquam in speculo interioris hominis sui faciem contempletur*. E porque o santo com a comprehensão profundissima de tão consummado artifice, divide e compõe o dito espelho daquellas tres partes essenciaes, *cogitationum, locutionum, operumque*, que são pensamentos, pa-

lavras, e obras; de cada um destes tres lumes apontarei somente o mais breve e elevado.

Quanto aos pensamentos, *cogitationum*, diz o espelho de S. Bernardo, que cuide cada um ou cada uma das suas religiosas, e diga comsigo: Neste mundo não ha mais que Deus e eu: *Sic se existimet, quasi ipse sit solus, et Deus*. Ó admiravel e divino documento! Em quanto no mundo não houve mais que Deus e Adão, conservou-se o paraíso naquella bemaventurada felicidade, sem perigo de se perder, nem mudar. O paraíso da terra é a religião. E quando se perderá este paraíso? Quando nelle, além de Deus, houver Adão e Eva, ou Eva e Adão. Quem introduziu no genero humano o uso dos espelhos, foi o appetite de quem se vê nelles, querer contentar a outros olhos, que aos de Deus. Declarando Deus ao propheta Samuel a differença que ha dos seus olhos aos nossos, disse: *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor*: (1 Reg. XVI — 7) O homem olha para o rosto, Deus olha e vê o coração. E como Deus encobriu o coração, e o poz ou escondêu fóra da esfera dos olhos, claro está que não ha de ter cuidado de se ver ao espelho, quem só quer parecer bem a quem vê os corações. Quer o espirito de S. Bernardo que sejam as suas filhas como aquellas primitivas creaturas, a que Deus deu o ser, desde o primeiro até o quarto dia. No primeiro dia creou a luz: no segundo o firmamento: no terceiro as plantas: no quarto o sol e a lua: mas em todas ellas não havia olhos no mundo. O ar estava allumiado com os resplandores da luz; o firmamento esclarecido com os cristaes do segundo elemento; os prados vestidos de rosas, flores, e boninas; os céus bordados de oiro sobre azul, no sol, na lua, e nas estrellas. E posto que todas aquellas creaturas estavam ornadas dos esmaltes da natureza, de que se haviam de fazer depois os maiores encarecimentos da formosura; a graça de que todas ellas mais se deviam presar, era de não haver no mundo outros olhos a que podessem ou quizessem parecer bem, senão os de Deus, que só as viam: *Vidit Deus quod esset bonum*. (Gen. I — 10).

Quanto á segunda parte, ou segundo lume do espelho de S.

Bernardo, quer o santo que nelle se vejam as palavras: *Locutionum*. Nem faça duvida parecer que as palavras só pertencem ao sentido de ouvir, e não ao de vêr; porque lá disse Moysés, quando Deus dava a sua lei no monte Synai, que o povo via as vozes; *Populus autem videbat voces*. (Exod. XX — 18) Quaes diz pois o santo que hão de ser as palavras de quem guarda as suas leis? *Cum loquitur, non studeat eloquentiæ; sermo ejus sit potius rusticanus, quam urbanus: in omnibus agendis non studeat curialis videri*: Quer dizer: Que quando houverem de fallar, não se prezem as suas palavras de ser eloquentes e discretas; mas que antes sejam rusticas, que urbanas, e que de nenhum modo pareçam cortezãs, e de côrte. Difficultoso preceito para Odivellas, que tão perto está de Lisboa, e tem contra si a opinião e dito commum. Dizem que o polido e discreto do fallar de S. Bernardo o herdaram as filhas, e não ós filhos. E assim como a segunda parte deste dito é praga, o falsidade, assim a primeira, se fosse verdadeira, não seria louvor, senão descêdito: *Si quis loquitur, quasi sermones Dei*, diz o apostolo S. Pedro: (1 Petr. IV — 11) Os servos, e muito mais as servas de Deus, hão de fallar como o mesmo Deus: poucas palavras, graves, sem artificio nem affectação, e santas. Os conventos são as côrtes e palacios de Deus, e uma das coisas em que se hão de distinguir dos palacios do mundo, é a linguagem. Antes pareça do monte, que da côrte: *Rusticanus potius, quam urbanus*.

No palacio do pontifice Caifaz, pela linguagem descobriu o mesmo S. Pedro, e deu a conhecer quem era: *Nam et loquela tua manifestum te facit*. (Matth. XXVI — 73) Tres annos havia que elle andava na escola de Christo, e ainda fallava em Jerusalem tão rustica ou rusticanamente, como nas praias de Galiléa. Da pouca urbanidade com que o mesmo Christo disfarçado fallou á Magdalena, quando lhe disse: *Mulier, quid ploras?* (Joan. XX — 15) intendeu ella que era hortelão: e da muita cortezia com que a Magdalena lhe respondeu: *Domine, si tu sustulisti eum*, (Ibid.) pudêra colligir o hortelão, que era senhora, e da côrte. Ainda que não fôra proverbio de Salomão,

que Deus gosta de conversar, não com os discretos, senão com os simples: *Cum simplicibus sermocinatio ejus*, (Prov. III—32) além das outras filhas do espirito de S. Bernardo, que já referimos, podem servir de exemplo ás demais as Sanchas, as Thezas, e as Mafaldas, todas portuguezas, e todas de sangue real.

Finalmente, vindo ás obras, diz assim o santo legislador: *Singulis diebus capitulum sibi teneat, et ponat rationem diligenter, quid ipso die deliquerit publicè, vel privatim*: Todos os dias diante deste espelho faça a religiosa capitulo de si mesma, e chamando a juizo todas as suas potencias e sentidos, peça conta á sua consciencia do que no mesmo dia tiver delinquido. Examine e pergunte á memoria, o de que se lembrou; ao entendimento, que cuidou; á vontade, o que amou ou aborreceu; aos olhos, o que viram; aos ouvidos, o que ouviram; e ás outras partes da alma, o que por ellas entrou ou saiu. E se parecer demasiado, e não necessario, este rigoroso capitulo de cada dia, dentro das paredes da religião, aonde todas as acções são tão ordenadas e santas, lembremo-nos das obras da creação do mundo, as quaes Deus ia fazendo cada dia, e cada dia no mesmo dia as examinava. Assim o nota o texto sagrado: *Vidit Deus quod esset bonum; et factus est dies unus: Vidit Deus quod esset bonum; et factus est dies secundus*: (Gen. I — 2 e seg.) e com a mesma expressão nos dias e obras seguintes. Pois se todas aquellas obras eram obras feitas pela divina sabedoria, em que não podia haver erro, e pela divina bondade, em que não podia haver mal, e pela divina omnipotencia, em que não podia haver defeito; porque as examina Deus tão exacta e miudamente? Esta mesma duvida propoz Oleastro a Deus sobre a creação da primeira obra, que foi a luz. E responde, fallando com o mesmo Creador: *Ut examinem ego tenebras meas, siquidem tu examinasti lucem tuam*. Não examinastes, Senhor, as vossas obras, porque ellas tivessem necessidade deste exame; mas porque nós a tínhamos deste exemplo: para que eu examine as minhas trevas, pois vós examinastes a vossa luz. Quantas luzes ha não só no mundo secular, senão tambem no reli

gioso, muito estimadas por taes, que, se bem se examinassem, se havia de achar que são trevas? Os exercicios da religião todos são obras de luz, e luz approvada pelo Espirito Santo; mas se não forem feitas puramente por agradar só a Deus, e entre Deus e ellas se atravessar qualquer respeito da terra, ou de amor, ou de odio, ou de emulação, ou de inveja, ou de ambição, ou de fingimento, ou de qualquer outro affecto contrario á caridade e verdade; é certo que ficarão tão eclipsadas e escurecidas essas obras de luz, que não mereçam a Deus pôr os olhos nellas. Por isso S. Bernardo fez tanto caso deste que chamou capítulo de cada dia, que torna a dizer que o dia de hontem se ha de comparar com o de hoje, e o de hoje com o de amanhã, para que veja o monge se vae adiante, ou torna atraz no espirito. Neste caso será bom remedio perguntar-se cada um a si, como fazia o mesmo santo: *Bernarde, ad quid venisti?* Bernardo, a que vieste? E quando isto não baste, acrescentar outra mais apertada pergunta, e dizer: Eu vim á religião para me salvar, e se eu agora não fizer o a que vim, depois aonde irei?

X.

À vista deste espelho, no qual se retratou um tão santo e amoroso pae, para que o imitem seus filhos e filhas, tenho para mim, que ao menos estas (posto que d'antes as mais empenhadas) não só terão perdido o amor, senão também renunciado as saudades de todos os outros espelhos. Mas quando forem arrancados das paredes, para que ellas não fiquem nuas, senão muito melhor ornadas, dissera eu que ao seu logar se passassem duas imagens, que supponho haver em todas as cellas; uma do mesmo Senhor, que hoje lançou fóra o demonio mudo; e outra da Virgem Santissima, que por occasião deste mesmo milagre, mereceu as acclamações de Mãe de tal Filho: *Beatus venter, qui te portavit.* (Luc. XI — 27) Este pensamento me occorreu, sem outra reflexão sobre o presente assumpto mais que de acabar com o mesmo evangelho, que nos deu o fundamento delle. Agora porém estou vendo, que nestas duas imagens, as mais

santas e soberanas de todas, se fará uma segunda e mais preciosa troca, substituindo por um espelho da terra os dois espelhos em que se estão continuamente vendo e revendo os bem-aventurados do céu.

Dois foram os fins do nosso discurso, ou um só fim dividido em duas partes. A primeira, exhortar as virgens esposas de Christo a que só queiram parecer bem aos olhos do seu divino Esposo: a segunda, o despego ou renuncia daquelle natural appetite, a que os olhos ou cegueira humana chamam formosura. Quanto á primeira parte, que melhor, e que mais natural ou sobrenatural espelho para todas as virgens consagradas a Deus, que a rainha das Virgens? Assim diz, fallando com todas, o grande doutor da egreja Santo Ambrosio: *Sit vobis tamquam in imagine descripta virginitas, vitæque Beatæ Mariæ: de qua velut in speculo refulget species castitatis, et forma virtutis. Hinc sumatis licet exempla vivendi, ubi tamquam in exemplari magisteria expressæ probitatis, quid corrigere, quid effugere, quid tenere debeatis, ostendunt.* Porque me dizem que nesta communidade ha só quatro que intendem a lingua latina, para as demais romanciarei as palavras do santo, que dizem assim: Tende sempre, ó virgens, diante dos olhos a imagem da Virgem Maria, na qual, como em espelho, resplandece o verdadeiro retrato da castidade, e de toda a virtude. Este é o exemplar a que deveis compor todas as vossas acções, porque nelle, como mestra da perfeição, vos mostrará e ensinará a mesma Virgem das virgens o que deveis emendar, o que deveis fugir, e o que deveis imitar.

Quanto á segunda parte, de renunciar e aborrecer o falso e cego desejo, e estimação da formosura, ainda é mais evidente e quasi temeroso espelho a imagem de um Christo pregado na cruz. Com os olhos em um Christo crucificado, dizia o devotissimo Drogo Hostiense: *Fecisti, Domine, de corpore tuo speculum animæ meæ:* Desse vosso corpo, Senhor, fizestes um espelho á minha alma. Ó que temeroso, outra vez, e que formidavel espelho! O mais formoso de todos os filhos dos homens foi Christo: *Speciosus forma præ filiis hominum.* (Psal. XLIV — 3) E aquelle mesmo rosto que no Tabor excedia o resplandor e formosura do

sol, no Calvario e na cruz estava tão escurecido e desfigurado que nenhuma semelhança tinha do que pouco antes fôra. Os que d'antes o viam com admiração e summo agrado, agora com horror o não conheciam, nem podiam ver, e duvidavam se era o mesmo, ou outro: *Non est species ei, neque decor, vidimus eum, et non erat aspectus, et desideravimus eum despectum, et novissimum virorum, et quasi absconditus vultus ejus*: diz o propheta Isaías. (Isai. LIII — 2 e 3) E á vista de tão lastimoso retrato, quem haverá (e mais com obrigações de esposa) que tenha rosto para apparecer diante d'elle em outra melhor figura, e ainda lhe fiquem olhos para se ver e compor a outro espelho? Só S. Bernardo soube intender e dizer como nos haviamos de conformar com esta vista, para não ser feissima a nossa ingratidão e má correspondencia. No céu, diz S. João, que havemos de ser semelhantes a Deus, porque o havemos de ver como elle é: *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum sicuti est*. (1 Joan. III — 2) Pois assim como no céu (exclama Bernardo) nos havemos de transformar em Deus, fazendo-nos semelhantes a elle, porque o veremos como elle é, assim na terra vendo ao mesmo Deus tão desfigurado na cruz, e tão desmudado de sua natural formosura, nos devemos tambem transformar e fazer semelhantes a elle, pois veremos no seu rosto qual elle se quiz fazer por amor de nós: *Siquidem similis eris illi, cum videris eum sicuti est; esto et nunc similis ei, videns eum sicuti propter te factus est*.

XI.

D'aqui se não póde passar: e era justo nesta clausula acabar de emudecer. Mas porque o evangelho diz, que lançado fôra o demonio fallou o mudo; o mesmo espelho que atégora mudo lisongeava, dirá fallando (pois já póde), e descobrirá a verdade dos enganos, que a vista dos mesmos olhos, ou dissimulava, ou fingia.

Eu (diz o espelho) como formado de vidro, sou fragil; mas muito mais fragil é, ó filhas de Eva, a que vós chamaes formosura. Ouvi ao mesmo compositor da arte, que ensinou como se havia de amar esta enganadora:

*Forma bonum fragile est, quantumque accedit ad annos
Fit minor.*

A formosura (diz elle) é um bem fragil; e quanto mais se vae chegando aos annos, tanto mais vae diminuindo e desfazendo em si, e fazendo-se menor. Seja exemplo desta lastimosa fragilidade Helena, aquella famosa e formosa grega, filha de Tindaro, rei de Laconia, por cujo roubo foi destruida Troya. Durou a guerra dez annos, e ao passo que ia durando e crescendo a guerra, se ia juntamente com os annos diminuindo a causa della. Era a causa a formosura de Helena, flor em fim da terra, e cada anno cortada com o arado do tempo, estava já tão murcha, e a mesma Helena tão outra, que vendo-se ao espelho, pelos olhos, que já não tinham a antiga viveza, lhe corriam as lagrimas, e não achando a causa porque duas vezes fôra roubado, ao mesmo espelho, e a si perguntava por ella :

*Flet quoque, ut in speculo rugas conspexit aniles
Tindaris, et secum cur sit bis rapta requirit.*

Que coisa é a formosura, senão uma caveira bem vestida, a que a menor enfermidade tira a cor, e antes de a morte a despir de todo, os annos lhe vão mortificando a graça daquella exterior e apparente superficie, de tal sorte, que, se os olhos podessem penetrar o interior della, o não poderiam ver sem horror? Louvando Salomão a formosura da alma santa em corpo, diz que o vermelho das suas faces era como uma romã partida: *Sicut fragmen mali punici, ita genæ tuæ*: (Cant. IV — 3) e deixando de notar que (o que naquellas faces era vermelho, em outras é vermelhão) acrescenta o mais sabio dos homens sabiamente: *Absque eo quod intrinsecus latei*: que aquelle gabo se intendia sem o que as mesmas faces encobrem por dentro. Aqui pudéra o espelho fazer um bem grande e pouco vistoso reparo, que S. Bernardo pondera com todos os debruns da sua fealdade.

Mas como estes interiores estão fóra da esfera e jurisdicção do espelho, não é o seu intento, nem o meu, desacreditar a formosura, nem a estimação ou desejo della. Antes para acabar sem agravo ainda dos olhos mais apaixonados, e sem variar, nem dizer nada do que fica dito, digo por fim, e exhorto a todas

as fieis esposas de Christo, que para agradar a seu divino Esposo, amem, desejem, e procurem com todo o affecto conservar e augmentar a formosura ; mas não a fragil, senão a constante ; não a que descompõe a enfermidade, senão a de que se compõe a saude ; não a que diminuem os annos, senão a que dura mais que os seculos ; não a que é despojo do tempo, senão a que ha de triumphar na eternidade. E ha ou póde haver espelho a que se veja e componha esta formosura ? Sim, tambem. Mas não aquelle que os pontifices procuram tirar das cellas, senão o que elles canonisam, e nos faz bemaventurados no céu. É um espelho de tão differente artificio, que olhando para elle, não nos veremos semelhantes a nós, mas elle só com a sua vista nos fará semelhantes a si. Isto é o que já nos referiu com auctoridade de fé o gloriosissimo pae desta sagrada communidade, S. Bernardo : *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum sicuti est* : Seremos semelhantes a Deus, porque veremos a Deus como elle é. Fiquem agora considerando os olhos mais cegos, se se deve deixar um espelho, que é o demonio, por um espelho que é Deus.

SERMÃO

DE

SANTAIRIA.

Pregado em Santarem.

Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes. — Matth. XXV.

I.

Assim como segurar a vida da eternidade é a maior prudencia, assim perdel-a, ou arriscal-a é a mais rematada loucura. Só aquelle que se soube salvar, posto que em tudo o mais obrasse como nescio, foi prudente; e só aquelle que não sabe segurar este ponto, ainda que em tudo pareça prudente, é louco. Isto é o que nos ensinou o divino Mestre, e isto o que hoje nos repete o evangelho na tão sabida parabola das dez virgens. Cinco dellas, diz Christo, eram loucas, e cinco prudentes: *Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes.* (Matth. XXV — 2) E em que consistiu a prudencia das prudentes, e a loucura das loucas? Consistiu em que depois da prevenção de umas e não de outras, as

prudentes com as suas alampadas acesas, entraram em companhia do Esposo ás vodas do céu : e as loucas com as alampadas apagadas, acharam a porta cerrada, e ficaram de fóra. Ó Iria, Virgem entre todas, e em tudo singularissima ! Singular na vida, singular na morte, singular na sepultura, e com singularidade, nem antes, nem depois de vós communicada a outrem, verdadeiramente unica ! A cada uma das outras virgens, cuja santidade e gloria celebra a egreja, o louvor que particularmente lhe canta, é haver sido uma do numero das prudentes : *Hæc est virgo sapiens, et una de numero prudentum*. Eu, porém, o que singularmente admiro na nossa santa, é que não só foi virgem do numero das prudentes, senão tambem do numero das loucas. As prudentes achou-as a morte com as alampadas acesas ; as loucas com as alampadas apagadas : e a S. Iria como a achou ? Não ha duvida que com a alampada apagada, como logo veremos. Mas nisto mesmo consistiu aquella excellencia que a fez singular e unica entre todas, e sobre todas. As outras virgens entraram no céu com as alampadas acesas ; Iria com a alampada apagada : as outras com applausos de virgens prudentes ; Iria com supposições de virgem louca : e porque na opinião do mundo foi uma do numero das loucas, por isso excedeu singular e unicamente a todas as prudentes. Esta será hoje a materia do meu discurso, tanto para gloria de S. Iria, como para exemplo de Santarem. E porque vejo que a novidade do assumpto vos parece difficilissima, seja essa tambem nova razão de me ajudardes a pedir mais que a ordinaria graça. *Ave Maria*.

II.

Sentença é divina, tão infallivel na verdade, como provada na experiencia, que aquella graça da natureza, a que os olhos chamam formosura, não é mais que uma apparencia da mesma vista enganosa e vã. Comecemos por aqui, pois este foi o principio fatal daquella horrenda tragedia, que depois de convertida em gloria, tirou e deu o nome a esta antiquissima e nobilissima republica. É a graça e formosura enganosa e vã : *Fallax gratia, et vana est pulchritudo*, (Prov. XXXI — 30) diz o Espirito Santo

por boca de Salomão, o mais experimentado neste engano, e o mais desenganado desta vaidade. Nem era necessario o testemunho de tão soberanas auctoridades divina e humana, para persuadir esta fé á vista. Até os poetas, que tanto se empregam em disfarçar e encobrir a falsidade desta apparencia, e com nomes de diamantes, rubis e safiras procuram fazer solida a sua vaidade, não puderam deixar de confessar quão fragil é, e de pouca dura: *Forma bonum fragile est*, disse Ovidio: e Seneca: *Res est forma fugax*. Os philosophos que mais professam o verdadeiro, concedendo-lhe os poderes, não lhe poderam negar a fraqueza e falsidade. Socrates chamou á formosura tyrannia, mas de breve tempo: *Brevis temporis tyrannis*: Theophrasto chamou-lhe engano mudo: *Deceptio tacita*; porque sem fallar engana. E que direi dos santos padres? S. Jeronymo diz, que a formosura é um esquecimento do uso da razão: *Oblivio rationis*; e onde falta o lume da razão, quaes serão as cegueiras e enganos dos sentidos? S. Basilio, S. Bernardo, S. Efrem, S. Isidoro Pelusiota, e outros santos, para descobrir o mesmo engano, sem chegar aos horrores da sepultura, consideram as fealdades interiores que este especioso veu occulta ainda em vida, e correndo a cortina ao idolo tão adorado da formosura, não só a demonstram feia, mas asquerosa e medonha. Porém não são estes ainda os assombros da nossa tragedia.

S. João Chrysostomo e S. Gregorio Nazianzeno, parando mais benignamente só na superficie, em que consiste a formosura, suppoem sem mais apparato, que é uma pintura de duas cores, branco e vermelho. Assim a descreveu no seu amado aquella pastora tão bem intendida como Salomão: *Dilectus meus candidus, et rubicundus*. A formosura pois em toda a sua esphera, ou é natural, ou artificial, ou moral. O branco e vermelho da artificial é o que se vae comprar ás boticas, onde estão venaes toda a semana as caras com que se ha de apparecer ao domingo. O da formosura moral celebra Nazianzeno na santa virgem Gorgonia, da qual diz, que o branco de que usava no rosto, era o que causa o jejum; e o vermelho, com que tingia as faces, o que tira a ellas o pejo: *Unus illi rubor placebat, quem pudor affert, unus candor, quem parit abstinentia*. Finalmente, S. Chrysostomo defi-

nindo a formosura natural fisicamente, diz que não é outra coisa que uma mistura de fleima e sangue: *Pulchritudo est phlegma cum sanguine mixtum*: a fleima faz o branco, o sangue o vermelho. Mas o que eu noto digno de particular advertencia nestes dois humores, é que a composição delles causa a formosura, e a descomposição as enfermidades. Sendo porém as enfermidades as armas naturaes da morte, muito mais mortes tem causado a fleima e o sangue, em quanto origem da formosura, que em quanto instrumentos da mesma morte. Em Dina matou a formosura a Sicheu, em Dalila matou a Samsão, em Judith matou a Holofernes, em Helena a toda Troya, em Lucrecia a toda Roma, em Florinda a toda Hespanha, e na nossa santa, que é mais, não a outrem, senão a ella mesma. Outros adoeceram da sua formosura, mas a quem matou a mesma formosura, foi á mesma Iria.

III.

Entre as façanhas tragicas que executou o amor cego, guiado por este engano da vista, nenhum caso foi tão semelhante em seus effeitos ao de Iria, como o de Bersabé, posto que de nenhum modo igual. Era David rei e santo, quando viu (que não devera) a Bersabé; e ambas estas columnas derribou de um tiro aquella vista, triumphando do profano no rei, e do sagrado no propheta a sua formosura. Tal a formosura de Iria, que, segundo a desorevem as historias, e a encarecem as tradições, ainda por seu mal, ou seu bem, era maior que a que cegou a David. Viu-a uma vez Britaldo, filho do senhor de Nabancia, e no mesmo ponto adoeceu com tão perigoso accidente, que sem duvida morrera da ferida, se a mesma causa della com animo varonil o não visitara. Sarou-o milagrosamente com o signal da cruz, acompanhado de razões santas; debaixo da promessa, porém, que no caso de aceitar esposo humano, não seria outro senão a elle. Até aqui o que facilmente se podia crer. O que agora se segue, nem imaginar-se podia. Composto e emendado o primeiro amor juvenil e profano, dois annos gastou o demonio em conquistar outros annos mais maduros, e render também e profanar o sagrado. Era Remigio

monge, e por suas cãs e virtudes mestre de Iria, em cujo peito a continuação da mesma vista acendeu tal fogo, que, trocado o affecto paternal em amor libidinoso, em vez de a animar e louvar depois da primeira batalha, como tão gloriosamente vencedora, determinou de a render a seu furioso appetite, e triumphar nella da mesma victoria. Declarou-se sem reverencia de Deus, nem pejo de si mesmo: e como a santa discipula com os mesmos documentos santissimos que delle tinha recebido, lhe estranhasse a fealdade de tão sacrilego e abominavel intento; que faria a hypocrisia daquellas tão verdes cãs, vendo-as assim confundidas e affrontadas? Não ha vicio que uma vez precipitado, se não despenhe em outros maiores. Resolve-se a vingar uma affronta com outra, e o velho máu e infame, a infamar a constante honestidade da castissima donzella. Não das ervas de que se sustentava como ermitão, mas de outras exquisitas e venenosas, temperou por arte magica uma bebida, a qual sem saber a innocente o que tomava, lhe causou uma tal inchação no ventre, que, não podendo encobrir as roupas o que cobriam, davam manifestos signaes de ter concebido, e não estar longe do parto. O primeiro que chorou com publicas lagrimas a desgraça e caída da sua filha espiritual, foi o mesmo machinador daquelle engano, e não só Britaldo (do qual diremos depois) mas todo o povo que d'antes venerava a Iria como santa, carregando-a agora de nomes feios e vís, a publicava por mulher leviana, ficta, escandalosa e torpe, infiel aos homens, traidora á sua profissão, e adultera ao mesmo Deus. Neste abysmo de confusão e miseria, passou Iria os dias que lhe restaram de vida, despresada e infamada nos olhos e bocas do mundo: em si mesma, porém, e para com seu divino Esposo, tão fiel, tão constante, e tão pura como os puros espiritos. E porque (temos chegado ao nosso ponto) e porque Iria sendo na realidade virgem prudente e prudentissima, na opinião do mundo era louca, e quando as outras saíram a receber o Esposo com as alampadas acesas, ella safu com a sua escurecida e apagada, esta notavel differença, foi a excellencia singular que a fez mais illustre e gloriosa que todas. Isto é o que prometti, e o que digo: vede agora se tenho razão.

Acabou Santa Iria a vida com opinião de louca, e esta foi a maior excellencia, e a maior prova de sua heroica virtude, conservar-se virgem prudente na realidade, sendo louca na opinião. Se não fôra heroicamente prudente, quando se viu infamada e reputada por louca, havia de perder totalmente o juiso, e enlouquecer verdadeiramente. Não me atrevera a dizer tanto, se não fôra sentença expressa do mesmo Deus no texto original: *Calumnia insanire facit sapientem*. (Eccl. VII — 8) A calumnia e o falso testemunho, faz endoidecer o sabio. E os setenta interpretes declarando esta doidice, ou o modo deste endoidecer, dizem que é *circumferendo*, dando-lhe volta ao juiso. Mas o nosso parece que está duvidoso em crer um tamanho excesso, porque o contrario diz a experiencia. É certo que ha muitas calumnias e muitos falsos testemunhos, e comtudo não vemos endoidecer os calumniados. Se assim fôra, todo o mundo estivera na casa dos loucos. Pois se ha tantos calumniados, porque ha tão poucos doidos? Porque ha poucos sizudos. A escriptura não diz que a calumnia faz endoidecer a todos, senão aos sabios: *Calumnia insanire facit sapientem*. Calumniado e infamado, só perde o juiso quem o tem. Nesta circumstancia consistiu o heroico da virtude da nossa santa. Sendo virgem prudente, ver-se reputada por louca, e não enlouquecer. As virgens nescias bem me rio eu que endoidecessem, porque não tinham juiso para tanto. E para que vejaes se tinha bastante razão Iria para lhe dar o juiso uma volta, vêde quantas voltas deu o seu caso a todos os juisos da terra onde vivia. Todos d'antes a reputavam por virgem purissima, e tanto que foi calumniada, todos a reputaram má mulher, trocando o conceito e juiso que da sua virtude faziam. E se aquelle caso foi bastante para voltar os juisos de todos, quanto mais poderoso seria para dar uma volta ao juiso da mesma a quem tocava, e na parte mais viva e mais delicada da honra, qual é a honestidade de uma donzella nobre? Sem duvida endoideceria, sendo tão sabia e prudente, se a sua sabedoria e prudencia não fôra excellentemente heroica.

Por excellentemente heroica louyam todos os santos a constancia de Suzana, calumniada e infamada; mas as circumstancias

do seu caso nenhuma comparação teem com o de Santa Iria. Diz S. Ambrosio que accusada Suzana calava, porque tinha contra si o numero e a idade dos seus accusadores : *Numerus sacerdotum, atque senectus vocem auferebat puellæ*. Todos se compadeciam de Suzana, e todos defendiam sua innocencia, e ella, comtudo, não se defendia, mas calava ; porque os accusadores eram dois, e ella uma : os accusadores velhos, e ella moça. Vêde agora quanto vae de caso a caso. Suzana tinha dois contra si, e Iria não só dois contra si, nem só duzentos, senão universalmente todos, e a uma voz : não havendo quem ao menos puzesse em duvida a sua culpa, mas reconhecendo-a todos por verdadeira, suppondo-a todos por certa, e condemnando-a todos como provada. Suzana tinha contra si uma só idade, e uma só condição de homens : e Iria tinha contra si todas as idades, e todas as condições, e todos os estados : os velhos e os moços ; os grandes e os pequenos ; os ecclesiasticos e os leigos ; os nobres e os plebeos ; os homens e as mulheres, sem haver algum ou alguma que não acrescentasse á sua infamia algum novo nome, e novo genero de affronta. Finalmente, com circumstancia de desamparo, e contrariedade inaudita, e não imaginavel, nem a si mesma se tinha Iria por si, senão contra si. Porque ainda que no peito tinha a consciencia e a virtude, pouco abaixo do mesmo peito tinha o corpo do delicto, e a evidencia da prova. A razão, a innocencia, a verdade, a consciencia, tudo alli estava opprimido da semrazão, da calumnia, da mentira, da injustiça, do odio, da vingança : e posto que a consciencia diante de Deus val mil testemunhas, diante dos homens tinha Iria contra si uma só, que valia para com elles mais que muitas mil, qual é a dos olhos. Que importa que a defendesse a consciencia, que se não vê, quando testemunhava contra ella a vista de todos ? E que comparação teem com esta afflicção as angustias a que se viu reduzida Suzana : *Angustiae sunt mihi undique* ? (Daniel XIII — 22)

A bebida que deu a Iria Remigio, pôde-lhe causar a falsa inchação, mas da mesma inchação vista e crida, parece que não podia deixar de subir á cabeça da santa uma tal perturbação que lhe não tirasse o juizo. Os grandes trabalhos, afflicções, e angus-

tius, chamam-se na sagrada escriptura calix. Bastem por todos os exemplos os do texto de Jeremias: *Sume calicem vini furoris hujus de manu mea, et propinabis de illo cunctis gentibus ad quas ego mittam te, et bibent, et turbabuntur, et insanient.* (Jerem. XXV — 15 e 16) E n'outra parte: *Calix aureus Babylon in manu Domini inebrians universam terram.* (Ibid. LI — 7) E porque razão os grandes trabalhos e afflicções se chamam calix? Os mesmos textos o dizem. Porque assim como o vinho demasiadamente bebido tira o juizo: *Calix in manu Domini inebrians*; assim os trabalhos, angustias, e afflicções, se são grandes, tem os mesmos effeitos em quem os padece, e o fazem endoidecer: *Et bibent, et turbabuntur, et insanient.* Tal foi o effeito daquella terrível tempestade, em que diz David, que as ondas subiam até o céu, e desciam até os abysmos: *Ascendunt usque ad cælos, et descendunt usque ad abyssos.* (Psal. CVI — 26) Como se a tempestade não fôra de agua, e os pilotos a tiveram bebido toda, assim os descreve o propheta areados, com o juizo perdido, e não se podendo ter em pé: *Anima eorum in malis tabescebat, turbati sunt, et moti sunt, quasi ebrius.* (Ibid. — 27) Os homens ainda não tinham naufragado, mas o juizo e o intendimento, e toda a sciencia nautica, já estava sossobrada, afogada, e perdida: *Omnis sapientia eorum devorata est.* Nada foi menor que esta, a tempestade em que se viu correr fortuna (deixae-me chamar-lhe assim) a náu Santa Iria. Verdadeiramente subiram as ondas ao céu: *Ascendunt usque ad cælos*; porque chegaram a bater o celeste e quebrar no estrellado de suas virtudes: e desceram até os abysmos: *Et descendunt usque ad abyssos*; porque até o mais profundo da deshonra e da infamia, chegou o abatimento das suas affrontas. Todos os ventos e elementos se conjuraram para o seu naufragio, ajudando o horror d'elle o escuro da noite, o inchado das velas, e o apagado do farol. O escuro da noite; porque nenhuma claridade apparecia que podesse descobrir o engano: o inchado das velas; porque todo o artificio magico consistiu na inchação, que não diminuia, ou amainava, antes crescia: e o apagado do farol; porque sendo Iria virgem prudente, o mesmo vento lhe apagou a alampada, ficando tão escura como as das

loucas. Que se seguia pois neste estado senão arear, enlouquecer e perder o juizo? Mas como o lastro era a consciencia, o bojo a largueza de animo, o leme a prudencia, e o piloto o juizo de Iria, tão fóra esteve de arear, ou se perder, que sempre esteve firme, constante e superior a todos os mares. Só se pareceu com Suzana no admiravel silencio, tanto em si, quando devêra estar fóra de si, que tudo soffria, calava e comia consigo. E comia consigo, torno a dizer.

Sobre a sentença que allegámos do Espirito Santo, em que diz que a calumnia faz endoidecer os sabios, acrescentou logo o mesmo texto, que para maior perdição do juizo, faz tambem a calumnia perder a fortaleza do coração: *Et perdet robur cordis illius.* (Eccl. VII — 8) Mas o que neste additamento merece não vulgar reparo, é a versão syriaca, a qual em logar da fortaleza do coração traslada o coração dos dentes, *Et perdet cor dentium illius.* Quem viu nunca, nem ouviu tal anatomia do coração? Por ventura o coração tem dentes? Direi. O coração dos que a calumnia endoidece, não; mas e dos que não perdem nella o juizo, sim. A calumnia, o falso testemunho, e a affronta e infamia que della resulta, teem muitas durezas que quebrar, que mastigar, que moer e remoer: e isto só o faz um coração tão generoso, tão grande, e tão forte como o de S. Iria. Outro coração que em tal estado se achasse com dentes, morder-se-ia de raiva, comer-se-ia de desesperação, ou se enviaria como um leão furioso a despedaçar vivo o enganoso auctor de tão estranha maldade; porém o coração heroico de Iria nunca mais em si, que quando tantas razões tinha para sair fóra de si, tudo soffria, tudo calava, tudo comia consigo. Ó mulher mais que mulher, em quem só a prudencia pode digerir o que trago a innocencia! A innocencia trago a bebida, a prudencia digeriu a infamia. Na opinião como louca e não virgem, na realidade como virgem prudentissima, e não das cinco, mas superior a todas: *Quinque autem ex eis erant prudentes.*

IV.

Muito foi não enlouquecer S. Iria na opinião de louca, mas

muito mais foi ainda não se conformar com a mesma opinião, e vendo-se infamada não cooperar com a mesma infamia. E tal a força e poder da infamia (notem muito isto os que tão facilmente infamam as honras alheias) é tal a força e poder da infamia, que sendo a calúnia testemunho falso, a mesma infamia fará que a innocencia infamada o faça verdadeiro. Houve um homem rico, diz Christo, o qual encommendou o governo de suas herdades a um criado com nome de administrador dellas. E sendo este infamado como dissipador das rendas que cobrava, *Qui diffamatus est apud illum, quasi dissipasset bona ipsius*, (Luc. XVI — 1) chamou-o o amo, e mandou-lhe que dêsse contas, porque não havia de exercitar mais o officio: *Redde rationem villicationis tuæ, jam enim non poteris villicare*. O que é, ou o que deve ter toda a parábola, é ser verisimil; e esta ultima resolução parece que o não foi, por duas razões: primeira, porque a culpa do delatado mais mostra ser fundada em suspeita, que em verdadeira prova: isso quer dizer aquelle *quasi, quasi dissipasset bona ipsius*. Segunda, porque foi privado do officio antes de se lhe tomar conta, nem se vêr se a dava boa ou má: *Redde rationem, non enim jam poteris villicare*. Pois se a parábola foi composta por Christo, e o amo procedeu racional e justificadamente, como tira o officio ao criado, antes de lhe tomar conta, e por prova ao parecer duvidosa? Porque o homem estava já infamado, *Diffamatus est apud illum*, e em homem infamado, ainda que não houvesse culpa para se lhe tirar o officio, havia causa para se lh'o não fiar. De sorte que o amo não privou ao criado do officio pela prova das culpas passadas, se não pela probabilidade das futuras; porque é tal a força e poder da infamia, que se a calúnia infamou o innocente, a mesma infamia o fará culpado. Tanta é a connexão que tem a infamia com a culpa. Ainda ao mais innocente ou a suppõe, ou a causa; porque a calúnia antes de infamar, é testemunha do que não foi, mas depois de ter infamado, é prophécia do que ha de ser. No mesmo caso o temos. Que fez o criado quando se viu infamado com o amo? Por ventura tractou de se purgar da infamia e tirar a limpo a sua honra? Antes tudo pelo con-

trario. O que fez foi falsificar escripturas, mudar numeros, tempos e firmas, e com roubos manifestos e certos ratificar a infamia dos duvidosos. Está elle infamado? Pois elle perderá a innocencia, se a não tem perdido, e fará as mesmas e piores infamias, se as não tem feito.

E para que apertemos bem esta consequencia ainda em comparação da nossa santa, ponhamos-a tambem em sujeito santo. Uma das notaveis petições que fez David a Deus, foi esta: *Redime me à calumniis hominum, ut custodiam mandata tua.* (Psal. CXVIII — 134) Peço-vos, Senhor, que me livreis das calumnias e falsos testemunhos dos homens, para que eu guarde vossos mandamentos. Quem haverá que se não admire deste *para que*? A guarda dos mandamentos de Deus só depende do alvedrio proprio: e não ha poder algum creado, ou humano ou angelico, ou diabolico, que possa impedir ao mais fraco homem a observancia da lei divina. Como pede logo David a Deus, que o livre das calumnias dos homens, para que guarde os seus mandamentos? Porque ainda que as calumnias e falsos testemunhos não tiram ao homem o alvedrio, tiram-lhe a fama; e um homem infamado está no maior risco, e na maior tentação de não fazer caso da lei de Deus, e de se precipitar ás mesmas baixezas e commetter os mesmos delictos de que se vê infamado. S. Agostinho diz que a todo o homem é necessaria a consciencia e mais a fama: a consciencia para si, a fama para os outros: *Conscientiam propter nos, famam propter alios.* Disse bem o grande deutor, mas não disse tudo: a consciencia é necessaria para nós, e a fama para os outros; mas não só para os outros, senão tambem para nós, porque se perdermos a fama, tambem perderemos a consciencia. Este é o verdadeiro sentido, e a fortissima consequencia das palavras de David, nas quaes se deve notar, que não só diz a Deus que o livre das calumnias, senão propriamente, que o resgate dellas: *Redime me à calumniis hominum.* Se um homem se visse captivo nas masmorras de Argel, não teria muita razão de dizer a Deus: Senhor, resgatae-me deste captiveiro, para que não chegue a risco de renegar? Pois do mesmo modo diz David a Deus que o resgate

das calumnias dos homens, para que guarde seus mandamentos; porque sendo tão santo David, não fiava da sua virtude, nem da sua constancia, que, calumniado e infamado, em vez de perseverar firme na observancia da lei divina, a mesma infamia o não precipitaria aos vícios, de que se via calumniado.

Agora intendereis a verdadeira razão e astucia por que Remigio vendo-se resistido de S. Iria, se resolveu a buscar um meio de a infamar publicamente. Bem podia ser odio e vingança, como diziamos, mas não foi senão um novo e ultimo artificio de a render, intendendo que se em quanto conservava a honra e boa opinião resistiu com tanta fortaleza, depois de affrontada com uma infamia tão publica, não tendo já que perder, se renderia facilmente. A razão natural, certa e experimentada desta moral philosophia é a grande dependencia que tem a virtude da honra. A honra é o segundo anjo da guarda da virtude, e mais poderoso para conosco, que todos os anjos, porque é anjo que se vê. Quando os filhos de Israel saíram do Egypto, e caminharam para a terra de promissão, cada um tinha o seu anjo da guarda, o qual os guardava, como a nós o nosso invisivelmente; mas além destes anjos invisíveis, diante de todos ia outro anjo visível e manifesto aos olhos, e este era o que os guiava, e ao qual seguiam. Mostrava-se este anjo em duas columnas, uma de nuvem, com que de dia os defendia do sol, e outra de fogo, com que de noite os allumiava: *Per diem in columna nubis; per noctem in columna ignis.* (Exod. XIII — 21) Tal é o anjo da guarda da virtude, a que chamei segundo, e lhe pudera dar o nome de primeiro. Toda a virtude, e mais a da honestidade, de que fallamos, tem suas tentações de dia e de noite, e em ambas nos guia e nos defende o anjo da guarda da honra. De dia contra o calor do appetite, como nuvem que refrigera: *Per diem in columna nubis*: e de noite contra as confianças da escuridade, como fogo que allumia: *Per noctem in columna ignis*.

São a honra e a virtude entre si, como os bons paes em respeito dos filhos, e os bons filhos em respeito dos paes que lhes deram o ser. A virtude gera a boa fama, e a boa fama defende

a virtude. Samsão e seus paes todos caminhavam pela mesma estrada, mas quem os defendeu do leão que saiu do bosque? Não os paes ao filho, senão o filho aos paes. A virtude é a que dá o ser á honra e á fama; mas a honra e a fama são as que defendem a virtude. D'aquí se entenderá uma notavel providencia, com que Deus permittiu que se introduzisse no mundo uma grande injustiça. E que injustiça é esta? É que sendo os peccados contra a honestidade igualmente graves para com Deus nas mulheres e nos homens, nas mulheres, ainda que sejam veniaes, tiram a honra, e nos homens, ainda que sejam mortaes, não. E porque permittiu a providencia divina no mundo uma tão grande injustiça? Porque defendendo a honra ao menos de uma das partes a castidade, tivesse resistencia o vicio da torpeza, e não abrazasse totalmente o mesmo mundo, diz S. Efrem. Tanto mais poderosa é na natureza humana, ainda depois de corrupta, a estimação da honra, que a tentação do appetite! Porque viviam castamente os athletas, e todos os que haviam de correr nos jogos olympicos, sendo gentios? Assim o affirma S. Paulo: *Hi qui in stadio currunt, ab omnibus se abinent.* (1 Cor. IX — 24 e 25) E o motivo, posto que vão, desta sua abstinencia, era, diz o mesmo apostolo, porque com a estimação da honra e fama, venciam e mortificavam o appetite. Não se póde negar que a conservação da virtude tem o seu trabalho; mas não é necessario ser bom, para soffrer o trabalhoso della, por conseguir o honroso. Não hei de provar este ponto com auctoridades de santos, mas com o exemplo dos homens mais máus, mais vis, e mais mofinos do mundo. A gente peor, e mais mofina do mundo, são os hypocritas, e tambem as hypocritas: porque? Porque padecem o trabalhoso da virtude, e perdem o meritorio. Mas nisso mesmo nos provam e nos ensinam quão poderoso é mais que tudo na natureza humana, ainda depravada, o amor da opinião e da honra. Nos seus jejuns, nas suas penitencias, e nas suas largas orações ou superstições, são martyres do diabo, e comtudo se dão por bem pagos de supportar todo o trabalhoso da virtude, só por conseguir o honroso della,

E come a honra (cuja ambição natural nasceu com o homem)

não só é o incitamento e premio da virtude, senão a unica guarda e defensora della, esta foi a singularissima gloria de S. Iria, que, infamada e perdida totalmente a honra, desarmada e sem defesa... que digo, desarmada e sem defesa? Só, desamparada e combatida de todas as partes, não por um inimigo, nem por muitos, senão por todos os que a conheciam; não com um só genero de affrontas, senão com todas as machinas que o odio, a astucia, e a maldade podem inventar; nem por um dia ou muitos dias, senão por toda a vida; se conservasse comtudo a virtude tão constante, firme, inteira, e sem a menor lesão nem abalo, como se estivera cercada de muros de bronze, e torres de diamante! A fortificação das cidades mais inexpugnaveis, segundo a architectura militar antiga, consistia em muro e antemural, o muro que cingia e defendia a cidade, o antemural que cingia e defendia o muro. Assim o canta o propheta Isaias da cidade de Jerusalem, a que chama fortissima: *Urbs fortitudinis nostræ Sion murus ponetur in ea, et antemurale*. (Isai. XXVI — 1) Sitiada, porém, e batida uma destas cidades, que succedia? O que Jeremias chora da mesma Jerusalem: *Luxit antemurale, et murus pariter dissipatus est*: (Thren. II — 8) Caíu o antemural, e juntamente caíu logo o muro: e o antemural, e o muro, e a cidade tudo ficou por terra. A mystica e espiritual Jerusalem é a alma ornada de todas as perfeições: *Formosa sicut Jerusalem*, (Cant. I — 5) o muro é a virtude, o antemural que o defende é a honra: e tanto que caíu, e se perdeu a honra, logo caíu e se perdeu tambem a virtude. É o que acontece tambem hoje, fallando em phrase militar moderna. Tanto que se perderam as fortificações exteriores, logo as muralhas são picadas, minadas, e voadas, e a praça se entregou aos inimigos. O mesmo succede á virtude. Perdida a honra e a fama, entra no seu logar a affronta e a infamia, e por estas não só brechas, mas portas abertas, se franquea o passo livre a todas as maldades. Assim como dissemos que a honra era o anjo da guarda para a virtude, assim diz S. Paulo que a affronta é o laço do demonio para os vicios: *Oportet autem illum et bonum testimonium habere, ut non in opprobrium incidat, et in laqueum diaboli*. (1 Tim. III — 7) De maneira que é tão ne-

cessaria a honra e boa fama para conservar a virtude, e tão poderosa a deshonra e a má fama para a destruir, que o mesmo é cair em infamia, que cair no laço do demonio: *Ne incidat in opprobrium, et in laqueum diaboli.*

Estas são as regras e perigos geraes da virtude affrontada e infamada, nas quaes tambem havia de ser comprehendida a nossa santa, se com virtude singularissimamente heroica não fôra a excepção de todas ellas. Só Santa Iria soube desaffrontar as affrontas, e afamar as infamias. De Judith, diz a sagrada escriptura que era famosissima entre todas as mulheres: *Et erat hæc in omnibus famosissima.* (Judith. VIII — 8) E dando a razão deste superlativo de famosa, acrescenta o texto: *Quoniam timebat Dominum valde, nec erat qui malum loqueretur de illa.* Porque era muito temente a Deus, e não havia pessoa alguma que della dissesse mal. Vêde agora quanto vae de fama a fama, e de Judith a Iria. Judith era temente a Deus, e Iria temente a Deus: de Judith não havia quem dissesse mal, de Iria não havia quem não dissesse os maiores males: e se a virtude de Judith era famosissima com boa fama, julgae se a virtude de Iria no meio de tantas infamias era mais que famosissima? S. Paulo deu por empreza á virtude heroica aquella famosa disjunctiva: *Per infamiam, et bonam famam:* (2 Cor. VI — 8) ou por boa fama, ou por infamia. Judith e Iria partiram entre si esta sentença: a Judith tocou o *per bonam famam*, e a Iria o *per infamiam*. Mas a esta parte deu o apostolo o primeiro logar, porque o mais heroico da virtude não consiste em ser famosissima com boa fama, senão em ser famosissima na infamia. Maior virtude é a infamada, que a famosa; porque a famosa póde ter por fim a gloria propria, a infamada não tem outra gloria, nem outro fim, senão a Deus. Tal foi o mais que heroico resplendor da nossa gloriosissima virgem. Para com Deus com a alampada acesa e resplandecente, como virgem prudente; e para com os homens com a mesma alampada apagada e escurecida, como virgem louca: *Quinque autem ex eis erant, fatua, et quinque prudentes.*

V.

Ategora não fallámos em Britaldo, segunda e funestissima parte desta cruel tragedia. Esquecido Britaldo do milagre com que Iria lhe déra a saude, mas mui lembrado da promessa condicional que lhe tinha feito, seguindo a falsa mas apparente opinião de todos, e julgando a innocente e castissima virgem por tão infiel a Deus, como a si mesmo, com aquelle odio, em que o amor despresado, e a dignidade da pessoa lesa se converte em furor; irado, vingativo, e poderoso, que faria? Soube o logar em que Iria nas ribeiras do rio Nabão passava o silencio das noites em familiarissima conversação com Deus, não queixando-se das suas infamias, mas dando-lhe infinitas graças por ellas; e alli mandou a seus soldados que lhe tirassem a vida. Executaram a detestavel sentença os impios ministros, e tão enganados e cegos como quem os mandava, fazendo a morte mais cruel com exquisitas tyrannias, aberto o sagrado corpo em feridas, e envolto em seu sangue, o lançaram na corrente do rio, que assim o dispunha tambem a fero sentença. Já agora estará satisfeito o cego amor de Remigio; já estará satisfeito o odio tambem cego de Britaldo; mas muito mais satisfeita está a alma de Iria, a quem estas duas cegueiras abriram os olhos da mortalidade, para que eternamente começassem a ver a Deus, e gosar, como estão gosando, os applausos do céu, onde não chegam as infamias da terra.

Mas porque na mesma terra não bastou o sangue de Iria, nem as aguas do Nabão, para lavar a sua infamia, ainda contumaz nos juisos e linguas dos homens; justó será que nós ponhamos em questão, e resolvamos séria e sinceramente, qual dos dois foi mais cruel com Iria nesta lastimosa tragedia, se Remigio ou Britaldo, ambos captivos de sua formosura, e ambos vingadores do seu constante e santo desamor? Que fez Britaldo, e que fez Remigio? Remigio tirou-lhe a fama, Britaldo tirou-lhe a vida: e não ha duvida que mais a offendeu e martyrisou Remigio, que Britaldo. Parece que se apostou o Espirito Santo a avogar por esta causa, provando com textos expressos a verdade

da minha resolução. No cap. 26 do Ecclesiastico diz assim o texto sagrado: *Delaturam civitatis, et collectionem populi, calumniam mendacem, super mortem omnia gravia.* (Eccl. XXVI — 6 e 7) A accusação de uma cidade, e o ajuntamento de um povo, e uma calúnia falsa e mentirosa, todas estas coisas são mais graves e mais difficultosas de soffrer que a morte. Vêde se tive eu razão para dizer, que este texto foi ditado pelo Espirito Santo e escripto nos Canonés do Ecclesiastico, em prova expressa do nosso caso por todas suas circumstancias. Santa Iria foi accusada por toda a cidade de Nabancia, *accusationem civitatis*: foi approvado o seu delicto por todo o ajuntamento do povo, porque ninguém houve em todo elle, que defendesse, nem acudisse por sua innocencia, nem ainda o imaginasse, *collectionem populi*: e tudo isto fundado em uma calúnia falsa e mentirosa, e tanto mais enganosa, quanto com maiores apparencias, *et calumniam mendacem*: e se cada uma destas coisas por decisão canonica do mesmo tribunal divino, é mais grave e intoleravel de soffrer que a mesma morte, *omnia super mortem gravia*; quanto mais todas juntas? Logo não ha duvida, que a calúnia e engano de Remigio, que occasionou a accusação de toda a cidade e conspiração de todo o povo unido no mesmo conceito e na mesma voz, com que todos criam e abominavam a Iria, foi mais grave e mais cruel que a morte que lhe deu Britaldo.

Britaldo valeu-se do seu poder, mas poder humano, Remigio não lhe bastando o humano, soccorreu-se do magico e diabolico: e tanto mais poderoso foi este, quanto mais penetrantes as suas armas. Britaldo offendeu a Iria com armas de ferro, Remigio com setas de carvão, e de carvões tirados do fogo do inferno. Mas quem nos provará esta differença não esperada? David, que intendia muito bem de armas, diz que as mais poderosas de todas são as settas, que levam na ponta carvões: *Sagitta potentis acutæ cum carbonibus desolatoriis.* (Psal. CXIX — 4) E porque são mais poderosas as settas com carvões, que as armas de ferro? Porque as armas de ferro ferem, as armas de carvão tisnam; e as armas de ferro que ferem, podem tirar a vida, as de carvão que tisnam, tiram e infamam a honra. Taes foram as settas de Remi-

gio tiradas de longe e á falsa fé, comparadas com as de Britaldo executadas de perto. As de Britaldo tiraram-lhe a vida, mas vestiram-na de purpura com o sangue: as de Remigio, deixaram-na viva, mas tisnaram-lhe a honra com o carvão da infamia. Seja juiz nesta causa o mesmo Christo. Os inimigos de Christo não só lhe quizeram tirar a vida, senão também a honra: para lhe tirarem a vida, pregaram-no em uma cruz; para lhe tirarem a honra puzeram-no entre dois ladrões. E qual destas duas circumstancias sentiu mais o Senhor, a companhia dos ladrões, ou os cravos da cruz? É certo que a companhia dos ladrões, como elle mesmo declarou, quando o prenderam para o crucificarem: *Tanquam ad latronem venistis comprehendere me.* (Matth. XXVI — 55) E a razão manifesta é, porque o ferro dos cravos tirou-lhe a vida, a companhia dos ladrões infamava-lhe a honra. Por isso prophetizou Jeremias, que morreria farto de affrontas: *Saturabitur opprobriis,* (Thr. III — 30) sendo que na mesma cruz teve sede de mais tormentos, como declarou, quando disse, *Sitio.* (Joan. XIX — 28) E tudo foi. Morreu sequioso de tormentos, porque ainda desejava mais o seu amor; de affrontas porém farto, porque não teve mais que desejar a sua paciência.

Isto mesmo se deve julgar sobre a morte da nossa santa, comparada com as suas infamias. E se me perguntardes porque foi mais cruel o martyrio de quem lhe infamou a honra, que de quem lhe tirou a vida; o mesmo Espirito Santo que defende esta causa deu a razão. *Bona vita numerus dierum, bonum autem nomen permanebit in ævum.* (Eccl. XLI — 16) A vida é um bem que morre; a honra e a fama é bem immortal: a vida, por larga que seja, tem os dias contados; a fama, por mais que conte annos e seculos, nunca lhe ha de achar conto, nem fim, porque os seus são eternos: a vida conserva-se em um só corpo, que é o proprio, o qual por mais forte e robusto que seja, por fim se ha de resolver em poucas cinzas: a fama vive nas almas, nos olhos e na boca de todos, lembrada nas memorias, fallada nas linguas, escripta nos annaes, esculpida nos marmores, e repetida sonoramente sempre nos eccos e trombetas da mesma fama. Em summa, a morte mata, ou apressa o fim do que necessariamente ha de

morrer ; a infamia affronta, afea, escurece e faz abominavel um ser immortal, menos cruel e mais piedosa se o pudera matar. E como a morte offende a mortalidade da vida, e a infamia a immortalidade da honra, muito mais cruel e deshumano foi Remigio com Iria infamando-a, que Britaldo mandando-lhe tirar a vida.

E se considerarmos o barbaro e injustissimo motivo da calumniosa infamia, que foi a honradissima resistencia e constantissima castidade da purissima virgem, ainda foi mais clara e manifesta a cega e sacrilega ousadia de querer matar Remigio não só na pessoa mortal, mas na mesma virtude immortal, a sua natural immortalidade. Um principal attributo da virtude da castidade, como virtude verdadeiramente angelica, é ser immortal. Outra vez o mesmo Espirito Santo no cap. 4.º da Sabedoria exclamando assim : *O quam pulchra est casta generatio cum claritate, immortalis est enim memoria illius, quoniam nota est apud Deum, et apud homines.* (Sap. IV — 1) Ó quão formosa é a geração casta, porque a sua memoria é immortal para com Deus, e para com os homens. Com razão reparam os interpretes aqui na palavra *generatio*, porque a castidade das virgens, da qual a intende a igreja, tão fóra está de ter geração, que antes em a renunciar para sempre, consiste a sua essencia e excellencia. Pois se este supremo gráu da castidade consiste em renunciar para sempre a geração ; que geração é esta que nella tanto louva, e engrandece o Espirito Santo ? Direi. O fructo da geração é a perpetuidade dos homens, os quaes como morrem, e hão de morrer em si, perpetuam-se nos filhos. Mas esta perpetuidade é mortal, porque os filhos, assim como seus paes, também são mortaes ; porém a geração casta e virginal em vez de filhos mortaes gera outra successão mais nobre e immortal ; porque della nascem duas immortalidades, uma para com Deus, e outra para com os homens : para com os homens a da memoria immortal, e para com Deus a da gloria também immortal : *Immortalis est enim memoria illius, quoniam nota est apud Deum, et apud homines.*

Agora quero eu fallar com Remigio. Vem cá, monge sacrilego e infame, tu não lias este mesmo texto em todas as solemnidades das virgens ? Pois como te atreveste e muito mais depois que ex-

perimentaste a constancia virginal de Iria, a querel-a despojar da immortalidade da sua virtude? Não creio que foi erro do mau monge contra a fé destas palavras, mas que foi a agudeza do seu intendimento furioso, com que as quiz interpretar ao seu infernal intento. Todos estes louvores da castidade virginal não os dá a escriptura só á geração casta, senão á geração casta com claridade. *Ô quam pulchra est casta generatio cum claritate.* Pois já que eu, diz Remigio, lhe não pude render a castidade, quero-lhe escurecer a claridade: e como a claridade ficâr escurecida com a infamia, seja embora immortal na memoria dos homens: *Immortalis est enim memoria illius*; porque será immortal a memoria da sua deshonra, e não a da sua virtude. Assim foi vivendo e morrendo Iria, infamada na opinião dos presentes; e com a mesma affronta havia de continuar depois da morte infamada na memoria dos vindouros: de sorte que esta mesma virgem, que hoje celebramos como unica entre as virgens prudentes, a haviamos de desprezar e aborrecer como uma das loucas. Mas nesta mesma opposição e contrariedade consistiu a sua maior gloria, clara e escura juntamente, *apud Deum, et homines*: na terra, escura para com os homens, e no céu clara para com Deus. Digasse pois das outras virgens, *Ô quam pulchra est casta generatio cum claritate*, ellas formosas com a claridade; porém Iria mais formosa que todas, porque formosa com claridade e sem claridade: com claridade, porque clara para com Deus na virtude; e sem claridade, porque escura para com os homens na infamia. E se duvidaes e quereis saber como deste claro e escuro se podia compor uma perfeita formosura, digo que como a da lua: *Pulchra ut luna.* (Cant. VI — 9) A lua no ultimo ponto, ou paroxismo do seu minguento, para a parte de dentro e do céu, está clara, e para a parte de fóra, e da terra, toda escura. Assim também a nossa santa, para a parte de fóra, onde ficaram as virgens loucas com a alampada apagada; escurecida com ellas nos olhos dos homens: *Quinque autem ex eis erant fatue*; mas para a parte de dentro, onde entraram as prudentes com a alampada acesa e resplandecente, como virgem prudentissima aos olhos de Deus: *Et quinque prudentes*.

VI.

Mas esperae um pouco, que assim como a lua totalmente escurcida se restitue outra vez á sua natural luz e formosura, e não só resplandece em si, mas allumia o mundo; assim triumphando a virtude contra a malicia, a verdade contra a mentira, e a justiça divina contra a astucia e temeridade humana, as affrontas de Iria se converteram em honras, as infamias em louvores, os despresos em applausos, e as injurias em glorias. E que fez Deus para isso? Caso maravilhoso! Trocou a ordem universal de sua providencia, e para acudir pela honra de Iria, anticipou o dia do juizo. Morreu a innocentissima virgem mais ferida das calumnias, que das feridas que lhe deram a morte: e como se o fim de sua vida fosse o fim do mundo, no mesmo dia sentenciou Deus a sua causa, e lhe deu a gloriosa victoria de seus calumniadores. David, como dissemos, pedia a Deus que o remisse das calumnias dos homens: *Redime me a calumniis hominum*: (Psal. CXVIII — 134) Deus promette que assim o fará a todos os calunniados: mas quando, ou para quando? Para o dia do juizo. Isto significam expressa e litteralmente aquellas palavras que o mesmo Senhor então dirá: *Respicite, et levate capita vestra, quoniam appropinquat redemptio vestra*. (Luc. XXI — 28) Então se publicará naquelle immenso theatro, em que nos havemos de achar todos, e o engano e malicia dos que falsamente os calunniaram. Até S. Paulo nas calumnias que contra elle levantavam seus emulos, se consolava com a certeza desta esperanza, e com a mesma nos exhorta a que não queiramos julgar antes de tempo: *Nolite ante tempus judicare, quoadusque veniat Dominus, qui et illuminabit abscondita tenebrarum, et tunc erit laus unicuique a Deo*. (1. Cor. IV — 5) Pois se Deus tem signalado aquelle ultimo dia para julgar as causas dos innocentes; se então se ha de allumiar tudo o que agora está escuro, e manifestar tudo o que agora está encoberto; e se então com testemunho e auctoridade irrefragavel serão louvados de Deus os que agora são calunniados dos homens: *Et tunc laus erit unicuique a Deo*: sendo já passados antes do dia do juizo, e depois do caso de S. Iria mais de mil an-

nos ; porque não esperou Deus por aquelle *tunc*, e o antecipou tanto tempo antes, *ante tempus* ? Porque teve S. Iria paciencia para soffrer, e não Deus para esperar. Que fez Iria no meio de tantas calumnias, affrontada, infamada, e condemnada de todos ? Não se queixou, não se defendeu, não accusou a traição do falso amigo, e antes quiz que o seu credito fosse o reo do que não tinha commettido, que descobrir o auctor de tão horrenda maldade. E agradou-se Deus tanto daquelle silencio, daquelle modestia, e daquelle paciencia, que a não teve o mesmo Deus para esperar as tardanças do tempo, e dispensando, ou quebrando todas as leis ordinarias de sua providencia, a que o mundo reputava por mulher louca, declarou por virgem prudentissima, e a que todos infamavam de peccadora, canonisou por santa, sendo os sellos pendentes das bullas da sua canonisação, como lhe chamam os sagrados canones, os muitos e prodigiosos milagres, com que então publicou e provou o céu a innocencia e santidade de Iria.

Dois elementos concorreram para os tormentos, que na vida e na morte padeceu a santa, que foram, a terra e a agua. A terra na villa de Nabancia, a agua no rio Nabão : a terra por Remigio o auctor que machinou o engano a que se seguiu a infamia em todo o povo ; a agua por Britaldo, o tyranno que a sentenciou ao martyrio, a que se seguiu a crueldade de seus soldados, que mortalmente ferida a lançaram por seu mandado na corrente do rio. E para que os mesmos elementos em maiores e melhores theatros concorressem para a honra da mesma santa infamada e morta ; a Nabão succedeu o Tejo, e a Nabancia Santarem : o Tejo principe de todos os rios de Hespanha, e Santarem antiquissima côrte dos reis de Portugal. O Tejo levantando no fundo de suas arêas de ouro, e lavrando de finissimos marmores o mausoleo do seu sepulchro ; e Santarem com o epitaphio, gravando nas pedras de suas torres, e magnificos e sagrados edificios, o nome de Iria, com sobrenome ou antenome de santa. E porque para a infamia no elemento da terra tinha concorrido o inferno ; assim foi tambem gloriosa e justa correspondencia, que para o sepulchro no elemento da agua concorresse o céu : o inferno com as confeições da arte magica, temperadas por astucia dos demonios ;

e o céu com os primores da architectura fabricados por mãos de anjos. Assim vingou Deus e honrou a Moysés em um e outro elemento as injurias do rio Nylo, e as da terra do Egypto, com os triumphos do mar Vermelho e terra da Promissão. E se o sepulchro de Moysés o escondeu Deus aos olhos dos homens, para que elles o não idolatrassem, em injuria do mesmo Deus, tambem depois de uma vez visto o sepulchro de Iria, o escondeu Deus aos olhos dos homens, em castigo e restituição da offensa que tinham feito ao mesmo Deus nas injurias da sua santa. Onde está hoje o sepulchro de S. Iria? Nem no fundo do Tejo o penetram os olhos, nem o acham as ancoras: todos o crêem, e ninguém o vê. Porque? Porque assim como Deus no céu premia a virtude da fé com a vista, assim na terra quiz satisfazer com a fé dos presentes o delicto da vista dos passados, para que glorifique tanto á mesma santa a fé dos presentes com a verdade do que não vê, como a offenderam os olhos dos passados com a mentira do que viram.

Ó ditosa e bemaventurada Iria; não menos nas suas mesmas offensas, que nas suas glórias! Se a offensa de Deus em Adão pelos grandes bens que della occasionalmente se seguiram, se chama, com razão, feliz; sem encarecimento se pôde dizer o mesmo do affrontoso festimunho levantado contra a virginal pureza de S. Iria. A apparencia do ventre foi phantastica e supposta, mas o parto do mesmo ventre foi verdadeiro e admiravel. Se assim não houvera succedido, esta illustrissima republica tão fecunda de milagres, não seria Santarem, nem os filhos de Santarem, filhos de S. Iria. Todos os filhos de Santarem são o parto daquelle ventre. Christo Senhor nosso não teve peccado proprio; mas porque morreu por peccado que não commettera, diz o propheta Isaias, que duraria sem fim a posteridade de seus filhos: *Si posuerit animam suam pro peccato, videbit semen longævum.* (Isai. LIII — 10) Mais de mil e seiscentos annos ha que dura a posteridade dos filhos de Christo, e mais de mil que dura e continúa a dos filhos de S. Iria. A virgindade é virtude esteril, mas em S. Iria foi fecundissima: *Donec sterilis peperit plurimos*, (1. Reg. II — 5) Tantos filhos, como vemos, e todos para maior maravi-

Iha filhos de Mãe Virgem. Vistes já, ou imaginastes um grande monte de trigo murado de lyrios? Pois tal é o ventre da minha Santa Esposa, diz o divino Salomão, Christo: *Venter tuus acervus tritici vallatus liliis.* (Cant. VII — 2) Ventre murado de lyrios pela pureza virginal de Iria, com que naquella falsa e magica inchação se defendeu constantissimamente de todos os golpes da calúnia, da infamia, e da mesma morte: e monte de trigo innumeravel pela multidão dos filhos sem numero, que por tantas idades e seculos lhe nasceram, e em tantos morgados de religiosissimas familias se continuam e multiplicam. Filhos de mãe e virgem, digo outra vez, e com privilegio, que nem na mesma Mãe de Deus teve tal singularidade de maravilhoso. Que diz o propheta fallando do parto da Mãe de Deus? *Ecce Virgo concipiet, et pariet filium.* (Isai. VII — 14) Conceberá uma virgem, e parirá um filho. Foi parto de virgem, mas parto a que precedeu concepção. O dos filhos de S. Iria tambem são parto de virgem, mas parto sem concepção, porque o tumor do ventre foi falso, e os filhos da mesma virgem são verdadeiros.

Agora se seguia exhortar eu aos mesmos filhos, a que imitem a mãe; mas só lhes digo, por cautela muito importante, que se lembrem do que a mesma mãe padeceu pelo engano dos olhos duas vezes enganados: uma vez enganados em Remigio e Britaldo por amarem o que viram: e outra vez enganados em todos os mais, por crerem o que viam. Se amarem o que virem, serão loucos; se não crerem nem ao que virem, serão prudentes; e com estas duas advertencias serão verdadeiros filhos de uma virgem, que com opinião de louca soube ser prudentissima: *Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes.*

SERMÃO DOMESTICO.

Pregado no anno de 1689

Na vespóra da circumcisão e nome de Jesus, em que na companhia do mesmo nome se renovavam os votos religiosos.

Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus. — Luc. II.

I.

Sendo a renovação do espirito um dos meios mais particulares da nossa companhia, para conservar e adiantar a perfeição de seus filhos; coisa é verdadeiramente (fallo de mim), coisa é verdadeiramente não só digna de admiração, mas de confusão grande, que repetindo-se esta mesma renovação duas vezes cada anno, passem os annos, e tantos annos, com tão pouco fructo. No dia de amanhã se cerram cento e trinta e cinco dias de renovação, em que, por mercê de Deus, me tenho achado indignamente nesta sua companhia. E que maior confusão, que contar tantos annos, e tantos dias, e olhar para mim? As renovações passadas perderam-se: a presente, sabe Deus se será a ultima: as futuras, é certo que não podem ser senão muito poucas: que remedio? Ora eu considerando neste ponto (que é o que nos deve levar toda a

consideração), o meio ou remedio que me occorreu, foi ver se no caminho da perfeição se poderá descobrir algum atalho ou compendio breve, pelo qual todas as renovações mal aproveitadas se possam reduzir a uma renovação bem feita.

Deus nosso Senhor, não só tem caminhos, senão também atalhos: *Vias tuas, Domine, demonstra mihi*, (Psal. XXIV — 4) eis ahi os caminhos: *Et semitas tuas edoce me*, eis ahi os atalhos. E se bem olharmos para todas as circumstancias desta solemnidade, todas ellas nos estão ensinando isto mesmo. No evangelho, que é o mais breve do anno, temos a eternidade do Verbo reduzida a oito dias: *Postquam consummati sunt dies octo*: (Luc. II — 21) temos a grandeza e immensidade de Deus reduzida ao corposinho de um Menino: *Puer*: temos o preço infinito do sangue de Christo reduzido ás poucas gotas do golpe da circumcissão: *Ut circumcideretur*: e temos todos os nomes do mesmo Senhor, que são innumeraveis e incompreensiveis, reduzidos a um só nome: *Vocatum est nomen ejus Jesus*. (Ibid.) Não param aqui os compendios. Votamos á divina Magestade: *Divinæ Majestati tuæ*, no Santissimo Sacramento, que é o compendio de todas as maravilhas: votamos em presença da santissima Virgem: *Coram sacratissima Virgine Maria*, que é o compendio de todas as graças: votamos neste santo lugar, posto que tão estreito, o qual no dia de amanhã é o compendio de toda a côrte celestial: *Et curia tua caelesti universa*: votamos finalmente, uma tal promessa, e com uma tal condição, que é o compendio de todas as constituições da companhia: *Omnia intelligendo juxta ipsius societatis constitutiones*.

Não será logo coisa alheia nem deste mysterio nem deste dia, senão muito conforme a elle, que nós também façamos um compendio muito abbreviado, no qual e pelo qual se reduzam todas as renovações a uma só renovação, todos os votos a um só voto, e toda a perfeição do espirito a uma só virtude. Isto é o que hoje me quizeria persuadir a mim mesmo. Deus me ajude com sua graça, para que acerte a me declarar.

II.

O erro ou engano porque na vida espiritual em muito tempo se aproveita pouco, é porque tomamos as coisas a vulto, e não reduzimos a multidão á unidade. A multidão difficultosamente se póde abarcar; a unidade facilmente se comprehende. Esta é a razão porque a sabedoria e providencia divina reduziu todas as suas leis a uma só lei, e todos os seus preceitos a um só preceito, que é o da caridade. Assim o declarou o apostolo S. Paulo, o qual a este preceito um e unico, a que se reduzem todos os outros, chamou vinculo da perfeição: *Charitatem habete, quæ est vinculum perfectionis*. (Coloss. III — 14) A perfeição desatada, são infinitas virtudes, e infinitos actos de cada uma dellas: atada, porém, e reduzida á unidade, é uma só virtude. E que se segue d'aqui? Segue-se que a mesma perfeição desatada, e sem este vinculo, pela multidão a que se estende, é muito difficullosa de se observar: atada porém com o mesmo vinculo, pela unidade a que se reduz, se póde observar facilmente.

Oijamos ao mesmo Legislador divino: *Qui diligit me, sermonem meum servabit; qui non diligit me, sermones meos non servat*. (Joan. XIV — 23 e 24) Quem me ama (diz Christo), guarda o meu preceito: quem não me ama, não guarda os meus preceitos. Para notar a differença destes termos, não é necessario reparo, nem ponderação. De sorte que á sua mesma lei uma vez lhe chama Christo muitos preceitos: *Sermones meos*; e outra vez lhe chama um preceito: *Sermonem meum*. Mas quando lhe chama muitos preceitos, diz que se não guardam: *Sermones meos non servat*: e quando lhe chama um preceito, diz que se guarda: *Sermonem meum servabit*. E porque? O mesmo texto dá a razão, e é, porque a lei de Christo uns a tomam atada e unida com o vinculo da perfeição, que é a caridade: *Qui diligit me*: e outros a tomam desatada e desunida por falta do mesmo vinculo: *Qui non diligit me*: e quando a perfeição se toma desatada, assim como os preceitos então são muitos, pela sua mesma multidão são difficultosos de guardar: *Sermones meos non servat*: porém quando a perfeição se toma atada e unida, assim co-

mo esses preceitos se reduzem a um só, assim por essa mesma unidade se observam e observarão facilmente : *Sermonem meum servabit.*

Assentado este principio (que é primeiro principio na vida espiritual), se bem examinarmos as renovações passadas, e o pouco fructo com que ellas passaram por nós, ou nós por ellas, acharemos que a causa principal deste pouco fructo, foi porque tomámos as mesmas renovações a vulto, não reduzindo os defeitos a um só defeito, que facilmente se pudéra emendar ; nem reduzindo a perfeição a uma só virtude, que facilmente se pudéra adquirir. Esta é a razão fundamental e solida : nem S. Paulo lhe achou outra. Assim como S. Paulo, escrevendo aos colossenses, reduziu a perfeição ao vinculo de uma só virtude, como vimos ; assim escrevendo aos romanos, depois de relatar todos os preceitos, os reduziu tambem a um só : *Et si quod est aliud mandatum, in hoc verbo instauratur.* (Rom. XIII — 9) No texto grego em lugar de *instauratur*, está *renovatur*. E tudo é. Em tantos annos e tantas renovações, pudemos ter levantado um grande edificio de perfeição ; e eu não vejo em mim senão ruinas. Em tantos annos e tantas renovações pudemos ter adquirido um grande cabedal de virtudes ; e eu não vejo em mim senão perdas. Que remedio logo para renovar o arruinado, e restaurar o perdido ? *In hoc verbo renovatur, in hoc verbo instauratur.* O remedio é reduzir tudo á unidade. Procuremos reduzir todos os votos a um só voto : procuremos reduzir toda a perfeição a uma só virtude : e neste compendio, ou nesta recopilação, como lhe chama Santo Agostinho, se as ruinas forem nos votos, todas ficarão renovadas na unidade de um só voto : *In hoc verbo renovatur* : e se as perdas forem nas outras virtudes, todas ficarão restauradas na unidade de uma só virtude : *In hoc verbo instauratur*.

III.

Supposto pois que esta renovação e restauração se reduza a um só voto, e a uma só virtude ; que voto e que virtude será esta ? Digo, que a virtude é a primeira virtude que Christo ámanhã

exercitou: e o voto é o ultimo voto que nós ámanhã professamos: *Obedientiam perpetuam in societate Jesus*. Aquelle Senhor que ámanhã se chamou Jesus, em um dia mereceu a imposição deste santissimo nome, e em outro a exaltação d'elle; mas sempre pela virtude da obediencia. A imposição do nome pela obediencia da circuncisão: *Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur Puer, vocatum est nomen ejus Jesus*: a exaltação d'elle pela obediencia da morte de cruz: *Factus obediens usque ad mortem. Propter quod donavit illi nomen, quod est super omne nomen*. (Philip. II — 8 e 9) Este é o divino e humano exemplar, que hoje e ámanhã nos põe diante dos olhos a companhia, a cuja imitação nesta mesma hora com tão fervorosa devação está exhortando a seus filhos. Intendamos todos os que professamos religião debaixo do mesmo nome de Jesus, que se queremos inteiramente responder á dignidade de tão soberano nome, e ás obrigações de uma profissão tão alta, só por meio da imitação da sua obediencia, e na unidade della o podemos fazer. A razão é manifesta pelo que fica dito; porque se todos os votos se devem reduzir a um só voto, e toda a perfeição a uma só virtude; o voto a que se reduzem todos os votos, e a virtude a que se reduz toda a perfeição, e todas as virtudes, é só a virtude da obediencia. Não digo coisa nova, senão aquella mesma que sobre todas nos deixou em testamento nosso santo patriarcha, confirmando esta maxima, que bastava ser sua, com a famosa sentença de S. Gregorio papa: *Obedientia sola virtus est, quæ virtutes cæteras menti inserit, insertasque custodit*.

Antes de votarmos, o que já fizemos, e ámanhã repetimos, tinha a obediencia sobre nós muito menor esfera; porque Deus não nos obrigava a guardar pobreza, nem castidade, nem a mesma obediencia religiosa; mas depois que nós nos obrigamos a Deus, Deus tambem nos obriga a nós. E para nos desempenharmos desta obrigação, posto que ella seja de tres votos, nós o podemos fazer com um só voto, se elle for o da obediencia. Porque obedecendo a Deus, não só somos obedientes, mas obedientes; castos, e pobres, só com differença dos nomes. Com a mesma differença só dos nomes define Santo Thomaz, que a obediencia

em respeito do prelado é observancia : em respeito dos paes é piedade : e em respeito de Deus é religião. Não é a obediencia, diz o mesmo doutor angelico, virtude theoloyal ; mas se eu creio, porque Deus me manda crer, a minha obediencia é fé ; se eu espero, porque me manda esperar, a minha obediencia é esperança ; se eu amo, porque me manda amar, a minha obediencia é caridade.

Nas virtudes moraes corre a mesma regra. Se a materia dellas é devida, a obediencia é justiça ; se é duvidosa, a obediencia é prudencia ; se é ardua, a obediencia é fortaleza ; se é deleitavel, a obediencia é temperança. E que diremos das virtudes e exercicios proprios da religião ? Isto mesmo, e com a mesma certeza. Se a obediencia me applica ás coisas que o mundo tem por baixas, é humildade ; se ás que molestam e causam pena, é paciencia ; se ás casuaes e varias, segundo o pede a occasião, é indifferença ; se me manda que não olhe, é modestia ; se me manda que não falle, é silencio ; se me manda que não saia, é clausura ; se me nega o que desejo, e me obriga ao que repugno, é mortificação ; se me responde, ou castiga os meus defeitos, é penitencia : e se me põe a um canto, como bordão de um homem velho, de que se quer ajudar quem o tem na mão, é ocio santo com mais tempo, e maior liberdade para orar, e contemplar em Deus.

Mas porque alguns dos exercicios da obediencia são meramente temporaes, aqui se deve muito advertir que a obediencia não só é todas as virtudes, mas faz que sejam virtude as que o não são. Assim como a alchymia por arte tudo converte em oiro, assim a obediencia por natureza tudo transforma e converte em virtude. E d'aqui vem que até as acções que não teem nome de virtuosas, antes o contrario, ella faz que sejam não só virtude, senão melhores ainda que as mesmas virtudes. E como, ou porque ? Não porque é melhor obedecer que sacrificar ; porque isso é comparar uma virtude com outra ; mas porque (por exemplo) o comer e o dormir, a recreação e o descanso, e outras acções e divertimentos deste genero são coisas meramente temporaes, naturaes e indifferentes, e melhor é comer por obediencia, que

jejuar : melhor é dormir por obediencia, que vigiar : melhor é recrear-me por obediencia, que trabalhar : melhor é não fazer nada por obediencia, que trazer este collegio ás costas, e servir mais que todos. Tanto assim (tornando ao primeiro exemplo), que Santa Thereza de Jesus com espirito proprio do seu sobrenome, chegou a dizer, que melhor é comer por obediencia, que comungar sem ella. E se a obediencia tão altamente transforma e santifica as acções indifferentes, que não são virtuosas, quanto mais as mesmas virtudes, convertendo-as todas em si, e convertendo-se nellas ?

IV.

Só parece que póde argumentar em contrario a theologia, e dizer : todas as virtudes teem os seus objectos particulares, pelos quaes se distinguem, e desses mesmos objectos toma cada uma a sua essencia, a sua especie, e a sua differença propria : logo sendo todas e cada uma essencial, e totalmente diversas da obediencia, parece que se não podem incluir, nem resumir nella. Mas a esta objecção respondeu já tacita e excellentemente o mesmo S. Gregorio, quando disse, que a obediencia, e só a obediencia, é a que enxerta na alma todas as outras virtudes : *Quæ virtutes cæteras menti inserit*. Os ramos ou garfos que se enxertam em um tronco, todos são de outras arvores ou plantas d'onde tem o seu nascimento ; mas depois de enxertados, já não vivem, nem se sustentam das suas raizes proprias, senão da raiz e substancia do mesmo tronco tão intimamente incorporadas nelle, que se o tronco está verde, os enxertos tambem reverdecem ; e se o tronco seccou, tambem elles seccam. O mesmo succede a todas as outras virtudes com a obediencia. De tal maneira vivem nella, e della, e por ella, que se a obediencia se murchou, seccou, ou morreu, todas as outras virtudes adoecem juntamente, e perdem a cor, a formosura, o vigor, a vida, e deixam de ser virtudes. Pelo contrario, se a obediencia se conserva em seu ser, e vive e persevera, ellas tambem perseveram, vivem, e se conservam e (como diz nosso santo padre) en quanto ella floreciere, todas las demas se veran florecer, e llevar el fructo, que yo en vuestras animas deseo.

Este é o desejo de Santo Ignacio, e o mesmo deve ser o nosso. Mas porque não basta a especulação do que está dito, se não se desce á praxe ; esta praxe donde a tomaremos nós ? Digo que do mesmo Menino Jesus, e do mesmo mysterio profundissimo da sua circumcisão, tirando de todas as circumstancias da sua obediencia os documentos da nossa.

V.

Postquam consummati sunt dies octo. Obedeceu Christo á lei da circumcisão ao dia oitavo, não porque d'antes não desejasse dar o sangue por nós ; mas porque ? Porque o verdadeiro obediante não só se ha de conformar com a obra, senão também com o tempo. Ha de fazer o que se manda, e quando se manda. Fazel-o antes, não é diligencia : fazel-o depois, é tardança. Pois quando ha de ser este quando ? Quando a letra já está começada, e ainda não está acabada. Naquelle ponto preciso, consiste a pontualidade da obediencia. Gentio era Seneca, mas grande philosopho ; e escrevendo de Roma a Lucilio seu discipulo, que estava em Scilia, diz assim : *Spero sic te vivere, ut, ubicumque sis, sciam quid agas* : Espero, Lucilio, que tragas a tua vida tão concertada com o tempo, que em qualquer parte onde estejas, saiba eu o que fazes naquella hora. E quando isto se esperava de um estoico, que se deve esperar de um religioso ? Que faz agora o irmão da companhia ? São as cinco para as seis da manhã, está em oração. É dia santo, são das oito para as dez, em que se occupa agora ? Está estudando. Deram tres quartos para as onze, e neste quarto qual é o seu exercicio ? Está fazendo exame. De sorte que ha de bastar saber-se a hora, para que se saiba em qualquer parte o que fazemos. Todo o relógio perfeito não só dá as horas, mas tem um braço mostrador, com que as aponta. O religioso ha de ser como um relógio, mas com dois braços mostradores, um que mostre as horas, outro que mostre as acções. Se a acção concorda com a hora, anda o relógio certo ; se não concorda anda destemperado. Caso notavel no mysterio da circumcisão ! É de fé que Christo se circumci-

dou: e comtudo o evangelista não diz que se circumcidasse; só se contentou com dizer que chegára o dia da circumcisão: *Consummatis sunt dies octo, ut circumcideretur*; porque na obediencia de Christo bastava que confiasse do tempo, para que fosse de fé a acção. Assim serão quasi de fé as nossas, se imitarmos a sua obediencia.

A circumstancia do tempo não acrescentou o evangelista a do logar em que o Senhor obedeceu á lei. Santo Hilario com opinião singular, e não recebida, diz que foi em Jerusalem. Se assim fosse, alguma escusa podiam ter os espiritos a que eu só quero dar nome de cortezãos. Querem professar religião, querem viver debaixo de obediencia, mas ha de ser em Jerusalem, nas côrtes dos principes, nas cabeças dos reinos, nas metropoles das provincias. Se é em Italia, ha de ser em Roma: se é em França, hade ser em Pariz: se é em Portugal, ha de ser em Lisboa: e se é nesta parte da nossa America, não ha de ser no sertão, nem ha de ser na aldêa, nem na capitania, nem em outras cidades menores, ainda que sejam cathedraes; senão na principal e maior de todas. Se este espirito é da companhia, não é da companhia daquelle Jesus, que, para encarnar, escolheu Nazareth, e para nascer, Belem. Ainda nessa Belem, com ser naquelle tempo habitada pouco mais de pastores, não quiz o Senhor que se soubesse de certo o logar aonde offereceu a Deus, as primicias desta sua obediencia. Quando chegaram a Belem os Magos, diz o evangelista, que entrando na casa acharam o Menino: *Intrantes domum invenerunt Puerum*. (Math. II — 12)

D'aqui infere Santo Epiphanio, com outros padres, que o Santo Menino já não estava no presepio, e que a industria de S. José, depois que a cidade se foi desfogando da multidão da gente, pôde melhorar de aposento. E como no espaço daquelles treze dias se podia cumprir o dia oitavo da circumcisão, ou estando ainda no presepio, ou morando já na casa, não se sabe, nem quiz o mesmo Senhor que se soubesse o logar certo de sua obediencia; para ensinar á nossa que ha de abstrair totalmente do logar, e que o não ha de ter, nem querer, nem procurar certo. Se a circumcisão foi na casa, era na cidade; se no presepio,

era fóra della : se na cidade, era entre homens ; se no presepio, era entre brutos : se na cidade e em casa, era já com alguma commodidade ; se no presepio, era com o maior incommodo e total desamparo. E a todas estas differenças de logares ha de estar sempre indifferente a prompta obediencia ; ou para viver nas cidades, ou fóra e longe dellas ; ou no povoado entre homens, ou no desterro, e no meio das brenhas entre os brutos e as feras ; ou com commodidade, ou sem commodidade ; ou com algum abrigo, ou sem nenhum abrigo ; ou em casa debaixo das telhas, ou no campo debaixo das estrellas. O *ubi* da obediencia é *ubique*. Os soldados da companhia de Jesus são soldados volantes, e se estes perguntarem á nossa regra o logar onde hão de ter o seu posto, o logar é em qualquer parte do mundo, onde se espera maior serviço de Deus, e ajuda das almas.

VI.

Ut circumcideretur Puer. Temos aqui a circumcisão passiva, mas não temos a activa. A passiva foi o Menino circumcidado : a activa foi o ministro da circumcisão, do qual não diz palavra o evangelista. Segundo o ceremonial da lei, eram ministros da circumcisão, primeiro os sacerdotes, depois os levitas, e em falta destes, como cá no baptismo, outra qualquer pessoa ainda que não tivesse ordem nem grau ecclesiastico, e talvez o mesmo pae, ou a mesma mãe. Parece que Santo Ignacio commentou este mysterio, quando nos escreveu aos portuguezes, que o verdadeiro obediente não olha a pessoa a quem obedece. Ou seja sacerdote, ou não seja sacerdote, ou seja levita, ou não seja levita, ou tenha grande dignidade, ou pequena, ou nenhuma, com a mesma pontualidade havemos de obedecer ao irmão cosinheiro, que ao padre geral da companhia.

E quanto ao ministro da circumcisão do Santo Menino, a opinião mais provavel e mais pia, é que assim como Sephora circumcidou a seu filho, assim a Virgem Maria circumcidou o seu. Ó que excellente retrato de um bom superior, e de um bom subdito, quando as obediencias são taes que podem doer :

verdadeiramente era caso não só para enternecer, mas para assombrar, vêr a piedosissima Virgem ferir com suas proprias mãos, sem lhe tremer nem desmaiar o braço, e derramar o sangue do Filho de Deus e seu. O golpe primeiro cortava o coração da Mãe, e depois a carne do Filho: o Filho soffrendo sem resistir, a Mãe constante sem retroceder: o Filho chorando, a Mãe chorando. De ambos era a dôr; de ambos eram as lagrimas, e o sangue tambem de ambos; para que nem o superior se acovarde, nem o subdito o estranhe. Ha de ser porém tão reciproco o sentimento nas materias sensiveis, que tanto sinta quem executa, como quem obedece: tanto se lastime quem forçado fere, como o mesmo ferido: tanto se dôa o superior, como o subdito; e muito mais o superior, que isto é ser mãe. Os instrumentos daquelle rigor, consta da escriptura, que eram de pedra: *Cultros lapideos*; e diz S: Bernardo que eram de pedra, e não de ferro: porque a pedra não cria ferrugem. Ó se quizesse Deus que as obediencias fossem recebidas tão lisamente, como são lisos os instrumentos!

Mas passemos a outro documento não menos necessario. *Ulcircumcideretur*. A circumcisão era uma lei muito dura, mas de pouca dura. Havia-se de acabar cedo, como se acabou, succedendo em seu logar o baptismo. Pois se aquella lei não havia de durar, porque a observou o Senhor tanto á sua custa, que lhe custou gotas de sangue? Sem duvida porque estava antecedendo que havia de vir tempo, em que fosse necessario este forte exemplo da sua obediencia para confirmar as fraquezas da nossa. Quando a obediencia ordena alguma coisa de novo, ou quer emendar algum abuso, os que por ventura gostavam mais dos abusos, do que gostam da emenda delles, consolam-se com dizer que aquillo não ha de durar. Variar-se-ha a successão das causas segundas, e logo se emendará tudo, e tornará ao que d'antes era. Mas ainda que esta profecia fora tão infallivel, como a sciencia que Christo tinha de se mudar a circumcisão, nem por isso se deve desprezar ou desobedecer o que de presente se ordena. Pois que se ha de fazer? O que fez o mesmo Senhor. Agora em quanto durava a circumcisão, circumcidiu-se: depois

quando vier o baptismo, também se baptisará. Se a lei presente não ha de durar, observe-se em quanto dura; e se depois se ha de trocar por outra, então observaremos também essa, e seremos duas vezes obedientes.

A lei não tem obrigação de ser sempre a mesma; mas o obediente tem sempre obrigação de obedecer á lei, qualquer que ella seja. Se a circumcisão tira sangue, e o baptismo lava com agua, sangremo-nos agora, e banhar-nos-hemos depois. Mas porque eu espero pelo banho, não querer tomar a sangria, isso é não querer sarar. Santo Ignacio diz, que as coisas da obediencia se hão de acceitar e crer como se foram de fé; mas como ha hereges da fé, assim ha hereges da obediencia. E quem são estes? São uns espiritos inquietos, que só na propria vontade acham quietação. Não declarou Santo Ignacio esta quasi heresia porque a não suppoz na sua religião; mas disse-o expressamente o propheta Samuel: *Quasi peccatum ariolandi est: et quasi scelus idolatriæ nolle acquiescere*: (I — Reg. XV — 23) Almas inquietas (diz Christo) se quereis aquietar, obedeei: *Tollite jugum meum super vos, et invenientis requiem animabus vestris*. (Matth. XI — 29)

VII.

Somos chegados á ultima circumstancia, a qual parece pudéra inquietar o mesmo Christo, se não fora tão obediente: *Ut circumcideretur*: A circumcisão era remedio do peccado e marca de peccador; e d'aqui se segue, que quem visse circumcidar aquelle Menino, por consequencia natural podia inferir não só que não era Deus, mas que nem era justo, nem estava em sua graça; pois se o circumcidar-se Christo era tanto contra o credito da sua divindade, em quanto Deus; contra o credito da sua innocencia, em quanto homem; e contra o credito da sua dignidade, em quanto Messias; porque se quiz sujeitar á circumcisão com tantos descreditos? Para tirar e arrancar não do mundo senão das religiões a maior peste dellas, que são estes dois nomes, *credito* e *descredito*. Ó quantos trabalhos, quantos desgostos, quantas perturbações tem causado na religião e quan-

tas vocações tem perdido a falsa adoração deste maldito idolo ! Ando triste, ando desconsolado, ando tentado contra o que prometti e renovei tantas vezes. E porque ? Porque me vejo desacreditado.

Ora diga-nos este padre, a quem não quero chamar reverendo, ou este irmão, a quem não quero chamar charissimo ; qual é a razão, porque cuida e diz que está desacreditado ? Estou desacreditado ; porque á minha antiguidade antepuzeram outro mais moderno : estou desacreditado ; porque á minha sciencia antepuzeram outro menos douto ; estou desacreditado ; porque ao meu grande talento antepuzeram outro muito inferior : estou desacreditado ; porque á minha virtude, e á minha edificação antepuzeram outro, que não tem tanta. Bem o prova essa humildade. Mas dado que ser anteposto um, seja descredito do outro, que não foi preferido : a André mais velho, foi anteposto Pedro : a José o Justo, foi anteposto Mathias : e ao Justo dos Justos, o Filho de Deus, foi anteposto Barrabaz. Certamente que entre estes dasacreditados, bem pudera um homem de bem não se affrontar de ser um delles. Mas vamos á respsota, que não tem resposta. Assim como o credito do soldado consiste em ser bom soldado, o credito do estudante em ser bom estudante, e o credito do official em qualquer arte, em ser bom official ; assim o credito do religioso consiste em ser bom religioso. E o ser bom religioso em que consiste ? Ninguém póde negar que na obediencia, em fazer o que lhe mandam, e em se contentar com que lhe não mandem o que deseja. Este é toda o credito e toda a honra do religioso e não ha outra. Intender o contrario será de filho de Adão, e não de filho de Santo Ignacio.

O homem que Deus poz neste mundo com maior honra e mais credito foi Adão : e que diz David deste homem tão acreditado e tão honrado ? *Homo cum in honore esset, non intellexit* : (Psal. XLVIII — 13) O homem estando na honra não intendeu. E que é o que não intendeu ? Não intendeu onde estava a honra. Elle estava na honra : *Cum in honore esset* ; e não intendeu aonde a honra estava. Intendeu que a honra estava em ser como Deus ; e ella não estava em ser, senão em obedecer. Em quanto

obedeceu, todas as creaturas o respeitavam e veneravam : tanto que desobedeceu, até os jumentos zombaram delle. Queira Deus que no paraíso da religião nos não engane do mesmo modo a serpente. A honra e credito do religioso não está em ser o que elle deseja, ou presume, senão em obedecer ao que lhe mandam, por mais que seja em coisas que pareça o desacreditam. Que maiores descreditos que aquelles que ponderavamos na circumcisão de Christo ? Mas como o Senhor ainda assim obedeceu, da mesma circumcisão saiu muito mais honrado do que d'antes era, não só em quanto homem, senão em quanto Deus. Como entrou Christo na circumcisão, e como saiu ? Entrou obediente, e saiu Jesus : *Ut circumcideretur Puer, vocatum est nomen ejus Jesus.* E isto foi em todo o rigor da theologia sair muito mais honrado do que era, ainda em quanto Deus. Quando eu digo, Deus, nomeio este nome com o barrete na cabeça : mas quando digo Jesus, tiro o barrete ; porque o mesmo Deus debaixo deste nome é digno de maior veneração, e de maior honra. E esta maior honra não a alcançou o mesmo Filho de Deus antes da circumcisão, senão depois que obedeceu a ella : *Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur.*

VIII.

Estas foram na circumcisão de Christo as circumstancias da sua obediencia, e estes são os documentos da nossa. Se os puzermos em praxe, conheceremos que a renovação de todos os votos se reduz a este só voto, e a renovação de todas as virtudes a esta só virtude. Para maior evidencia quero acabar com a demonstração contraria. Se tivermos todas as virtudes, e nos faltar a obediencia, nenhuma virtude temos : pelo contrario, se tivermos a obediencia, nella teremos todas as virtudes : porque ? Porque assim como a obediencia é o compendio e a união de todas as virtudes, assim a desobediencia é o dispendio e destruição de todas. Adão no paraíso todos sabemos que foi creado em justiça original com todas as virtudes que Deus lhe infundiu na alma. E quanto lhe duraram ? Em quanto obedeceu, conservou todas ;

tanto que desobedeceu, perdeu todas. E se isto succedeu no paraíso, cá fóra que será, senão o mesmo?

Ponhamo-nos longe delle, não só na terra, senão no mar. E que tempestade é aquella, que no Mediterraneo levanta as ondas até ás nuvens? Que navio é aquelle, que estão batendo e comendo os mares? Que homem é aquelle, que, lançado ao mar, o engole uma balêa? O homem é Jonas; o navio é de uns gentios, em que elle navegava; a tempestade furiosa é a que por sua causa se levantou. E quem era este Jonas? Era um propheta do numero dos doze; era um homem, de cujo espirito e zelo fiou Deus a missão e conversão de Ninive; era um santo, então reputado por tal, e depois canonisado. Pois este homem de tantas virtudes é o que levantou uma tão grande tempestade? Este é o que poz a perigo de se ir a pique o navio? Este é o que mereceu que o lançassem ao mar? Sim, este. Porque com todas essas virtudes nesta mesma occasião foi desobediente. Pelas virtudes mereceu a eleição; pela desobediencia perdeu as virtudes. Os do navio, diz o texto, que faziam oração aos seus deuses; porque todos eram idolatras; e a tempestade que não levantou a idolatria de tantos gentios, levantou-a a desobediencia de um santo. Não ha que fazer caso de santidades sem obediencia. Muita modestia, muita compostura, muita penitencia, muita edificação, muitas illustrações do céu, muitas prophcias; mas tudo isto sem obediencia é um pouco de vento. Mal disse em dizer, um pouco; é tanto vento, que levanta tempestades, que poem a perigo de naufragar o navio, e que se Deus não acudira com um milagre, o propheta se subvertêra no mar, e Ninive na terra.

IX.

Todos estes documentos ditados na escola daquelle Menino de oito dias, que para ser admiração dos doutores, não ha de esperar pelos doze annos, são os que nos ensinam praticamente que para a breve e perfeita renovação do espirito, o voto a que se hão de reduzir todos os votos, e a virtude a que se hão de reduzir todas as virtudes, é a obediencia. Assim como a circuncisão era a

divisa que distinguia os filhos de Abrahão dos outros povos ; assim a obediencia é o character que distingue os filhos de Santo Ignacio dos outros religiosos. Em outras religiões (diz o santo patriarcha) podemos soffrer que nos façam vantagem nas aspe-rezas, que cada um santamente observa ; porém na pureza da obe-diencia, desejo, irmãos carissimos, que se assignalem os que nesta companhia servem a Deus nosso Senhor, e que nisto se conhe-çam os verdadeiros filhos della. Se formos verdadeiros obedien-tes, seremos verdadeiros filhos da companhia de Jesus ; mas se o não formos, bem nos podemos despedir deste nome ; porque nem elle, nem santo Ignaciõ, nem a companhia, nem o mesmo mundo, nos conhecerá por filhos seus. Perdeu-se o mundo e o paraíso por falta de obediencia ; e só pela obediencia poderá a companhia salvar o mundo, e ser ella o paraíso. Ó que paraíso na terra seria amanhã, e será este santo collegio, se todos com grande união entre nós, e grande sujeição á obediencia, nos re-solvermos com toda a applicação, com todo cuidado, com todas nossas orações e devações, e com um exame mais particular, a conseguir a perfeição desta só virtude !

Digo, desta só virtude ; porque não é necessario acrescentar de novo coisa alguma, senão fazermos o mesmo que fazemos, cada um segundo o seu estado, só por obediencia. O irmão coadjutor na sacristia, na portaria, na enfermaria, e nas outras officinas, faça o que costuma trabalhar ; mas por obediencia. O sacerdote no altar, no pulpito, no confessionario, nos hospitaes, nas cadêas, na assistencia, faça o que costuma exercitar ; mas por obedien-cia. O irmão estudante nas grammaticas, nas humanidades, nas philosophias, nas theologias, faça o que costuma estudar ; mas por obediencia. Mas por obediencia, torno a dizer ; e não para ser grande letrado, nem para ser grande prégador, nem para ser mestre, nem para ser lente, nem para ser professo de quatro vo-tos, senão para ser professo de um voto. A obediencia é o voto que faz os verdadeiros professores, e em que todos'o podemos ser. Aos que se applicam a outros meios, ainda que santos, para con-seguir a perfeição, parece-me que lhes está dizendo Christo como a Martha : *Turbaris erga plurima : porrò unum est necessarium.*

(Luc. X — 41 e 42) Este *unum* reduzido á unidade da obediencia, é só o necessario : este *unum* reduzido á unidade da obediencia, é o que só basta para conseguirmos toda a perfeição do espirito, e todo o espirito da perfeição. Assim como reduzimos todos os fins a um só fim, que é Deus, assim havemos de reduzir todos os meios a um só meio, que é a obediencia, obedecendo a Deus em todos os mandamentos, obedecendo a santo Ignacio em todas as suas regras, e obedecendo ao superior, que é a voz de Deus, e regra viva, em tudo o que disposer de nós.

Tal é a renovação que o céu de nós espera no dia de amanhã ; e nós não só por ser o proprio dia dedicado para ella, mas por ser o primeiro daquelle anno fatal, no qual o mesmo céu nos tem prevenido com a demonstração ou de uma palma, ou de'um alfange, para que veja cada um aonde a sua obediencia; ou a sua desobediencia o póde levar, como levou a muitos. O que resta é que com todo o affecto de nossos corações peçamos áquelle Menino todo poderoso, pelas gotinhas do sangue de sua circuncisão, e á santissima Mãe, pelas copiosas lagrimas que ella lhe custou, nos concedam em honra de tão soberano mysterio esta mesma resolução muito efficaz, muito verdadeira, muito forte, muito deliberada, e muito constante, para que assim como o mesmo Senhor pela sua obediencia mereceu o nome santissimo de Jesus, assim nós pela mesma obediencia nos façamos dignos de o servir perpetuamente na companhia debaixo do mesmo nome : *Obedientiam perpetuam in societate Jesus.*

SERMÃO

DO

BEATO ESTANISLAU KOSKA,

DA COMPANHIA DE JESUS.

Prégado na lingua italiana, em Roma no anno de 1674, na egreja de Santo André de Monte Cavallo, noviciado da mesma companhia.

Beatus venter, qui te portavit. — Luc. II.

I.

Louvar o filho pela mãe, ou engrandecer a mãe pelo filho, invento foi não vulgar de uma eloquencia do vulgo. Assim disse quem não tinha aprendido a bem fallar na lingua propria : e assim o farei eu na estranha. Hei-de fallar de um beato ; e não posso deixar de beatificar o ventre de que nasceu : *Beatus venter, qui te portavit*. Esta é a obrigação de louvar o filho, e esta a necessidade de não poder não louvar juntamente a mãe. Mas qual mãe ? O filho é Estanislau : e quando eu ponho os olhos neste bemdito filho, vejo uma, duas, e tres mães, cada uma das

quaes o quer por seu. Não basta aqui a espada de Salomão ; porque são mais que duas as que litigam.

Viveu pouco Estanislau, e não podia viver muito. Aos anjos concede-se pouca via, ou pouco espaço de viadores ; e não pôde continuar muito quem começa pelo fim. Comtudo em uma via tão breve, e em uma vida tão curta, foi Estanislau tres vezes concebido, e tres vezes nascido. Não digo coisa nova, e sem exemplo : mas o exemplo é tão unico, e tão alto, que a faz mais admiravel e mais nova. Fallando de seu proprio Filho diz Deus por boca de David : *Filius meus es tu, ego hodie genui te* : (Psal. II — 7) Vós sois meu filho, e eu vos gerei hoje. Mas quando foi este *hodie*, e este hoje ? Em um, em dois, e em tres nascimentos. *Hodie*, hoje na geração eterna : *hodie*, hoje na encarnação temporal : *hodie*, hoje na resurreição gloriosa. Assim o affirma S. Paulo. E isto que só se crê de um homem Deus, nós o veremos por seu modo em um moçosinho, que não chegou a ser homem. Christo tres vezes nascido de um só pae : Estanislau tres vezes nascido, mas de tres mães.

E que mães foram estas ? Uma em Polonia illustrissima : outra em Germania divinissima : e a terceira em Roma perfectissima. Em Polonia a mãe natural, que lhe deu o primeiro ser : em Germania a Mãe de Deus e sua, que lhe deu o segundo ; em Roma a companhia de Jesus, que lhe deu o ultimo, e apenas concebido no ventre o tresladou á sepultura. Foi Estanislau o primeiro que morreu nesta casa : e sendo ella verdadeiramente *Mater viventium*. (Gen. III — 20) elle foi o seu *Primogenitus mortuorum*. (Apoc. I — 5) Não dexia uma tal mãe ter outro primogenito, nem uma tal primogenito outra mãe. A primeira mãe cede facilmente á terceira : a terceira cede gloriosamente á segunda : e eu para louvar a Estanislau em todas tres, que farei ? Não farei, nem posso fazer mais, nem menos, que provar o meu thema em todas tres. Veremos pois em outros tantos correlativos um filho bemaventurado beatificado em tres mães, e tres mães bemaventuradas, e beatificadas em um filho : *Beatus venter, qui te portavit*. Temos não só proposto, mas já dividido o discurso ; comecemos pela primeira parte.

II.

Beatus venter, qui te portavit.

Concebido que foi Estanislau (começo assim, porque em materia grande e em tempo breve, nem se deve perder tempo, nem palavra): concebido que foi Estanislau no ventre da primeira mãe; eis-que apparece milagrosamente sobre o mesmo ventre o nome de Jesus, não escripto, ou pintado, mas esculpido e relevado na mesma carne, e todo cercado de raios. Ouvistes, ou lestes algum hora caso semelhante? Prodigio verdadeiramente estupendo e inaudito; mas se eu me não engano, já de muito longe antevisto e promettido. Do nome de Jesus tinha prophetisado Isaias em uma palavra de dobrada significação duas coisas singulares, que veriam os seculos futuros. A primeira, que aquelle nome seria nomeado do céu: a segunda, que do céu seria esculpido. *Nomen, quod os Domini nominabit; nomen, quod os Domini insculpet.* (Isai. LXII — 2. V. Heb.) E quando se cumpriu este oraculo? A primeira promessa se cumpriu antes da conceição de Christo, quando o anjo annunciou do céu o nome de Jesus: *Quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur.* (Luc. II — 22) A segunda não estava ainda cumprida, e se verificou na conceição de Estanislau, quando no ventre da mãe appareceu o nome de Jesus esculpido: *Nomen, quod os Domini insculpet.* Mas o nome de Jesus no ventre de uma mulher? No ventre de uma mulher aquelle nome: *Quod est super omne nomen,* (Phil. II — 9) não só escripto, ou subscripto com letras; não pintado, ou divisado com cores; mas formado da mesma carne? Sim, da mesma carne; e aqui está o mais admiravel, e o mais miraculoso do milagre. Nas entranhas da Mãe de Deus encarnou Deus o seu Verbo: e nas entranhas da mãe de Estanislau encarnou o Verbo o seu nome. Naquelle ventre a encarnação do Verbo occulta; neste a encarnação do nome manifesta: naquelle com milagre novo e ineffavel, que não terá segundo; neste com milagre novo e inaudito, que não teve primeiro. Ó mulher verdadeiramente beatificada e consagrada! O teu ventre foi o pri-

meiro templo de Estanisláu : e posto que ainda se não podia adorar o santo, já se devia adorar o templo : *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur*. (Ibid.)

Esta é, senhores, a primeira folha da vida de Estanisláu, na qual vos peço que façaes reflexão sobre o que eu principalmente admiro, e é, que sendo todos os santos obra de Deus, só esta firmou o mesmo Deus, e subscreveu com o seu nome. Se vissemos que um famosíssimo artifice, depois de ter entalhado em mármore muitas estatuas, ou pintado em laminas de bronze muitas figuras, todas que espirassem vida, e causassem espanto, e ao pé de uma só dellas imprimisse a sua divisa, ou escrevesse o seu nome, que diria o mundo ? Diria com razão que aquella era a obra mais primorosa da sua arte, aquella a mais estimada delle, e mais perfeita. Eu não me atrevo a dizer tanto ; mas tanto é o que em semelhantes casos fazem os artífices humanos, e tanto o que fez (bem que uma só vez) o Divino. D'aqui se intenderá um famoso texto de S. João, ainda entre os doutos difficuloso : *Hunc enim Pater signavit Deus*. (Joan. VI — 27) Quer dizer, que no composto ineffavel de Christo, imprimiu e estampou Deus Padre o seu sello. Assim o declara mais expressamente o mesmo texto original grego : *Hunc enim Pater sigillavit Deus*. Ora vede.

Creou Deus, e vestiu a terra com tanta variedade de creaturas, cuja formosa vista suspende e leva apoz si os olhos ; mas não imprimiu o seu sello na terra. Creeu o céu bordado de oiro sobre azul, com sol, lua, e estrellas, vencendo a arte e a ordem não só a materia, senão a fórma de todas as sublunares ; mas não imprimiu o seu sello no céu. Creou os homens, e anjos, os cherubins, e os serafins, e posto que em todos, e cada um, ou com similhaça, ou com diversidade admiravel, tivesse ideado a sua propria imagem, nem por isso imprimiu nelles a estampa do seu sello. E porque ? Não eram obras dignas da mão e do pincel divino ? Sim, eram, e muito : *Vidit cuncta, quæ fecerat, et erant valde bona*. (Gen. I — 31) Porque razão logo não as honra Deus, ou não se honra de imprimir nellas o seu sello ? Porque tinha o supremo Artifice na mente outra obra mais nobre, mais sublime, mais divina, mais sua ; e esta só julgou por digna

de a signalar, e distinguir de todas as outras com a divisa do seu nome. Assim foi : *Creavit Dominus novum super terram.* (Jerem. XXXI — 22) Saiu Deus ao mundo com aquelle artefacto novo e incomprehensivel, aonde atou o humano com o divino, o creado com o increado, o finito com o infinito, unidos e divididos juntamente em um supposto : e como aquella era a maior obra sua, aonde a omnipotencia empregou todo o poder, e a sabedoria, compendiou toda a arte ; esta só sobrescreveu com o seu nome, e sellou com o seu selló : *Hunc Pater signavit Deus.* Este é o verdadeiro sentido do texto. Mas eu tremo de applicar a similhança. Só não posso deixar de dizer o que se não póde negar. De Christo é verdadeiro dizer : *Hunc Pater signavit Deus* : de Estanisláu não se póde negar : *Hunc Filius signavit Deus* : Christo signalado com o selló do Padre, Estanisláu sigillado com o nome do Filho.

Mas qual será o significado deste grande signal ? Um signal, um prodigio, um portentoso tão novo e inaudito, não podia não ter, e encerrar em si uma grande significação. E qual foi esta ? Todos dirão, que ser Estanisláu signalado no ventre da mãe com o nome de Jesus, significa que aquelle menino seria um insigne ou assignaladissimo jesuita (fallo ao vosso modo). Um Xavier, um Borja, um Gonzaga, e tantos outros martyres e confessores, e ainda o mesmo pae de todos, foram jesuitas feitos : Estanisláu foi jesuita nascido. Esta é a energia com que dizemos que o orador se faz, e o poeta nasce. Foi Estanisláu jesuita nascido, e, o que é mais, muito antes de nascido já jesuita. Morreu Estanisláu no noviciado ; e podia competir na antiguidade com o mesmo fundador. Santo Ignacio viveu sessenta e cinco annos ; e teve dezozeis de jesuita : Estanisláu viveu dezoito annos ; e teve de jesuita dezenove ; porque já desde a concepção era jesuita.

Certamente este significado parece proprio e natural ; mas segundo a nossa divisão, pertence á terceira mãe, e não á primeira, de que agora fallamos. Qual foi logo o verdadeiro significado daquelle miraculoso Jesus em respeito á primeira mãe de Estanisláu, que é a de Polonia ? Eu não quero, nem posso querer outra interpretação, nem mais propria, nem mais certa, que a do pri-

meiro interpreta do mesmo nome. O anjo que foi o primeiro que pronunciou e interpretou o santissimo nome de Jesus, que disse : *Ipsa enim salvum faciet populum suum* : Porque elle salvará o seu povo. Este é o verdadeiro significado daquelle signal. Sabeis que quer dizer o nome de Jesus estampado sobre Estanisláu concebido em Polonia ? Quer dizer, que aquelle Menino seria o salvador e libertador do seu povo : *Ipsa enim salvum faciet populum suum*. (Matth. I — 21) O effeito provou o prodigio. Quantas cidades de Polonia, e quantas vezes ardião em peste, e recorrendo a Estanisláu não só catholicos, mas também hereges, e como se ao seu mandado embainhasse a espada o anjo percussor, todas ficavam livres ? Porém estes eram povos particulares, e o signal diz mais : *Populum suum* : não um, ou alguns povos, mas todo o povo, todo o reino, toda a nação : e assim o experimentou a Polonia toda.

O maior perigo em que jámais se viu toda Polonia, foi o anno de seiscentos vinte e um, quando Osman com exercito de trezentos mil turcos, e maior numero de tartaros, não só a vinha invadir, mas inundar : não só a conquistou-a em parte, mas a domou-a, e devorou-a toda. E qual foi o remedio e o soccorro em caso e aperto tão desesperado ? Já o rei e o reino tinham pedido a Roma a cabeça de Estanisláu, para que elle o fosse das suas armas, sustento, e muro da patria, quando entre grande temor, e pouca esperanza, amanheceu o dia decretorio de dez de outubro, decretorio, mas immortál. No mesmo dia entrou a cabeça de Estanisláu na Polonia : no mesmo dia appareceu Estanisláu visivel no ar, não armado, mas orando : no mesmo dia foi visto o Menino Jesus, que do collo e braços da Mãe voltado a Estanisláu lhe dava a mão : no mesmo dia se deu a desigualissima batalha : e no mesmo foi roto Osman ; e a multidão immensa dos barbaros feros, armada e attonita, precipitou a fugida. Assim ficou em pé e salva aquella gram muralha do christianismo ; e Estanisláu nas vozes, nas pinturas, nas estatuas, nas escripturas, acclamado salvador, e libertador da sua patria, e do seu povo : *Ipsa enim salvum faciet populum suum*.

Tal foi o significado daquelle grande signal. Mas a maior glo-

ria do caso, a meu juizo, é que o signal, o significado, a Mãe, o Filho, a victoria, o turco, tudo foi visto por S. João, e o deixou escripto ou retratado de sua propria penna em uma das mais famosas figuras do seu Apocalypse. E agora (contra o que costume) citarei a multidão de auctores, que, quando não são necessarios, mais servem de embaraçar e escurecer, que de declarar o que dizem. Santo Antonino, Ubertino de Casalis, Paulo Burgense, Pedro Galatino, Celio Panonio, Lyrano, Dionysio Carthusiano, Serafino de Fermo, Ribera, Viegas, Sá, Cornelio Alapide, e os outros commentadores, que escreveram depois do imperio ottomano, todos concordam que em boa parte do Apocalypse estão historiadas as perseguições da seita mahometana contra a egreja, e as victorias e triumphos da egreja contra ella. Isto posto, oíçamos o texto de S. João. Diz que viu successivamente no céu (isto é, no ar) dois signaes, ambos grandes e espantosos: o primeiro tão formoso e alegre, como o segundo feio e formidavel. O primeiro era uma mulher vestida de sol, coroada de estrellas, e que tinha a lua debaixo dos pés: *Signum magnum apparuit in cælo: Mulier amicta sole, et luna sub pedibus ejus, et in capite ejus corona stellarum duodecim.* (Apoc. XII — 1) O segundo era um grande dragão de cor leonada, ou vermelha, o qual tinha sete cabeças, e nellas sete diademas, e dez pontas: e assim soberbo e armado, se penetrou e poz em campo contra a mulher que estava prenhe, para trazer um filho que della havia de nascer: *Et visum est aliud signum in cælo: et ecce draco magnus rufus, habens capita septem, et cornua decem: et in capitibus ejus diademata septem: et draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura, ut cum peperisset, filium et devoraret.* (Ibid. — 3, 4 e 5) E quem foram ou haviam de ser esta mulher, e este dragão.

Além dos commentadores citados, Cedrino, Zonoras, Genebrardo, Capomzachio, Ludovico Legronense, e outros graves auctores, reconhecem no dragão o turco e seu imperio: dragão venenoso, feroz, e sanguinolento por violencia e tyrannia, e por discordia e socordia nossa, formidavel no poder e dominador de tantas provincias e coroado de tantos reinos. A mulher, posto que

com differente explicação e applicação, se ouve communmente nomear nos pulpitos : este sentido na fecundidade das escripturas, não desfaz, nem contradiz a probabilidade de outros, principalmente sendo o mais certo interprete das prophecias o tempo, cujos successos futuros, sem desacreditar os passados, se declaram mais nos presentes. E se o auctor da Historia Prophetica Carmelitana, e os que o seguem, reconhecem naquella mulher prodigiosa a mãe de Elias, vencedor futuro do Anti-Christo ; e Aurelio, e outros, a explicam da mãe de Heraclio, vencedor já passado de Cofroas ; com muito maior razão a posso eu interpretar da mãe de Estanislau, famoso triumphador em nossos dias de todo o poder ottomano.

Para que se veja a propriedade do caso, voltemos com a applicação sobre a mesma Historia. Primeiramente a mãe de Estanislau com aquelle santissimo nome bordado ou esculpido no claustro natural, que desde sua concepção o encerrava e cobria, ninguem póde negar que fosse um grande e prodigioso signal, *Signum magnum*. Diz o texto, que a mesma mulher estava pre-nhe, *In utero habens* ; e assim era. Diz que o parto desta vizinha esperança havia de ser um filho varão, pouco depois arrebatado ao céu, *Peperit filium masculum, qui raptus est ad Deum, et ad thronum ejus* : (Ibid.) e assim o foi Estanislau na primeira flor da sua idade arrebatado e roubado do céu. Diz que a mulher estava vestida do sol, *amicta sole* ; e este sol era aquelle nome de Jesus, o qual por isso como sol estava todo cercado de raios, e resplandores. Diz, que então appareceu contra elle o dragão formidavel, *rufus*, ameaçando fogo e sangue ; soberbo com todas as coroas que tem e de que é cabeça, *In capitibus ejus diademata septem* ; e armado com todo o poder e fortaleza de seus exercitos, *et cornua decem* ; e estes são os com que o turco invadiu a Polonia. Diz, finalmente, que tambem a mulher appareceu coroada, e não com coroa tecida das folhas murciaes, senão de estrellas, *In capite ejus corona stellarum* ; e assim havia de apparecer coroada pela famosissima victoria : e com coroa de estrellas, porque a victoria foi do céu, e não da terra. E para que ninguem duvidasse da verdade do mysterio, como se S. João na base da figura escre-

vesse a summa da historia, conclue com aquellas poucas e grandes letras, *Et luna sub pedibus ejus*, que a mulher tinha a lua debaixo dos pés; porque a lua ottomana, aquella lua que ondeando nas bandeiras inimigas ameaçava um tão grande eclipse á egreja, ella foi a eclipsada, ella a rebatida e abatida, ella a pizada e mettida debaixo dos pés, *sub pedibus*. E posto que a victoria fosse do triumphante filho libertador da patria; comtudo o prophetico evangelista a attribue á mãe prodigiosa; porque segundo o texto tão louvado do evangelho, a gloria do filho se deve attribuir á mãe, e ao feliz ventre, que em si o trouxe: *Beatus venter, qui te portavit*.

III.

A segunda mãe de Estanislau foi a Mãe de Deus. Offereceu Estanislau á Mãe de Deus um dom grande, e lhe pediu outro maior. O que offereceu foi a pureza virginal com perpetuo voto; o que pediu foi que a mesma Mãe sempre Virgem fosse mãe sua. Se o alcançou, ou não, aqui pôde estar a duvida. A virgindade que offereceu, parece que merecia a maternidade que pedia; porque a S. João, entre todos os apostolos, foi concedida a maternidade de Maria, não por outra prerogativa, que pela da virgindade: *Matrem Virginem virgini commendavit*. (S. Hyer.) Comtudo este exemplo, por ser singular e unico, não faz argumento; e ainda que o fizesse, não é bastante; porquê, como notou Salmeirão daquelle texto de S. João: *Ex illa hora accepit eam discipulus in suam*: (Joan. XIX — 27) só se prova que João aceitou a Virgem por mãe; mas não que a Virgem aceitasse a João por filho. E se esta aceitação se pôde duvidar de João, quanto mais (dirá alguem) de Estanislau?

Pera solução da duvida e prova da minha proposição, ouvi um caso maravilhoso, e não maravilhoso com uma só, senão com tres maravilhas. Enfermo mortalmente Estanislau em Germania; entre as ultimas respirações da vida o affligia uma só dor: não de morrer, porque o desejava; mas de morrer sem o santissimo viatico; porque a casa era de um herege, que por nenhum modo o quiz consentir. No meio destas devotas angustias ouviu o céu as

anciosas preces de Estanislau, e o soccorreu não com um, mas com tres milagres. O primeiro foi, que dois anjos, em falta de sacerdote, lhe trouxeram o pão dos anjos, e o commungaram por viatico. O segundo, que logo appareceu no mesmo aposento a bemditissima Virgem, e com a só vista sua toda cheia de divindade o restituiu da morte á vida. O terceiro, que depondo amorosamente o Menino Jesus, que trazia nos braços, o recostou no mesmo leito em que jazia Estanislau. Retende na memoria os dois primeiros milagres, em quanto eu admiro este ultimo, e lhe tiro a consequencia. O Menino Jesus no leito de Estanislau, e Estanislau e o Menino Jesus ambos no mesmo leito? Logo este foi o acto de posse, com que a Virgem aceitou a filiação de Estanislau e lhe deu a investidura da sua maternidade. Quiz a Mãe de Deus, que o Menino Jesus e Estanislau, como dois irmãos e dois filhinhos da mesma mãe, repousassem juntamente no mesmo leito, para declarar, que desde aquelle ponto em diante um e outro eram seus filhos, e um'e outro entre si irmãos.

Não é consequencia minha, mas de Salomão. Tinha dito a alma santa, *In lectulo meo quasiivi quem diligit anima mea*; (Cant. III — 1) e continuando sem cessar neste mesmo desejo, em seguimento sempre do que tanto suspirava, rompeu neste amoroso affecto: *Quis mihi det te fratrem meum sugentem ubera matris meæ, ut inveniam te!* (Ibid. VIII — 1) Ó irmão meu, se eu fosse tão feliz, que depois de vos buscar tantas vezes e com tão ancioso desejo, finalmente vos achasse pendente dos peitos e braços de minha mãe! Assim dizia, e assim desejava aquella alma: e eu intendo bem o que deseja, mas não intendo como falla. Quer achar o Menino Jesus; e em lugar de dizer, o meu Senhor, diz, o meu irmão: *Quis mihi det te fratrem meum?* Quel-o achar pendente dos braços e peitos da mãe; e em lugar de dizer, da mãe sua, diz, da mãe minha: *Sugentem ubera matris meæ?* Sim; porque aquella alma fallava desejando, e fallava muito coherente ao seu desejo. Desejava achar o Menino Jesus, e o lugar onde o buscava, era o seu leito, *In lectulo meo quasiivi quem diligit anima mea*: e uma vez que o achasse onde o buscava, uma vez que o tivesse consigo no mesmo leito, já o Me-

nino Jesus era seu irmão : *Quis mihi det te fratrem meum ?* E já a Mãe do Menino Jesus era mãe sua : *Sugentem ubera matris meæ.* Logo bem digo eu, e bem provo, que metter a Virgem o Menino Jesus no mesmo leito com Estanislau, foi aceitar a Estanislau por filho, e dar-lhe solemnemente a posse da sua maternidade.

O mesmo rito, ou a mesma solemnidade se observou no acto de aceitar por filho a João, não na cruz, como todos cuidam, senão na cea. Na cruz foi publicada a filiação, na cea foi tomada a posse. E quando ? Quando foi admittido João a jazer no mesmo leito com Christo, e a repousar sobre o seu peito. Todos os que lêem a Escriptura Sagrada, sabem que era uso dos hebreus pôrem-se á meza não assentados, senão jazendo ; não em cadeiras como nós, senão em leitos. E que fez S. João ? Passou do seu leito ao de Christo, alli se recostou sobre o seu peito : *Recubuit super pectus ejus.* (Joan. XXI — 20) E aqui tomou a primeira posse de irmão de Christo, e filho de Maria, a qual posse depois foi declarada e publica na cruz. Exquisitamente Arnaldo Carnotense : *Discipulus, qui in Canâ Dominicâ cervical sibi in pectore Magistri aptavit, post illud reclinatorium vices filii naturalis accepit.* Assim João, e assim Estanislau : João reclinado sobre o peito de Jesus, e Jesus passado dos peitos da Mãe ao peito de Estanislau ; e ambos jazendo, não em diferentes leitos, senão no mesmo. Logo, e por isso, João e Estanislau, um e outro irmão de Jesus, um e outro filho de Maria : *Post illud reclinatorium naturalis filii vices accepit.*

E se alguém me perguntar qual maternidade, ou qual filiação fosse mais perfeita, se a de João ou a de Estanislau, digo que a de João foi mais authentica, porém a de Estanislau mais perfeita. Quem mais altamente fallou de S. João no privilegio de filho da Virgem, foi o cardeal S. Pedro Damião. Chegou a imaginar que as palavras, *Ecce filius tuus ; Ecce mater tua,* (Joan. XIX — 26 e 27) tiveram a efficacia das palavras da consagração : e como Christo nosso Senhor no mysterio da sagrada eucharistia consagrou o corpo e sangue recebido da Virgem Maria, assim em S. João consagrou a relação de filho seu : e que por isso

não contente com dizer : *Ecce filius tuus*, ajuntou, *Ecce Mater tua* ; porque a relação devia ser mutua e reciproca de mãe a filho, e de filho a mãe : de mãe a filho, *Ecce filius tuus* ; de filho a mãe, *Ecce mater tua*. Comtudo tal pensamento é mais forte, que solido, porque para fundar verdadeira relação não basta só o affecto de mãe a respeito do filho, e o obsequio do filho a respeito da mãe ; mas é necessario de mais, que a mãe dê verdadeiramente ao filho o ser e a vida. Isto não teve S. João, e Estanislau sim. Lembrae-vos agora dos dois milagres já referidos, que depositei em a vossa memoria.

S. João não recebeu o ser e a vida da Virgem Santissima Senhora nossa ; mas a Virgem é certo que verdadeiramente a deu a Estanislau, porque estando mais morto que moribundo, e quasi espirando, a mesma Senhora, como sua segunda mãe, lhe deu milagrosamente a segunda e nova vida. Até áquelle ponto filho Estanislau da mãe natural, que lhe deu o primeiro ser : daquelle ponto em diante filho da mãe sobrenatural, que lhe deu o segundo. Agora intendereis o mysterio de uma grande implicancia, que se acha em um milagre combinado com o outro. O primeiro foi, que os anjos lhe deram o viatico : o segundo, que no mesmo ponto a rainha dos anjos Maria Santissima Senhora nossa lhe restituiu a vida. Já se vê a implicancia. Se lhe queria restituir a vida, porque lhe faz dar o viatico ? E se lhe dá o viatico para a morte, porque lhe restitue a vida ? Porque naquelle mesmo ponto acabava Estanislau uma vida e começava outra. Morria á vida recebida da mãe natural, e por isso se lhe deu o viatico ; nascia ao ser recebido da mãe sobrenatural, e por isso se lhe deu a vida. E como Estanislau verdadeiramente recebeu o ser e a vida de Maria Santissima Senhora nossa, e João não, por esta circumstancia tão substancial foi mais perfeitamente filho seu que o mesmo João.

E para que se veja quão bem merecida foi esta filiação, fundada como a de João na prerogativa da pureza virginal, e quão propria de filho da mãe virgem ; quando a Virgem Santissima Senhora nossa foi annunciada pelo anjo : *Turbata est in sermone ejus*. (Luc. I — 29) E porque ? Somente porque as palavras da

embaixada pareciam contrarias ao voto da sua virgindade. Por isso se perturbou de tal sorte, que para que não desmaiasse, foi necessario que o anjo chamado *Fortitudo Dei*, a confrontasse, dizendo: *Ne timeas Maria*. (Ibid. — 30) E a pureza de Estanisláu era tão propria de filho daquella purissima Mãe, que se alguma vez acaso ouvia alguma palavra menos casta, se perturbava elle tambem com tal excesso, que subitamente desmaiava e caía amortecido. É exemplo que não se lê de algum outro santo, e tanto mais raro, quanto não foi uma só vez, senão muitas as que lhe aconteceu. Mais. Eram tão divinos os raios de pureza, que resplandeciam no soberano rosto da Mãe de Deus, que, como diz Santo Epifanio, só com ser vista-infundia castidade: e foi experiencia de muitos, sendo tentados do vicio contrario áquella virtude, que só com pôrem os olhos no rosto de Estanisláu, fugia a tentação. Era a vista de Maria Santissima Senhora nossa como a visão de Deus, que faz semelhantes a si aos que o vêem: *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum*. (1 Joan. III — 2) Esta graça que communicou Deus a sua Mãe, communicou a Mãe de Deus a seu filho Estanisláu.

Mas o que eu mais admiro, é que nunca em toda a sua vida se atrevesse o demonio a o tentar em materia da pureza, ainda com um minimo pensamento: privilegio verdadeiramente divino, e muito mais admiravel em tal sujeito. Era Estanisláu moço, illustre, e de gentil presença; e estas são as tres lanças com que o Joab do inferno fere mortalmente, e todas emprega no peito dos Absalões. Logo se o demonio se achava tão fortemente armado contra Estanisláu; porque o não tenta? Porque era filho da sempre Virgem Santissima Senhora nossa. Ao filho primogenito desta grande Mãe tentou o demonio tres vezes: a primeira na gula, a segunda na vangloria, a terceira na cubica; mas, como nota o angelico doutor Santo Thomaz, não o tentou na castidade. E porque motivo ou respeito? Christo permittiu ser tentado, não por outro fim, que o do nosso exemplo: e o exemplo desta difficil virtude, era o mais necessario á fragilidade humana. Porque não deu logo esta permissão ao demonio em materia da pureza? Porque era indecente uma tal tentação no Filho de Ma-

ria Santissima Senhora nossa. Nos outros vícios tentado, mas não vencido: neste vício, nem vencido, nem tentado. Como Filho de Deus, *Si Filius Dei es*, tentou-o o demonio com todas as outras suggestões: como filho de Maria, *Filius hominis*, posto que tão descomedido o demonio, não se atreveu a o tentar em tal materia.

Este foi o respeito porque o demonio não teve atrevimento para tentar a Estanislau na pureza. Mas nem por isso deixou de o tentar em outros modos, uma, duas, e tres vezes, como a Christo. Revestiu-se de noite de uma phantasma medonha, e appareceu a Estanislau em figura de um monstro fero e esfaimado, que, com uma grande boca aberta, e os dentes arreganhados, ameaçava de o engolir. E que fez Estanislau? Riu-se daquella mascara tão feia, como quem a pintava, e com dois dedos em fórma de cruz o fez retirar e fugir. Mas eu lhe quero tomar o passo. Para demonio. Tu não sabes ser tentador. Queres tentar a Estanislau, e o tentas com cocos como a menino? Tenta-o como a mancebo com outra figura daquellas de que tu te serves para render aos da sua idade. Tenta-o como a Sichem, como a José, como a Samsão. Qual é pois a razão, porque o demonio não tenta a Estanislau como a mancebo com figuras deleitosas que provoquem o appetite, senão medonhas, feias, e phantasticas, como a menino? Porque Estanislau estava convertido em menino, por milagre da castidade heroica. Ouvi uma philosophia desta virtude, que por ventura nunca ouvistes. A castidade heroica cresce para baixo. E quanto um homem sobe pela idade, tanto desce pela castidade.

Escreve o texto sagrado a historia de José, e antes de ser tentado lhe chama *vir*: *Erat vir in cunctis prospere agens*: (Gen. XXXIX — 2) vae por diante, e quando foi tentado na egypcia lhe chama *adolescens*: *Et mulier molesta erat adolescenti*: (Ibid. — 10) finalmente, chega ao carcere, onde já vencedor padecia pela mesma virtude, e lhe chama *puer*: *Erat ibi puer hebræus*. (Ibid. XLI — 12) Já vêdes a difficuldade. Primeiro se devia chamar *puer*, depois *adolescens*, depois *vir*: mas primeiro *vir*, depois *adolescens*, depois *puer*? Sim; porque José tinha dois

modos de crescer : *Filius accrescens Joseph, filius accrescens.* (Ibid. XLIX — 22) Pela idade crescia para cima, *puer, adolescens, vir* : pela castidade decrescia para baixo, *vir, adolescens, puer.* Assim o significou o mesmo José, respondendo á tentadora. *Quomodo possum?* (Ibid. XXXIX — 9) Não disse, não quero, senão, não posso ; porque aquillo que no homem é livre, no menino é necessario ; aquillo que no mancebo é virtude, no menino é impossibilidade : *Quomodo possum?* Ao mesmo modo Estanislau. José como heroe da castidade, crescia da juventude á adolescencia, e da adolescencia á puericia ; e Estanislau que ainda não chegava á perfeita juventude, crescia da adolescencia á puericia, e da puericia á infancia. E porque o demonio em José tinha já aprendido esta philosophia, que d'antes não sabia, desesperado de vencer a Estanislau como mancebo, o tentou como menino. Mas como este menino era irmão do outro, e ambos filhos da Mãe Virgem, ambos lançaram fóra o espirito immundo. E merece a mesma Mãe que nós lhe digamos pela virtude deste segundo filho, o mesmo que lhe foi dito pela virtude do primeiro : *Beatus venter, qui te portavit.*

IV.

Somos chegados á terceira mãe, e posto que tarde, já estamos em casa. Depois de Estanislau ter por mãe a Mãe de Deus, parece que não era necessario, nem conveniente, nem decente ter outra. Mas a mesma Mãe de Deus por eleição sua lhe deu a terceira mãe, mandando a Estanislau que entrasse na companhia de Jesus. Se esta religião não tivera outro louvor, este só bastava para a fazer gloriosa. O Filho de Deus mandou os seus discipulos da sua escola á escola do Espirito Santo : *Ille vos docebit omnia, quaecumque dixerit vobis.* (Joan. XIV — 26) A Mãe de Deus mandou o seu filho amado da sua escola á escola da companhia.

No mesmo ponto tractou Estanislau de entrar no noviciado de Vienna, onde então se achava. E porque não foi recebido, por respeito de seu pae, se deliberou a fugir incognito, e ir bus-

car a companhia em Augusta. Nesta viagem noto eu, que não fazendo Estanislau milagre algum jámais em beneficio proprio, só por vir á companhia fez milagres. Caminhava elle disfarçado em trajo de peregrino, pobre, só, a pé, e com um bardãosinho na mão, quando de um seu irmão mas velho, e do seu aio, que em uma carroça a seis cavallos o vinham seguindo, foi descoberto em tal passo, que se viu Estanislau como o povo de Israel entre os carros de Pharaó, e o mar Vermelho. Diante impedia a passagem um rio, que cortava a estrada; detraz vinha correndo a toda a furia a carroça de seus perseguidores. Que fará o pobre fugitivo? Como se o bordãosinho de Estanislau fosse a vara de Moysés (mas mais piedoso e mais innocente) a carroça e os cavallos, apesar do cocheiro, e dos repetidos golpes do açoite, pararam immoveis, como se fossem de marmore: e o rio passou-o elle por cima da agua a pé seguro e enxuto, como se de uma á outra ribeira fosse continente. Não fez barca da capa, como seu patricio S. Jacinto, porque a não tinha.

Desta maneira fazendo milagres por se ver na companhia, chegou Estanislau a Augusta. Mas ainda naquelle collegio o não quizeram receber. O mesmo vento que apaga o fogo, se é pequeno, se é grande, o accende mais. Assim cresceu com a contrariedade a constancia de Estanislau, e de uma resolução tão grande subiu a outra maior. Resolve vir a Roma com intenção e animo firme, se não fosse admittido em Italia, de passar a França, a Hespanha, ás Indias, e a qualquer parte do mundo, até conseguir a companhia. Fez Estanislau pela companhia, o que a companhia faz por Deus. A profissão da companhia é servir a Deus em qualquer parte do mundo; e a resolução de Estanislau foi buscar em qualquer parte do mundo a companhia, para servir a Deus nella.

Agora intendereis a razão ou o artificio porque a beatissima Virgem assignalando a Estanislau a religião que havia de pretender, não lhe assignalou o logar em que o haviam de admittir. Mãe Santissima, se mandaes a Estanislau que entre na companhia, porque não lhe assignaes a provincia, o collegio, o noviciado aonde ha de entrar? Quiz a Santissima Mãe, que o seu fi-

lho fosse filho de toda a companhia, e que vivendo e morrendo em um só lugar, merecesse, e se sacrificasse a Deus em todos. Fez a Mãe de Deus como Deus. Disse Deus ao pae dos crentes: Abrahão sacrifica-me o teu filho. E aonde Senhor? *Super unum montium, quem monstravero tibi*: (Gen. XXII — 2) Em um dos montes, que eu te mostrarei depois. E porque não assignalou Deus o monte determinado, onde havia de ser sacrificado Isaac, isto é, o monte Moria? Porque quiz Deus fazer de um sacrificio muitos sacrificios: e que havendo de ser sacrificado o filho em um só monte na execução, no proposito e na intenção fosse sacrificado em todos os montes. Caminhava o animoso pae com o fogo em uma mão e com a espada na outra; via um monte e dizia: Aqui é; e não era alli: passava adiante, via outro monte, dizia: Este é; e não era aquelle: e como baixel no meio da tempestade, que cada onda parece que o ha de submergir, e lhe perdoa, assim Abrahão subindo e descendo, ia passando de monte em monte, até chegar ao destinado Moria, em que finalmente sacrificou o filho, sacrificado já em todos os outros. Do mesmo modo Estanislau, depois que recebeu o preceito da Mãe de Deus. Em Vienna dizia: Aqui é; e não era Vienna: em Augusta dizia: Aqui é; e não era Augusta. E posto que o monte destinado para o sacrificio havia de ser o monte Quirinal, e a ara o noviciado de Santo André, já elle anticipadamente se tinha sacrificado em todas as provincias, e em todas as casas da universal companhia. Passava á Allemanha, como se passasse á Europa, e ao mundo: atravessava o Danubio, como se atravessasse o Mediterraneo e o Oceano. E não tendo ainda logar na companhia; pela immensa extensão do seu grande proposito, já tinha entrado e servia a Deus em todos.

Com esta vastissima resolução, tendo caminhado a pé mil e duzentas milhas, chegou Estanislau com o habito de peregrino e mendigo a Roma, aonde por fim entre os braços do padre geral S. Francisco de Borja foi admittido á companhia nesta casa. O noviciado já sabeis que é o ventre materno, em que a religião concebe e fórma a seus filhos. E que faz Estanislau neste noviciado de Santo André? Esta pergunta dá em terra com todo o

meu panegyrico. Entrando aqui Estanislau não fazia mais que o que fazem todos os outros noviços. Não mais do que fazem todos os outros? E para isto lhe mandou a Mãe de Deus que entrasse na companhia? Quem poderá crer tal coisa? Os demais veem á religião para ser santos; e Estanislau parece que entrou na religião ou para deixar de ser santo, ou para ser menos santo do que d'antes era. No seculo é certo que Estanislau vestia asperos e continuos cilícios; e aqui não sempre: no seculo se disciplinava cada dia com cadêas de ferro até derramar sangue; menos vezes e com menos rigor aqui: no seculo se levantava sempre á meia noite a ter oração até a alva; e aqui se levantava também á oração, porém mais tarde, e por menos tempo: no seculo tinha aquelle seu irmão, que pela virtude o affligia e martyrisava, como um cruelissimo tyranno; e aqui se achou em meio de tantos irmãos, que o tractavam com summa caridade e benevolencia. Logo veio Estanislau (dirá alguem) á companhia não a ser, senão a deixar de ser santo; e se foi santo, e tão grande santo, foi santo no seculo, e não na companhia.

Quem assim discorre, não sabe que coisa seja religião, nem que religião seja esta. Muito maior santo foi Estanislau na companhia fazendo menos, que no seculo fazendo mais; porque na religião o que diminuia nas obras, multiplicava nas virtudes; e o que tirava ao precioso acrescentava ao preço. Dizei-me: como se lavram os diamantes? Põe se o diamante na roda, e tirando-lhe ao diamante partes de diamante, fica o diamante mais polido, e lustroso. Por isso poz a soberana Virgem este diamante nesta officina. Mas que havia de tirar Estanislau, se era todo santo? A propria vontade, ainda que tão santa. No seculo era santo; mas santo á sua vontade: e na religião santo; mas debaixo da roda daquella virtude, que é mais propria da companhia, isto é, a obediencia, e porisso muito mais santo. No seculo merecia no que fazia; na religião merecia no que fazia, e no que não fazia, porque quanto fazia, e quanto deixava de fazer, era por obediencia. Com esta arte aperfeiçoou a companhia a santidade de Estanislau, e aquella virtude, que era já santa, a fez quasi divina.

Pediram os hebreus a Arão, que lhes fizesse um deus visível. E que respondeu Arão? *Tollite in aures de uxorum filiorumque, et filiarum vestrarum, et afferte ad me:* (Exod. XXXII — 2.) Trazei-me os ornatos de ouro das orelhas de toda a vossa família. E para fazer um deus, o ornato das orelhas? Sim. Obrou mal Arão; mas correu bem. A orelha, como todos sabem, é o sentido da obediência: *In auditu auris obedivit mihi* (Psalm. XVII — 45.) Julgou pois Arão, que só do ouro, que é ornato daquelle sentido, só da materia da obediência se podia fabricar uma estatua da divindade. A razão é, porque aquillo que se faz por propria vontade, por mais santo que seja, tem liga de humano; porém aquillo que se faz por obediência, todo é divino. Fallo da perfeita obediência, que é aquella que se ensina nesta escola. Em dois sujeitos está Deus unido ao homem: em Christo, e no superior: Christo é Deus e homem, o superior é homem e Deus: *Ego dixi: Dii estis.* E qual é maior união, aquella com que está unido Deus ao homem em Christo, ou aquella com que está unido Deus ao homem no superior? Fallo a auditorio erudito o qual bem sabe que aquella união physica e hypostatica, é absolutamente maior que a outra moral. Comparando porém de uma parte a physica, e da outra a moral, ao proposito, em que eu fallo, esta é maior que aquella. E porque? Porque a união de Deus ao homem em Christo, admite duas vontades distinctas, uma humana, outra divina; de modo, que nem a divina é humana, nem a humana é divina: *Non mea voluntas, sed tua fiat.* (Luc. XXII — 42.) Porém a união de Deus ao homem no superior, não admite duas vontades distinctas, senão uma só, com tal distincção e unidade, que a humana é juntamente divina, e a divina é juntamente humana; porque a vontade de Deus é a vontade do superior, e a vontade de Deus: *Qui vos audit me audit.* (Luc. X — 16.) D'aqui é, que o que renuncia inteiramente a vontade propria na vontade do superior, já as suas obras não teem nada de humanas, mas em tudo são divinas. E porque esta é a obediência ensinada de santo Ignacio, e praticada nesta primeira escola sua da perfeição; esta foi a razão porque a Mãe de Deus mandou a sam

querido filho viesse a esta officina, escolhendo-a a ella entre todas não só para aperfeiçoar mais a perfeição de Estanislau, nem só para santificar mais sua santidade, senão também para a divinizar. Tal foi neste noviciado a vida de Estanislau, não de anjo, como todos lhe chamavam, mas de mais que anjo, e verdadeiramente divina.

V.

Somente (com isto acabo) se pôde duvidar, e com grande admiração: se a Mãe de Deus mandou a Estanislau á companhia para purificar, para refinar, e para santificar mais a sua santidade, porque lhe concedeu tão pouca vida na mesma companhia? Corria o decimo mez de seu noviciado, e era o dia de S. Lourenço, quando Estanislau com a meditação daquellas chamas se sentia acender mais ardentemente daquelle fogo divino, que sempre o abrazava. Era tão forte o incendio, que, passando muitas vezes da alma ao corpo, o arrancava da terra, e levantava no ar, ou lhe inflammava o coração, o peito e o rosto com um fogo tão sensível e tão vivo que era necessario ser soccorrido com banhos de agua fria, para que não se abrasasse totalmente, e se convertesse em um carvão serafico, como aquelle de Isaias. Vencido, finalmente, e arrebatado deste incendio, toma Estanislau a penna, escreve uma ternissima carta á sua segunda Mãe, na qual lhe representava a força já intolleravel de seus desejos, e lhe supplicava o chamasse ao ceu á visinha festa de sua gloriosa Assumpção. Caso miraculoso, e verdadeiramente suavissimo! Encomenda a carta ao mesmo S. Lourenço, para que a ponha em mãos de sua Mãe: persevera são até os quatorze do mesmo mez, e ao amanhecer do dia seguinte, como já tinha predito, foi assumpto á festa da Assumpção. Assim deixou Estanislau o noviciado e a companhia, que este paraíso só se podia deixar por aquelle paraíso, e esta mãe só por aquella Mãe. Porém eu não admiro tanto o milagre da morte, quanto a brevidade da sua vida. Para tão poucos dias é mandado Estanislau á companhia? Para tão poucos dias tanto apparato de appareições, de difficuldades, de peregrinações, de

perseguições, de milagres? Sim; para tão poucos dias. Porque era conveniente assim, tanto para a gloria do filho, como para a gloria da mãe. O filho miraculoso em se aperfeiçoar; a mãe miraculosa em o parir, ambos em tão breve tempo.

Notaveis foram o primeiro e ultimo milagre de Christo. No primeiro converteu a agua em vinho; porém isto é o que faz a vide. Chove a agua do ceu, e a vide a converte em vinho. No ultimo milagre, e o maior de todos, converteu o pão e o vinho em carne e sangue; e isto é o que faz o corpo humano. Come pão e bebe vinho, e o converte em carne e sangue. E posto que esta não é transsubstanciação (maravilha propria somente daquelle altissimo mysterio) é verdadeira conversão. Pois se a natureza na vide converte a agua em vinho, e no corpo humano converte o pão e o vinho em carne e sangue; estes por que razão não hão de ser milagres? Pela differença do tempo. A natureza, porque ha mister introduzir as disposições pouco a pouco, obra depois de largo tempo; mas se aquillo mesmo que a natureza faz depois de muito tempo, se fizesse em brevissimo, já não seria obra da natureza senão milagre da omnipotencia. Assim succedeu em Estanislau, e tanto com maior milagre, quanto a graça é superior á natureza. A natureza para formar um elephante, o traz dois annos no ventre da mãe. E santo Ignacio, que queria formar sugeitos grandes, não se contentou com um anno, instituiu dois de noviciado, e depois o terceiro. A estes espaços se havia de ir aperfeiçoando Estanislau pouco a pouco, se a graça houvesse de obrar connaturalmente; porém como a omnipotencia queria sair ao mundo com um grande milagre da mesma graça, o que havia de fazer em muitos annos, fez em poucos mezes. Ó bemaaventurado e milagroso filho! Ó bemaaventurada e milagrosa mãe! O filho milagroso em se aperfeiçoar sem tempo; a mãe milagrosa em o parir antes de tempo. Da mãe do Baptista diz o Evangelho: *Impletum est tempus pariendi, et peperit.* (Luc. I — 57) E da mãe de Estanislau podemos dizer com Isaías: *Antequam parturiret, et peperit.* (Isai. LXVI — 7)

Sabeis, senhores, que coisa foi Estanislau, este moço tão santo, este noviço tão divino? Não foi outra (deixae-m'o dizer assim) não

foi outra coisa que um aborto daquella grande mãe. Abortou a companhia o primeiro parto, e pariu um filho morto, que já tem resuscitado seis mortos. Da infinidade de outros milagres não quero fallar. S. Paulo diz de si, que foi aborto de Christo: *Novissimè tamquam abortivo, visus est et mihi.* (1. Cor. XV — 8) E porque foi abortivo S. Paulo? Porque os outros apóstolos tiveram o noviciado da escola de Christo, não só de dois annos, senão também de tres; e S. Paulo começando o noviciado em Damasco abbreviando-se-lhe o tempo, o foi acabar no paraíso, e da escola de Ananias passou á do céu. Assim o diz Santo Thomaz, e o collige em boa chronologia das palavras do mesmo apóstolo: *Ante annos quatuor decim.* (2. Ibid. XII — 2) Abortivo Paulo, e abortivo Estanislau: (D. Th.) Paulo da primeira companhia de Jesus; Estanislau da segunda, e ambos gloria de uma e outra mãe. Bemaventurada, pois, a terceira e ultima mãe de Estanislau, bemaventurada a companhia de Jesus pelo primeiro dos seus beatos, e bemaventurada esta casa pelo primogenito de seus filhos, e não bemaventurada, porque chegou a o parir; mas bemaventurada, e mil vezes bemaventurada, só porque o trouxe em seu ventre: *Beatus venter, qui te portavit.*

VI.

Estanislau meu, já tenho acabado: e a minha oração cansada do pouco que se tem adiantado em vossos louvores, humildemente se põe a vossos pés, não perorando, mas orando. O memorial que vos presento, é breve, e não meu, senão desta vossa mãe, que tanto amastes sempre. O que vos supplica vossa terceira mãe, é, que diante do throno da segunda vos lembreis de presente que sois filho da primeira. Aquelle grande dragão já duas vezes vencido de vós, agora enfurecido e contumaz levanta a cabeça, infesta, e ameaça a vossa Polonia. Em campanha está o Marte daquelle grande reino; e posto que laureado de tantos triumphos, e seguido de fortissimo e florentissimo exercito, e sobre tudo acompanhado de si mesmo; sem vós, se tem por só.

Está, digo, na campanha el-rei João o III cuja espada, como a de Gedeão, é de Deus juntamente e sua: *Gladius Domini, et Gedeonis*. (Jud. VII — 20) Em quanto sua, não menos que a do grão Machabeo, confia mais em vossa ajuda, q̃ue em seu proprio valor. Vós sois o seu Jeremias defunto e vivo, de quem confessa com piedade christã, e verdadeiramente real, o que do outro dizia Onias: *Hic est fratrum amator, hic est qui multum orat pro populo*. (2. Mach. XV — 14) Na batalha e victoria memoravel do anno passado no campo de Cocim (na qual o mesmo rei deu o reino ao reino, antes que o reino lhe dêsse a coroa), elle foi o capitão e vós o vencedor. Assim o confessa sua magestade, que vos escolheu por patrono, primeiro daquella jornada, e depois de todo o reino. Assim o escreveu á santidade de nosso senhor Clemente X supplicando-lhe confirmasse o seu patrocínio; e assim o provastes vós, rendendo-se Cocim no mesmo dia vosso, hoje faz um anno.

Isto é, ó novo e glorioso protector da vossa patria, isto é o que tendes feito, e esta a summa da nossa supplica: *Quod facis, fac*. Prosegui, imitae-vos a vós mesmo, e como sois a todos admiração, sêde a vós mesmo exemplo. Se aquelle barbaro infesta a Polonia, e na Polonia ameaça o mundo, defendei vós a muralha universal do christianismo: e se a soberba da sua meia lua traz por mote: *Donec totum impleat orbem*: seja a alma da vossa empreza: *Donec auferatur luna*. (Psal. LXXI — 7)

Mas para que rogo eu e exhorto a Estanislau, se elle tem empenhado a sua cabeça em defesa da sua patria, e a este fim desfez um milagre para fazer muitos? Duas vezes foi aberto o sepulchro de Estanislau: a primeira se achou o seu corpo incorrupto e inteiro, prémio devido á sua pureza: a segunda (e foi ao tempo quando Polonia mandou pedir a sua cabeça) se acharam os ossos despidos da carne, e soltos. E que razão haveria (dizeis vós) para cessar o primeiro milagre? Não para que tivesse fim, não; senão para que se multiplicasse em outros maiores e mais proveitosos ao mundo. Para que nos ossos de Estanislau, repartidos pelo mesmo mundo, se semeasse nelles o remedio, a saude, e a vida dada por seus merecimentos a tantos; e principalmente para que pudesse passar a Polonia a sua cabeça, como o maior é

mais poderoso soccorro, que lhe podia mandar a cabeça do mundo. Ó ditosa patria, ditoso reino, ditoso rei !

El-rei Joram sitiado de Senacherib, e do potentissimo exercito dos assyrios, ameaçou que havia de tirar a cabeça a Eliseu, porque não fazia levantar o sitio com suas orações : *Hæc faciat mihi Deus, et hæc addat, si sterit caput Elisei super ipsum hodie.* (4. Reg. VI — 31) E o successo foi, que Eliseu por livrar a sua cabeça, levantou o sitio no mesmo dia. Não assim Estanislau, senão que elle mesmo se tirou a si a cabeça, e nella se levou a si á sua patria, para salvar ao seu rei e ao seu reino. Segura pois está, e estará a Polonia, em quanto este Eliseu ajudar o seu Joram. Tendo-se pedido licença a el-rei D. Manuel de Portugal, chamado o Conquistador, para que pudessem ser trazidos da India ao sepulchro dos seus maiores os ossos do grande Albuquerque, a negou, dizendo, que em quanto estivessem em Goa os ossos de Albuquerque, estaria seguro o Oriente. E com quanta maior razão posso eu esperar e prometter, que em quanto as reliquias de Estanislau estiverem em Polonia, está seguro o rei, seguro o reino, e segura a ~~maralha~~ *maralha* da christandade ?

Isto deve Estanislau á primeira mãe ; isto lhe pede continuamente a terceira ; e isto lhe concederá sem duvida com seu potentissimo braço a segunda. E por isso, enfim, será elle tambem sempre louvado em todas as suas tres mães, e por todas tres se lhe cantará com applauso concorde do céu, da patria e de todo o resto do mundo : *Beatus venter qui te portavit.*

SERMÃO

DE

QUARTA FEIRA

DE CINZA.

Para a capella real, que se não prégoou por enfermidade do auctor.

Pulvis es, et in pulverem reverteris. —
Gen. III.

I.

Esta é a sentença de morte fulminada contra Adão, e todos seus descendentes, a qual se tem executado em quantos atégora viveram, e se ha de executar em nós sem appellação de innocencia, sem respeito de estado, sem excepção de pessoa. A egreja solemnemente hoje não só nol-a repete aos ouvidos com a voz, mas nol-a escreve na testa com a cinza; como se dissera a seus filhos uma piedosa mãe: Filhos, ouvi, e lêde a sentença de vosso pae, e sabeí que sois pó, e vos haveis de converter em

pó : *Pulvis es, et in pulverem reverteris.* (Gen. III — 19) Outras vezes, e por varios modos, neste mesmo dia, e sobre estas mesmas palavras, tenho comparado e combinado entre si o pó que somos, com o pó que havemos de ser : e posto que me não arrependo do que então disse, o que hoje determino dizer não é menos qualificada verdade, nem menos importante desengano. O pó que somos, é o de que se compoem os vivos : o pó que havemos de ser, é o em que se resolvem os mortos. E sendo estes dois extremos tão oppostos, como o ser, e não ser ; não é muito que os effeitos e affectos que produzem em nós, sejam tambem muito diversos ; por isso amamos a vida, e tememos a morte. Mas porque eu depois de larga consideração tenho conhecido que estes dois effeitos no nosso intendmento, e estes dois affectos na nossa vontade andam trocados ; o meu intento é pol-os hoje em seu logar. O amor está fóra do seu logar, porque está na vida ; o temor tambem está fóra do seu logar, porque está na morte : o que farei, pois, será destrocár estes logares com tal evidencia, que fiquemos intendendo todos, que a morte, que tanto tememos, deve ser a amada, e a vida, que tanto amamos, deve ser a temida. E porque ? Em um e outro pó temos a razão. Porque o maior bem do pó que somos, é o pó que havemos de ser : e o maior mal do pó que havemos de ser, é o pó que somos. Mais claro. O pó que somos, é a vida ; o pó que havemos de ser, é a morte : e o maior bem da vida é a morte ; o maior mal da morte é a vida. Isto é o que hei de provar. Deus nos assista com sua graça para o persuadir.

. II.

Que o maior bem do pó que somos, seja o pó que havemos de ser : que o maior bem da vida que tão enganosamente amamos, seja a morte que enganadamente tememos ; só quem mais que todos experimentou os bens da mesma vida, o pôde melhor que todos testemunhar. Quem mais que todos quiz, soube, e pôde experimentar os bens desta vida, e com effeito fez de todos elles a mais universal e exacta experiencia, foi Salomão. E que juizo

fez Salomão com toda a sua sabedoria, e depois de todas as suas experiencias, entre a morte e a vida? Elle mesmo o declarou, e com palavras tão expressas, que não hão mister commento, nem admittem duvida: *Laudavi magis mortuos, quam viventes*: (Eccl. IV — 2) Lançando os olhos por todo este mundo, e considerando bem a vida dos que vivem sobre a terra, e a morte dos que jazem debaixo della, resolvei (diz Salomão) que muito melhor é a sorte dos mortos, que a dos vivos: *Laudavi magis mortuos, quam viventes*. Notae a energia daquelle palavra *laudavi*. Como se dissesse o mais sabio de todos os homens: Se com toda a minha eloquencia houvera de orar pelos mortos e pelos vivos, aos mortos havia de dar os parabens, e fazer um largo panegyrico de suas felicidades: e aos vivos havia de dar os pezames, e fazer uma oração verdadeiramente funebre e triste, em que lamentasse suas misérias e desgraças. Isto disse Salomão, com cuja auctoridade nenhuma outra humana pôde competir: só foi maior que ella a que juntamente é humana e divina, a da eterna sabedoria Christo: *Et ecce plusquam Salomon hic!* (Matth. XII — 42) E porque tambem nos não falte esta, oiçamos ao mesmo Christo, e vejamos o que disse, e o que fez em similhante caso.

Morreu Lazaro, e resuscitou Lazaro. Ponhamos pois a Lazaro resuscitado entre os vivos, e a Lazaro defuncto entre os mortos, e netemos no supremo Senhor da vida e da morte, como lhe lamenta a morte, e como lhe festeja a vida. Quando Christo declarou aos discipulos que Lazaro era morto, disse: *Lazarus mortuus est, et gaudeo*. (Joan. XI — 14 e 15) É morto Lazaro, e folgo: partiu d'alli a resuscital-o o mesmo Senhor, e chegando á sepultura, não só chorou, *lacrymatus est*, mas mostrou que se lhe angustiava o coração, *rursum fremens in semetipso*. Repara S. Pedro Chrysologo no encontro verdadeiramente admiravel destes dois affectos, um de alegria e gosto na morte, outro de pena e lagrimas na resurreição do mesmo Lazaro, e diz assim elegantemente: *Certe ipse qui dixerat, Lazarus mortuus est, et gaudeo: de quo gaudet mortuo, ipsum, cum resuscitat, tunc lamentatur: qui cum amittit, non flet, cum recipit, tunc deplorat: tunc fundit mortales lacrymas, viçæ spiritum cum refundit. No-*

tavel caso (diz Chrysologo) que o mesmo Christo sobre o mesmo Lazaro, quando diz que é morto, se alegre, e quando o quer resuscitar, o lamente! Notavel caso, que quando perde o amigo não chore, e que chore quando o ha de ter outra vez comsigo! Notavel caso, que quando lhe ha de infundir o espirito de vida, se lhe afflija e angustie o coração: e que o haja de receber vivo com as mesmas lagrimas, com que nós nos despedimos dos mortos! Por isso lhe chama lagrimas mortaes: *Tunc fundit mortales lacrymas, vitæ spiritum cum refundit*. Pois se Christo se alegra com o morte de Lazaro, porque se entristece com a sua resurreição, e porquê chora quando lhe ha de dar a vida? Eu não nego, que quando Christo chora por uma causa, se pôde alegrar por outras. Isso significou o mesmo Senhor quando disse: *Gaudeo propter vos*. Mas ainda que tivesse uma causa, e muitas, para se alegrar com a morte de Lazaro; que causa ou que razão pôde ter para chorar a sua resurreição, e a sua vida? *Lacrymatus est non quod mortuus erat, sed quod revocare illum oportebat ad tolerandas rursus hujus vitæ misérias*, diz Rupert*; e o mesmo tinha dito antes d'elle S. Isidoro Pelusiota. Mas eu tenho melhor auctor que ambos, que é o concilio toledano terceiro, o qual dá a mesma razão por estas palavras: *Christus non ploravit Lazarum mortuum, sed ad hujus vitæ arumnas ploravit resuscitandum*. Chora Christo a Lazaro quando o ha de resuscitar, não o chorando morto; porque estando já livre dos trabalhos, das misérias, e dos perigos da vida, por meio da morte, agora por meio da resurreição o tornava outra vez a metter nos mesmos trabalhos, nas mesmas misérias, e nos mesmos perigos. A todos esteve bem a resurreição de Lazaro, e só ao mesmo Lazaro esteve mal. Esteve bem a Deus (se assim é licito fallar) porque foi para sua gloria: esteve bem aos discipulos, porque os confirmou na fé: esteve bem aos de Jerusaleem, porque muitos se converteram: esteve bem ás irmãs porque recobraram o amparo e arrimo de sua casa: esteve bem

* Rupert. libro in Joan. Isidor. Pelusiota. conc. tolet. 3, relatam cap. qui de vera 13.

ao mesmo Christo; porque então manifestou mais claramente os poderes da sua divindade: e só a Lazaro esteve mal, porque a resurreição o tirou do descanso para o trabalho, do esquecimento para a memoria, da quietação para os cuidados, da paz para a guerra, do porto para a tempestade, do sagrado da inveja para a campanha do odio, da clausura do silencio para a soltura das linguas, do estado da invisibilidade para o de ver, e ser visto, de entre os ossos dos paes e avós, para entre os dentes dos emulos e inimigos: em fim, da liberdade em que o tinha posto a morte, para o captivo e captiveiros da vida.

III.

Persuadidos os homens á verdade deste desengano, não é muito que a morte lhes começasse a parecer menos feia que a vida, antes que a vida lhes parecesse feia, e a morte formosa. Os passianos, e outras nações que barbaramente se chamam barbaras, choravam e pranteavam os nascimentos dos filhos, e celebravam com festas as suas mortes; porque intendiam que nascendo entravam aos trabalhos, e morrendo passavam ao descanso. E certamente que as lagrimas dos nascimentos, os mesmos nascimentos, sem mais ensino que o da natureza, as approvavam e ajudavam com as suas: e as festas com que se celebravam as mortes, tambem os mortos pela experiencia do seu descanso, se podessem fallar, as louvariam. Por isso Samuel obrigado a fallar com Saul depois de morto e sepultado, o que lhe disse foi: *Quare inquietasti me?* (1 Reg. XXVIII — 15) Porque me inquietaste? Muitos philosophos, e particularmente os estoicos, cuja seita pela preferença da virtude se avisinhava mais ao lume da razão, não só davam licença aos seus professores para que antepuzessem a morte á vida, mas aos que em casos de honra tomavam por suas mãos a mesma morte (a que chamavam porta da liberdade) os introduziam por ella á immortalidade da gloria. Assim o fez aquelle homem maior que todos os romanos, Catão, cujo juiso e auctoridade na opinião da mesma Roma se punha em balança com a dos deuses, como so-

berbissimamente cantou delle Lucano na demanda imperial de Cesar com Pompeu :

*Magno se iudice quisque tuetur.
Victrix causa Dñs placuit, pars victa Catoni.*

E se alguém me replicar, que estes homens eram gentios, eu lhe perguntarei primeiramente se era gentio Samsão, ou Saul, ou Achitofel : e que fizeram em semelhantes casos ? Samsão não duvidou matar-se a si mesmo, por se vingar, como elle disse, dos philisteus, pela injuria que lhe tinham feito em lhe arrancar os olhos. Saul por não vir a mãos de seus inimigos, vencido em uma batalha, mandou ao seu pagem da lança que o matasse, e porque não foi obedecido, elle pondo a ponta da espada no peito, com todo o peso do corpo se atravessou nella. Achitofel, que era o Catão dos hebreus, e cujos conselhos por, testemunho da escriptura sagrada, eram como os oraculos do mesmo Deus, porque Absalão, cujas partes seguira, os não quiz tomar, tomou elle por conselho anticipar por suas proprias mãos a morte, prevenendo como sabio, que não podia deixar de ser vencedor David, a quem a tinha bem merecido. Mas porque ainda aqui se póde dizer, que as mortes de Achitofel e Saul foram condemnadas, e as razões que defendem haver sido licita a de Samsão, podem parecer duvidosas ; oigamos o que nos casos de antepor a morte á vida desejaram e pediram a Deus os mais abalisados santos, e canonisados por elle.

. Moysés, governador supremo do povo de Deus, e, o que mais é, com uma vara milagrosa e omnipotente na mão, pediu ao mesmo Deus que o livrasse daquelle peso, e senão que o matasse antes, e lhe daria muitas graças por tamanha mercê : *Sin aliter tibi videtur, obsecro ut interficias me, et inveniam gratiam in oculis tuis.* (Num. XI — 15) Elias fugindo á perseguição da rainha Jesabel, lançado ao pé de uma arvore, chamou pela morte : *Petivit animæ suæ ut moreretur ;* (3 Reg. XIX — 4) e disse a Deus : Basta já o vivido, Senhor, tire-me a vida, pois não sou melhor que Abrahão, Isaac, e Jacob, os quaes des-

cançam na sepultura : *Sufficit mihi Domine, tolle animam meam, neque enim melior sum, quam patres mei.* (Ibid.) Job, o maior exemplo da paciencia e constancia, de tal modo se resolveu a querer antes morrer que viver, que considerando todos os generos de mortes possiveis, ainda aquella affrontosa e infame que se dá aos facinorosos mais vís, tinha por melhor que a vida : *Quam ob rem suspendium elegit anima mea, et mortem ossa mea.* (Job VII — 15 e 10) Por isso quando disse, *Parce mihi*, não foi pedir a Deus perdão dos peccados, senão que o deixasse morrer : *Nequaquam ultra jam vivam, parce mihi.* Estes eram os ais, que soando do valentissimo peito de David, o obrigavam a bradar, não porque se lhe estreitasse a vida, mas porque se lhe estendiam e alongavam os termos della : *Heu mihi, quia incolatus meus prolongatus est.* (Psal. CXIX — 5) E para que em um coro tão sublime nos não falte uma voz do terceiro céu, olçamos a S. Paulo : *Infelix ego homo, quis me liberabit de corpore mortis hujus?* (Rom. VII — 24) Misericavel de mim, homem infeliz, quem me livrará deste corpo mortal? Em summa, que os maiores homens do mundo em todos os estados do genero humano, ou com fé, ou sem fé : ou na lei da natureza, ou na escripta, ou na da graça, sempre desejaram mais a morte, do que estimaram a vida ; e sempre em suas afflicções e trabalhos appellaram do pó que somos sobre a terra, para o pó que havemos de ser na sepultura.

IV.

De tudo o dito atéqui, se segue que melhor é a morte, que a vida, e que o maior bem da vida é a morte. Mas contra esta segunda parte, que é a primeira do meu assumpto, inventou o amor da vida uma distincção fundada no que ella mais aborrece, que são as misérias, e no que mais estima, que são as felicidades. Fazendo pois uma grande differença entre os miseraveis e os felizes, dizem os defensores da vida, que para os miseraveis é maior bem a morte, mas para os felizes, não. E verdadeiramente este dictame parece ensinado da propria ua-

tureza ; porque consideradas a vida e a morte, cada uma por si só, e em si mesma, a vida naturalmente é mais amavel que a morte ; acompanhada porém dos trabalhos, das misérias, e das afflicções que ella traz consigo, não ha duvida que muito melhor e mais para appetecer é a morte que a vida. Em todos os exemplos que acabamos de referir, se vê claramente esta verdade, mas em nenhum com mais particular energia e reparo que no de Elias. Quando Elias desejou a morte, e a pediu a Deus, foi quando ia fugindo de Jezabel. E porque fugia Elias de Jezabel ? Por temor da morte. Pois se fugia por temor da morte, porque deseja e pede a morte no mesmo tempo ? Porque então acabou de conhecer quanto melhor é a morte que a vida. Antes desta experiencia, pela apprehensão natural de todos os que vivemos, parecia-lhe a Elias que melhor era a vida que a morte : mas depois que começou a subir montes, e descer valles, de dia escondido nas grutas, de noite caminhando pelos horrores das sombras e dos desertos, figurando-se-lhe a cada penedo um homem armado, e a cada rugir do vento uma fêra, sem outro comer nem beber mais que as raizes das ervaes, e os orvalhos do céu, cego, sem guia, e solitario, sem companhia (porque até um criadinho que levava consigo, o despediu, por se não fiar delle) tudo miseria, tudo temor, tudo desconfiança. tudo desamparo, sem luz, ou esperanza de remedio, ou d'onde pudesse vir : no meio destas angustias, considerando o miseravel propheta (noutras occasiões tão animoso) quão trabalhosa e cara de sustentar lhe era a mesma vida, duvidosa e incerta, pela qual tanto padecia ; então acabou de conhecer quanto melhor lhe era o morrer que o viver, e por isso despedindo-se da vida, pedia a morte : *Tolle animam meam*.

Estes são aquelles dois affectos, ou aquellas duas queixas tão encontradas e tão concordes, uma de Sirac contra a morte, e outra de Job contra a vida. Sirac diz : *O mors, quam amara est memoria tua, homini pacem habenti !* (Eccl. XLI — 1) Ó morte, quão amarga é a tua memoria para o homem que vive em paz, e descanso ! Não diz que para todos, senão para o que vive em paz e descanso ; porque para o que vive em páz,

e descanso, é amarga; para o que vive em trabalho e miséria, é doce. E Job diz: *Quare misero data est lux, et vita his, qui in amaritudine sunt: qui expectant mortem, et non venit, gaudentque: vehementer, cum invenerint sepulchrum?* (Job. III — 20, 21 e 22) Para que se dá a luz ao miseravel, e a vida aos tristes, que esperam pela morte, a qual lhes tarda, e não teem maior alegria, que quando acham a sepultura? Tambem não diz que a morte tarda a todos, nem que todos se alegram com a sepultura, senão só os miseraveis, e tristes; porque assim como a morte e a sepultura para os contentes da vida é o seu maior temor, assim para os descontentes della, e miseraveis, é o maior desejo. Por isso aquelle philosopho, que refere Laercio, chamado Secundo, perguntado pelo imperador Adriano, o que era a morte; respondeu, que era o medo dos ricos e o desejo dos pobres: *Pavor divitum, desiderium pauperum.* (Sen. in Herc. Fur.) Melhor ainda e mais nervosamente o disse Seneca, o tragico, por boca de Licho. Era Licho um famosissimo tyranno, o qual na ausencia de Hercules matou a Creonte, rei legitimo de Thebas, e se lhe apoderou do reino. Este, pois, como tão grande mestre da tyrannia, dizia, que quem matava a todos, não sabia ser tyranno: *Qui morte cunctos luere supplicium jubet, nescit tyrannus esse.* Pois que havia de fazer um tyranno, para ser verdadeiramente tyranno e cruel? Diz que havia de dar a morte a uns e a vida a outros, conforme a fortuna de cada um: aos felizes a morte, aos miseraveis a vida: *Miserum vita perire, felicem jube:* Ao feliz mandae que morra, ao miseravel que viva; porque tanta pena é condemnar o feliz á morte, como o miseravel á vida.

E para que uma doutrina tão conforme á commum estimação humana não fique prophanada no nome e no auctor, troquemos o nome de tyrannia no de justiça, e passemol-a do rei mais tyranno ao juiz mais recto. Caso é, assim como o maior do mundo, o mais admiravel, que pondo Deus lei a Adão, que comendo da arvore vedada morrêria, comesse Eva, e comesse o mesmo Adão, e não morressem. A observancia das primeiras leis, e a execução dos primeiros castigos são os que fazem exemplo: saltando este, perde-se o respeito ás leis, e o temor aos castigos. Essa foi

a razão da severidade, com que São Pedro aos primeiros delinquentes da primitiva egreja, Ananias e Safira, os fez cair de repente mortos a seus pés. Pois porque não cairam também mortos Adão e Eva ao pé da mesma arvore onde comeram, tanto que quebraram a lei? Por isso mesmo: porque os quiz Deus castigar. Para Deus castigar a Adão e Eva, foi necessario que lhes commutasse a morte em vida, e o paraíso em desterro; porque só desta maneira se podia ajustar a ameaça da lei com o castigo da culpa. Assim foi. No paraíso ameaçou-os com a morte, no desterro castigou-os com a vida. No paraíso, que era a patria de todas as felicidades, só podiam ser ameaçados com a morte, porque a morte é o maior terror dos felizes: e no desterro, que era o logar de todas as miserias, só podiam ser castigados com a vida; porque a vida é todo o tormento dos miseraveis. Cuidam alguns, que não matar Deus a Adão e Eva foi misericordia, e não foi senão justiça; porque perdidas as felicidades do paraíso, assim como o morrer seria remedio, assim o não morrer foi o castigo: logo por todas estas razões e exemplos, não só humanos, senão ainda divinos, parece que é verdadeira a distincção dos que dizem, que é melhor a morte, que a vida, em respeito somente dos miseraveis, mas não dos felizes.

V.

Eu que direi? Digo, que folgara, e estimara muito, que esta distincção, ou limitação fôra verdadeira, porque a melhor e maior parte do auditorio a que prégio, é dos felizes desta vida, e dos que o mundo inveja, e venera por taes. Mas quando Salomão chamou mais ditosos aos mortos, que aos vivos, não fez distincção de vivos miseraveis a vivos felizes, senão que de todos os que vivem fallou igualmente: *Laudavi magis mortuos, quàm viventes*. E para eu refutar os defensores da vida dos felizes, não quero outro argumento senão o seu. Concedem que a morte é maior bem que a vida dos miseraveis: logo também é maior bem que a vida dos que elles chamam felizes. E senão os mesmos felizes o digam. Pergunto: Ha, ou houve, ou pôde haver neste mundo vida alguma tão mimosa da fortuna e tão feliz, que careça totalmente de mi-

serias? Ninguém se atreverá a dizer, nem imaginar tal coisa: logo se não ha, nem pôde haver vida, que careça de miserias, o que se tem dito da vida dos miseraveis, se deve intender de todas e de todos. Os que vulgarmente se reputam e chamam felizes, tanto se enganam com a sua felicidade, como com a sua vida: por isso amam a vida e temem a morte. Mas este engano lhe descobriremos agora, para que conheçam, que em todo o estado e em toda a fortuna, a morte é o maior bem da vida, e o pó que havemos de ser, o maior bem do pó que somos.

Todos os bens de que é capaz o homem em quanto vive neste mundo, ou são bens da natureza, ou bens da fortuna, ou bens da graça; mas nenhum delles é tão solido, inteiro e puro bem, que o gose sem tributo de miserias a vida, nem a possa livrar deste tributo, senão a morte. Entre os bens da natureza, o mais excellente, o mais util, e o mais necessario, é aquelle, sem o qual nenhum outro bem se pôde gosar, a saude. E só quem comprehender o numero sem numero de enfermidades e dores a que está sujeita e exposta a saude, ou geradas dentro do mesmo homem, ou nascidas e occasionadas de fóra; poderá conhecer exactamente, quão carregado de durissimas pensões e quão cheio de miserias, ou deu, ou emprestou a mesma natureza ainda aos mais sãos e robustos este calamitoso bem. Pois que remedio? Os egypcios, entre os quaes nasceu a medicina, para cada enfermidade como refere Herodoto, tinham um medico particular, mas nem por isso saravam todos, nem de todas. (Herod. II) El-rei Ezechias mandou queimar os livros de Salomão, porque o povo recorrendo ás virtudes das ervas em suas enfermidades, deixava de acodir a Deus, que é a verdadeira raiz da saude. Assim o refere Eusebio Cesariense. Mas em quanto duraram os mesmos livros, nem aos enfermos particulares, nem ao mesmo Salomão aproveitou aquella grande crença medica: até quando? Até que as proprias doencas os sujeitaram ao medico universal, que, sem aphorismos, nem receitas, cura em um momento a todas, que é a morte. *Ó mors veni nostris certus medicus malis!* Ó morte, vinde, que só vós

* Plot. in Consolat. ad Apoll.

sois o verdadeiro e certo medicó para todos os nossos males ! É exclamação proverbial dos gregos referida por Plutarco. Morrestes ; acabaram-se todas as molestias e afflicções que martyrisam um corpo humano ; e até o temor da mesma morte se acabou, porque os mortos já não podem morrer.

Vêde a grande differença dos mortos aos vivos. Os vivos sobre a terra temem a morte, os mortos debaixo da terra esperam a resurreição : e quanto vae do esperar ao temer, e das isenções da immortalidade ás sujeições de mortal, tanto melhor é o estado dos mortos, que o dos vivos. Os que escaparam vivos do incendio de Troya chamavam bemaventurados aos que morreram pelejando por ella :

..... *O terque quaterque Beati,
Quis ante ora Patrum, magna sub mœnibus urbis,
Contigit oppetere !*

sem conhecer a bemaventurança, nem intender o que diziam, levantaram um admiravel pensamento ; porque a felicidade de que gosam os mortos por beneficio da morte, senão é como toda a bemaventurança do céu, é como ametade della. A bemaventurança do céu, em quanto positiva e negativa, compõe-se daquellas duas partes, em que a dividiu Santo Agostinho, quando disse : *Ibi erit quidquid voles, et non erit quidquid nolles*. A primeira parte consiste na posse e fruição de todos os bens, e a segunda na privação e isenção de todos os males. Oíçamos agora a S. João no seu Apocalypse descrevendo a mesma bemaventurança : *Et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum : et mors ultra non erit, neque clamor, neque dolor erit ultra, quia prima abierunt*. (Apoc. XXI — 4) Aos que forem ao céu enxugar-lhes-ha Deus todas as lagrimas : e já não haverá morte, nem clamores, nem gemidos, nem dores ; porque estas misérias e penalidades, todas pertenciam ao estado da primeira vida, que já passou. E haverá quem possa negar, que todas estas queixas e causas dellas são as de que estão isentos os mortos na sepultura ? Já para elles não ha lagrimas, nem gemidos, nem dores, nem

enfermidades, nem a mesma morte. As dores e as enfermidades desta vida tem dois remedios, ou allivios; um natural, que são as lagrimas e os gemidos, e outro violento e artificial, que são os medicamentos. E a morte não só nos livra das miserias da vida, senão tambem dos remedios dellas. Já dissemos que Catão se matou a si mesmo, mas não se matou de uma vez, senão de duas, com modo e circumstancias notaveis. Estando são, e valente, metteu um punhal pelos peitos: acudiram logo, e curaram-lhe a ferida; mas elle depois de curado, mettendo as mãos na mesma ferida, a fez muito maior, e se acabou de matar. De sorte, que começou a se matar são, e acabou de se matar curado. São, para se livrar da vida, curado, para se livrar da vida e mais dos remedios. Por isso disse S. Agostinho, que quantas são as medicinas, tantos são os tormentos. E taes são as dobradas miserias, a que está sujeita a maior felicidade da natureza, que é a saude, bastando para a tirar padecidas, e não bastando para a conservar remediadas.

VI.

Passemos aos bens da fortuna. E subindo ao mais alto ponto aonde ella pôde chegar, preguemos um cravo na sua roda, para que concedendo ás suas felicidades a constancia, que não teem, vejamos se se podem jactar, ou presumir de que carecem de miserias. Os sceptros e as corôas, são as que postas no cume da magestade, levam apoz si com o imperio os applausos e adorações do mundo, e ao mesmo mundo, o qual cego com os reflexos daquelle esplendor, os acclama felizes e felicissimos, não penetrando o interior e solido da felicidade, mas olhando só, e parando no sobredoirado das apparencias: *Omnium istorum quos incedere altis vides, bracteata felicitas est**, disse sabia e elegantemente Seneca. Assim como os tectos sobredoirados dos templos, e dos palacios, o que mostram por fóra é oiro, e o que escondem e encobrem por dentro, são madeiros comidos do ca-

* Ita refertur à Seneca.

** Idem Seneca Epist. 115.

runcho; prégos ferrugentos, tês de aranha, e outras sevandijas; assim debaixo da pompa e apparatus com que costumamos admirar os que vêmos levantados ao zenith da fortuna, se viramos juntamente os cuidados, os temores, os desgostos e tristezas que os comem e roem por dentro, antes havíamos de ter compaixão das suas verdadeiras miserias, que inveja á falsa representação e engano do que nelles se chama felicidade. Quem duvidou jámais de reputar a Carlos V por felicissimo com tantas victorias, tanta fama, tantos augmentos da monarchia? E comtudo, no dia em que renunciou o governo, confessou que em todo o tempo delle nem um só quarto de hora tivera livre de afflicções e molestias. O diadema antigo, insignia dos reis e imperadores, era uma faxa atada na cabeça. E dizia Seleuco, rei da Asia, que se os homens soubessem quão pezada era aquella tira de pano, e quão cheia de espinhas por dentro, nenhum haveria que a levantasse do chão para a pôr na cabeça. El-rei Antigono vendo que seu filho pelo ser se ensoberbecia, com que lhe abateria os fumos? *An ignoras, ó fili, regnum nostrum non esse aliud nisi splendidam servitutem?* Não sabes, filho (lhe disse), que o nosso reino, e o reinar, não é outra coisa que um captiveiro honrado? Os reis são senhores de todos, mas também captivos de todos. A todos mandam como reis, e de todos são julgados como reos. Como o rei é a alma do reino, tem obrigação de viver em todos seus vassallos, e padecer nelles, e com elles quanto elles padecem. Se não padece assim, não é rei; e se padece, que maior martyrio? Ha se de matar e morrer, para que elles vivam: ha se de cançar, para que elles descansem; e ha de velar, para que elles durmam, sendo mais quieto e socegado o somno do cavador sobre uma cortiça, que o do rei debaixo de céus de brocado. Alli desvelado marcha pelas campanhas com os seus exercitos; alli navega os mares com as suas armadas, e a qualquer bandeira que tremula com o vento, lhe palpita o coração na contingencia dos successos. Taes são as miseraveis felicidades, ou as adoradas miserias dos que postos na região dos raios dos trovões, e das tempestades, a dignidade com razão, e a lisonja sem ella, chama serenissimos.

Que seria se eu aqui ajuntasse agora os catastrophes, e fins tragicos dos Xerxes, dos Cressos, dos Darios, e infinitos outros? Mas o meu intento só é descobrir as miserias dos felizes. A este proposito ha muito que tenho notado uma coisa para mim admiravel, e é, que sendo Valerio Maximo tão universal nas historias e noticias do mundo, e trazendo tantos exemplos, assim domesticos, como estrangeiros, em todas as materias, quando veio a tractar da felicidade só achou entre os romanos a Metello, homem particular, e entre os reis de todas as nações a Gyges, rei de Lidia. Esta é a mesma salva, com que elle começa, dizendo: *Volubilis fortunæ complura exempla retulimus, constanter propitiæ admodum pauca narrari possunt**. Inchado pois Gyges com a singular e continua prosperidade de sua fortuna, quiz-se canonisar pelo mais feliz homem do mundo; e a este fim consultou pessoalmente o oraculo de Apollo, para que a resposta, de que não duvidava, fosse uma prova authentica e divina da sua felicidade: enganou-se, porém, ou acabou de se enganar o já enganado rei; porque respondeu o oraculo, que Aglao Sofidio era mais feliz que elle. E quem era Aglao Sofidio? Era um lavradorzinho velho, o mais pobre de toda Arcadia, ao qual um pequeno enxido, que tinha junto á sua choupana, cultivado por suas proprias mãos, sem inveja sua, ou alheia, lhe dava o que era bastante para sustentar a vida. Pois este Aglao assim pobre era mais feliz que Gyges com todas as suas fortunas? Sim. Porque essas mesmas fortunas, ainda que grandes e continuas, não o livravam do temor da sua inconstancia, o qual só bastava do fazer infeliz. Debaixo deste temor se comprehendiam os cuidados, as suspeitas, as duvidas, as imaginações, os indicios falsos, ou verdadeiros da ruina, que se lhe maquinasse, ou podia maquinar: e todos os infortunios possiveis, no mar e na terra, na guerra e na paz, na inveja dos emulos, no odio e potencia dos inimigos, no descontentamento e rebellião dos vassallos; emfim as violencias secretas, os roubos, os sobornos, as traições, os venenos, com que nem o sustento necessario á vida, nem a mesma

* Valer. Maxim. lib. 7 c. 1.

respiração é segura; para que se veja se era feliz, quem todo este tumulto de inquietações, que só conhecia o oraculo, trazia dentro no peito. E como os bens da fortuna, ainda os maiores, quaes são os dos reis, e ainda nos singular e unicamente felizes, estão sujeitos a tantas miserias, ou padecidas em si mesmas, ou no temor e receio, que não é tormento menor; nenhum outro remedio tem para escapar e se livrar dellas a vida, senão o da morte.

Seja prova em caso e pessoa não de outra, senão da mesma supposição e dignidade, o modo com que Deus livrou a el-rei Josias. Quando Josias começou a reinar, todo o reino (que era o de Jerusalem e Judá) não só privada, mas publicamente professava a idolatria com templos, com altares, com idolos, com sacerdotes, e com todas as outras superstições gentilicas. A primeira coisa, pois, que fez o zelosissimo e santo rei, foi arrazar os templos e altares, queimar os idolos, e sacrificar-lhes os seus proprios sacerdotes, mandando degolar a todos: e logo tractou de reformar e restaurar o culto do verdadeiro Deus, repando em seu lugar a arca do testamento, restituindo a seus officios os sacerdotes e levitas, e tornando a introduzir a observancia da celebridade das festas e sacrificios, com todos os ritos e ceremonias da lei. Mas como pagou Deus a Josias este zelo, esta piedade, e esta valorosa resolução? Aqui entra o admiravel do caso. Duas coisas mandou Deus annunciar e notificar ao rei: A primeira, que Jerusalem seria destruida, e todos seus habitadores rigorosissimamente castigados: e assim foi, porque conquistados pelos exercitos de Nabucodonosor, todos foram levados captivos a Babilonia. A segunda, que elle rei morreria antes deste captiveiro: e assim succedeu tambem, porque saindo a uma batalha, foi morto nella. Pois o rei pio, zeloso e santo ha de morrer, e o povo idolatra não? Antes foi tanto pelo contrario, que durou o captiveiro setenta annos, que era todo o tempo, que os que tinham sido idolatras podiam viver. E porque ordenou Deus, que os idolatras vivessem tantos annos, e o rei morresse tão anticipadamente, que não chegou a contar quarenta? A razão desta justica verdadeiramente divina foi, para

que vivendo elles, e morrendo o rei, o rei fosse premiado, e os idolatras' castigados. De sorte que aos idolatras, para que padecessem as calamidades e misérias do cativeiro, estendeu-lhes Deus a vida; e ao rei para o livrar das mesmas calamidades e misérias, antecipou-lhe a morte. Assim o disse o mesmo Deus: *Idcirco colligam te ad patres tuos, e colligeris ad sepulchrum tuum in pace, ut non videant oculi tui mala, quæ inducturus sum super locum istum.* (4. Reg. XXII — 20) Em summa, que conservou Deus a vida ao povo, porque o quiz castigar, e antecipou a morte ao rei, porque o quiz livrar do castigo; que tão certo é ainda no maior auge dos bens da fortuna, qual é a dos reis ser o maior bem da vida a morte.

VII.

Nos bens da graça, que são os que só restam, passa o mesmo. Sendo estes os maiores de todos, e os que propria e verdadeiramente só merecem nome de bens, nenhuns são mais difficultosos de guardar, nem mais sujeitos á miséria de se perderem. Os anjos perderam a graça no céu, Adão perdeu a graça no paraíso, e depois destas duas ruínas universaes, quem houve que a conservasse sempre? Só a Mãe de Deus, pelo ser, a conservou inteira, e os demais, ou a perderam por culpas graves, ou a mancharam com as leves: *Qui stat, videat ne cadat.* (1. Cor. X — 12) Quem está em pé, veja não cáia, diz S. Paulo. E elle depois de subir ao terceiro céu se viu tão arriscado a cair, que tres vezes rogou a Deus o livrasse de uma tentação, que se o não tinha derribado o affrontava: *Angelus Satanæ, qui me colaphizet.* (2. Ibid. XII — 7) Caiu Sansão, caiu Salomão, caiu David: e nem ao primeiro a sua fortaleza, nem ao segundo a sua sabedoria, nem ao ultimo a sua virtude os tiveram mão para que não caissem. O mundo todo é precipicios, o demonio todo é laços, a carne toda é fraquezas. E contra estes tres inimigos tão poderosos da alma, estando ella cercada de um muro de barro tão quebradisso, quem a poderá defender, e nella a graça? Já sabem todos que hei de dizer, que só a morte; e assim é.

Diz Job, que a vida do homem é uma perpetua guerra: *Militia est vita hominis super terram*: (Job. VII — 1) tanto assim, que ao mesmo viver chama elle militar: *Cunctis diebus, quibus nunc milito*. (Ibid. XIV — 14) Qual seja a campanha desta guerra, não é Carthago, ou Flandres, ou como agora, Portugal, senão o mundo e a terra toda em qualquer parte, *super terram*. Mas como o mesmo Job não faça menção de muitos, senão de um só, ou de qualquer homem, *vita hominis*; com razão pôde-mos duvidar quem são os combatentes, entre os quaes se faz esta guerra, e se dão estas batalhas? Se foram gentes de diversas nações, também elle o disséra, mas só faz menção de um homem, porque dentro em cada um de nós, como de inimigos contra inimigos, se faz esta guerra, se dão estes combates, e vence ou é vencida uma das partes. O homem não é uma só substancia como o anjo, mas composto de duas totalmente oppostas, corpo e alma, carne e espirito, e estes são os que entre si se fazem a guerra, como diz S. Paulo: *Caro concupiscit adversus spiritum, spiritus autem adversus carnem*. (Galat. V — 17) A carne pejeja contra o espirito, e o espirito contra a carne. Por parte da carne combatem os vicios com todas as forças da natureza; por parte do espirito resistem as virtudes com os auxilios da graça; mas como o livre alvedrio subordinado do delectavel, como rebelde e traidor se passa á parte dos vicios, quantos são os peccados que o homem commette, tantas são as feridas mortaes que recebe o espirito, e basta cada uma dellas para se perder a graça. Por isso com razão exclama Santo Agostinho, como experimentado em outro tempo: *Continua pugna, rara victoria*. A batalha é continua, e a victoria rara.

Haverá porém, quem possa pôr em paz estes dois tão obstinados inimigos, e um delles tão cruel e pernicioso? Nesta vida, em quanto a mesma vida dura, não: mas no fim della, sim, porque só a morte pôde fazer, e faz estas pazes. Que coisa é a morte? *Est separatio animæ à corpore*. É a separação com que a alma se aparta do corpo: e como por meio da morte a alma se divide do corpo, e o espirito da carne, no mesmo ponto divididos os combatentes, cessou a guerra e ficou tudo em paz.

Esta é a grande energia e alto pensamento com que disse Job, que aquella guerra era nomeadamente do homem vivo sobre a terra: *Militia est vita hominis super terram*; porque em quanto o homem vive e está sobre a terra, padece a guerra da carne contra o espirito; mas depois que o homem morre, e jaz debaixo da terra, toda essa guerra se acabou, e se segue entre a carne, e o espirito uma não tregoa, senão paz perpetua, e para sempre. Por isso quando lançamos os defunctos na sepultura, essas são as palavras de consolação com que nos despedimos delles, dizendo: *Requiescat in pace*. É comprimento tirado e aprendido de um psalmo de David, onde excellentemente descreve a perpetuidade desta paz: *In pace in idipsum dormiam, et requiescam*, (Psal. IV — 9) Quando eu jazer na sepultura, diz David, dormirei e descansarei em paz para isso mesmo, *in idipsum*. Que quer dizer para isso mesmo? Não se podia significar mais admiravelmente a differença do somno, do descanso, e da paz dos mortos em comparação dos vivos. Os vivos dormimos, descansamos, e temos paz, mas não para isso mesmo; porque dormimos para accoradar, descansamos para tornar a cançar, e temos paz, para tornar outra vez á guerra: pelo contrario, os mortos dormem, descansam, e estão em paz para isso mesmo: *In pace in idipsum dormiam e requiescam*. Dormem para isso mesmo; porque dormem, não para accoradar, senão para dormir: descansam para isso mesmo; porque descansam, não para tornar a cançar, senão para descansar; e gosam a paz para isso mesmo, porque não gosam a paz para tornar á guerra, senão para a lograr perpetua, e quietamente: *Requiescat in pace*.

E como por meio desta perpetua paz cessa a guerra da carne contra o espirito, e cessam as victorias do peccado e perigos da graça; esta natural impeccabilidade da morte é a mais cabal razão de ser a mesma morte o maior bem da vida; porque sendo o maior mal da vida o peccado, e estando a mesma vida sempre sujeita a arriscada a peccar, só a morte a livra e segura deste maior de todos os males. Morreu um moço virtuoso e pio na flor de sua idade: e admirou-se muito o mundo de que morresse tão depressa o bom, ficando vivos e sãos no mesmo mundo miu-

tos máus, que pareciam mais dignos da morte. Mas a causa desta admiração é, diz o Espirito Santo, porque os homens não intendem as razões de Deus. Tres razões teve Deus para anticipar, ou apressar a morte áquelle moço: a primeira, porque lhe agradou a sua alma e a quiz levar para si: *Placita enim erat Deo anima illius*: a segunda, porque o quiz livrar das occasiões da mal-dade: *Properavit educere illum de medio iniquitatum*: (Sap. IV —14 e 17) A terceira, porque o quiz fortificar: *Quare munierit illum Dominus*. Aqui reparo. Se Deus lhe tirou a vida para o fortificar, que fortificação é esta, e contra quem? O contra quem são os vícios e peccados: a fortificação é aquella onde a morte defende os que matou, que é a sepultura. O homem vivo, com todas as portas dos sentidos abertas, é como a praça sem fortificação, que póde ser accommettida, e entrada por toda a parte: porém o morto, com as mesmas portas cerradas, e cerrado elle dentro da sepultura, não ha castello tão forte, nem fortaleza tão inexpugnável a todo o inimigo; porque nem póde ser vencida do peccado, nem ainda accommettida. Muitas fortificações inventaram os santos para defender do peccado os vivos, sendo a principal de todas os muros da religião; mas nem os muros, nem os clau-tros, nem os templos, nem os sacrarios bastam para os defender e ter seguros. E quando nem os muros, nem os claustros, nem os templos, nem os sacrarios bastam para defender e segurar do peccado os vivos, basta uma só pedra, ou a pouca terra de uma sepultura, para ter tão defendidos e seguros os mortos, que nem pequem jámais, nem seja possível peccarem. E esta é a sua im-peccabilidade.

VIII.

Resumindo pois as tres partes deste ultimo discurso, dellas consta, que os bens da natureza, da fortuna, e da graça, todos estão sujeitos a grandes miserias, das quaes só nos póde livrar a morte; donde se segue, que a mesma morte sem controversia é o maior bem da vida. E para que em uma só demonstração vejamos inteira, e não por partes, esta mesma prerogativa da morte, não inculcada de novo, mas crida, approvada e impressa no juizo

dos homens, viçamos uma notavel antiguidade. Como é inclinação natural do homem conhecer o bem com o entendimento e appetecel-o com a vontade, foi questão antiquissima entre os homens, ainda quando eram gentios, em que consistisse o maior bem desta vida? E porque Deus, como diz S. Paulo, não só governa com sua universal providencia os fieis, senão também os infieis, sendo falsos naquelle tempo os mestres que os homens ouviam, e falsos os deuses que adoravam, não só permittiu, mas quiz a mesma providencia, que destas duas fontes tão erradas bebessem uma verdade tão importante, como ser, dentro dos limites e ordem da natureza, o maior bem da vida a morte. E foi desta maneira.

Houve entre os sabios da gentilidade um homem chamado Sileno, semelhante na opinião aos nossos prophetas, cujas respostas como inspiradas por instincto mais que natural, eram recebidas e cridas como oráculos. A este Sileno pois consultou el-rei Midas sobre qual fosse o maior bem desta vida, e depois de muitos rogos e instancias, a resposta que d'elle alcançou, foi esta: *Non nasci omnium est optimum, mortuum autem esse, longe est melius quam vivere*: O melhor de tudo é não nascer; mas no caso de haver nascido, muito melhor é ao homem o morrer, que o viver. Assim o disse Sileno; e não só do vulgo foi recebido como proverbio este dito, mas o approvaram e celebraram sempre os dois maiores lumes da philosophia racional, Platão e Aristoteles. Píndaro, principe dos poetas lyricos da Grecia, parece que duvidoso hinda desta verdade, quiz fazer maior exame della, e como pelo oraculo de Delphos lhe fosse respondido o mesmo; que faria? Fez o que devêra fazer com semelhante desengano todo o christão. Deixou as musas, e em vez de compor versos, tractou de compor a vida. *His auditis, ad mortem se comparasse, et paulo post vivendi finem fecit*, diz Plutarco.

Não parou aqui a providencia divina, mas para maior prova deste desengano, obrigou ao pae da mentira, que fallava e obrava nos idolos, a que, muito a seu pesar, o confirmasse com dois no-

* Plutarco. supra citatus. Cfr. Plat. Arist. etc. alii.

taveis prodigios. Agria era sacerdotisa da deusa Juno; e como na mesma hora em que havia de fazer o sacrificio tardassem os cavallos que a costumavam levar em carroça, dois filhos que tinha, chamados Biton, e Cleobo, se metteram no lugar dos cavallos, e com tanta força e pressa tiraram a carroça, que nem um momento de tempo faltou a mãe á pontualidade do sacrificio. Foi tão admirado, e estimado este acto, verdadeiramente heroico, de piedade para com a mãe, e de religião para com a deusa, que deu confiança a Agria para pedir a Juno em premio della, que dêsse áquelles seus dois filhos não menos que a melhor coisa, que os deuses nesta vida podiam dar aos homens. Concedeu a deusa, como tão bem servida, o que a mãe pedia: e qual seria o despacho da petição? No mesmo ponto caíram mortos diante dos seus olhos os mesmos filhos, confirmando a falsa deidade com verdadeiro documento, que entre os bens e felicidades naturaes, que ao homem podem succeder nesta vida, o maior e o mais seguro é a morte. A este famosissimo par, Biton e Cleobo, ajunta Platão outro não menos famoso, Agamedes e Trophonio. Edificaram estes dois um templo a Apollo Pythio, e no dia da dedicação oraram ao Deus desta maneira: Que se aquella obra lhes agradava, o seu intento era pedirem lhes concedesse o que melhor podia estar a um homem nesta vida: e porque elles não sabiam que coisa fosse esta melhor, elle, de quem esperavam a mercê, o resolvesse. Respondeu Apollo, que d'alli a sete dias lhes concederia o que pediam: e o que succedeu ao settimo dia foi, que deitando-se a dormir Agamedes e Trophonio, nunca mais accordaram: *Cumque obdormissent, nunquam deinde surrexisse.*

Já dissemos que estes prodigios foram effeitos da providencia divina, a qual nestes casos, como em outros muitos, desenganou aos homens pelos mesmos de quem eram enganados. Pois se Deus respondeu com aquelles signaes aos que desejavam e pediam o maior bem da vida, porque deu a uns a morte, e a outros o somno de que não accordaram? Porque em phrase tambem divina o dormir é morrer, e o tornar a viver, accordar: *Lazarus amicus noster dormit, sed vado ut à somno excitem eum.* (Joan. XI — 11)

E como um e outro signal, ou era declaradamente, ou significava a morte, a uns e a outros quiz ensinar Deus (e nelles a todos os homens) que a mesma morte, que elles não pediam, nem desejavam era o maior bem da vida, que desejavam e pediam. Desejães e pedis o maior bem da vida? Pois acabae de viver e gosai-o-heis na morte. E esta verdade então admirada, e antes e depois tão mal entendida, quiz a mesma providencia, para que a acabassemos de entender, que ficasse estabelecida, e perpetuada como em quatro estatuas, não levantadas, mas caidas; em Biton e Cleobo mortas, e em Agamedes e Trophonio dormindo.

IX.

À vista pois destas quatro estatuas, as quaes em quanto vivas e em pé eram o pó que somos, e em quanto caidas e jazendo em terra, são o pó que havemos de ser; que fará todo o entendimento racional e christão? Se o pó que havemos de ser é o maior bem do pó que somos, e se o maior bem da vida é a morte; que havemos, ou que devemos fazer os vivos? Hereges houve, como de seu tempo refere S. Agostinho, os quaes interpretando impia-mente aquellas palavras de Christo, *Adhuc autem et animam suam*, (Luc. XIV — 26) em que parece nos manda ter odio á vida, se matavam com suas proprias mãos. Porém S. Paulo que mais vivia em Christo, que em si mesmo, como verdadeiro e canonico interprete do espirito interior de seus divinos oraculos, não diz que o christão se mate, senão que viva; mas que viva como morto. Em uma parte: *Quasi morientes et ecce vivimus*: (2 Cor. VI — 9.) E em outra: *Mortui estis, et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo*. (Coloss. III — 3) Assim ajuntou e concordou o apostolo dois extremos tão contrarios, como a morte e a vida: assim quiz introduzir no mundo uma morte viva e uma vida morta, persuadindo os vivos a que vivamos como mortos, e com grande razão e conveniencia. Se o melhor bem da vida é a morte, passemos como mortos á melhor vida. E se dos mortos dizemos tambem que os levou Deus para si, deixemo-nos levar de Deus, e vivamos como mortos, para viver nelle e com

elle. Esta vida escondeu Christo como mortal, e Deus como immortal, não em outro logar menos secreto, nem em outro extremo menos contrario á mesma vida que a morte: *Mortui estis, et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo*. Na vida e morte commum os mórtoes estão escondidos, e os vivos andam manifestos; mas na vida e morte de que falla o apostolo, a morte e os mortos andam manifestos: *Mortui estis*; e a vida, e os vivos escondidos; *et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo*.

E se perguntarmos ao mesmo S. Paulo de que modo havemos de viver como mortos, bastavam por respostas as mesmas palavras com que diz que vivamos com Christo, e em Deus: *Cum Christo in Deo*. Quem vive em Deus, não vive em si; quem vive com Christo, não vive com o mundo: e quem não vive em si, nem com o mundo, este verdadeiramente vive como morto. O morto tem olhos, e não vê; tem ouvidos, e não ouve; tem lingua, e não falla; tem coração, e não deseja: e posto que o morto vivo póde desejar, fallar, ouvir e ver; nem vê o que não é licito que se veja, nem ouve o que não é licito que se oiça, nem falla o que não convem que se falle, nem deseja o que não convem que se deseje; porque é morto ás paixões e aos appetites; e posto que viva ao sentimento, não vive á sensualidade. Isto é viver em Deus, e não em si. E que é viver com Christo, e não com o mundo? É estar morto a tudo o que o mundo ama, a tudo o que o mundo estima, a tudo o que o mundo venera, a tudo o que o mundo adora, a tudo o que chama honra, a tudo o que chama interesse, a tudo o que chama boa ou má fortuna; porque tudo o que é prospero, ou adverso, alto ou baixo, precioso ou vil, pesado na balança da morte viva, é vaidade, é fumo, é vento, é sombra, é nada. E a todos os que assim vivem ou viverem, podemos dizer com S. Paulo: *Mortui estis*.

Mas porque o pó que somos é solto, inquieto, vão, e com qualquer sopro de ar se levanta e desvanece, e de si mesmo forma remoinhos e nuvens, com que na maior luz do sul fica ás escuras; por isso o mesmo apostolo nos remette, como por illa-

ção necessaria do pé que somos, ao pó que havemos de ser, dizendo: *Mortificate ergo membra vestra, quæ sunt super terram.* (Coloss. III — 5) Pelo que mortificaes os membros do vosso corpo que estão sobre a terra. A energia da palavra *super terram*, não está muito á flor da terra. Mas ainda que parece superflua, é certo que não carece de grande mysterio. Pois se bastava dizer mortificaes vosso corpo; porque acrescenta, que está sobre a terra? A mortificação só pertence aos que vivem, e todos os que vivem estão sobre a terra: pois se isto por si mesmo estava dito, porque o nota e pondera o apostolo como coisa particular? Porque fallou do nosso corpo em quanto está sobre a terra, com allusão ao mesmo corpo quando estará debaixo da terra. O mesmo corpo nesso, que em quanto vivemos está sobre a terra, depois da morte está debaixo da terra. E se o corpo, que está sobre a terra, se comparar consigo mesmo quando estiver debaixo da terra, nenhuma consideração pôde haver mais efficaz para o persuadir a que viva como morto. Dize-me, corpo meu, depois que estiveres debaixo da terra, que has de fazer? Has de continuar nos mesmos vicios, em que todo te empregavas quando estavas sobre a terra? Has de continuar nos mesmos vicios, que pôde ser foram os que te mataram e te apressaram a sepultura? Agora o não pôdes negar com a voz, e depois confessarás que não, com o silencio. Todo o morto é como aquelle de quem disse Tacito: *Magis sine vitis, quam cum virtutibus.* O morto não tem virtudes, mas tambem não tem vicios. Não tem odio, não tem inveja, não tem cobiça, não tem ambição: não se queixa, não murmura, não se vinga, não mente, não adula, não rouba, não adultera. Pois se de tudo isto has de carecer debaixo da terra, porque te não absteens disso mesmo, em quanto estás sobre ella?

O morto quando o levam á sepultura, pelas mesmas ruas por onde passeava arrogante, tão contente vae envolto em uma mortalha velha e rota, como se fôra vestido de purpura ou brocado. Chegade á sepultura, tão satisfeito está com sete pés de terra, como com os mausoléus de Caria, ou as pyramides do Egypto.: E se até essa pouca terra que o cobre lhe faltasse, diria, se po-

desse fallar, que a quem não cobre a terra, cobre o céu: *Caelo tegitur qui non habet urnam*. Pois se então tão pouca differença has de fazer da riqueza ou pobreza das roupas; porque agora te desvanecem tanto, e gastas o que não tens na vaidade das gallas? Pois se então has de caber em uma cova tão estreita; porque agora te não mettes entre quatro paredes, e procuras a largueza da morada tanto maior que a do morador, e invejas a ostentação e magnificencia dos palacios? Ainda resta por te dizer o que mais me escandalisa. Se quando estás debaixo da terra todos passam por cima de ti, e te pizam, e te não alteras por te vêr debaixo dos pés de todos; agora que és o mesmo, e não outro, só porque estás com os pés sobre menos terra da que então has de occupar; porque te ensoberbeces, porque te iras, porque te inchas e enches de colera, de raiva, de furor, e a qualquer sombra ou suspeita de menos veneração ou respeito, o queres vingar, não menos que com o sangue e a morte? Mas é porque a mesma morte te não amansa e emenda. Ouve, em quanto não perdes o sentido de ouvir, um notavel dito de David: *Quoniam supervenit mansuetudo et corripimur*. (Psal. LXXXIX—10) A palavra *corripimur*, quer dizer, morreremos, e quer dizer, seremos emendados. Porque a morte é uma correccão geral, que emenda em nós todos os vícios: e de que modo? Por meio da mansidão, porque a todos amansa: *Quoniam supervenit mansuetudo*. Morreu o leão, morreu o tigre, morreu o basilisco: e onde está a braveza do leão, onde está a fereza do tigre, onde está o veneno do basilisco? Já o leão não é bravo, já o tigre não é fero, já o basilisco não é venenoso, já todos esses brutos e monstros indomitos estão mansós, porque os amansou a morte: *Quoniam supervenit mansuetudo*. E se assim emenda, e tanta mudança faz a morte nas feras, porque a não fará nos homens?

Seja esta a ultima razão (a qual devem os racionaes levar na memoria) para que considerem, em quanto estão sobre a terra, o que hão de ser quando estiverem debaixo della: e com este espelho posto diante dos olhos de seu proprio corpo, o persuadam a que se accommode a ser-por mortificação em quanto vivo, aquillo mesmo que ha de ser em quanto morto depois de

sepultado. Perguntou um monge ao abbade Moysés, famoso padre do ermo, como poderia um homem adquirir a mortificação que ensina S. Paulo, tal que estando vivo, vivesse como morto? E respondeu o abbade, que de nenhum outro modo, nem tempo, senão quando totalmente se persuadissemos que havia já um triennio que estava debaixo da terra: *Nisi quis arbitratus fuerit se habere jam triennium in sepulchro, ad hunc sermonem pervenire non potest*. E quem está certo que o seu corpo ha de estar debaixo da terra, não tres annos, nem tres seculos, senão em quanto durar o mundo até o fim; como não persuadirá ao mesmo corpo, e o sujeitará a que viva como morto esses quatro dias, e incertos, em que póde tardar a morte? Se este corpo que hoje é pó sobre a terra, amanhã ha de ser pó debaixo da terra; porque se não accommodará e concordará consigo mesmo a viver e morrer de tal modo, que na vida logre o maior bem da morte, e na morte não padeça o maior mal da vida? Assim faremos que o pó que somos, e o pó que havemos de ser (o qual como pó é esteril) sobre a terra como planta, e debaixo da terra como raiz, seja fecundo, e na vida colhemos delle o fructo da graça, e na morte o da gloria: *Quam mihi, et vobis præstare dignetur Dominus Deus Omnipotens*.

* In vitis PP. lib. 7 c. 26.

SERMÃO

DE

SANTO ANTONIO.

**Prégado na festa que se fez ao Santo na egreja das
Chagas de Lisboa, aos 14 de setembro de 1643.**

Tendo-se publicado as córtes para o dia seguinte.

Vos estis sal terræ. — Matth. V.

I.

Á arca do testamento (que assim lhe chamou Gregorio IX), ao martello das heresias (que este nome lhe deu o mundo), ao defensor da fé, ao lume da egreja, á maravilha de Italia, á honra de Hespanha, á gloria de Portugal, ao melhor filho de Lisboa, ao cherubim mais eminente da religião serafica, celebramos festa hoje. Necessario foi que o advertissimos, pois o dia o não suppõe, antes parece que diz outra coisa. Celebramos festa hoje, como dizia, ao nosso portuguez Santo Antonio; e se havemos de reparar em circumstancias de tempo, não é a menor difficuldade da festa, o celebrar-se hoje. Hoje? Em quatorze de setembro Santo Antonio? Se já celebrámos universalmente suas sagradas memo-

rias em treze de junho, como torna agora em quatorze de setembro? Intendo que não vem Santo Antonio hoje por hoje, senão por amanhã. Estavam publicadas as côrtes do reino para quinze de setembro; vem Santo Antonio aos quatorze, porque vem ás côrtes. Como ha dias que o céu está pela coroa de Portugal, manda tambem seu procurador o céu ás côrtes do reino. Algumas sombras disto havemos de achar entre as luzes do evangelho. Com tres similhanças é comparado Santo Antonio, ou com tres nomes é chamado neste evangelho. É chamado sal da terra: *Vos estis sal terra*: é chamado luz do mundo: *Vos estis lux mundi*: é chamado cidade sobre o monte: *Non potest civitas abscondi supra montem posita*. Esta ultima similhança me faz difficuldade.

Que Santo Antonio se chame sal da terra, sua grande sabedoria o merece: que se chame luz do mundo, os raios de sua doutrina, os resplandores de seus milagres o approvam; mas chamar-se cidade Santo Antonio: *Non potest civitas abscondi*! Um santo chamar-se uma cidade? Sim. Em outro dia fôra mais difficullosa a resposta; mas hoje, e no nosso pensamento, é muito facil. Chama-se cidade Santo Antonio, porque os procuradores de côrtes são cidades: são cidades pela voz, são cidades pelo poder, são cidades pela representação; e assim dizemos que veem ás cortes as cidades do reino, e não veem ellas, senão seus procuradores. E como os procuradores de côrtes são cidades por esta maneira, muito a proposito vem Santo Antonio hoje representado em uma cidade, porque é cidade por representação. Mas que cidade? *Civitas supra montem posita*: cidade posta em cima, ou acima dos montes. Clara está a descripção, se a interpretamos mysticamente. Cidade acima dos montes, não ha outra senão a Jerusalem do céu, a cidade da gloria: *Civitas, de qua dicitur, gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei*, commenta Hugo Cardeal. E por parte desta cidade do céu temos hoje na terra a Santo Antonio.

Na egreja de Santo Antonio se costumam cá fazer as eleições dos procuradores de côrtes; e tambem no céu se fez a eleição na pessoa de Santo Antonio. E foi a eleição do céu com toda a propriedade; porque, ainda humanamente fallando, e pondo Santo

Antonio de parte o habito e o cordão, parece que concorrem nelle com eminencia as partes e qualidades necessarias para este officio publico. As qualidades que constituem um perfeito procurador de côrtes, são duas: ser fiel, e ser estadista. E quem se podia presumir mais fiel, e ainda mais estadista, que Santo Antonio? Fiel como portuguez, Santo Antonio de Lisboa; estadista como italiano, Santo Antonio de Padua. Deu-lhe a fidelidade a terra propria; a razão de estado as estranhas. Isto de razão de estado, com ser tão necessaria aos reinos, nunca se deu muito no nosso (culpa de seu demasiado valor); e os portuguezes que a usam e praticam com perfeição, mais a devem á experiencia das terras alheias, que ás influencias da propria. E como Santo Antonio andou tantas e tão politicas em sua vida, Hespanha, França, Italia, ainda nesta parte ficava mui acertada a eleição de sua pessoa, quanto mais crescendo sobre estes talentos os outros maiores de seu zelo, de sua sabedoria, de sua santidade.

Só fará escrupulo nesta materia o genio tão conhecido de Santo Antonio, segundo o qual parece que era mais conveniente sua assistencia em côrtes que se fizessem em Castella, que nestas que celebramos em Portugal. Os intentos de Castella, são recuperar o perdido; os intentos de Portugal, são conservar o recuperado. E como deparar coisas perdidas, é o genio e a graça particular de Santo Antonio; a Castella parece que convinha a assistencia de seu patrocínio, que a nós por agora não. Quem nos ajude a conservar o ganhado, é o que havemos mister. Ora, senhores, ainda não conhecemos bem a Santo Antonio? Santo Antonio para os estranhos é recuperador do perdido; para com os seus é conservador do que se póde perder. Caminhava o pae de Santo Antonio a degollar (assim o dizem muitas historias, inda que alguma falle menos nobremente), e chegando já ás portas da Sé, e ás suas, eis que appareceu o santo milagrosamente, fez parar os ministros da justiça, resuscita o morto, declara-se a innocencia do condemnado, e fica livre. Pergunto: Porque não esperou Santo Antonio que morresse seu pae, e depois de morto lhe restituiu a vida? Não é menos fundada a duvida que no exemplo de Christo Senhor nosso, de quem diz o texto de S. João,

*

que avisado da enfermidade de Lazaro, de proposito se deteve e o deixou morrer, para depois o resuscitar. *Destulit sanare, ut posset resuscitare*, ponderou o Chrysologo: que lhe dilatou a saude, porque lhe quiz resuscitar a vida. Pois se é mais gloriosa acção, e mais de Christo resuscitar uma vida, que impedir uma morte; porque o não fez assim Santo Antonio?

Não fôra maior milagre, não fôra mais bizarra maravilha acabar o verdugo de passar o cutello pela garganta do pae, e no mesmo ponto apparecer sobre o theatro o filho, ajuntar a cabeça ao tronco, levantar-se o morto vivo, pasmarem todos, e não crerem o que viam, ficando só da ferida um fio subtilmente vermelho, para fiador do milagre? Pois porque o não fez Santo Antonio assim? Se tinha virtude milagrosa para resuscitar; se resuscitou alli um morto; se resuscitou outros muitos em diversas occasiões; porque não esperou um pouco para resuscitar tambem a seu pae? Porque? Porque era seu pae. Aos estranhos resuscitou-os, depois de perderem a vida; a seu pae defendeu-lhe a vida, para que não chegasse a perdel-a: aos estranhos remedeia; mas ao seu sangue perserva. Christo Senhor nosso foi Redemptor universal do genero humano, mas com differença grande. A todos os homens geralmente livrou-os da morte do peccado, depois de incorrerem nelle; mas a sua Mãe preservou-a, para que não incorresse: aos outros deu-lhes a mão, depois de cairem; a sua Mãe teve-a mão, para que não caisse: dos outros foi Redemptor por resgate; de sua Mãe por preservação. Assim tambem Santo Antonio. Aos estranhos resuscitou-os depois de mortos; a seu pae conservou-lhe a vida, para que não morresse; que essa differença faz o divino portuguez dos seus aos estranhos. Para com os estranhos é recuperador das coisas perdidas; para com os seus é tambem preservador de que se não percam. Por isso com bem occasionada propriedade se compara hoje no evangelho ao sal: *Vos estis sal terræ*. O sal é remedio da corrupção, mas remedio preservativo: não remedeia o que se perdeu; mas conserva o que se pudéra perder, que é o de que temos necessidade.

Supposto isto, nenhuma parte lhe falta a Santo Antonio, antes todas estão nelle em sua perfeição, para o officio que lhe

consideramos de procurador do céu nas nossas côrtes. Como tal dirá o Santo hoje seu parecer a respeito da conservação do reino : e esta será a materia do sermão. Santo Antonio é o que ha de prégar, e não eu. E cuido que desta maneira ficará o sermão mais de Santo Antonio, que nenhum outro ; porque nos outros tractamos nós d'elle, neste tracta elle de nós. Mas como eu sou o que hei de fallar ; para que o discurso pareça de Santo Antonio, cujo é, e não meu, muita graça me é necessaria. *Ave Maria.*

II.

Vos estis sal terræ.

Já Santo Antonio tem dito seu parecer. Nestas quatro palavras breves, nestas seis syllabas compendiosas, *Vos-es-tis-sal-ter-ræ*, se resume todo o arrasoado de Santo Antonio em ordem ao bem e conservação do reino. E ninguém me diga, que disse estas palavras Christo a Santo Antonio, e não Santo Antonio a nós ; porque como a rhetorica dos do outro mundo são os exemplos, e o que obraram em vida é o que nos dizem depois da morte, dizer Christo a Santo Antonio o que foi, é dizer-nos Santo Antonio o que devemos ser. *Vos estis sal terræ*, disse Christo a Santo Antonio por palavra : *Vos estis sal terræ*, diz Santo Antonio aos portuguezes por exemplo. Intendamos bem estas quatro palavras, que estas bem entendidas nos bastam.

Vos estis sal terræ. O primeiro fundamento que toma para seu discurso Santo Antonio, é suppor que devemos e havemos de tractar de nossa conservação. Isso quer dizer (conforme a exposição de todos os doutores) *Vos estis sal terræ* : Vós sois sal da terra. Quem diz sal, diz conservação ; e a que Christo commendava no original destas palavras tem grandes circumstancias da nossa. Muito tenho reparado, em que primeiro chamou Christo aos apóstolos pescadores, e ao depois chamou-lhes sal : *Faciam vos fieri piscatores hominum : Vos estis sal terræ.* (Matth. IV — 9) Se pescadores, porque sal juntamente ? Porque importa pouco o ter tomado, se se não conservar o que se to-

mon. Chamar-lhes pescadores, foi encommendar-lhes a pesca-
ria; chamar-lhes sal, foi encarregar-lhes a conservação. Sois
pescadores, apóstolos meus, porque quero que vades pescar por
esse mar do mundo; mas advirto-vos que sois também sal;
porque quero que pesqueis, não para comer, senão para conser-
var. Senhores meus, já somos pescadores, ser agora sal é o que
resta. Fomos pescadores astutos, fomos pescadores venturosos;
aproveitámo-nos da agua envolta, lançámos as redes a tempo,
e ainda que tomámos somente um peixe rei, foi o mais formoso
lanço, que se fez nunca, não digo nas ribeiras do Tejo, mas
em quanto rodeam as paías do Oceano. Pescou Portugal o seu
reino, pescou Portugal a sua coroa, advirta agora Portugal,
que não a pescou para a comer, senão para a conservar. Foi
pescador, seja sal. Mas isto não se discorre, suppõe-se.

Porém: *Si sal evanuerit, in quo salietur?* Se o sal não for
effectivo; se os meios que se tomarem para a conservação, sai-
rem vãos e inefficazes, que remedio? Esta é a razão de se re-
petirem; e esta é a maior difficuldade destas segundas côrtes.
As primeiras côrtes foram de boas vontades; estas segundas po-
dem ser de bons intendimentos. Nas primeiras tractou-se de re-
mediar o reino; nestas tracta-se de remediar os remedios. Diffi-
cultosa empresa, mas importantissima. Quando os remedios não
têm bastante efficacia para curar a enfermidade, é necessario
curar os remedios, para que os remedios curem ao enfermo. As-
sim o fez o mesmo Christo Deus e Senhor nosso, sem dispendio
de sua sabedoria, nem erro de sua providencia. Não se pôde
acertar tudo da primeira vez. Trabalhava Christo por sarar e
converter o seu povo com os remedios ordinarios da doutrina e
prégação evangelica; e vendo que se não seguia a desejada saude,
que fez? Tractou de remedios, para que os remedios remediasssem
os enfermos. Em proprios termos o disse Santo Asterio fallando
da resurreição da filha do Jairo: *Ut vidit judæos ad sermones
obsurdescere, factis ipsos instituit, ac medicinæ medicinam accom-
modat.* Vendo Christo que estava a enfermidade rebelde, e os ou-
vintes surdos a seus sermões, ajuntou ás palavras obras, ajuntou
à doutrina milagres, e tomou por arbitrio melhorar os remedios,

para que os remedios melhorassem os enfermos: *Ac medicina, medicinam accommodat*. Applicou umas medicinas a outras medicinas, para que os que eram remedios fracos, fossem valentes remedios. Este é o fim de se repetirem côrtes em Portugal. Arbitraram-se nas passadas varios modos de tributos, para remedio da conservação do reino; mas como estes tributos não foram effectivos, como estes remedios saíram inefficazes, importa agora remediar os remedios.

III.

Mas perguntarme-ha alguém, ou perguntára eu a Santo Antonio: Que remedio teremos nós para remediar os remedios? Muito facil, diz Santo Antonio: *Vos estis sal terræ*. Para se curar uma enfermidade, vê-se em que pecca a enfermidade: para se curarem os remedios, veja-se em que peccaram os remedios. Os remedios, como diz a queixa publica, peccaram na violencia, muitos arbitrios, mas violentos muito. Pois modere-se a violencia com a suavidade, ficarão os remedios remediados. Foram inefficazes os tributos por violentos, sejam suaves, e serão effectivos. *Vos estis sal terræ*: Duas propriedades tem o sal, diz aqui Santo Hilario; conserva, e mais tempera: é o antidoto da corrupção e lisonja do gosto; é o preservativo dos preservativos, e o sabor dos sabores: *Sal incorruptionem corporibus, quibus fuerit aspersus, impertit, et ad omnem sensum conditi saporis aptissimus est*. Taes como isto devem ser os remedios com que se hão de conservar as republicas. Conservativos sim, mas desabridos não. Obrar a conservação, e saborear, ou ao menos não offender o gosto, é o primor dos remedios. Não tem bons effectos o sal, quando aquillo que se salga fica sentido. De tal maneira se ha de conseguir a conservação, que se escuse quanto for possível o sentimento. Tirou Deus uma costa a Adão para a fabrica de Eva: mas como a tirou? *Immisit Deus soporem in Adam*, Diz o texto sagrado: Fez Deus adormecer a Adão, e assim dormindo lhe tirou a costa. (Gen. II. — 21).

Pois porque razão dormindo, e não acordado? Disse-o advertidamente o nosso portuguez Oleastro, e é o pensamento tão ti-

rado da costa de Adão, como das entranhas dos portuguezes : *Ostendit, quàm difficile sit ab homine auferre, quod etiam in ejus cedit utilitatem : quam ob rem opus est ab eo surripere, quod ipse concedere negligit.* A costa de que se havia de formar Eva, tirou-a Deus a Adão dormindo, e não accordado, para mostrar quão difficoltosamente se tira aos homens, e com quanta suavidade se deve tirar ainda o que é para seu proveito. Da criação e fabrica de Eva dependia não menos que a conservação e propagação do genero humano ; mas repugnam tanto os homens a deixar arrancar de si aquillo que se lhes tem convertido em carne e sangue, ainda que seja para bem de sua casa, e de seus filhos, que por isso traçou Deus tirar a costa a Adão, não accordado, senão dormindo : adormeceu-lhe os sentidos, para lhe escusar o sentimento. Com tanta suavidade como isto, se ha de tirar aos homens o que é necessario para sua conservação. Se é necessario para a conservação da patria, tire-se a carne, tire-se o sangue tirem-se os ossos, que assim é razão que seja ; mas tire-se com tal modo, com tal industria, com tal suavidade, que os homens não o sintam, nem quasi o vejam. Deus tirou a costa a Adão, mas elle não o viu, nem o sentiu ; e se o soube, foi por revelação. Assim acontecem aos bem governados vassallos do imperador Theodorico, dos quaes por grande gloria sua dizia elle : *Sentimus auctas illationes, vos addita tributa nascitis* : Eu sei que ha tributos, porque vejo as minhas rendas acrescentadas : vós não sabeis se os ha, porque não sentis as vossas diminuidas. Razão é que por todas as vias se acuda á conservação ; mas como somos compostos de carne e sangue, obre de tal maneira o racional, que tenha sempre respeito ao sensitivo. Tão asperos podem ser os remedios, que seja menos feia a morte, que a saude. Que me importa a mim sarar do remedio, se hei de morrer do tormento ?

Divina doutrina nos deixou Christo desta moderação na sujeita materia dos tributos. Mandou Christo a S. Pedro, que pagasse o tributo a Cezar, e disse-lhe que fosse pescar, e que na bocca do primeiro peixe acharia uma moeda de prata, com que pagasse. Duas ponderações demos a este logar o dia passado :

hoje lhe daremos sete a diferentes intentos. Se Deus não faz milagres sem necessidade, porque o fez Christo nessa occasião, sendo ao parecer superfluo? Podéra o Senhor dizer a Pedro, que fosse pescar, e que do preço do que pescasse, pagaria o tributo. Pois porque dispõe que se pague o tributo não do preço, senão da moeda que se achar na bocca do peixe? Quiz o Senhor, que pagasse S. Pedro o tributo, e mais que lhe ficasse em casa o fruto de seu trabalho, que este é o suave modo de pagar tributos. Pague Pedro o tributo sim, mas seja com tal suavidade e com tão pouco dispendio seu, que satisfazendo ás obrigações de tributario, não perca os interesses de pescador. Coma o seu peixe como d'antes comia, e mais pague o tributo que d'antes não pagava. Por isso tira a moeda não do preço senão da bocca do peixe: *Aperto ore ejus, invenies staterem. Aperto ore: (Matth. XVII. — 26.)* Notae. Da bocca do peixe se tirou o dinheiro do tributo; porque é bem que para o tributo se tire da bocca. Mas esta differença ha entre os tributos suaves e os violentos: que os suaves tiram-se da bocca do peixe; os violentos, da bocca do pescador. Hão se de tirar os tributos com tal traça, com tal industria, com tal invenção, *Invenies staterem*, que pareça o dinheiro achado, e não perdido; dado por mercê da ventura, e não tirado á força da violencia. Assim o fez Deus com Adão; assim o fez Christo com S. Pedro; e para que não diga alguém, que são milagres a nós impossiveis, assim o fez Theodorico com seus vassallos. A boa industria é supplemento da omnipotencia, e o que faz Deus por todo poderoso, fazem os homens por muito industriosos.

IV.

Sim. Mas que industria poderá haver para que os tributos se não sintam, para que sejam suaves e faceis de levar? Que industria? *Vos estis sal terræ.* Não se mette Santo Antonio a discursar arbitrios particulares, que seria coisa larga, e menos propria deste logar, posto que não difficiliosa: um só meio aponta o Santo nestas palavras, que transcende universalmente por todos os que se arbitrarem, com que qualquer tributo, se for justo,

será mais justo ; e se facil muito mais facil, e mais suave : *Vos estis sal terræ*. Nota aqui S. João Chrysostomo a generalidade com que fallou Christo aos discipulos. Não lhes chamou sal de uma casa, ou de uma familia, ou de uma cidade, ou de uma nação, senão sal de todo o mundo, sem exceptuar a ninguém. *Vos estis sal terræ, non pro una gente, sed pro universo mundo*, commenta o santo padre. Queremos, senhores, que o sal, qual-quer que for, não seja desabrido ? Queremos, que os meios da conservação pareçam suaves ? *Non pro una gente, sed pro universo mundo*. Não sejam os remedios particulares, sejam universaes : não carreguem os tributos somente sobre uns, carreguem sobre todos. Não se tracte de salgar só um genero de gente : *Non pro una gente* : reparta-se, e alcance o sal a terra : *Vos estis sal terræ*. Convida Christo aos homens para a acceitação e observancia de sua lei, e diz assim : *Venite ad me omnes, qui laboratis, et onerati estis et ego reficiam vos*. (Matth. XI. — 28.) Vinde a mim todos, que tão cansados e molestados vos traz o mundo, e eu vos alliviarei : *Tollite jugum meum super vos, et invenietis requiem animabus vestris* : (Ibid. 29.) Tomae o meu jugo sobre vós, e achareis descanso para a vida : *Jugum enim meum suave est, et onus meum leve* : (Ibid. 30.) Porque o jugo de minha lei é suave, e o peso de meus preceitos é leve.

Ora se tomarmos bem o peso á lei de Christo, havemos de achar que tem alguns preceitos pesados, e, segundo a natureza, assás violentos. Haver de amar aos inimigos : confessar um homem suas fraquezas a outro homem : bastar um pensamento para offender gravemente a Deus, e ir ao inferno : estes e outros semelhantes preceitos não ha duvida que são pesados e difficultosos : e por taes os estimou o mesmo Senhor, quando lhes chamou cruz nossa : *Tollat crucem suam, et sequatur me*. (Ibid. XVI — 24) Pois se os preceitos da lei de Christo, ao menos alguns, são cruz pesada ; como lhes chama o Senhor jugo suave e carga leve : *Jugum enim meum suave est, et onus meum leve* ? Antes de o Senhor lhes chamar assim, já tinha dito a causa : *Venite ad me omnes*. A lei de Christo é uma lei que se estende a todos com igualdade, e que obriga a todos sem privilegio : ao grande e ao

pequeno : ao alto e ao baixo ; ao rico e ao pobre : a todos mede pela mesma medida. E como a lei é commum sem excepção de pessoas, e igual sem differença de preceito, modera-se tanto o pesado no commum, e o violento no igual, que, ainda que a lei seja rigorosa, é jugo suave; ainda que tenha preceitos difficiliosos, é carga leve: *Jugum meum suave est, et onus meum leve.* É verdade que é jugo, é verdade que é peso, nem Christo o nega ; mas como é jugo que a todos iguala, o exemplo o faz suave ; como é peso que sobre todos carrega, a companhia o faz leve. Clemente Alexandrino : *Non prætergredienda est æqualitas, quæ versatur in distributionibus honorando justitiam : propterea Dominus, tollite, inquit, jugum meum super-vos, quia benignum est et leve.*

O maior jugo de um reino, a mais pesada carga de uma república, são os immoderados tributos. Se queremos que sejam leves, se queremos que sejam suaves, repartam-se por todos. Não ha tributo mais pesado que o da morte, e comtudo todos o pagam, e ninguém se queixa ; porque é tributo de todos. Se uns homens morreram, e outros não, quem leyára em paciencia esta rigorosa pensão da mortalidade ? Mas a mesma razão que a estende, a facilita ; e porque não ha privilegiados, não ha queixosos. Imitem as resoluções politicas o governo natural do Creador : *Quæ solem suum oriri facit super bonos e malos, et pluit super justos et injustos.* (Matth. V — 45) Se-amanhece o sol, a todos aquece : e se chove o céu, a todos molha. Se toda a luz caíra a uma parte, e toda a tempestade a outra, quem o soffrêra ? Mas não sei que injusta condição é a deste elemento grosseiro em que vivemos, que as mesmas igualdades do céu, em chegando á terra, logo se desigualam. Chove o céu com aquella igualdade distributiva que vemos ; mas em a agua chegando á terra, os montes ficam enxutos, e os valles afogando-se : os montes escoam o peso da agua de si, e toda a força da corrente desce a alagar os valles : e queira Deus que não seja theatro de recreação para os que estão olhando do alto, vêr nadar as cabanas dos pastores sobre os diluvios de suas ruinas. Ora guardemo-nós de algum diluvio universal, que quando Deus iguala desigualdades, até os mais altos montes ficam

debaixo da agua. O que importa é que os montes se igualemente com os valles, pois os montes são a quem principalmente ameaçam os raios : e reparta-se por todos o peso, para que fique leve a todos. Os mesmos animaes de carga se lh'a deitam toda a uma parte, caem com ella ; e a muitos navios metteu nas mãos dos piratas a carga, não por muita, mas por descompassada. Se se repartir o peso com igualdade de justiça, todos o levarão com igualdade de animo : *Nullus enim gravanter obtulit, quod cum æquitate persolvitur* : Porque ninguem toma pesadamente o peso que se lhe distribuiu com igualdade, disse o politico Cassiodoro.

V.

Boa doutrina estava esta, se não fôra difficultosa, e, ao que parece, impraticavel. Bom era que nos igualáramos todos : mas como se podem igualar extremos que teem a essencia na mesma desigualdade ? Quem compõe os tres estados do reino, é a desigualdade das pessoas. Pois como se hão de igualar os tres estados, se são estados porque são desiguaes ? Como ? Já se sabe que ha de ser : *Vos estis sal terræ*. O que aqui pondero é que não diz Christo aos apostolos : vós sois similhante ao sal ; senão : *Vos estis* : Vós sois sal. Não é necessaria philosophia para saber que um individuo não pôde ter duas essencias. Pois se os apostolos eram homens, se eram individuos da natureza humana, como lhes diz Christo que são sal : *Vos estis sal* ? Alta doutrina de estado. Quiz-nos ensinar Christo Senhor nosso, que pelas conveniencias do bem commum se hão de transformar os homens, e que hão de deixar de ser o que são por natureza, para serem o que devem ser por obrigação. Por isso tendo Christo constituido aos apostolos ministros da redempção, e conservadores do mundo, não os considera sal por similhança, senão sal por realidade : *Vos estis sal* : porque o officio ha se de transformar em natureza a obrigação, ha se de converter em essencia, e devem os homens deixar de ser o que são, para chegarem a ser o que devem. Assim o fazia o Baptista, que, perguntado quem era, respondeu : *Ego sum vox* ; (Joan. I — 23) Eu sou uma voz. Calou o nome da pessoa, e disse o nome do

officio ; porque cada um é o que deve ser, e senão, não é o que deve. Se os tres estados do reino, attendendo a suas preeminencias, são desiguaes, attendam a nossas conveniencias, e não o sejam. Deixem de ser o que são, para serem o que é necessario, e iguale a necessidade os que desigualou a fortuna.

A mesma formação do sal nos porá em pratica esta doutrina. Aristoteles e Plinio reconhecem na composição do sal o elemento da agua e do fogo : *Sal est ignea, e aquæ naturæ, continens duo elementa, ignem e aquam*, diz Plinio. A glosa ordinaria, e S. Chromacio acrescentam o terceiro elemento do ar (prova seja a grande humidade deste mixto) ; e diz assim S. Chromacio : *Natura salis per aquam, per calorem solis, per flactum venti constat et ex eo, quod fuit, in alteram speciem commutatur* : A materia ou natureza do sal são tres elementos transformados, os quaes tendo sido fogo, ar e agua, se uniram em uma differente especie, e se converteram em sal. Grande exemplo da nossa doutrina ! Assim como o sal é uma junta de tres elementos, fogo, ar e agua, assim a republica é uma união de tres estados, ecclesiastico, nobreza e povo. O elemento do fogo representa o estado ecclesiastico, elemento mais levantado que todos, mais chegado ao céu, e apartado da terra ; elemento a quem todos os outros sustentam, isento elle de sustentar a ninguem. O elemento do ar representa o estado da nobreza, não por ser a esphera da vaidade, mas por ser o elemento da respiração ; porque os fidalgos de Portugal foram o instrumento felicissimo, por que respiramos, devendo este reino eternamente á resolução de sua nobreza os alentos com que vive, os espiritos com que se sustenta.

Finalmente o elemento da agua representa o estado do povo : (*Aquæ sunt populi*, diz um texto do Apocalypse) (Apocal. XVII — 15) e não como dizem os criticos, por ser elemento inquieto e indomito, que á variedade de qualquer vento se muda ; mas por servir o mar de muitos e mui proveitosos usos á terra, conservando os commercios, enriquecendo as cidades, e sendo o melhor visinho, que a natureza deu ás que amou mais. Estes são os elementos de que se compõe a republica. Da maneira, pois, que aquelles tres elementos naturaes deixam de ser o que eram, para se con-

verterem em uma especie conservadora das coisas : *Ex eo, quod fuit, in alteram speciem commutatur* : assim estes tres elementos politicos hão de deixar de ser o que são, para se reduzirem unidos a um estado que mais convenha á conservação do reino. O estado ecclesiastico deixe de ser o que é por immunnidade, e anime-se a assistir com o que não deve. O estado da nobreza deixe de ser o que é por privilegios, e alente-se a concorrer com o que não usa. O estado do povo deixe de ser o que é por possibilidade e esforce-se a contribuir com o que póde : e desta maneira dei, xando cada um de ser o que foi, alcançarão todos juntos a ser o que devem : sendo esta concorde união dos tres elementos efficaç conservadora do quarto. *Vos estis sal terræ.*

VI.

Amplifiquemos este ponto, como tão essencial, e fallemos particularmente com cada um dos tres estados. Primeiramente o estado ecclesiastico deixe de ser o que é por immunnidade, e seja o que convém á necessidade commun. Serem isentas de pagar tributo as pessoas e bens ecclesiasticos, o direito humano o dispõe assim, e alguns querem que tambem o divino. No nosso passo o temos. Indo propôr S. Pedro a Christo, que os ministros reaes lhe pediam o tributo, respondeu o Senhor, que fosse pescar, como dissemos, e que na bocca do primeiro peixe acharia o didracma, ou moeda. Difficulto. Supposto que o tributo se havia de pagar do dinheiro miliegroso, e não do preço do peixe, para que vae pescar S. Pedro ? Não era mais barato dizer-lhe Christo, que mettesse a mão na algibeira, e que ali acharia com que pagar ? Para Christo tão facil era uma coisa, como a outra ; para S. Pedro mais facil esta segunda. Pois porque lhe manda que vá ao mar, que pesque, e que do dinheiro que achar por esta industria, pague o tributo ? A razão foi, porque quiz Christo contemporizar com o tributo de Cezar, e mais conservar em seu ponto a immunnidade ecclesiastica. Pague Pedro (como se disserra Christo), mas pague como pescador, não pague como apostolo : pague como official do povo, e não como ministro da igreja.

Deixe Pedro, por representação, de ser o que é, e torne por representação a ser o que foi: deixe de ser ecclesiastico, e torne a ser pescador; e então pague por obrigação do officio, o que não deve pagar por privilegio da dignidade. *Ita Christus tributum solvere voluit, ut nec publicanos offenderet, nec suum perderet privilegium*, diz o doutissimo Maldonado de sentença de S. Chrysostomo e de Euthymio. A sua razão é: *Dum non ex suo, sed ex invento solveret*: porque pagou do dinheiro achado, e não do seu.

Mas a mim mais facil me parece distinguir na mesma pessoa diferentes representações, que admittir, receber, e dar sem consideração de dominio. O pensamento é o mesmo, escolha cada um das duas razões a que mais lhe contentar. E como a materia era de tanta importancia, ainda por outra clausula a confirmou e ratificou o Senhor, para que este exemplo lhe não prejudicasse: *Da eis pro me et te*: (Matth. XVII — 26) *Dae*, Pedro, por mim e por vós. *Da*: aqui reparo. Quando lhe vieram perguntar a Christo, se era licito pagar o tributo a Cezar, respondeu o Senhor: *Reddite, quæ sunt Cæsaris, Cæsari et quæ sunt Dei, Deo*: (Ibid. XXII — 21) *Pagas* o de Cezar a Cezar, e o de Deus a Deus. Pergunta Theofilato: *Quare reddite et non date*? Porque diz Christo *pagas*, e não diz *dae*? A mesma questão faço eu aqui: *Da eis pro me et te*: *quare da et non, reddes*? Porque diz *dae* e não diz *pagas*? Se lá diz Christo, *pagas* e não *dae*; porque cá diz o mesmo Senhor *dae* e não *pagas*? A razão é, porque lá fallava Christo com os seculares, cá fallava com os ecclesiasticos; e quando uns e outros concorrem para os tributos, os seculares *pagam*, e os ecclesiasticos *dão*. Os seculares *pagam*, porque *dão* o que devem; os ecclesiasticos *dão*, porque *pagam* o que não devem. Por isso Christo usou da clausula *da* com grande providencia; para que este acto tão contrario á immunidadade ecclesiastica, não cedesse em prejuizo della, declarando que o tributo que um e outro estado paga promiscuamente, nos seculares é justiça, nos ecclesiasticos é liberalidade: nos seculares é divida, nos ecclesiasticos é dadiva: *Da*: *Reddite*.

Tanta é a immunidadade das pessoas e bens ecclesiasticos; mas

estamos em tempo, em que é necessario cederem de sua immundade para soccorrermos a nossa necessidade. Não digo que *pague* os ecclesiasticos ; mas digo que *dêem* : não digo *reddite* ; mas digo *da*. Liberalidade peço e não justiça ; ainda que a occasião presente é tão forçosa, que justiça vem a ser a liberalidade. Com nenhum doutor allegarei nesta materia, que não seja ou summo pontifice, ou cardeal, ou bispo ; para que com o desinteresse em causa propria se qualifique ainda mais a auctoridade maior. Quando el-rei de Israel, Saul, tractava de tirar a vida a David, rei tambem de Israel, que havia naquelle tempo dois que se intitulavam reis do mesmo reino ; um, rei injusto, outro santo : um, rei escolhido por Deus, outro, reprovado por elle : neste tempo (que parece neste tempo) foi ter David com o sacerdote Achimelech, ou Abiatar, e com licença sua tomou do altar os pães da proposição, e repartiu-os a seus soldados. Acção foi esta, que tem contra si um texto expresso no capitulo vinte e quatro do Levitico, desta maneira : *Eruntque (panes propositionis) Aaron et filiorum ejus, ut comedant eos in loco sancto : quia sanctum sanctorum est de sacrificiis Domini jure perpetuo* : Quer dizer : que os pães da proposição seriam perpetuamente de Aram e seus descendentes, e que os comeriam os sacerdotes, e não outrem, por ser pão santo e consagrado a Deus. Esta é a verdadeira intelligencia do texto, conforme a glossa de fé no capitulo sexto de S. Lucas. Pois se os pães da proposição eram proprios dos sacerdotes, e nenhum homem secular podia comer delles licitamente, como os deu a David um sacerdote tão zeloso como Achimelech ; e como os tomou para seus soldados um rei tão santo como David ?

Não temos menor interprete ao logar, que o summo pontifice Christo, auctor e expositor de sua mesma lei. Approva Christo esta acção de David no capitulo segundo de S. Marcos, e diz assim : *Nunquam legistis, quid fecerit David, quando necessitatem habuit ? Quomodo introivit domum Dei, et panes propositionis manducavit, quos non licebat manducare nisi sacerdotibus et dedit eis, qui cum eo erant ?* (Marc. II — 25 e 26) Nunca les-tes o que fez David quando teve necessidade, como entrou no

templo de Deus, como tomou os pães, que não era licito comer senão aos sacerdotes, e os deu a seus soldados? De maneira que a total razão, por que approva Christo entrar David no templo, e tomar o pão dos sacerdotes é porque o fez o rei, *quando necessitatem habuit*, quando teve necessidade; porque quando estão em necessidade os reis, é bem que os bens ecclesiasticos os soccorram, e que tirem os sacerdotes o pão da boca para o sustentarem a elle, e a seus soldados. Assim declara Christo que precede o direito natural ao positivo, e que pôde ser licito pelas circumstancias do tempo, o que pelas leis e canones é prohibido.

E verdadeiramente que quando a nenhum rei deveram os ecclesiasticos esta correspondencia, os reis de Portugal a mereciam; porque se attentamente se lerem as nossas chronicas, apenas se achará templo, ou mosteiro em todo Portugal, que os reis portuguezes com seu piedoso zelo ou não fundassem totalmente, ou não dotassem de grossas rendas, ou não enriquecessem com preciosissimas dadivas. Impossivel coisa fora deter-me em materia tão larga e inutil, e tão sabida. Concorram pois as egrejas a soccorrer a seus fundadores, a sustentar a quem as enriqueceu, e a offerecer parte de suas rendas ás mãos de cuja realza receberam todas. Mais é isto justiça, que liberalidade; mais é obrigação, que benevolencia; mais é restituição, que dadiva.

Tirou el-rei Ezechias do templo, para se soccorrer em uma guerra, os thesouros sagrados, e as mesmas laminas de oiro com que estavam chapeadas as portas; e justificam muito esta resolução assim o texto, como os doutores, por tres razões: De necessidade em respeito do reino; de conveniencia em respeito do templo; de obrigação em respeito do rei. Por razão de necessidade em respeito do reino (diz o cardeal Caetano), porque quando o reino tinha chegado a termos, que se não podia conservar, nem defender de outra maneira, justo era que em falta dos thesouros profanos substituissem os sagrados, e que se empenhassem e vendessem as joias da egreja para remir a liberdade publica.

Omni exceptione maius est exemplum hoc Ezechiae, ut pro re-

demptione vexationis ab infidelibus liceat, exhaustis publicis thesauris, ex ecclesiæ totalibus subvenire publicæ libertati christianorum. Por razão de conveniencia em respeito do templo (diz o bispo S. Theodoretto); porque mais convinha ao templo conservar-se pobre, que não se conservar; e é certo que na perda ou defesa da cidade consistia juntamente a sua; porque fazendo-se senhor da cidade Senacherib, tambem arderia com a cidade o templo: *Quando non sufficiebant thesauri regis, mos erat in hujusmodi necessitatibus sacros etiam thesauros consumere; necessitas autem effecit, ut etiam constaret portas æneas, ne si bello superior fuisset Senacherib, et urbem et templum incenderet.* Finalmente, por razão de obrigação em respeito do mesmo rei; porque, como nota o texto, *confregit Ezechias valvas templi et laminas auri, quas ipse affixerat.* (4 Reg. XVIII — 16)

As laminas de oiro, que Ezechias arrancou das portas do templo, elle mesmo as tinha dado; e era justa correspondencia, que em tal occasião as portas se despissem de suas joias, e restituissem generosamente o seu oiro a um rei, que com tanta liberalidade as enriquecera. Os templos são armazens das necessidades; e os reis que offerecem votos, depositam soccorros. Quando David se viu no déserto desarmado e perseguido, nenhum soccorro achou senão a espada do gigante, que consagrara a Deus no templo; que as dadas, que dedicaram aos templos os reis victoriosos, bem é que as restituam os templos aos reis necessitados. Isto é o que deve fazer o estado ecclesiastico de Portugal, e em primeiro logar os primeiros delle; que por isso pagou o tributo não outro dos apostolos, senão S. Pedro.

VII.

O estado da nobreza tambem é isento por seus privilegios da pagar tributos: *Capita stipendio censa ignobiliora*, disse lá Tertulliano; donde Jeremias fallando de Jerusalem: *Princeps provinciarum facta est sub tributo*: (Thren. I — 1) Contrapoz o tributo á nobreza, e exaggerou a Jerusalem senhora, para a lamentar tributaria. No passo que nos fez o gasto temos tam-

bem isto. Quando os ministros de Cezar pediram o tributo a S. Pedro, perguntou-lhe Christo: *Quid tibi videtur, Simon?* (Matth. XVII — 24) Que vos parece, Pedro, neste caso? *Reges terrarum à quibus accipiunt tributum, à filiis, an ab alienis?* (Ibid.) Os reis da terra de quem recebem tributo, dos filhos, ou dos estranhos? *Ab alienis*, (Ibid. — 25) Dos estranhos, respondeu S. Pedro. *Ergo liberi sunt filii?* (Ibid.) Logo isentos somos nós de pagar tributos, diz Christo? Eu, porque sou Filho do Rei dos reis; e vós, porque sois domesticos e criados de minha casa; que os que teem foro, ou filiação na casa real, isentos e privilegiados são de pagar tributos. *Hoc exemplum probat*, diz o doutissimo Tanero, *etiam familiares ipsius Christi a tributo liberos esse, cum et in humana politia non tantum filius ipse regis, sed etiam familia ejus à tributis libera esse soleat*. Isto resolveu Christo *de jure*. Mas *de facto* que resolveu? *Ut autem non scandalisemus eos, vade et da eis pro me et te*. (Ibid. — 26) Resolveu que sem embargo de serem privilegiados, pagassem o tributo; porque seria materia de escandalo, que quando pagavam todos, não pagassem elles. Pois se nos casos communs lhe parece bem a Christo que paguem tributos os nobres, a quem isentam as leis; quanto mais em um caso tão extraordinario e maior que pode acontecer em um reino, em que se arrisca a conservação do mesmo reino, do mesmo rei e a mesma nobreza?

Por duas razões principalmente me parece que corre grande obrigação á nobreza de Portugal de concorrerem com muita liberalidade para os subsidios e contribuições do reino. A primeira razão é, porque as commendas e rendas da coroa, os fidalgos deste reino são os que as logram e lograram sempre; e é justo que os que se sustentam dos bens da coroa, não falem á mesma coroa com seus proprios bens: *Qua de manu tua accepimus, dedimus tibi*. Não ha tributo mais bem pago no mundo, que o que pagam os rios ao mar. Continuamente estão pagando este tributo, ou em desatados cristaes, ou em prata successiva (como dizem os cultos), e vemos que para não faltarem a esta divida, se desentranham as fontes e se despenham as aguas. Pois quem deu tanta pontualidade a um elemento bruto? Por-

que se despendem com tanto primor umas aguas irracionais? Porque? Porque é justo que tornem ao mar aguas que do mar saíram. Não é o pensamento de quem cuidaes, senão de Salomão. *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur;* (Eccl. I—7) Tornam os rios perpetuamente ao mar (e em tempos tempestuosos com mais pressa e muito tributo); porque, mais ou menos grossas, do mar recebem todos suas correntes. Que injustiça fôra da natureza, e que escandalo do universo, se crescendo caudalosos os rios, e fazendo-se alguns navegaveis com a liberalidade do mar, reprezaram avaros suas aguas, e lhe negaram o devido tributo? Tal seria, se a nobreza faltasse á coroa com o oíto que della recebe. E é muito de advertir aqui uma lição que a terra nos dá, se já não for reprehensão, com seu exemplo. A agua que recebe a terra é salgada; a que torna ao mar é doce. O que recebe em ondas amargosas, restitue-o em doces tributos. Assim havia de ser, senhores, mas não sei se acontece pelo contrario. A todos é coisa muito doce o receber; mas tanto que se falla em dar, grandes amarguras! Pois consideremos a razão, e parecer-nos-ha imitavel o exemplo. A razão porque as aguas amargosas do mar se convertem em tributos doces, é porque a terra, por onde passam, recebe o sal em si. *Vos estis sal terræ*: Portuguezes, estranhe-se na terra o sal; intenda-se que o que se dá, é o sal e conservação da terra; e logo serão os tributos doces, ainda que pareçam amargosas as aguas.

A segunda razão por que a nobreza de Portugal deve servir com sua fazenda a el-rei nosso senhor, que Deus guarde, mais que nenhuma outra nobreza a outro rei, é porque ella o fez. Já que a fidalguia de Portugal saíu com a gloria de levantar o rei, não deve querer que a leve outrem de o conservar e sustentar no reino. Fazer, e não conservar, é insufficiencia de causas segundas inferiores: os effeitos das causas primeiras dependem dellas *in fieri, et conservari*. É verdade que muitas vezes tem maiores difficuldades o conservar, que o fazer; mas quem se gloria da feitura, não deve recusar o peso da conservação. Peccou Adão, decretou o Eterno Padre, que não havia de aceitar menor satisfação, que o sangue de seu unigenito Filho. Notificou-se este de-

creto ao Verbo (digamol-o assim), e que vos parece que responderia? *Ego feci, ego feram*: Eu o fiz, eu o sustentarei, diz por Isaías. A razão com que o Filho de Deus se animou á conservação tão difficultosa e tão penosa de Adão, foi com se lembrar que elle o fizera: *Ego feci, ego feram*. Para se persuadir a ser Redemptor, lembrou-se que fôra Creador; e para conservar a Adão com todo o sangue, lembrou-se que o fizera com uma palavra. Nobreza de Portugal, já fizestes ao rei, conserval-o agora é o que resta, ainda que custe: *Ego feci, ego feram*. Muito foi fazer um rei com uma palavra; mas conserval-o com todo o sangue das veias, será a corôa de tão grande façanha. Sangue e vidas é o que peço; que a tão illustres e generosos animos, petição fôra injuriosa fallar em fazenda.

VIII.

Resta que obrigação absoluta de pagar tributos, só o terceiro estado a tenha. E assim o diz o nosso passo, que, como atégora nos acompanhou, ainda aqui nos não falta. Da boca do peixe tirou S. Pedro a moeda para o tributo: mas perguntará algum curioso, que peixe era este, ou como se chamava? Poucos dias ha que eu me não atrevera a satisfazer á duvida; mas fui-a achar decidida em um auctor estrangeiro de nossa companhia, chamado Adamus Conthzem, pôde ser que seja mais conhecido dos politicos, que dos escripturarios; mas em uma e outra coisa é muito douto. Diz este auctor, fallando do nosso peixe: *Piscis est apud Plinium, qui Faber dicitur, et piscis Sancti Petri Christianis*: Que é este um peixe, a que hoje os christãos chamam peixe de S. Pedro; e Plinio na sua Historia Natural lhe chama *Faber*. Notavel coisa! *Faber* quer dizer o official. De sorte que ainda no mar, quando se ha de pagar um tributo, não o pagamos outros peixes, senão o peixe official. Não pagou o tributo um peixe fidalgo, senão um peixe mecanico. Não o pagou um peixe que se chamasse rei, ou delfim, ou outro nome menor de nobreza, senão um peixe que se chamava official: *Faber*. Sobre os officinaes, sobre os que menos podem, caem de ordinario os tributos; não sei se por lei, se por infelicidade; e melhor é não saber porque.

Seguia-se agora, segundo a ordem que levamos, exhortar o povo aos tributos; mas não commetterei eu tão grande crime. Pedir perdão aos que chamei povo, isso sim. Em Lisboa não ha povo. Em Lisboa não ha mais que dois estados—ecclesiasticos, e nobreza.—Vassallos que com tanta liberalidade dispendem o que teem, e ainda o que não teem, por seu rei, não são povo. Vae louvando o Esposo divino as perfeições da egreja em figura da Esposa, e admirando o ar, garbo, e bizzarria, com que punha os pés no chão, chama-lhe filha de principe: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia principis!* (Cant. VII — 1) Não ha duvida que no corpo politico de qualquer monarchia, os pés como parte inferior, significam o povo. Pois se o Esposo louva o povo da monarchia da egreja, com que pensamento, ou com que energia lhe chama neste louvor filha de principe: *Filia principis?* A versão hebreia o declarou ajustadamente: *Filia principis, idest, filia populi sponte offerentis*. Onde a vulgata diz, filha de principe, tem a raiz hebreia, filha do povo, que offerece voluntaria e liberalmente. E povo que offerece com vontade e liberalidade, não é povo, é principe: *Filia populi sponte offerentis: filia principis*. Bem dizia eu logo, que em Lisboa não ha tres estados, senão dois—ecclesiastico, e nobreza.—E se quizermos dizer que ha tres, não são ecclesiastico, nobreza, e povo, senão, ecclesiastico, nobreza, e principes. E a principes quem os ha de exhortar em materia de liberalidade?

Só digo por conclusão, e em nome da patria o encareço muito a todos, que ninguem repare em dar com generoso animo tudo o que se pedir (que não será mais do necessario) ainda que para isso se desfaca a fazenda, a casa, o estado, e as mesmas pessoas; porque se pelo outro caminho deixarem de ser o que são, por este tornarão a ser o que eram: *Vos estis sal terræ*. A agua deixando de ser agua, faz-se sal, e o sal desfazendo-se do que é, torna a ser agua. Neste circulo perfeito consiste a nossa conservação e restauração. Deixem todos de ser o que eram, para se fazerem o que devem; desfacem-se todos como devem, tornarão a ser o que eram. Este é em summa o espirito das nossas quatro palavras: *Vos, estis, sal, terræ*.

IX.

Temos acabado o sermão. E Santo Antonio ? Parece que nos esquecemos delle ; mas nunca fallámos de outra coisa. Tudo o que dissemos neste discurso foram louvores de Santo Antonio, posto que desconhecidos, por irem com o nome mudado. Chamámos-lhe propriedade do sal, e eram virtudes do santo. E senão, arribemos brevemente sobre ellas, e vamol-as discorrendo. Se a primeira propriedade do sal é preservar da corrupção, que espirito apostolico houve que mais trabalhasse por conservar incorrupta a fé catholica com a verdade de sua doutrina, com a pureza de seus escriptos, com a efficacia de seus exemplos, e com a maravilha perpetua de seus prodigiosos milagres ? Se a segunda propriedade do sal, é, sobre preservativo, não ser desabrido, que santo mais affavel, que santo mais benigno, que santo mais familiar, que santo, em fim, que tenha uns braços tão amorosos, que por se ver nelles Deus, desceu do céu á terra, não para lutar como Jacob, mas para se regalar docemente ? Se a terceira propriedade do sal apostolico era não ser de uma, senão de toda a terra ; quem no mundo mais sal da terra, que Santo Antonio ? De Lisboa deixando a patria, para Coimbra ; de Portugal, com desejo de martyrio, para Marrocos, da arribação de Marrocos para Hespanha, de Hespanha para Italia, de Italia para França, de França para Veneza, de Veneza outra vez a França, outra a Italia, com repetidas jornadas ; com os pés andou a Europa, e com os desejos a Africa, e se não levou os raios de sua doutrina a mais partes do mundo, foi porque ainda as não tinham descoberto os portuguezes.

Se a quarta propriedade do sal foi ser sujeito das transformações dos elementos, em que santo se viram tantas metamorphoses, como em Santo Antonio, transformando-se do que era, para ser o que mais convinha ? De Fernando se mudou em Antonio, de secular em ecclesiastico, de clerigo em religioso, e ainda de um habito em outro habito, para maior gloria de Deus tudo, sendo o primeiro em quem foi credito a mudança, e a inconstancia virtude. Finalmente, se a ultima propriedade

do sal é conseguir o seu fim desfazendo-se ; quem mais bizarra e animosamente, que Santo Antonio, se tyrannizou a si mesmo, desfazendo-se com penitencias, com jejuns, com asperezas, com estudos, com caminhos, com trabalhos padecidos constante e fervorosamente por Deus ; até que em trinta e seis annos de idade (sendo robusto por natureza) deixou de ser temporalmente ao corpo, para ser por toda a eternidade á alma, aonde vive, e viverá sem fim ?

PRATICA ESPIRITUAL

DA

CRUCIFIXÃO DO SENHOR

**Feita no collegio da companhia de Jesus,
em S. Luiz do Maranhão.**

*Factus obediens usque ad mortem, mortem
autem crucis. — Ad Filip. II — 8.*

Temos em fim, christãos, ao padecente Jesus no monte Calvario, que este foi o lugar que aquelle Senhor escolheu para theatro daquella tragedia, para campo daquella batalha, para templo daquelle sacrificio. Para theatro daquella tragedia, em que o Aman, o que tinha a maior graça d'el-rei Assuero, havia de ser pregado na cruz que estava apparelhada para Mardocheu. Para campo daquella batalha, em que David com um báculo, e com cinco pedras, havia de derribar o gigante, e cortar-lhe a cabeça com sua propria espada. Para templo daquelle sacrificio, em que o innocente Isaac, depois de levar a lenha ás costas, havia de ser posto sobre ella para ser sacrificado por seu proprio pae ; não por culpas, que as não tinha, mas por obediencia : *Factus obediens*

usque ad mortem. Era o monte Calvario até este dia o mais infame lugar que havia no mundo; mas depois que se levantou nelle aquella cruz, e aquelle Crucificado, foi o mais glorioso, e o mais santo. Os mais celebrados montes que ha no mundo, é o monte Olympo, o monte Sinay, o monte Thabor, e o monte Olivete. Do monte Olympo criam fabulosamente os antigos, que era a columna que sustentava o céu: e tal é verdadeiramente o monte Calvario; porque se elle não fôra, não houvera céu para nós. No monte Sinay deu Deus aos homens os dez preceitos da lei; mas no monte Calvario se pagaram os peccados que se tinham commettido contra a mesma lei, e se commetteram depois, e se commetterão até o fim do mundo. Do monte Olivete subiu Christo ao céu; mas no monte Calvario levantou a escada por onde nós também subissemos, que é a cruz em que hoje foi pregado. No monte Thabor mostrou Christo a poucos a sua gloria; mas no monte Calvario se pagou o preço della, que foi o seu sangue, para que a gozassemos todos. Ó quanta confiança dá esta transformação do monte Calvario ao meu coração, de que possa vir a ter a mesma mudança! O monte Calvario era o mais infame e horrendo lugar que tinha o mundo; mas se bem repararmos, christãos, os nossos corações ainda são logares mais infames e mais horrendos: *De corde exeunt cogitationes malæ, homicidia, adulteria, fornicationes, furta, falsa testimonia, blasphemix* (Matth. XV — 19) diz Christo: Do coração saem os homicidios, os adulterios, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfemias, e todos os peccados. De sorte, que verdadeiramente são peiores e mais infames e horrendos os nossos corações, que o monte Calvario; porque no monte Calvario castigam-se os delinquentes, nos nossos corações formam-se os delictos: no monte Calvario castigam-se os matadores, nos nossos corações formam-se os homicidios: *De corde exeunt homicidia*: no monte Calvario castigam-se os ladrões, nos nossos corações formam-se os furtos: *De corde exeunt furta*: no monte Calvario castigam-se os adulteros, nos nossos corações formam-se os adulterios: *De corde exeunt adulteria*: no monte Calvario castigam-se os perjuros e blasphemos, nos nossos corações formam-se as blasphemias e os falsos testemunhos:

De corde exeunt falsa testimonia. blasphemias. Eis aqui como se nossos corações são logares mais infames, e mais horrendos, que o monte Calvario. Mas assim como Christo crucificado transformou o Calvario, de monte infame e abominavel, em monte veneravel e santo, assim os nossos corações de logares de abominação e torpeza, se transformaram em logares de pureza e santidade, se nós puzermos hoje e fixarmos bem nelles um Christo crucificado. Ó que proprio Calvario para um crucifixo um coração contracto e arrependido ! Porque cuidaes que se poz Christo em uma cruz, senão para levar a si nossos corações ? *Si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum :* (Joan. XII — 32) Quando for crucificado, diz o Senhor, tudo hei de levar apoz mim. E qual é o tudo de Deus neste mundo, senão o coração do homem ? *Fili, præbe mihi cor tuum :* (Prov. XXIII — 26) Filho, dá-me o teu coração ; não quero outra coisa. E haverá ainda quem em tal dia, e em tal hora, e em consideração de tal mysterio resista a Deus, e lhe negue o coração ? Triste de ti, desgraçado coração, se a tal dureza e a tal obstinação chegaste. Mas vae ouvindo o que passa no Calvario, que ainda que sejas tão duro como as pedras delle, tu te abrandarás.

I.

Posta a cruz naquelle logar do monte onde havia de ser levantada, em quanto uns abriam a cova, e outros preveniam os instrumentos, mandaram ao Senhor que se despisse ; e esta foi a terceira vez em que o Senhor foi hoje despido de suas vestiduras, não para as tornar a vestir, como das outras vezes, mas para nunca mais se vestir. Se no pretorio custou tanto, como vimos, áquella Humanidade sagrada, este desamparo de sua modestia, já vêdes que seria na publicidade do monte Calvario, em tal cidade, em tal occasião, em tal hora ? Mas todas estas circumstancias ordenou e dispoz o mesmo Senhor, que concorressem juntas, para que fosse mais publica a sua infamia e a sua affronta, e para que fosse maior a confusão das nossas soberbas. Para nascer escolheu o logar pequeno, uma cova retirada, e o silencio da

meia noite: para morrer escolheu uma cidade como a de Jerusalem, onde concorriam as nações de todo o mundo, para que todo o mundo soubesse suas affrontas: escolheu um monte alto e descoberto, onde de todas as partes, ao perto, e ao longe podessem ser vistas: escolheu o tempo e occasião da paschoa, em que se ajuntavam em Jerusalem as familias de todo o reino, para que em todo se divulgassem: escolheu a hora do meio dia, em que fossem mais claras, mais notorias, e mais patentes a todos. E que depois de um exemplo como este, ainda ficasse soberba no mundo! E que depois de um exemplo como este, ainda dure no mundo nome de honra! E que depois de um exemplo como este, não sejam as injurias e affrontas estimadas e pretendidas! Desenganemo-nos, fieis, que não temos fé; desenganemo-nos, christãos, que não somos christãos.

Despido, e com os olhos no chão o affrontadissimo Jesus, mandam-lhe que se deite na cruz. Levantou o Senhor os olhos ao céu, poz os joelhos em terra, cruzou as mãos sobre o peito, offerecendo-se ao sacrificio; e fazendo logo com grande sujeição e humildade o que lhe mandavam, deitou-se sobre a cruz, estendeu os braços sobre os braços, e os pés para a parte dos pés, e a cabeça sobre os espinhos. Esta foi a cama em que receberam para morrer aquelle Corpo tão cansado, tão chagado, e tão lastimado, que, quando não fôra de Deus, bastava ser do homem mais vil, para que o tractassem com mais humanidade os homens: mas se não ha piedade na terra, no céu a haverá. Eterno Padre, já Isaac está deitado sobre a lenha, já a espada está desembainhada, agora é o tempo de vir, e bradar o anjo, e de ter mão no golpe: já está conhecida a obediencia de vosso Filho, já mostrou que estima mais a vossa vontade que a sua vida. Se é necessario sangue para a redempção, já está derramado muito mais do que basta, tenha-se mão no golpe, Senhor, suspenda-se. Mas ai, que já os algozes teem nas mãos os cravos! Já vejo levantar os martelos. Ai, christãos, que perdoou Deus a Isacc, e não se quer agora parecer comsigo, nem perdoar a seu Filho! Execute-se o golpe, diz a divina justiça; preguem-se os pés, preguem-se as mãos, consume-se o sacrificio. Um dos mesmos cravos com que fôí crucificado Christo,

vi eu, e beijei: é da grossura quasi de um dedo, e de comprimento pouco maior. Com estes cravos começaram a pregar primeiro a mão esquerda, depois a direita, ultimamente os pés, estirando aquelle sagrado Corpo com tanta força e deshumanidade, que se lhe contavam os ossos: *Foderunt manus meas, et pedes meos, dinumeraverunt omnia ossa mea.* (Psalm. XXI — 17 e 18) E como nestas partes extremas do corpo humano se ajuntam e rematam os musculos e os nervos de todo elle, não se póde facilmente dizer quão excessivas foram as dores que o Senhor padeceu com tão crueis, e tão repetidos golpes. Diz a sagrada escriptura que quando se fabricou o templo de Salomão, não se ouviu em todo elle golpe de martelo. Ah, templo divino, figurado naquelle mesmo templo que agora quando vos desfazem, se ouvem tantas e tão crueis marteladas! Faziam ecco pelos valles daquelle monte; mas muito maior ecco faziam no coração da lastimada Mãe: no corpo do Filho davam as martelladas divididas, porque umas feriam os pés, outras a mão direita, outras a esquerda; porém na Senhora todas batiam e descarregavam juntas no mesmo lugar, porque todas feriam o coração. Com todos os instrumentos do Calvario era martyrisado o coração da Senhora: e todos feriam o coração da Mãe, ainda os que não feriam o corpo do Filho; por isso Semião chamou a todos espada: *Et tuam ipsius animam pertransibit gladius.* (Luc. II — 35) Se repararmos nos instrumentos da paixão de Christo, acharemos que nenhum delles foi espada: pois se na paixão não houve espada, como diz Semião á Senhora que a espada da paixão de seu Filho lhe trespassaria a alma? *Et tuam ipsius animam pertransibit gladius.* É porque todos os instrumentos que concorreram na paixão do Filho, foram espada para o coração da Mãe. Para o corpo do Filho a cruz era cruz, os cravos eram cravos, os martellos eram martellos; mas para o coração da Mãe a cruz era espada, os cravos eram espada, os martellos eram espada, porque todos penetravam suas entranhas, e lhe atravessavam o coração.

II.

Assim crucificavam juntamente a Mãe, os que crucificavam o

Filho : e que justa coisa fôra, christãos, que nos crucificaram também a nós, e que todos nos crucificaramos aqui hoje com o nosso crucificado Jesus ! Olhae o que diz S. Paulo : *Qui sunt Christi, carnem suam crucifixerunt cum vitiis, et concupiscentiis* : (Ad Gal. V — 24) Os que são de Christo, crucificaram a sua carne com todos seus vícios, e com todos seus appetites. Christãos, pergunte-se agora cada um a si mesmo, examine sua consciencia, e veja se tem a sua carne crucificada com todos seus vícios, e com todos seus appetites ou não ? Os que acharem que teem a sua carne assim crucificada consolem-se muito, e deem muitas graças a Deus ; porque é certo que são de Jesus Christo : *Qui sunt Christi* : mas os que acharem que não teem a sua carne assim crucificada que ainda mal, porque serão muitos, desconsollem-se, entristeçam-se, temam, tremam, e tenham-se por infelizes e desgraçados ; porque não são de Jesus Christo. Ó, que desgraça tão grande minha e vossa ! Que vós vos chameis christãos, e que não sejaes de Christo ! Que eu me chame da companhia de Jesus, e que não seja de Jesus ! Mas confiança, christãos da minha alma, que estamos em bom dia : agora estão crucificando a Christo, crucifiquemo-nos com elle na mesma cruz. Vêde o que dizia de si o mesmo S. Paulo : *Christo confixus sum cruci* : (Ibid. II — 19) Eu estou crucificado com Christo na sua cruz. Crucifiquemo-nos, christãos, com Christo na sua cruz, e não nos pareça que será estreita para tantos, que onde coube Deus, todos caberemos. Os cravos com que nos havemos de crucificar, são aquelles que pedia David a Deus : *Confige timore tuo carnes meas* : (Psalm. CXVIII — 120) Senhor, pregae a minha carne com o vosso temor. Ó que tres cravos tão fortes os do temor de Deus ! Temor de o ter offendido, temor de o estar offendendo, temor de o poder offender. O temor de o ter offendido traz consigo o arrependimento de todos os peccados passados : o temor de o estar offendendo traz consigo a emenda de todos os peccados presentes : o temor de o poder offender traz consigo o proposito firme para todos os peccados futuros. O primeiro cravo do temor de Deus préga-o um algoz, que se chama Pensamento da Morte : o segundo cravo do temor de Deus préga-o outro algoz, que se chama Pensamento

do Juizo : o terceiro cravo do temor de Deus préga-o' outro algoz, que se chama Pensamento do Inferno. Deite-se o christão na cruz de Christo ; entregue-se nas mãos destes tres pensamentos ; deixe-os dar uma martellada e outra martellada na consideração, e logo verá como acha a sua carne crucificada com todos seus vicios e appetites, de modo que não tenham pés para dar passo, nem mãos para fazer acção que sejam em desserviço de Deus. Mas, ai ! Mas, ai ! e tomára que este ai chegára ás quatro partes do mundo ! Em vez de nós nos crucificarmos com Christo, como disse S. Paulo, nós somos os que crucificamos outra vez a Christo, como diz o mesmo apostolo : *Rursum crucifigentes Filium Dei.* (Ad Hebr. VI — 6) Todas as vezes que peccamos, tornamos, quanto é da nossa parte, a crucificar ao Filho de Deus ; porque ao Filho de Deus crucificaram-no os peccados de todas as idades — os presentes, os passados e os futuros — e estes futuros são os nossos. Pois como nos atrevemos a crucificar ao mesmo Jesus ? Para que conheçaes quão horrenda maldade é esta, e quão indigna de todo perdão, ouvi ao mesmo Senhor.

Quando tão cruelmente estavam crucificando ao bom Jesus, levantou o Senhor a voz ao Eterno Pae, e disse assim : (se ha algum tão mau christão neste auditorio que ainda não tenha perdoado de todo o coração a seus inimigos, por maiores aggravos e affrontas que tenha recebido delles, ouça estas palavras do Filho de Deus no meio das maiores suas) *Pater, dimitte illis, non enim sciunt, quid faciunt* : (Luc. XXIII — 34) Pae, perdoae a estes que me crucificam, porque não sabem o que fazem. Ah, miseravel de mim, e de todos os que tão mal nos aproveitamos da fé, e do conhecimento que Deus nos tem dado ! As mesmas palavras de Christo que desculpam aos que o crucificavam, nos culpam e nos condemnam a nós. Os que crucificaram a Christo no monte Calvario, merecem perdão e teem desculpa, porque não sabiam o que faziam, nem conheciam a quem crucificavam ; mas quando crucificamos a Christo com nossos peccados, não temos desculpa nenhuma, e somos totalmente indignos da perdão ; porque crêmos que Christo é Deus, e crêmos que morreu por nós, e crêmos que nos ha de vir a julgar, e comtudo crucificamol-o. Se o mesmo

Christo, advogado nosso, e que tanto nos ama, não achar razão com que nos defender, vêde que será de nós. Valha-nos sua misericórdia infinita, que só por ser infinita nos pôde valer.

III.

Pregado emfim na cruz o nosso amoroso e pacientissimo Jesus, tomaram os algozes a cruz em peso, e ficou arvorado no monte Calvario o estandarte de nossa redempção com o verdadeiro Crucifixo. Ó que dôr, ó que tormento, ó que afflicção, ó que ancia foi a daquella Humanidade sagrada neste rigorosissimo acto ! Caiu a Cruz de golpe na cova, que era funda, estremeceu, e ficou suspenso o corpo com todo o peso ; e com este abalo de todos os membros, e de todas as vêas, as quatro fontes de sangue que estavam abertas, começaram a correr com maior impeto, e a regar a terra. Da fonte do paraíso terreal, diz a sagrada escriptura, que se dividia em quatro partes, para regar a superficie de toda a terra. Que quatro fontes são estas, senão as daquelle corpo, sagrado paraíso do segundo Adão, Jesus.

Correm estas quatro fontes no monte Calvario, e nelle se dividem em quatro rios por todas as quatro partes do mundo, e não ha terra a quem não alcancem : todos os que aqui estamos temos parte naquelle divino sangue (e que sôra de nós se a não tivéramos) ; o fim para que correm estas fontes e estes rios é, para que nossas almas leprosas se lavem e fiquem limpas da lepra de nossos peccados : *Qui dilexit nos, e lavit nos à peccatis nostris in sanguine suo.* (Apoc. I — 5) Se Naamão Syro, com se lavar nas aguas do Jordão, ficou limpo da sua lepra, quanto mais ficarão limpas as nossas almas da lepra de nossos peccados, lavando-nos nestes sagrados rios ? Ora, pois, almas christãs, cheguemos, cheguemos áquellas fontes. Os que se sentem mais amados, cheguem á fonte da mão direita : os que se sentem mais desfavorecidos, cheguem á fonte da mão esquerda : os que se sentem mais indignos, humilhados cheguem-se ás duas fontes dos sagrados pés, que correm pelo mesmo canal em maior copia. Lavae, christãos, e cada um lave aquelle vicio que mais afêa a sua alma : lavem-

se nesta fonte de humildade as soberbas ; lavem-se nesta fonte de pureza as deshonestidades ; lavem-se nesta fonte de liberalidade as cobiças e avarezas ; lavem-se nesta fonte de caridade os odios, as invejas, as vinganças ; lavem-se nesta fonte de toda a santidade, todos os nossos peccados e maldades do mundo : *Amplius lava me ab iniquitate mea.* (Psalm. L — 4) Lavae, Senhor, a minha alma, uma e outra vez, com um e outro sangue dessas fontes ; com o sangue dessa mão direita, á qual no dia do juizo haveis de ter os vossos predestinados ; com o sangue da mão esquerda, que está mais perto desse amoroso coração ; com o sangue desses santissimos pés, que foram o refugio da Magdalena e o de todos os peccadores.

Ah, christãos, que quanto mais corre o sangue, tanto mais enfraquece e se afflige aquelle atormentadissimo corpó ! Ó que affligido, que anciado, que angustiado vos vejo, meu Jesus ! Se o Senhor se queria firmar sobre o cravo dos pés, lastimavam-se mais os pés ; se se queria suspender sobre os cravos das mãos, rasgavam-se mais as mãos ; se se queria arrimar á cruz, cravavam-se mais os espinhos : faltavam-lhe as forças para o trabalho ; faltava-lhe o sangue para o alento ; faltava-lhe o ar para a respiração ; e até a terra, que não falta aos bichinhos della, faltava ao Creador do ceu e da terra. Póde-se considerar mais extrema miseria e desamparo ? Que morra o Filho de Deus, e que o matem os homens ; e que nem sete pés de terra sobre que morrer, lhe concedam ! Ó extremo de ingratidão, só igual ao extremo de tal amor !

Levantado o Senhor da cruz, levantaram tambem as outras duas, em que estavam crucificados os dois ladrões ; e ficou um á mão direita, outro á esquerda de Christo, para que os que o vissem naquella companhia, o julgassem por cumplice dos mesmos delictos ; e assim era : passavam os caminhantes que vinham para Jerusalem, viam aquellas cruzes levantadas no Calvario, perguntavam quem eram os crucificados, e porque causa ? E respondiam-lhes, que eram tres ladrões, que saíram a justiça. Os que estavam olhando desde os muros da maldita cidade, os que estavam no Calvario, e os caminhantes que passavam, todos, di-

zém os evangelistas, que blasphemavam ao Senhor: só o sol acudiu pelo credito de seu Creador nesta occasião. Tanto que o Senhor foi levantado na cruz, no mesmo ponto se escureceu o sol, e ficou o mundo todo em trevas: *Tenebræ factæ sunt in universam terram.* (Luc. XXIII — 44) Admirou-se S. Dionisio Areopagita, e admirou-se o mundo todo deste tão notavel eclipse: mas o que foi mais para admirar é, que este eclipse tão milagroso, estas trevas tão notaveis e prodigiosas, não allumiaram os entendimentos, e não deram luz aos olhos daquelle povo cego e obstinado. Quando Christo fazia milagres, quando dava vista aos cegos, saude aos enfermos, e vida aos mortos, diziam que não criam nelle, porque não fazia milagres do céu: *Quærentes ab illo signum de cælo.* (Marc. VIII — 11) Pois se agora vêdes um tão extraordinario milagre do ceu, e em tal occasião, porque não credes, porque não vos converteis? Isto é o que me faz admirar, isto é o que me faz tremer, e o que deve atemorizar e encolher muito a todos. Sabeis, christãos, porque não se converteram, nem com este ultimo milagre? É porque lhes faltou o auxilio e graça efficaz de Deus, a qual elles desmereciam pelos peccados passados, e morreram nelles, como o mesmo Christo lhes tinha prophetisado: *In peccato vestro moriemini.* (Joann. VII — 21 e 24) Cuidamos que temos a conversão certa todas as vezes que quizermos; e enganamo-nos. Para um homem se converter é necessario concorra Deus com a sua graça, e o homem com o seu alvedrio; e porque Deus quer muitas vezes, e nós não queremos, tambem quando nós queremos, Deus não quer. Christãos, tractemos de nos aproveitar na vida, não guardemos a nossa conversão para a morte, que é muito arriscada. Dizei-me: podia haver dia mais privilegiado, e hora melhor para morrer, que esta do monte Calvario? Não; não a havia, nem a haverá jámais: e como morreram dois homens que estavam ao lado de Christo nadando no diluvio de seu sangue? Um, que foi o bom ladrão, disse: *Domine memento mei;* (Luc. XXIII—42) e salvou-se: o outro morreu blasphemando de Christo, e condemnou-se. Pois se de dois homens que morrem em companhia de Christo; se de dois homens, que morrem cobertos do

sangue de Christo, quando lhe saía das veas; se de dois homens que morrem com o exemplo de Christo nos olhos, e com as vozes de Christo nos ouvidos; se de dois homens que morrem com o milagre do sol, e todos os que depois succederam á vista; se de dois homens que morrem com a Virgem Maria advogada de peccadores junto a si; se de dois homens que morrem no dia da maior misericórdia, e em que Deus esteve com os braços abertos, com as veias abertas, com o coração aberto, um só se salva e o outro se condemna, que será de vós, que não sabeis em que dia, nem em que hora morrereis, nem se tereis convosco na mesma casa a companhia que vos ajude a merecer a condemnação? Peccamos uma vez, e peccamos mil vezes, e continuamos nos nossos peccados, confiados em que Deus é de misericórdia, e todas as vezes que quizermos, nos converteremos a elle: e é engano e tentação fortissima do diabo, e a que teem no inferno todos os christãos, que lá estão ardendo. Meus irmãos da minha alma: lançar mão da inspiração, quando Deus a dá; e se Deus a dá nesta hora, aproveitemo-nos della, que não sabemos se será a ultima.

IV.

Promettido o paraizo ao ladrão que se arrependeu, tractou o Senhor de se despedir, e de fazer seu testamento. Bens deste mundo, de que testar, não os tinha, porque nunca os tivera; e os pobres vestidos com que se cobria, que é só o que possuia, não os deixou, nem os pode deixar; porque pertenciam aos algoszes, como vestidos de um homem justicado, e já os tinham repartido e jogado diante de seus olhos: o que só tinha, e lhe restava nesta vida, e desta vida, era uma Mãe, mais morta que viva, e um amigo, que de todos só lhe fôra fiel. Olhou pois para a Mãe e para o discipulo amado, e disse á Mãe: *Mulher, eis-aqui o teu filho*; e ao discipulo: *Eis-aqui a tua Mãe*. Que breves palavras, mas que agudas e lastimosas! Agudas e lastimosas para o coração da Mãe; agudas e lastimosas para o coração do Filho. No Apocalypse diz o mesmo S. João, que agora estava ao pé da cruz, que viu sair da boca de Christo uma espada, que era aguda de

ambas as partes : *Utraque parte acutus* : (Apoc. I — 16) não tinha cabos esta espada, senão ponta para uma parte e para a outra. Que espada foi esta que saía da bocca de Christo, senão estas palavras ultimas que disse o Senhor a sua Mãe? Espada com ponta para fóra, e espada com ponta para dentro : com ponta para fóra, com que feria e magoava o coração da Mãe, a quem se diziam ; e com ponta para dentro, com que feria e magoava o coração do Filho, que as dizia : Mulher, eis ahi o vosso filho ; porque o Filho que tinheis, já o não tendes. Mulher, vedes ahi o vosso filho, que vos acompanhe, e vos sustente ; porque o Filho que atégora vos acompanhava, e em Nazareth vos sustentava com trabalho de suas mãos, já as não tem, porque as tem pregadas, e cedo não terá vida. Mulher, eis ahi o vosso filho ; porque não ha bem que dure nesta vida : atégora ereis Mãe do Filho de Deus ; d'aqui por diante sereis Mãe do filho do Zebedeu.

Considerae, almas devotas, qual seria a dor daquella tão amorosa e affligida Mãe, ouvindo estas palavras ! Quanto lhe partiria o coração, ver que em logar do seu Jesus lhe davam outro filho ! Quanto lhe magoaria a alma, que já o seu Filho lhe não dava o nome de Mãe, senão o de Mulher ! Grande admiração e duvida tem causado aos santos esta palavra, a qual se acrescenta mais, se advertirmos que tambem a seu Pae tractou o Senhor com os mesmos termos. Viu-se o Senhor na cruz em tal extremo de afflicção e desamparo, não só exterior no corpo, senão ainda interior na alma, que exclamou a seu Eterno Pae, dizendo : *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me ?* (Matth. XXVII—46) Deus meu, Deus meu, porque me desamparastes ? De maneira que pelos mesmos termos tractou Christo na cruz a seu Eterno Pae, e a sua Mãe Santissima : ao Eterno Pae chamou-lhe Deus, e não lhe chamou Pae ; á Mãe Santissima chamou-lhe Mulher, e não lhe chamou Mãe. Pois porque razão nesta hora, em que as palavras costumam ser as mais enternecidas, e as de maior amor, a seu Pae não deu o nome de Pae, e a sua Mãe não deu o nome de Mãe ? A razão foi, diz Santo Ildefonso, respondendo á primeira destas questões. Porque estava o Filho de Deus tão

affrontado e tão deshonrado naquella cruz entre dois ladrões, que por não affrontar nem deshonrar como bom Filho a seus Paes, nem ao Pae quiz chamar Pae, nem á Mãe quiz chamar Mãe. Duas vezes na cruz chamou Christo ao Pae Pae, e duas vezes lhe chamou Deus; mas notae que quando lhe chamou seu, chamou-lhe Deus; e quando lhe chamou Pae, não lhe chamou seu. O filho Prodigio vendo-se naquelle ignominioso estado, teve por coisa indigna chamar-se filho de seus Paes: *Non sum dignus vocari filius tuos*; (Luc. XV — 19) assim Christo neste caso, como se dissesse: Não vos chamo Pae, Deus meu; não vos chamo Mãe, Mãe minha; porque neste affrontoso estado em que me vejo, não sou digno de me chamar Filho de taes Paes: meu Pae por natureza é impeccavel, minha Mãe por graça é sem peccado; e eu que tenho ás minhas costas os peccados de todo o mundo, estou justicado em uma cruz, como peccader e malseitor, como me hei de atrever a chamar Pae a tal Pae, nem chamar Mãe a tal Mãe?

Não chamou Christo Mãe a sua Mãe; mas tractou-a naquella hora muito como Filho, muito lembrado e agradecido, não só por satisfazer á obrigação de Filho, e dar exemplo aos filhos, como ainda na hora da morte se hão de lembrar do remedio e amparo de seus paes, principalmente se são pobres; mas para dar exemplo a todos os fieis da devação e piedade que devem ter com esta Senhora, e para acabar com este bem as obras de toda a sua vida. Assim o diz Santo Ambrosio: *Denique hoc dixit; et emisit spiritum, consummans omne mysterium bono fine pietatis*. Guardou o Senhor para a ultima clausula da vida a piedade e recommendação de sua Mãe, para acabar a vida com este bom fim: *Consummans omne mysterium bono fine pietatis*. Christãos da minha alma, quereis bom termo para a vossa vida? Quereis acabar a vossa vida com bom fim? Sêde muito devotos da Virgem Maria, cujos mysterios estes dias celebramos. Tomemos todos nesta hora a Virgem Maria por nossa Mãe, e por todo nosso bem, como a tomou o evangelista: *Et ex illa hora accepit eam discipulus in suam*. (Joan. XIX — 27) Ó paes, tomae esta Senhora por vossa Mãe: *Ecce Mater tua*. Ó mães, tomae esta Se-

hora por vossa Mãe: *Ecce Mater tua*. Ó filhos, tomae esta Senhora por vossa Mãe: *Ecce Mater tua*. E adverti que os tres primeiros meninos que aqui começaram a entoar o terço do rosario, já a todos tres tomou a Senhora por verdadeiros filhos seus: um o tomou por filho Nossa Senhora do Carmo; outro o tomou por filho Nossa Senhora da Luz; outro o tomou por filho Nossa Senhora das Mercês.

V.

Encomendada a Mãe Santissima, não faltava por se cumprir em Christo mais que a ultima prophecia. Como todo o sangue do corpo se tinha esvaído pelos açoites, pela corôa, e pelas chagas dos cravos, era extrema a sede que o Senhor padecia, de que estava estalando; mas não por allivio della, que bem sabia que lh'o não havia de dar a impiedade de seus inimigos, mas por dar cumprimento á prophecia, disse o Senhor: *Sitio*: (Joan. XIX—28) Tenho sede. Acodiram logo com uma esponja molhada em fel e vinagre, applicaram-na á boca do Senhor, a qual tanto que gostou, disse: *Consummatum est*: (Ibid. — 30) Já tudo está acabado e consummado. Faltava só o fel e vinagre para complemento dos tormentos da paixão do Senhor; porque todos os outros membros, todas as outras potencias e sentidos, tinham padecido seu tormento particular, só o sentido do gosto não. A cabeça estava atormentada com a corôa; as mãos e pés com os cravos; os hombros com a cruz; as costas com os açoites; os cabellos arrancados; a pelle estava esfolada; as veias rasgadas; os nervos estirados; os ossos desconjuntados; o sangue derramado; a vida tinha padecido os tormentos na honra com as affrontas; a fazenda nos vestidos, que era tudo o que possuia; a memória padecia na lembrança dos peccados passados; o entendimento na consideração das tyrannias presentes; a vontade na dor das ingratidões futuras; os olhos tinham padecido na vista da desconsolada Mãe; os ouvidos nas invejas e blasfemias; o olfato no cheiro dos horrores e corrupção do Calvario; o tacto nas penas de todo o corpo: só faltava tormento particular para o gosto, que foi o fel e vinagre; e neste se consummaram todos os tormentos: *Consummatum est*.

Tendo o Senhor assim consummado todas as acções e obrigações de Redemptor, recolheu-se o Senhor comsigo e com Deus no silencio do seu espirito, esperando que acabasse de chegar a morte, e dando este exemplo para nos ensinar a morrer. Christãos: quereis morrer christamente, acabaes antes de morrer: primeiro disse o Senhor: *Consummatum est*: Já se acabou tudo; e então esperou pela morte. O imperador Carlos V dava um governo a um seu grande capitão, e elle escusou-se, dizendo, que queria metter tempo entre a vida e a morte, e queria acabar a vida antes de morrer. E o imperador pareceu-lhe tão bem este conselho, que o tomou para si. Christãos, o que havemos de fazer na enfermidade, e na morte, façamol-o na saude, e na vida: examinemos muito de proposito a nossa consciencia; façamos uma confissão muito bem feita, como quem se confessa para dar conta a Deus; componhamos nossas coisas, digamos: *Consummatum est*, e então esperemos pela morte, como Christo fez. Passado algum espaço neste profundo silencio, levantou o Senhor a voz e os olhes ao céu, dizendo: *Pater, in manus tuas commendo spiritum meum*: (Luc. XXVII — 46) Padre, em vossas mãos encommendo o meu espirito; e inclinando a cabeça... Parae, que não é golpe este para se levar de uma vez.

Perguntam os santos, porque inclinou o Senhor a cabeça? E respondem alguns contemplativos, que foi para o Senhor nos dar um sim universal para todas nossas petições. Pedis a Christo crucificado vos perdoe vossos peccados? Sim. Pedis a um Christo crucificado, que vos livre das tentações do demonio? Sim. Pedis a um Christo crucificado, que vos acuda em todas vossas necessidades, ainda temporaes? Sim. É possível, Senhor, que ainda que ajudei aos que vos crucificaram, me fazeis participante do preço desse sangue? Sim. É possível, Senhor, que ainda que vos tenho offendido tanto em minha vida, me recebereis nesses braços que tendes abertos? Sim. É possível, Senhor, que ainda que eu seja tão infiel e tão ingrato, abrireis esse coração para me metter nelle? Sim. Ó bemdito seja tal coração, bemdito sejam taes braços, bemdito seja tal sangue, bemdito seja tal

misericórdia. O que se seguiu depois de o Senhor inclinar a cabeça, não me atrevo eu, christãos, a o pronunciar, nem me atrevo a o dizer; mas dir-vos-hei quem vol-o diga. Quando um Senhor está em passamento, os que estão nas salas de fóra, estão duvidosos e suspensos; mas tanto que ouvem levantar o pranto, resolvem-se que espirou. Eu não vos digo outro tanto, christãos; mas digo-vos, que tanto que o Senhor inclinou a cabeça, o véu do templo se rasgou, as pedras se quebraram, as sepulturas se abriram, a terra tremeu, os montes se bateram uns com os outros, o mar e todos os elementos com estrondo horrendo parece que queriam acabar o mundo, e acabar-se a natureza mesma de sentimento. Pois se os elementos (christãos), se as pedras duras, que não teem sentimento, mostram dor e sentimento na morte de seu Creador, sendo que não morreu por elles; nós, por quem morreu, e por quem padeceu tanto, como não se desfarão nossos corações de dor e contricção? Se choramos pelos paes, se choramos pelos amigos, que amigo mais fiel? Se choram as esposas pelos esposos, que Esposo como aquelle Esposo de nossas almas? Mas já que as minhas vozes...

.....

.....

SERMÃO

DE S. ROQUE.

**Prégado na casa professa da mesma companhia
de Lisboa, no anno de 1649.**

Na festa que fez Antonio Telles da Silva.

*Ut cum venerit, et pulsaverit, confestim
aperiant ei. — Luc. XII.*

Verdadeiramente, que se alguma hora préguei sobre thema forçado, se alguma hora não tive liberdade de eleição sobre as palavras do evangelho, foi na occasião presente. Nem eu pudéra tomar outro thema que o que propuz, nem poderei seguir nelle outra exposição, que a que logo direi de S. Gregorio. O fim e intento de todo o evangelho é querer Christo seus servos vigilantes e preparados para quando lhes bater á porta. Isso vem a dizer em summa as nossas palavras: *Ut cum venerit, et pulsaverit, confestim aperiant ei.* Se perguntarmos aos doutores quando, e de que maneira bate Deus ás portas de nossas almas, responde S. Gregorio Papa no sentido mais litteral, que todos seguem:

Pulsat, cum per ægritudinis molestias esse mortem vicinam designat: que nos bate Deus ás portas d'alma por meio das enfermidades do corpo. Se perguntarmos mais quando e de que maneira abrimos com pontualidade a Deus; responde o mesmo santo doutor, e com elle muitos outros: *Cui confestim aperimus si hunc cum amore suscipimus*: que abrimos a Deus com pontualidade, quando o recebemos com amor. De sorte, que o bater e o abrir das portas de nossa alma, consiste em bater Deus por enfermidade, e em abrimos nós por caridade: *Pulsat per ægritudinis molestias: aperimus, si cum amore suscipimus*. Bem disse eu logo, que nem pudéra tomar na occasião presente outro thema, nem seguir nelle outra exposição. Celebramos hoje as gloriosas memorias do illustrissimo confessor de Christo, S. Roque, cujas portas formosissimas d'alma se estão vendo tão batidas e tão abertas, que duvido qual mais quizesse fazer nellas a providencia divina, se theatro de sua paciência ao céu, se exemplar de sua caridade á terra. Encontram-se ás portas daquella alma no mesmo tempo duas mãos, por fóra a de Deus batendo, por dentro a de Roque abrindo; e ainda que o amor não se conquista com golpes, quão rigoroso insista Deus no bater, tão amoroso se mostrava Roque no abrir: Deus batia por enfermidades: *Pulsat per ægritudinis molestias*, Roque abria por caridade: *Aperimus, si cum amore suscipimus*: Supposta esta conformidade facil do evangelho, parece que se encaminhará o nosso discurso a S. Roque pela correspondencia maravilhosa, que teve sua caridade com suas enfermidades. E ainda que eu estava mais para pedir ao santo remedio das proprias, que para ponderar finezas das suas, diremos em quanto pudermos com o favor da divina graça. *Ave Maria*.

I.

Ut cum venerit, et pulsaverit, confestim aperiant ei.

Supposto que nos bate Deus ás portas d'alma por meio das enfermidades do corpo, uma coisa mui singular acho no glorioso sujeito de nossa oração, e é, que foi tão vigilante servo S. Roque

em acudir ao bater de Deus, que não só acudiu pontualmente, quando lhe batia ás portas proprias, senão também quando batia ás alheias. Lá bateu uma vez o Esposo ás portas da alma santa; e com ser santa, acudiu tão pouco diligente, que, quando chegou a abrir, já o Esposo cansado de esperar se tinha partido: *Surrexi ut aperirem dilecto meo; at ipse declinaverat, at que transierat.* Verdadeiramente, que se a Esposa dos Cantares não representára as almas de toda a igreja, creio que deixára Deus a alma santa, e se desposára com a alma de Roque. A alma santa talvez acode a Deus, quando lhe bate ás portas proprias: Roque, ou lhe bata Deus ás proprias, ou ás alheias, sempre acode diligente.

E se me perguntam, quando aconteceu isto a S. Roque, quando acudiu com esta pontualidade a um e outro bater de Deus? Digo que sempre, em duas occasiões: ou quando lhe batia Deus ás portas proprias por meio de enfermidades suas; ou quando batia ás portas alheias por meio das enfermidades dos proximos: *Pulsat per ægritudinis molestias.* Andando tão fervorosa em um e outro abrir sua caridade: *Aperimus, si cum amore suscipimus:* que das enfermidades alheias adoecia, e com as enfermidades proprias curava: das enfermidades alheias tirava doença para si, das enfermidades proprias tirava saúde para nós. Não é modo de encarecer, senão verdade liza. Quando S. Roque saiu de França para Italia, o exercicio e instituto de vida que tomou, foi servir aos enfermos nos hospitaes, donde (posto que curou muitos milagrosamente) saiu com uma grave enfermidade, que lhe deu larga materia de paciencia. Voltando á patria, e chegando-se-lhe o fim ditoso de sua perigrinação, permittiu o Senhor, que fosse ferido da peste, de que morreu em breves dias; mas depois de morto, foi achado com uma taboa nas mãos, escripta por ministerio de anjos, na qual promettia, que todos os enfermos de peste, que se encommendassem em sua intercessão, sarariam daquelle mal. Assim que, das enfermidades alheias tirava doença para si; e das enfermidades proprias tirava remedio para nós. Quando serve aos enfermos, toma por premio a doença, quando morre da enfermidade, deixa em testamento a saúde. Até aqui pontualidade de acudir a Deus; até aqui engenhoso artificio e

artificioso extremo de caridade: adoecer com as enfermidades alheias, e curar com as enfermidades proprias. Excellencia é esta, que só duas vezes acho escripta, uma vez junta, outra dividida; se dividida, em S. Paulo e Christo; se junta no glorioso S. Roque.

II.

Vae contando São Paulo o muito que tinha padecido em serviço dos proximos, e diz assim aos corinthios: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* Que homem ha que adoeca, que não enferme eu tambem com elle? Notavel dizer! Parece que, ou a caridade é um bem contagioso, que se péga a todos os males, ou todos os males são contagiosos em respeito da caridade, que se pegam a quem a tem: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* Mas como póde ser (vamos á razão), como póde ser, que adoecesse São Paulo das enfermidades alheias, e que sentindo cada um as suas, Paulo padecesse as de todos? Lá os outros enfermavam e cá Paulo adoecia? Como póde isto ser? Na caridade do apostolo temos a solução da duvida. Como a caridade essencialmente é união, e união perfeitissima, de tal maneira une os proximos entre si, que se eu tenho caridade, cada proximo é outro eu: *Ut sint unum, sicut nos unum sumus*: e como por estes laços sobrenaturaes os homens se unem entre si, e se identificam reciprocamente, d'aqui vem que póde, antes deve cada um adoecer das enfermidades do outro; porque necessariamente hão de ser os accidentes communs, onde o sujeito é o mesmo. Por isso S. Paulo (e o mesmo digo de S. Roque) adoecia das enfermidades alheias, e sentindo cada um as suas, elle padecia as de todos; tudo por beneficio de sua caridade. Adoecia das enfermidades alheias, porque a união reciproca do amor as fazia proprias; e sentindo cada um o seu mal, elle padecia o de todos; porque sendo um só por natureza, era todos por caridade: *Quemadmodum si universa orbis ecclesia esset, sic in unoquoque membro discruciabatur*, diz São João Chrysostomo. Adoecia em todos por sentimento, porque vivia em todos por amor: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?*

D'onde a mim me parece, podemos dizer por uma certa ana-

logia, que o que lhe faltou a Deus, em quanto causa primeira, por perfeição de sua simplicidade, suppriu São Paulo e S. Roque, por perfeição de sua caridade. Deus nosso Senhor (como ensinam os theologos) é primeira causa activa, mas não é primeira causa passiva. É primeira causa activa, porque por sua immensidade e omnipotencia obra com todos os que obram, concorrendo juntamente com elles: e não é primeira causa passiva, porque, por sua simplicidade e immutabilidade, não pôde padecer em si, nem receber accidentes estranhos. De maneira, que obra Deus com todos os que obram, mas não padece com os que padecem. Pois esta generalidade e extensão que tem Deus, em quanto causa primeira, por perfeição de sua simplicidade, esta suppriu S. Roque com São Paulo, por perfeição de sua caridade. Deus, como primeira causa activa, obra com todos os que obram; Roque, como primeira causa passiva, padece com todos os que padecem; e assim como é brazão da omnipotência divina, que ninguem pôde obrar sem Deus, *Sine me nihil potestis facere*, assim é brazão da caridade de Roque, que ninguem pôde padecer sem elle: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?*

III.

Este sois, divino Roque, este ao mundo todo, por beneficio, e este aos religiosos desta casa, por imitação, que pouco fôra recebê-los debaixo de vosso patrocínio, se lhes não communicareis juntamente as gloriosas participações de vosso fervoroso espirito. Verdadeiramente, que quando considero (seja-me licito, ao menos pelos privilegios de estranho, dizer o que venero e o que admiro) quando considero a verdade com que pôde dizer a casa de S. Roque: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* Que enfermidades, que males, que trabalhos ha em Lisboa, que a caridade desta casa não participe? Nos hospitaes, nos carcerees, nas afflicções e sentimentos particulares, que sempre são mais que os publicos, quem os padece neste grande povo, que não reparta sua paciência com a caridade dos religiosos desta casa? Que enfermo, que os não tenha á cabeceira? Que preso, que os não ache

à grade? Que condemnado, que os não leve comsigo ao logar do supplicio? Finalmente, que necessidade espiritual, ou temporal, que não venha buscar aqui, ou o remedio, ou o allivio, ou a companhia? Quando tudo isto considero, me persuado que deve esta graça a companhia ao glorioso padroeiro desta casa; e que a gozam os religiosos della, mais por padres de S. Roque, que por filhos de Santo Ignacio. Lá quando aquelles anjos peregrinos se agasalharam em casa de Abrahão, louva muito Lypomano a caridade com que Sára e Ismael os serviam; mas não conhece nelles esta virtude pelo que tinham de parentes, senão pelo que tinham de domesticos de Abrahão: *Uxor accellerat; puer festinat: nullus piger est in domo sapientis*. De maneira, que era filho Ismael de Abrahão, mas aquella diligencia e caridade, não resplandecia nelle, porque nascera de seu sangue, senão porque vivia em sua casa: era filho diligente e caritativo, mas não era diligente caritativo por filho, senão por domestico: *Nullos piger est in domo sapientis*. Alguma razão tenho eu logo para dizer que devem os religiosos desta casa os fervores de sua caridade a S. Roque mais que a Santo Ignacio; porque de Santo Ignacio são filhos, mas de S. Roque domesticos. Não são isto privilegios da filiação, são proveitos da moradia: no instituto são obrigações da vida que professamos; no exercicio são influencias da casa em que vivemos.

Nem cuido que se poderá aggravar meu padre Santo Ignacio, de eu o considerar assim; porque estas graças, ou estas glorias, todas tornam a demandar a fonte donde manaram, e S. Roque tambem foi filho de Santo Ignacio. Não digo isto por querer imitar a devação com que algumas religiões perfilharam os santos alheios, porque estes piedosos latrocínios só se podem dissimular (posto que não encobrir) na confusão das antiguidades, e a nossa religião é tão pouco antiga, que mais se conhece de vista, que de memoria. O que digo, e o que intendo é, que S. Roque foi professo da companhia em espirito, e filho de Santo Ignacio em prophecia. A fórma de vida que por morte de seus paes tomou S. Roque, foi esta: renuncia seus estados, que era senhor de Mompellier, reparte com os pobres suas riquezas,

parte a Italia, e alli, como dissemos, applica-se a servir aos enfermos, tractando do remedio de seus males, como se foram proprios. Pois, glorioso Roque, francez divino, que impeto de espirito é este vosso? Que trocados de vida são estes tão contrapostos? Aqui renunciaes os bens proprios, alli tomaes á vossa conta os males alheios? Sim, que isto é ser professo da companhia. O instituto da companhia professa consiste em renunciar os bens proprios, e fazer proprios os males alheios. Consiste em renunciar os bens proprios, porque nenhuma casa professa da companhia pôde ter propriedade alguma, nem ainda para o culto divino, de que é tão zelosa: e consiste em fazer proprios os males alheios; porque esse é o voto e obrigação dos professos, acudir aos males communs e dos proximos, como se foram proprios e particulares. Este é o instituto da companhia professa, e esta a vida que professou S. Roque, seguindo em prophesia os exemplares de seu e nosso padre Santo Ignacio: e para que não cuide alguém que perverto a ordem dos tempos, e chamo exemplares ao que devêra chamar imitações, fiarme-ha o pensamento Santo Isidoro Pelusiota, que ainda em mais anticipada acção o considerou assim.

Considera Santo Isidoro Pelusiota o amor e resolução com que Rebecca, para grangear a benção a Jacob, se expoz ao perigo da maldição que elle temia, e diz desta maneira: *Rebecca apostolici animi magnitudine prædita*: verdadeiramente Rebecca com grandeza de animo apostolico. Notae. Rebecca foi antes da vinda de Christo mais de dois mil annos, e já então diz Santo Isidoro, que seguia as pizadas dos apostolos, e que copiava em anticipadas imitações os futuros exemplares de seu espirito. E isto como, ou em que? Advertidamente o Pelusiota: *Ut ipsius filius benedictionem consequeretur, bonis quidem ipsi cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat*. Consistia esta imitação do espirito apostolico, em que Rebecca, para negociar a benção a Jacob, renunciava nelle todos os bens, e tomava para si todos os males: *Bonis quidem ipse cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat*. Esta é a summa de perfeição e profissão apostolica, fazer alheios os bens proprios, e fazer proprios os males

alheios. E se porque o fez assim Rebecca, diz Santo Isidoro, que imitou em prophesia o espirito dos primeiros apostolos; que muito que fazendo o mesmo S. Roque, diga eu tambem que imitou em prophesia o fundador dos apostolos segundos? Mas seja embora como a devoção de cada um o quizer considerar, o certo é, que de S. Roque mais immediatamente se deriva aos religiosos desta casa aquelle fervoroso espirito de caridade, com que, depois de alienarem de si todos os bens proprios, se apropriam tão intimamente dos males dos proximos, que puderam bem dizer, se o não callára sua modestia, com o apostolo: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?*

Assim dizia S. Paulo, e melhor que assim o póde dizer S. Roque; porque ainda que S. Paulo diga á bocca cheia, que adoecia de enfermidades alheias, *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* é certo, e todos os doutores interpretam assim, que só adoecia espiritualmente por sentimento, e não corporalmente por enfermidade. Porém o zelo sem exemplar de Roque, de tal maneira o entranhava nos males dos proximos, que não só adoecia na alma por sentimento compassivo, senão que chegou a adoecer no corpo, como vimos, por enfermidade verdadeira; vencendo nesta circumstancia de caridade, a mesma caridade, de S. Paulo. Dizia de si o propheta rei: *Tabescere me facit zelus meus, idest charitas mea*: O meu zelo, a minha caridade me faz andar pallido, andar enfermo, andar tisico, andar mirrado. Pois como, se o zelo caritativo é uma virtude que está na alma, como adoecia de zelo David, e se entisicava no corpo: *Zelo corpore tabescit?* glosa aqui a Interlineal. A razão deste excesso é, porque os affectos de nossa alma, se são extremamente intensos, ateam-se pela visinhança ao corpo, chegando o corpo a padecer por enfermidade, o que a alma padece por sentimento. O calor naturalmente dilata; e como a caridade é um affecto ardente, chega talvez a dilatar-se tanto, que não cabendo na estreiteza onde nasceu, ou rebenta o coração, e morrestes, ou se communica ao corpo, e enfermastes: *Tabescere me facit charitas mea*. Tal foi a caridade de Roque, não chegando a ser tal a caridade de Paulo; para que se veja quão vigilante servo se mostrou

em abrir a Deus, quando lhe batia ás portas alheias por meio das enfermidades dos proximos: *Ut cum venerit, et pulsaverit: pulsat per ægritudinis molestias: confestim aperiant ei: aperimus, si cum amore suscipimus.*

IV.

E' amor que era tão Argos em acudir a Deus, quando batia ás portas de outros, já se vê quão vigilante seria em abrir quando lhe batia ás suas. Andou tão engenhosa tambem aqui a caridade de S. Roque, que se lá em emulação de S. Paulo soube adoecer com as enfermidades alheias, cá em imitação de Christo soube curar com as enfermidades proprias. Fazer das enfermidades proprias medicina, é privilegio soberano, que só em Christo Senhor nosso se acha, de quem diz o propheta Isaías: *Livore ejus sanati sumus*: que suas enfermidades, ou dores, foram nossa saude. Com menos facilidade, mas com mais galanteria o disse o evangelista S. Matheus, e é um dos textos de sua historia, que reconhecem os interpretes por mais difficiloso. Sarou Christo em Capharnaú grande multidão de doentes de diversas enfermidades, e referindo S. Mattheus este milagre, diz assim: *Omnes malè habentes curavit ut adimpleretur quod dictum est per Isaiam prophetam dicentem: Ipse infirmitates nostras accepit, et ægritudines nostras portavit.* Curou Christo todos os enfermos que lhe apresentaram, diz S. Mattheus, e aqui se cumpriu o que disse o propheta Isaías, que tomaria Christo em si nossas penas, e padeceria nossas enfermidades. Notavel allegar de prophcias por certo! Se Christo estava curando enfermos, e a prophcia diz que havia de padecer nossas enfermidades, como se cumpriu neste caso a prophcia? Padecer enfermidades, e curar enfermos, é a mesma coisa? Em Christo sim: a mesma coisa é em Christo padecer enfermidades, que curar enfermos; porque a paciencia das suas dores foi o remedio e medicina das nossas: *Livore ejus sanati sumus.* Por isso o evangelista quando viu a Christo milagrosamente medico, logo o considerou infallivelmente enfermo, porque aquelles effeitos de curar, eram certezas de adoecer; onde a enfermidade era me-

dicina, não podia ter saúde quem a dava: *Et defuit sanitas, ne nobis deesset*, disse com propriedade o Oleastro.

Tal o grande imitador da caridade de Christo, S. Roque, que do soffrimento de suas enfermidades fez merecimento de nossa saúde, e morreu ferido de peste, sem remedio, para que tivessem remedio os feridos de peste. Quem visse estar morrendo do mal de peste a Roque, e o tivesse visto curar milagrosamente a tantos do mesmo mal, parece que podéra dizer ao santo por admiração, o que no Calvario disseram a Christo por affronta: *Alios salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere*: póde salvar aos outros, e a si não se póde salvar? Pois se sarou de peste a tantos, porque se não cura também a si? Sabeis porque? Não se curou S. Roque a si, porque quiz que sarassemos nós: *Et defuit sanitas, ne nobis deesset*. Offereceu a Deus sua enfermidade por nossa saúde, sua vida por nossa morte: adoeceu para que sarassemos, morreu para que vivessemos: e ainda que tinha virtude milagrosa para curar de peste, não quiz empregar esta graça em sua vida, para poder testar della na morte. Assim o diziam as taboas de seu testamento. Ha mais fino amor dos proximos? Ha mais perfeita, ha mais divina caridade que esta? Julgo-a por tão divina, que não foram menos que demonstrações de divindade em Christo, as que foram effeitos de caridade em Roque.

Estava S. Thomé incredulo da resurreição com os outros discipulos, entra Christo com as portas fechadas, abre-as das mãos e do lado, chega Thomé, e apenas tinha visto ou tocado as chagas, quando cae aos pés do Senhor, dizendo: *Dominus meus, et Deus meus*: Reconheço, Senhor, que sois meu Senhor, e creio que sois meu Deus. Mais crê Thomé, do que duvida; porque só duvidava de um homem resuscitado; e reconheceu mais por Deus verdadeiro. Pois, discipulo incredulo, atégora não creis tão obstinado, como já crêdes tão resoluto? E se nunca reconhecestes em vosso Mestre mais que a humanidade, como o confessaes por Deus tão subitamente? Que é o que visteis nelle? Que é o que descobristes de novo? Vi (diz Thomé) que deixou este Senhor as mãos e lado aberto, para render minha incredulidade; e quem não fecha as suas chagas, para ter com que curar as mi-

nhas, é mais que homem, é Deus. *Dominus meus, et Deus meus. Novo genere vestigia vulnerum divinitate perhiberent testimonium*, exclama Santo Agostinho: coisa nova e prodigiosa, que chagas de um corpo humano sejam testemunho de natureza divina. Mas que menos se pôde arguir, que divindade, em quem deixa abertas as chagas próprias, para ter com que curar as alheias? *Voluit exhibere in illa carne cicatrices vulnerum, ut vulnera sanaret incredulitatis*, diz o mesmo Santo Agostinho. Estes pois que foram argumentos de divindade em Christo, foram effeitos de caridade em Roque, o qual podendo sarar do mal de que estava ferido, não quiz fechar as suas chagas, para ter com que curar as nossas; e renunciando com maior milagre, os milagrosos privilegios de sua virtude, quiz morrer indesejado ás mãos da peste, para que a peste morresse a suas mãos. Assim abria Roque por caridade, quando assim batia Deus por enfermidades: *Puleat per ægritudinis molestias: aperimus, sicut amore suscipimus.*

V.

A mãos de Roque morreu, e morre a peste, ou reconhecendo a virtude, ou obedecendo á violencia de sua intercessão, onde eu noto, quão bem se corresponde aqui o premio e o merecimento; porque este segundo curar foi premio daquelle primeiro adoecer. Sobre o *Præcinget se: et sint lumbi vestri præcincti* do evangelho, notou com agudeza S. Pedro Chrysologo, que paga Deus na mesma moeda os serviços que lhe fazem os homens. Cingi-vos para me servir a mim, diz Christo, que eu me cingirei (quem se não assebra?) para vos servir a vós. E como a liberalidade de Deus é tão pontual nas correspondencias; com que mais igualdade se havia de premiar um bem contagioso, que com dominar males contagiosos? Lá dissemos no principio que a caridade de S. Roque em emulação de S. Paulo era um bem contagioso, que se pegava aos males; pois em satisfação de uma virtude que é bem contagioso, dê-se a S. Roque virtude de curar males contagiosos. Alguma coisa disto temos em José.

Amava sua senhora a José tão perdidamente como sabemos; passou o affecto a loucura, passaram as significações a violencias: deixou-lhe enfim o casto moço a capa nas mãos, e d'aqui se trocou aquelle excessivo amor em taes excessos de aborrecimento, que dos laços desejados se forjaram prisões executivas, e foi posto em ferros José. Pois, egypcia infiel, que mudança é esta tão repentina? Pouco ha tanto amor, e agora tanto aborrecimento? Se querias conquistar a vontade de José, principio foi de victoria ficar com os despojos nas mãos. Pois porque não continua teu amor a empreza? Porque aborreces tanto, a quem amavas ha tão pouco? Quereis ouvir com admiração, porque? Porque lhe ficou nas mãos a capa de José. Assim como se pegam as enfermidades, tambem se péga a saude. Se bastam os vestidos de um enfermo para se pegarem os achaques do corpo, tambem bastam os vestidos de um santo, para se pegar os affectos d'alma. Qual cuidaes que foi o principio da conversão de S. Paulo? Altamente o penetrou o juizo de Bernardo. Entre os que apedrejavam a Santo Estevão, andava tambem São Paulo antes de convertido, o qual foi tão venturoso, que lhe coube á sua conta guardar os vestidos do martyr: *Deposuerunt vestimenta sua secus pedes adolescentis, qui vocabatur Saulus*. E que se seguiu d'ahi? Seguiu-se, diz S. Bernardo, que pelo toque daquellas roupas começou Deus a lhe tocar na alma; e dos vestidos de Estevão, a quem o pedrejava se lhe pegou a mesma fé, porque Estevão morria: *Deponuntur vestimenta martyrum ad pedes persecutoris, qui ad tactum sacrarum vestium fuerat convertendus*. Com particular providencia do céu se entregaram ao perseguidor os vestidos do martyr, para que tocando-os, se lhe pegasse a fé, e viesse a seguir, como veio, a lei que perseguia: *Qui ad tactum sacrarum vestium fuerat convertendus*. Assim se converte Saulo em Paulo, e assim se trocou o amor da egypcia em aborrecimento. Ficou a Egypcia com a capa de José nas mãos: *Relicto in manu ejus pallio fugit*; e como pelos vestidos dos santos se pegam as inclinações e affectos da alma, aborreceu logo a egypcia a José, porque José aborrecia a egypcia. Communicou-se-lhe o aborrecimento ao coração pelo tacto, e pegou-se-lhe a

desaffeição de José, só porque pegou em suas roupas sagradas :
Ad tactum sacrarum vestium.

Mas d'onde mereceu José (ainda não fechamos o pensamento) d'onde mereceu José que se lhe concedesse já então, o que foi privilegio singular do protomartyr; e que ao toque santamente contagioso de suas roupas se produzissem tão maravilhosos effeitos? Se hei de dizer o que intendo, acho que nesta mesma acção teve José o merecimento e o premio. E senão, pergunto: Porque deixou José a capa nas mãos da egypcia? Deixar em poder de seu inimigo uma testemunha falsa contra sua innocencia, mais é temeridade, que confiança. Pois porque não faz força para trazer a capa consigo, porque não-resiste, porque a larga das mãos? Venturosamente ao intento Santo Ambrosio: *Contagium judicavit, si diutius moraretur, ne per manus adulteræ libidinis incentiva transirent, itaque vestem exuit.* Largou José a capa nas mãos da egypcia, porque julgou que era mal contagioso seu torpe amor, e não quiz que pelas roupas se lhe pegasse a peste: *Contagium judicavit; itaque vestem exuit.* E José tem por mal contagioso o amor da egypcia? pois seja bem contagioso o desamor de José. Vós tendes por mal contagioso sua impureza? pois seja bem contagioso vossa castidade. De sorte, que juntamente naquella capa havia um mal, e um bem, ambos contagiosos: o torpe amor da egypcia, de cujo contagio fugiu José; e o casto amor de José, cujo contagio em parte se pegou á egypcia. Pois assim como Deus concedeu a José, que fosse bem contagioso sua virtude, porque teve por mal contagioso o vicio alheio; assim concedeu a S. Roque, que sarasse de males contagiosos sua intercessão, porque fôra bem contagioso sua caridade. Foi a caridade de S. Roque um bem tão contagioso, que se lhe pegavam os males e doenças de todos: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* pois seja digno premio desta contagiosa virtude, que todos os males se rendam a seu imperio, e que não haja contagio, nem peste no mundo, onde chegar a intercessão e nome de Roque.

VI.

Estes são os merecidos prodigios de vossa caridade, glorioso e

poderoso santo ; e pois como divino advogado da peste exercitaes tão obedecido dominio sobre todos os males contagiosos, uma petição vos quero fazer, que será a materia desta segunda parte ; porque não vos seja menos agradável que a primeira ; porque os animos, desejosos de fazer bem, mais os lisongea quem lhes pede, que quem os louva. A petição que faço, e a mercê que vos peço, divino Roque, é que livreis o nosso reino de duas pestes mui perigosas, que não sei se vão já corrompendo o saudavel clima de seus ares. São consequencias da guerra estas, tão certas como damnosas : *Surget gens in gentem, et regnum adversus regnum, et erunt pestilentia.* Alguns haverá que, seguindo a resolução de David, desejariam antes remedio para a guerra, que para a peste : mas eu pela mesma razão temo mais os rebates da peste, que os rebates da guerra. Por Deus a David em sua eleição, que de dois ou tres males que lhe ameaçava, escolhesse livremente o que mais quizesse : e com ser tão grande soldado David, quiz antes peste, que guerra. A razão deu o mesmo rei, como aponta o texto : *Quia melius, ut incidam in manus Domini, quam in manus hominum* : Porque a guerra estava nas mãos dos homens, e a peste nas mãos de Deus ; sempre são menores os males, que se dispensam pela mão de Deus, que os que se executam pela mão dos homens. Por esta razão temeu mais David a guerra, que a peste ; e pela mesma temo eu mais a peste, que a guerra ; porque se lá a guerra estava nas mãos dos homens, e a peste nas mãos de Deus ; cá a guerra está nas mãos de Deus, e a peste nas mãos dos homens. A guerra está nas mãos de Deus, porque Deus a tomou á sua conta, e nos dá tão milagrosos successos, como cada dia vemos ; e a peste está nas mãos dos homens, porque os homens são os que encontram (não fallo das tentações, senão dos effeitos) ou ao menos desejadam o bem da patria.

Ora eu me puz a considerar como chamaria a estas duas pestes, que digo de Portugal ; e por lhe não fazer as definições compridas, defini-as assim : Pouca fé, e muita fé. Pouca fé, isto é, pouca fidelidade : muita fé, isto é, muita confiança. Muito confiados, e pouco confidentes são em Portugal os feridos da peste, de que Deus nos livre. Mau é que tenhamos occasião de dizer isto

entre portuguezes; mas peor fôra se se não estranhára. Cuido que o mostrarei de maneira, que ao menos se não persuadir o remedio, hei de justificar a queixa. Quo esteja apestado de pouca fé Portugal, o povo diz commummente, e cuida que o prova; mas ainda que a auctoridade de povo é tão grande, que ella só bastou para canonisar a S. Roque, julgue Deus os corações de cada um, que eu só das mãos quero fazer juiso. Argumento assim: É certo que nas côrtes passadas se prometteram subsidios para a guerra, quantos fossem necessarios á conservação do reino. Tambem é certo que se intentaram donativos, que se multiplicaram tributos, que se introduziram decimas, que se acrescentou á moeda o cunho e o preço; e comtudo vemos que é necessario repetir côrtes, para arbitrar novos modos de tirar dinheiro effectivo, porque cada um guarda o seu, o ha mui poucos que paguem o que lhe toca. Os muito poderosos por privilegio, os pouco poderosos por impossibilidade; cada um tracta de lançar a carga aos hombros do outro, e talvez cáe no chão, porque não ha quem a sustente. Isto é assim? Ainda mal. Bem digo eu logo, que ha pouca fé em Portugal. Fé tão apertada de mãos, não é verdadeira fé.

Diz Christo no nosso evangelho: *Lucernæ ardentes in manibus vestris*: que tenhamos tochas acesas nas mãos. Supposto que o lume destas tochas significa o lume da fé; porque diz Christo, que o tenhamos nas mãos: *In manibus vestris*? Os actos da fé no intendimento se produzem, no intendimento se recebem; pois se a fé está no intendimento, como a põe Christo agora nas mãos: *Lucernæ ardentes in manibus vestris*? Uma razão mui verdadeira é, porque a fé pratica, que Christo aqui ensinava, não consiste tanto em verdades do intendimento, quanto em liberalidade das mãos. Não é mais fiel quem melhor discorre, senão quem concorre melhor. Por isso nos representa Christo a fé em figura de tochas; porque a tocha se está acera, gasta-se, e se não se gasta, está apagada. Ó quantas tochas que puderam luzir gloriosas, se vêem nesta occasião apagadas miseravelmente! *Lucernæ ardentes in manibus vestris*. Portuguezes: se a fé é tão ardente como deve ser, veja-se luzir nas mãos.

Apertarem-se as mãos é signal de frieza, e que não arde fogo no coração. Amavam muito os Magos, e criam verdadeiramente naquelle rei que acclamaram em Jerusalem, e como sabios, vêde a protestaço que fizeram de sua fé: *Procidentes adoraverunt, et apertis thesauris suis obtulerunt*. Prostrados por terra adoraram, e abrindo seus thesouros offereceram. São Leão Papa: *Quod cordibus credunt, muneribus protestantur*. Na liberalidade com que davam, protestaram a verdade com que criam; e porque ahi costuma estar o coração onde está o thesouro, fizeram os seus thesouros interpretes de seus corações: *Quod cordibus credunt, muneribus protestantur*. Se vissemos que entravam os Magos no presepio, e que vendo naquelle estado a seu Rei, lhe não faziam serviço de suas riquezas; que diríamos? Diríamos com muita razão, que não criam nelle verdadeiramente, e que aquellas cortezias foram enganosas, e aquellas adorações fingidas. Adorar é não offerecer, quando o principe está em necessidade; dobrar os joelhos, e não abrir os thesouros, não é vicio de avareza, é crime de infidelidade. Fé, e liberalidade são virtudes synonymas; e quem está duvidoso no dar, não está firme no crer. O que os Magos offereceram a Christo, foi oiro, incenso e myrrha; e dizem todos os padres, e com elles conformemente a egreja, que no oiro confessaram que era rei; no incenso, que era Deus: na myrrha, que era homem: *Auro regem, thure Deum, myrrha mortalem*. Ó grande confirmação do que dizemos! De sorte que interpretaram os Magos a fé pela liberalidade; e para confessarem tres artigos, offereceram tres donativos: *Auro Regem, thure Deum, myrrha mortalem*.

Pois se a fé se explica pela liberalidade, se o dar é synonymo de crer, se a obediencia dos reis se protesta com oiro das mãos: *Auro Regem*; como não temerei eu, que ha rebates de peste, ou suspeitas de pouca fé em Portugal, quando a liberdade se perverteu em cobiça, e em lugar de se pagarem tributos, pôde ser que se multipliquem latrocinios? É bom genero de fé esta? Eu o direi. Perguntaram os ministros reaes a S. Pedro, se havia seu Mestre de pagar tributo a Cezar; e respondeu que sim. Mandou Christo a Pedro, que fosse pescar, que na boca do primeiro peixe acha-

ria a moeda que se pedia : *Et da eis pro me, et te* : E pagae Pedro por mim, e por vós. Notae. Christo era Senhor do mundo ; S. Pedro era principe da igreja, e comtudo diz o Senhor : *Pagae por mim, e por vós* : *Da eis pro me, et te* ; porque os tributos dos reis, principalmente em tempo de necessidades grandes, tambem os grandes e senhores é bem que os paguem. Nos bens e males communs ninguem é privilegiado ; sintam todos o mal que toca a todos. Mas não era isto o que eu queria ponderar. O em que muito reparo é em mandar a providencia de Christo que S. Pedro pagasse o tributo. Pagar o tributo, parece que tocava em razão do officio, ao apostole que tinha o dinheiro ; pois se Judas era thesoureiro ou procurador ; se Judas era o que tinha a bolsa do collegio apostolico, porque não manda Christo pagar o tributo a Judas ? Direi o porquê. Porque quem tinha animo para vender a seu Senhor, não tinha sitio para pagar o tributo, Não pagou o tributo Judas, porque os Judas não pagam tributos. Veja-se agora se ha suspeitas de pouca fé, se ha feridas de infidelidade em Portugal.

Glorioso santo, esta é a primeira peste de que vos peço nos livreis este reino, e se não fóra por temor de alguma irregularidade, não sei se vos pediria tambem que a curasseis como a curou S. Pedro. Defraudou Ananias a parte do preço que devia pôr todo aos pés dos apostolos, como agora fazem alguns que pagam a decima, mas dezimada : manda-o vir diante de si S. Pedro, julga o crime summariamente, notifica-lhe a sentença em tres palavras, e foram tão rigorosas e executivas, que no mesmo ponto, com assombro e tremor dos circumstantes, caiu morto aos pés Ananias. Tanto rigor em um discipulo de Christo, na piedade de um apostolo, nas entranhas de um S. Pedro, por uma culpa ao parecer não pesada ? Sim, diz Santo Ambrosio, e dá a razão : *Tanta erat infectus avaritiæ pestilentia ; ut sanctus eum Petrus, non tam emendare voluerit, quam damnare*. Deu sentença de morte repentina S. Pedro a Ananias, por defraudador somente do preço promettido ; porque como estava inficionado com a peste da avareza, e podia inficionar e apear a outros, teve por melhor tirar-lhe a vida, que esperar-lhe com perigo a emenda. Com

este rigoroso remedio se curou já alguma infidelidade em Portugal, exemplo que é bem ande nas memorias sempre vivo; mas aos fielmente portuguezes baste-vos o do glorioso S. Roque, para que assim como elle deu estado, riquezas, e quanto possuia pela patria do céu, dêmos nós tambem com apostada resolução quanto temos pela defensão da nossa. Ainda ha commendas, ainda ha rendas, ainda ha joias, ainda ha coches, ainda ha galas e regalos, e em quanto houver sangue nas veas, haverá muito que dar. Dê-se tudo pela patria, que nella fica, assim como deu S. Roque tudo, para nella o achar. E se o exemplo de S. Roque por alto nos desmaia, e ha olhos fracos, que cegam com tanta luz, abaixemos um pouco a vista, e veremos retratada aos pés do santo uma acção irracional, mas generosa, que, quanto mais falta de uso de razão, estranha e reprehende mais justamente as sem-razões de infidelidade humana. Todos os auctores antigos fizeram ao cão symbolo da fidelidade, e quando esta nobreza não fôra tão antiga naquelle animal, o de S. Roque pudéra ganhar este titulo para toda a sua especie. Estava S. Roque no campo deitado ao pé de uma arvore, pobre, desconhecido, solitario, enfermo, e no meio deste desamparo tinha um cão, que levando todos os dias um pão na bocca, sem comer delle bocado, o sustentava. Isto sim, que é ser leal, isto sim, que é ser exemplo da verdadeira fidelidade: chegar a tirar o pão da bocca para sustentar com elle a seu senhor. Lastima é, que carecesse tal generosidade de uso de razão; quando vemos tantas almas racionais tão mal empregadas em sугeito de menos honrados procedimentos.

VII.

A segunda peste (muito me detive na passada, será esta a peste pequena), a segunda peste define-se: Muita fé, ou muita confiança: e deste mal está inficionada muita gente, que se chamam os demasiadamente confiados. Explico-me. Ha cidades em Portugal, que, sem estarem tão longe de Castella, como Roma de Carthago, nem as dividir um mar, senão um pequeno rio, e a al-

gumas uma linha mathematica, tão confiadas estão de si mesmas, que, por mais que são mandadas fortificar, não se fortificam, havendo (à maneira dos espartanos) que onde estão os peitos dos seus cidadãos, não são necessarias muralhas. Ha homens em Portugal, que, sem terem gastado os annos nas escolas de Flandres, nem campeado nas fronteiras de Africa, por mais que os mandam ter armas, e exercital-as, teem por affronta ou por ociosidade este exercicio, como se fôra contra os sóros da nobreza prevenir a defensa da patria; ou poderam sem exercitar as armas, entrar naquelle numero ordenado de gente, que, por constar de homens exercitados, se chama exercito, É boa confiança esta com o inimigo á porta? É mui demasiada e mui errada confiança: desconfiar por temor, é covardia; mas desconfiar por cautela, é prudencia. Não quero desconfiança que faça desmaiar; desconfiança que faça prevenir, sim. E este segundo modo de desconfiar é mui necessario, principalmente aos portuguezes, cujo demasiado valor os fez algumas vezes tão confiados, que o vieram a sentir mal prevenidos. A moderada desconfiança, não é achaque, senão esmalte da valentia. O valente dizem que ha de ser desconfiado; ao menos um soldado francez sei eu, e na milicia de sua profissão soldado de fama, o qual sempre foi valente ao desconfiado, S. Roque. O que pondero é, que deixou S. Roque uma vez a patria, e depois se tornou para ella. Que deixasse a patria, quem queria seguir a Christo, com seguro dictame obrava; que no remanso perigoso da patria, principalmente os poderosos, como S. Roque, mais occasião tem de offender, que de servir a Deus: pois se deixa a patria e foge della, porque a torna a buscar? Em uma e outra resolução obrou como desconfiado Roque. A primeira vez fugiu da patria, porque desconfiou de sua virtude: a segunda vez tornou para a patria, porque desconfiou de sua fugida. Como se fizera este discurso o santo, entre valente e desconfiado comsigo: Eu se fico na patria, as occasiões são muitas: se me falta virtude para ás resistir, fico vencido. Pois que remedio? Não ha outro senão fugir; alto, deixemos a patria. E depois de a ter deixado, como se tornára sobre si: Fugir (diz Roque) é covardiã: não querer vir ás mãos

*

com o inimigo, é pouco valor. Pouco valor em um soldado de Christo? Não ha de ser assim: animo, voltemos outra vez para a patria; e assim o fez. Elias retratado. Foge Elias de Jesabel, que lhe queria tirar a vida, chega ao deserto, e começa a chamar e desafiar a morte: *Petivit animæ suæ, ut moreretur*. Tudo succedeu no mesmo dia, para ser mais achada a repugnancia. Se teme o propheta a morte, como a chama? E se foge della na cidade, como no deserto a desafia? São desconfianças de um bem entendido valor. Na cidade fugiu da morte, porque desconfiou de sua fortaleza; no deserto desafiou a morte, porque desconfiou de sua fugida. O meio em que consiste a fortaleza é entre o temor e a ousadia: temeu e ousou Elias sempre desconfiado, para em uma e outra acção se mostrar valente. Tão longe está de valente o timido, como o temerario; e se em alguma parte está mais perigosa a conservação, é na presumpção de segura. Nem aqui nos faltará o evangelho.

Quer Christo que estejamos em véla, bem assim como o fazem os servos diligentes, que esperam por seu senhor: *Ut cum venerit, et pulsaverit*; (aqui reparo) para que quando vier a bater... Bater? Logo fechadas hão de estar as portas? Pois se fazem tantas diligencias por pressa e mais pressa, se hão de estar as roupas na cinta, se hão de estar as tochas nas mãos, e essas já accendas; porque não estarão tambem as portas abertas? Porque ensinava Christo a seus discipulos a ser vigilantes, e não bastam para a segura vigilancia olhos abertos com portas abertas; senão olhos abertos com portas fechadas: *Ut cum venerit, et pulsaverit*. Para que quando vierem de fóra achem em que bater primeiro. E se não bastam olhos abertos com portas abertas; que seria portas abertas com olhos fechados? Por semelhante descuido se perdeu Troia: *Panduntur portæ*, eis-ahi as portas abertas; *Invadunt urbem somno vinoque sepulcham*, eis-ahi os olhos fechados. O que importa é moderar a confiança com a cautela, e segurar o valor com a vigilancia: vigiar, armar, fortificar, exercitar e trabalhar, que, ainda que se tem trabalhado tanto, a empreza foi muito grande, e é necessario mais.

VIII.

E o que mais necessario é que tudo (atégora como a portuguezes, agora como a christãos) é, que as negligencias de dentro não desanimem e descomponham as diligencias de fóra. Quem me déra neste passo as forças, e o espirito que não tenho! É possível que quando estamos recebendo enches de beneficios da divina misericordia, não façamos senão provocar com peccados a divina justiça? Que quando deveramos andar humildes e agradecidos a tantas mercês, armemos os favores do céu contra o mesmo céu, e façamos guerra a Deus com seus beneficios? Que ainda se guarde pouca justiça? Que ainda se tracte pouca verdade? Que agora reinem mais as invejas? Que agora estejam mais em seu ponto as ambições? Que agora, porque Deus está por nós, nos ponhamos nós contra elle? É boa confiança esta? Grandes motivos nos tem dado Deus de grande confiança; mas antes nos quer menos confiados de suas misericordias, que pouco attentos a nossas obrigações: *Et vos estote parati* (diz Christo por conclusão do evangelho) *quia qua hora non putatis, filius hominis veniet.* Estae preparados e prevenidos; porque na hora em que menos o imaginaes, vos pedirão conta da vida. Muito é difficultar Christo o remedio em uma hora, a quem o póde ter em um instante! Se um instante basta (que tal é a bondade de Deus) para um arrependimento final, como nos atemorisa o Senhor com as brevidades de uma hora? Parece que é estreitar os limites e diminuir a opinião gloriosa de sua misericordia infinita. Assim parece, não ha duvida; mas quer Deus antes menos reputada sua misericordia, que demasiadamente confiada nossa esperança. Confiar em Deus, offendendo-o, é venerar um attributo com injuria de outro, e presumil-o tão misericordioso, que possa ser menos bom. *Absit ut ita aliquis interpretetur*: Deus nos livre de sermos tão maus interpretes de sua bondade (diz Tertuliano): *Quasi ex redundantia clementiæ celestis, libidinem faciat humana temeritatis*: que nos sirva de tentação a liberalidade divina, e façamos costas a nossas temeridades com os exemplos continuos de suas misericordias.

Miseria é, e cegueira de entendimento grande, que nos traga desvanecidos e descuidados, o que nos devera fazer humildes e temerosos. Porque Castella se vae precipitando a tão conhecida ruina, nos damos nós por seguros? Ó miseria! Porque Castella se vê em estado, que já não póde resistir a seus inimigos, nos imaginamos vencedores dos nossos? Ó cegueira! Alegra-nos vãmente o que nos devêra confundir; anima-nos o que nos devêra assombrar; e enche-nos de confiança, o que nos devêra encher de temor. Não fallo do temor que faz tímidos, senão do temor que faz timoratos; não do temor que faz temerosos dos homens, senão do temor que faz tementes a Deus. Pergunto, senhores: Porque está Deus irado contra Castella, e a castiga tão rigorosamente? Não ha duvida, que por seus peccados, por suas maldades, por suas injustiças, por suas incontinencias; boas testemunhas somos, como cúmplices um tempo dos mesmos delictos. Pergunto mais: O Deus de Castella é o mesmo que o de Portugal, ou outro? Esta pergunta não tem resposta. Pois o Deus é o mesmo, e em Castella castiga peccados, como ha de premiar peccados em Portugal? Se Castella tem a ruina em seus vicios, como havemos nós de ter a segurança nos nossos? Ó que bem apertou a força desta razão o propheta Nahum, fallando com a cidade de Tyro! *Nunquid melior est Alexandria populorum, quæ habitat in fluminibus?* Por ventura, ó Tyro, sois vós melhor que a grande cidade de Alexandria, cabeça de tantas provincias? Por ventura, ó Portugal, sois vós maior, e mais populoso que Hespanha, todo de quem ereis parte? *Et tamen ipsa abiit in transmigrationem.* E comtudo Alexandria, ó Tyro, foi destruida; e comtudo Hespanha, Portugal, vae-se acabando. Pois se a monarchia famosa das Hespanhas; se aquella que pouco ha dominava facilmente o mundo, assim a castiga, e anniquilla Deus por seus peccados; se lhe não val a Hespanha seu dilatado imperio, se não se sustenta nos estribos de sua grandeza; se de suas proprias entranhas brotam as labaredas com que se vae consumindo este Ethna; se tantos exercitos espalhadodes pelo mundo a não defendem; se tantas frotas, e tantos milhões a não soccorrem; se tantas orações (que é mais), e tanto

culto divino; se tantas penitencias e sacrificios não bastam a ter mão no braço irado da divina justiça; se tanto provocam a Deus os peccados de Hespanha; porque não teme Portugal os seus? Porque os não teme, e os não chora? Não nos fiemos indiscretamente em milagres e favores do céu; porque em grandes misericórdias ensaia Deus grandes castigos, e todo este bem perderemos, se formos ingratos. Com grandes milagres e prodigios livrou Deus ao povo de Israel do captiveiro de Pharáo em que estavam; e comtudo, de tantos mil que saíram do Egypto, porque peccaram depois de tão grande mercê, só dois entraram na terra de promissão. Libertou-os Deus por afflictos, e depois castigou-os por ingratos. Fique-nos esta advertencia, christãos, consideremos bem esta verdade, obremos pelos dictames deste desengano, para que saibamos o que principalmente devemos temer, e sobre que bases podemos fundar segura a firmeza de nossas confianças. Agradar, e servir a Deus, e logo confiar animosamente.

E para que sejam efficazes estes remedios, Roque divino, debaixo de vossa protecção e favor esperamos os effeitos de virtude. Francez e portuguez sois, glorioso santo, e em um e outro titulo estão bem fundadas nossas esperanças. Quem melhor nos soccorrerá que um francez, quando as florentes lizes de França, com tão ermanada correspondencia, assistem ao lado das quinas portuguezas? E quem mais natural portuguez, e mais verdadeiro, que aquelle que nasceu com o habito de Christo sobre o peito esquerdo, publicando que era cavalleiro francez por geração, mas portuguez por nascimento? Todo o reino de Portugal vos encommendo, divino Roque, pois tão duplicadas são as razões com que confia em vosso favor. Encommendo-vos esta cidade, que com tanta devoção e frequencia solemnisa vossas sagradas memorias. Encommendo-vos esta casa, que tão auctorizada está com vosso patrocínio, e tão rica e tão sanctificada com o thesouro de vossas preciosas reliquias. Encommendo-vos, (mas não vos encommendo, que não é necessario), a vossa real e illustrissima irmandade, em que vos serviam os reis e vos serve a melhor nobreza; e particularmente, como tão particular

como tão particular nelle, vos encommendo, glorioso santo, a quem hoje com tão lembrada prevenção, e com tão anticipada liberalidade celebra vossa festa ausente. A pessoa, a causa, os beneficios pedem que tenhaes boas ausencias, como quem as sabe ter tão pontuaes, e ainda que em distancia tanta, lá chega tambem a jurisdicção milagrosa de vossos poderes; que a hostilidade de nossos mal reconhecidos amigos, que ainda alli não cessa, peste foi daquelle estado, e peste do mundo. Deste mal tão pernicioso nos ajudae a livrar, poderoso santo, aquella tão dilatada provincia, a mais rica e mais preciosa joia desta coroa; para que, ou no descanso da verdadeira paz, ou na superioridade de victoriosa guerra, luza a conhecida prudencia e valor de quem vos serve e governa, e o sempre e em toda a parte efficaz patrocínio de vossa sagrada intercessão, pela qual esperamos tambem, mediante a graça, o premio da gloria: *Quam mihi, etc.*

SERMÃO

DA

TERCEIRA DOMINGA DO ADVENTO

Prégado na capella real, no anno de 1614.

*Miserunt Judæi ab Jerosolymis sacerdotes,
et levitas ad Joannem, ut interrogarent eam :
Tu quis es ? — Joan. I.*

I.

Uma coisa que eu desejára muito ao reino de Portugal, conta o evangelista S. João que se viu hoje na republica de Jerusalem. Diz que os do governo daquella grande cidade, mandaram uma embaixada aos desertos de Judéa, na qual offereciam ao Baptista a maior dignidade que nunca houve no mundo, querendo-o reconhecer e adorar por Messias. O que reparo muito neste caso, é que em vez de o Baptista vir do deserto á côrte a pretender a dignidade, a dignidade foi da côrte ao deserto a pretender o Baptista. E isto é o que eu desejára, como dizia, para o nosso reino. E lorça que haja pretensões e pretendentes ; mas estes não hão

de ser as pessoas, senão os officios. E porque? Darei a razão e mais a razão da razão. A razão é, porque não pôde haver, nem mais bem governada, nem mais bem servida republica, que onde os officios forem os pretendentes, e os homens os pretendidos. Assim foi hoje o Baptista o pretendido, e o Messiado o pretendente. E a razão desta razão é, não porque assim o fizeram os embaixadores e magistrados de Jerusalem, senão porque assim o ensinou com seu exemplo a primeira e summa verdade daquelle supremo Rei, em cuja politica não pôde haver duvida, nem nos seus dictames engano, nem erro ou desacerto no seu governo.

Veio um homem offerer-se a Christo para o seguir a qualquer parte: *Sequitur te quocumque ieris*: e diz o evangelista, que o Senhor o despediu secamente, e o lançou de si com palavras asperas. Vae o mesmo Christo ás praias de Galilea, chama a Pedro e André, e aos filhos do Zebedeu, e diz-lhes que o sigam: *Venite post me*. Pois, Senhor, se estes homens vos não buscam, por que lhes dizeis que vos sigam: e se outro homem diz que vos quer seguir em tudo e por tudo, porque o não admittis, antes o lancaes de vós com aspereza? É culpa querer-vos seguir; e merecimento não vos buscar? Pois se a quem vos não busca dizeis que vos siga, a quem vos quer seguir, porque o não aceitaes em vosso serviço? Porque Christo supremo Monarcha, e exemplar de todo o bom governo, não queria no seu reino homens pretendentes, nem officios pretendidos: homens pretendidos, e officios pretendentes, sim. Quando o outro homem pretendeu seguir a Christo, o homem era o pretendente, e o apostolado o pretendido: pelo contrario, quando o Senhor chamou a Pedro e os demais, os homens eram os pretendidos e o apostolado o pretendente: e homens que não pretendem os officios, senão os officios a elles, como hoje aconteceu ao Baptista, estes são os que só podem compor, conservar e estabelecer um reino que houver de durar para sempre, como o de Christo.

Ó que venturoso seria o nosso, se nelle se introduzisse esta nova e admiravel politica! E porque ella não é só dos que governavam a còrte de Jerusalem, senão do supremo Governador,

e Mestre do mundo, e por isso verdadeiramente christão, não será materia alheia, senão muito propria deste logar, e mais propria ainda do tempo presente, se eu a souber persuadir como pretendo. Deus, a quem devemos a felicidade do tempo, e cujos exemplos e dictâmes somente hei de seguir em quanto disser, se sirva de me assistir com sua graça. *Ave Maria.*

II.

Miserunt Judæi ab Jerosolymis sacerdotes et levitas ad Joannem. (Joan. I — 19) Assim como não foi o Baptista o que veio do deserto á côrte pretender a dignidade, senão a dignidade a que foi da côrte ao deserto pretender o Baptista; assim digo, que em todo o reino bem governado não devem os homens pretender os officios, senão os officios pretender os homens. As razões desta politica do ceu, pouco intendida e menos praticada na terra, são muitas. Eu para maior brevidade e clareza as reduzirei neste discurso a quatro principaes, com nome de conveniencias: primeira; porque andarão mais auctorisados os officios; segunda; porque viverão mais descansados os benemeritos; terceira; porque estará mais desembaraçada a côrte; quarta; porque será mais bem servida a republiça.

III.

Quanto á primeira conveniencia, de que os officios quando não forem pretendidos, então serão mais auctorisados, não saltará quem cuide e diga o contrario, e parece que com bons fundamentos. Não é grande auctoridade e credito do oiro entre os outros metaes, que todos o desejem, procurem e façam tantos extremos por elle? Não foi grande auctoridade da formosura, que pela de Elena contendessem com tanto empenho, e se glessem tantas batalhas a Grecia e Troya? Logo da mesma maneira será grande auctoridade e credito dos officios, que concorram muitos a os pretender, e que a ambição e emulação dos oppositores se empenhe com todas as forças em os conseguir.

E quanto maiores forem as negociações, as diligencias, as contravias, as valias, e ainda as adulações e os sobornos dos que os pretendem alcançar, tanto mais crescerá a estimação e auctoridade dos mesmos officios assim pretendidos. Pelo contrario, se elles forem os que hão de pretender, não terão estimação, nem sequito, e ficarão solitarios, e, quando menos, mal providos. Já Tertulliano ponderou gravemente a quantas indignidades se sujeitam e abatem os que pretendem subir ás dignidades: e se os officios se fizerem pretendentes, pelo mesmo caso se farão indignos, e perderão o nome da honra e dignidade, que é o que os acredita e auctorisar.

Ora antes que desfaça a apparencia destas objecções, quero-as convencer com a evidencia de um exemplo, que todos trazemos diante dos olhos, e ninguem póde negar. O officio, os embaixadores, e os que hoje os mandaram, e o mesmo Baptista tudo era ecclesiastico; seja pois tambem ecclesiastico o exemplo. Pergunto: Quando estive mais auctorisado na igreja o officio e dignidade episcopal? Quando os santos (de que é infinito o numero) se não atreviam a o pretender, mas pretendidos elles, buscados e acclamados, se mettiam pelos bosques, e se escondiam nas covas, temendo e fugindo de tão alta dignidade; ou agora quando tantos frequentam os palacios dos reis, e os tribunaes, e casas dos ministros, fazendo opposição com a cara descoberta ás mitras, e ostentando lettras, antiguidades, e cargos da religião, e talvez os procedimentos, e as mesmas virtudes, para que as cabeças cheias destes pensamentos sejam coroadas com aquella sagrada insignia? Torno a perguntar: Quando estive o officio e dignidade episcopal mais auctorisada, agora quando tantos a pretendem, ou quando ella era a pretendente? Agora que a procura descobertamente a ambição, ou quando a recusava a modestia, e fugia della a consciencia? Os mesmos sagrados canones respondem á minha pergunta. E que dizem? *Queratur cogendus, qui rogatus recedat, et invitatus fugiat.* Note as palavras. *Queratur*, busque-se. E quem ha de ser o buscado? O bispado, e o officio? Não, senão o homem digno delle. E esse homem digno, que qualidades ha de ter? Grande casa? Grande

nobreza? Grande appellido? Grandes cargos antecedentes? Não diz isto o canon. Pois que diz? Que seja tal, que o hajam de obrigar por força a aceitar: *Queratur cogendus*: e que rogado com a egreja se retire; e convidado com a dignidade fuja della: *Qui rogatus recedat, invitatus fugiat*.

As egrejas são as esposas dos prelados ecclesiasticos, e verdadeiramente que ellas são tão formosas e bem dotadas, que parecem devem causar amor e ainda cobiça: mas que as mesmas esposas hajam de metter medo aos que ellas buscam e pretendem; e os buscados, convidados e rogados hajam de fugir dellas? Sim. Vamos á escriptura. Falla o texto sagrado de uma destas esposas (em que se representam todas), e diz assim: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol*? Quem é esta que sãe resplandecente como a aurora, formosa como a lua, e escolhida como o sol? Já aqui temos respondidos, ou correspondidos os dois exemplos acima allegados, da estimação do oiro, e da formosura de Elena. Aurora deriva-se de aurum, que em latim é o oiro; e Elena deriva-se de elion, que em grego é o sol. Pois se as esposas ecclesiasticas são tão ricas e arraiadas de oiro como a aurora, e tão semelhantes na formosura, não á lua entre as estrellas, senão ao mesmo sol, em cuja presença desaparecem; como é possível, que em vez de causarem cobiça com a riqueza, e amor com a formosura, causem tal medo e horror aos mesmos que ellas pretendem, convidam e rogam, que os façam retirar, esconder, e fugir: *Qui rogatus recedat, invitatus fugiat*? O mesmo texto o declara admiravelmente no que logo acrescenta: *Quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol, terribilis, ut castrorum acies ordinata*. De sorte que a mesma esposa, que por uma parte é tão doirada como a aurora, tão prateada como a lua, e tão formosa como o sol, por outra parte é tão terrivel, tão formidavel e temerosa como um exercito armado posto em campo: *Terribilis, pavoremque incutiens*, verte e commenta Symacho. Que muito logo que uma tão grande differença produza tão encontrados affectos? No exercito de Saul todos appeteciam a honra e cobiçavam os premios que o rei promettia a quem saísse a

desafio com o philisteu ; mas quando viam o gigante de tão desmedida estatura, e as armas iguaes aos membros, com que parecia uma torre de ferro, todos desmaiavam e tremiam. Assim também a esposa, como rica e formosa, causava cobiça e amor ; mas como exercito armado, causava pavor e assombro. E se alguém me perguntar como a esposa sendo uma só, em si mesma e de si mesma podia formar um exercito, questão era esta digna de a excitarem e resolverem os expositores (o que não fizeram). Mas a resposta e a razão é muito clara. Já dissemos que as esposas dos prelados ecclesiasticos são as egrejas e dioceses, e como ellas se compoem não só de mil, senão de muitas mil almas, estas são as que formam o exercito terrivel e formidavel ; porque de todas hão de dar conta a Deus. Logo não é maravilha, que uns appetçam a mesma dignidade, outros a temam e fujam della. Os que a vêem *sicut aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol*, e param aqui ; deixam-se levar da riqueza do dote, e da formosura da esposa ; porém os que passam adiante, e a consideram *terribilis ut castrorum acies ordinata*, terrivel e formidavel como um exercito armado posto em campo, teem razão de se retirar, temer, e fugir : *Qui rogatus recedat, invitatus fugiat*.

E porque não pareça que este temor e retiro de não appetcer, nem pretender dignidades, antes fugir dellas, toca só ás prelasias e dignidades ecclesiasticas ; a mesma razão concorre nos magistrados, governos, e officios seculares, que teem jurisdicção, ou toda, ou repartida sobre os povos. E senão, ponhamos o caso em um homem leigo, e tão leigo que o não podia ser mais. Quando Saul andava buscando as jumentas de seu pae, Samuel mandado por Deus, o ungiu em rei de Israel. Vêde o que buscava, e o que achou ; ou, fallando mais a nosso proposito, vêde o que buscava, e o para que o buscavam. Chegando pois o dia, em que se havia de publicar o que até alli estava occulto, convocou o mesmo propheta Samuel na cidade de Masphá os doze tribus, e lançadas sortes sobre todos, para que todos entrassem á eleição, e nenhum fosse excluido, no meio desta universal expectação saiu a sorte sobre o tribu de Ben-

jamia. Restava ainda por saber qual fosse a familia do mesmo tribu, e qual a pessoa da familia; e continuando as sortes, saiu a familia de Cis, e nella seu filho Saul. Este era o que já tinha sido secretamente ungido, e só elle faltava naquella universal ajuntamento, nem apparecia. Bem se deixa vêr as diligencias que se fariam por lhe levar a nova, e ganhar as alvigeras, e comtudo ninguem o pôde descobrir, nem novas delle. Assim andava o officio (e tal officio) buscando o homem, e o homem fugindo do officio. Que remedio? Foi necessario que o propheta consultasse a Deus, e respondeu o divino Oraculo, que estava escondido em sua casa: *Respondit Dominus: Ecce absconditus est domi.* (1 Reg. X — 22).

Esta ultima palavra parece que desfaz quante imos dizendo. O mesmo Saul quando Samuel o ungiu, replica que não só o seu tribu era o menor tribu de Israel, senão também a sua casa a menor, e a minima casa do seu tribu. *Non filius Jemini ego sum, de minima tribu Israel, et cognatio mea novissima inter omnes familias Benjamin?* (ibid. IX — 21) Logo se o homem pretendido para o officio era da menor casa do menor tribu, parece que foi errada a eleição do officio, que neste caso era o pretendente? Assim o cuidaram os que medem os homens pelas casas. O erro por que muitas vezes se não acertam as eleições dos officios, é porque se buscam os homens grandes nas casas grandes, e elles estão escondidos nas casas pequenas: *Ecce absconditus est domi.* Em fim, appareceu o escondido, e viram, e confessaram todos, que na menor casa de Israel, estava encoberto o maior homem de Israel: *Certe videtis quem elegit Dominus, quod non sit similis illi in omni populo.* (ibid. X — 24) Note-se muito a clausula *quem elegit Dominus*, etc.: digam-me agora os que se não presarem de mais intendidos que Deus, se neste primeiro providimento ficou desautorizado o officio, por não ser elle o pretendido, senão o pretendente? Se se puzeram editaes para o governo do novo reino, e elle se houvesse de dar por opposição, quantos pretendentes, e quão estimados haviam de apparecer em Masphá diante de Samuel, fundando cada um a sua pretensão em grandes metecimentos? Os do tribu de Re-

ben, que foi o primogenito, pela prerogativa da antiguidade : os do tribu real de Judá pela soberania do sangue em que já trazia a purpura : os do tribu de Efraim, e Manassés pela duplicada benção, e herança de Jacob seu avô, e de José seu pae. Mas porque os homens não foram os pretendentes do officio, senão o officio pretendente do homem, o qual fugia e se escondia delle ; sendo esse mesmo homem o maior de todo Israel, vêde se ficou mais auctorisado o officio.

IV.

E quanto ao concurso dos pretendentes e competidores, quando os homens são os que pretendem os officios, e não elles aos homens, tão fóra está esta multidão de acrescentar auctoridade ao officio, que antes se desacredita a si e a elle. E senão digam os meamos pretendentes, porque pretendem o officio ? Pela honra, ou pelo interesse. Se pela honra, mal a podem dar ao officio os que se pretendem honrar com elle : e se pelo interesse, bem se vê que não querem o officio para o servir, senão para se servirem delle : e onde ficará o officio mais auctorisado, onde servir, ou onde for servido ? Pelo contrario, quando o officio é o pretendente do homem, sendo o homem sempre o mais digno, na mesma dignidade do homem pretendido se conserva a auctoridade do officio pretendente, e na exclusão dos indignos sempre excluidos, fica sempre a auctoridade segura de se arriscar, ou perder. Vamos á experiencia.

O maior officio e dignidade da lei antiga, como tambem da nova, é o pontificado e summo sacerdocio. Houve de se prover este officio a primeira vez, e não foram os homens os que pretenderam o officio, senão o officio o que pretendeu o homem. Assim o diz expressamente São Paulo : *Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur à Deo tamquam Aaron*. Foi pois eleito ao summo pontificado um homem tão grande como Arão : mas como este homem era irmão de Moyses, governador universal do povo, julgaram e murmuraram os homens, que tambem o homem fóra empenhado na eleição do officio, e não o officio na

eleição do homem. Bom remédio, diz Deus. Ponha-se a vara de Arão no tabernaculo em minha presença, e ponham-se igualmente no mesmo lugar todas as varas dos principes dos doze tribus, e o effeito mostrará quem é o mais digno. Fez-se assim: e em espaço de dous horas somente, a vara de Arão se vestiu de flores, e sarregou de fructos, e as outras ficaram tão secas e secas como tinham entrado no tabernaculo. Não fôr melhor a estes doze pretendentes não pretenderem, nem competirem com Arão? Claro está que sim. Cada um delles no seu pensamento se media com Arão, mas a experiencia mostrou que todas as suas varas eram tão curtas, que nenhuma igualou a medida de tão grande homem. E porque? Porque era um homem que não pretendeu elle o officio, como os demais, senão o officio a elle. Por isso no concurso de tantos triumphou de todos, e com dobrada honra e auctoridade, não só ficou o officio mais auctorisado na dignidade do eleito, senão tambem na indignidade dos excluidos.

No concurso dos officios seculares succede o mesmo. Chega o propheta Samuel a casa de Isai, ou Jessé, e diz, que da mandado de Deus vem ungir um de seus filhos por rei. Tinha Jessé oito filhos, sete dos quaes se achavam na mesma casa, e divulgada a nova de tão grande e não esperada fortuna, já se vê qual seria o alvoroço de todos, e quaes os pensamentos de cada um. Vieram á presença do propheta chamados pela ordem da idade, e foi o primeiro Eliab, moço de alta e galharda estatura, e lhe pareceu ao propheta, que aquella gentileza era dignissima da coroa. Mas disse-lhe Deus, que elle não elege os homens pela cara, senão pelo coração, e que não era Eliab o eleito. Veio o segundo, Abinadab, e teve a mesma resposta. Veio Samma, que era o terceiro, vieram os demais até o sétimo, e todos foram excluidos. Admirado Samuel, perguntou se havia mais algum filho, e respondeu Isai, que só restava o menor de todos, o qual não estava em casa, porque guardava as ovelhas. Veio em fim o pastorinho, o qual se chamava David, e este que no nascimento, na casa, e na occupação tinha o ultimo lugar, declarou Deus que era o que sua providencia tinha destinado para

a coroa; e como tal o ungiu logo o propheta na presença de todos os irmãos. Mas se elle era o que havia de ser ungido, porque o não revelou Deus ao propheta nem antes, nem depois de entrar na casa de Isai, mas com tão notavel cerimonia ordenou, que viessem primeiro, e fossem excluidos os outros irmãos, e em presença de todos recebesse David a investidura do reino? A razão, diz S. João Chrisostomo, foi porque lhe não succedesse a David com seus irmãos, o que tinha succedido a José com os seus: *Ne videlicet idem Davidi accideret, quod prius Josepho*. A José revelou Deus, que seus irmãos o haviam de adorar; mas como esta revelação foi feita em sonhos, chamavam-lhe os irmãos o *Sonhador*; e, primeiro com a morte, e depois com a venda, lhe quizeram impedir a preeminencia sonhada. Pois para que a David lhe não succeda o mesmo com seus irmãos, vejam todos com os olhos abertos, que em sua presença foi ungido pelo propheta, e sendo testemunhas oculares da eleição divina, a inveja que lhes entrou pelos mesmos olhos, se desengane que a não pôde impedir, nem frustrar. Oh! que formosa e triste representação de quanto perturba os affectos e obrigações humanas uma eleição não esperada! De uma parte David ungido, da outra todos seus irmãos com diferentes semblantes, uns de admiração, outros de confusão, outros de desesperação, todos de sentimento, todos de dôr, todos de ira, todos de inveja, e nenhum de verdadeiro amor! Tão sóra esteve aqui o concurso de auctorisar o officio, que antes o officio desauctorisou o concurso. Porque buscando não o homem o officio, senão o officio ao homem, sete homens maiores foram excluidos e repudiados, como menos dignos, e ao menor de todos, que ainda não chegava a ser homem, se lhe assentou na cabeça a coroa como dignissimo. Mais claramente estou vendo o occulto mysterio da eleição nos que ella deixou, que no mesmo que escolheu. Nos jogos de descarte pelo descarte se vê claramente quão seguro tem na mão o triumpho quem ha de vencer. Quando Deus (digamol-o assim) se descarta de sete homens tão grandes, como os filhos maiores de Isai, bem mostra que só em David tem o jogo seguro. Assim foi; e assim ficam auctorisados os of-

fícios, quando elles são os pretendentes dos homens, e não os homens delles.

V.

A segunda conveniencia deste trocado modo de pretender é, que viverão mais descansados os benemeritos. Procurarão somente merecer, estando muito certos, que, ainda que vivam retirados da côrte, e muito longe dos olhos do principe, lá os irão buscar e pretender as dignidades, como ao Baptista no seu deserto. Ainda não estamos longe da casa de Isai. Põe-se alguns passos atraz da historia que acabamos de referir, e exclama assim S. Basilio de Seleucia: *Ó res mirabilis! David cum ovibus sub diu agit, et Deus in cælo concilia cogitat. David gregem pascit sollicitus, Deus interim thronum apparat.* Oh! caso verdadeiramente admiravel! Considerae-me (diz S. Basilio) a Deus no ceu, e a David no campo, e notae quão differentes são no mesmo tempo os cuidados do supremo Monarcha, e do humilde pastorinho. David está sollicito sobre o rebanho, e Deus fazendo conselhos sobre David. David levando as ovelhas ao pasto, e Deus preparando-lhe o throno. Ainda eu considero mais descansado a David, do que a eloquencia de Basilio o representa. Quando elle fugindo de Saul se acolheu á côrte de el-rei Achiz, e para viver se fingiu doido, valia-se para esta dissimulação das artes em que se exercitára quando pastor, e uma era, tocar o tamboril e a frauta. Assim o exprime o texto grego. Por signal que os satrapas do mesmo rei Achiz mais se temiam do tamboril e frauta do mesmo David, que das caixas e trombetas de todo o exercito de Saul. Considerae-me, pois, ao pastorzinho como Titiro á sombra da faia tocando a sua frauta, e Deus que lhe conhecia o talento, decretando-lhe a coroa. Póde haver maior cuidado no ceu, e maior descanso na terra? Pois este é o que gozam no seu retiro os benemeritos. Eliab, Abinadab e Samma, irmãos mais velhos de David, que seguiam as armas, e militavam no exercito de Saul, quando muito seriam pretendentes de um venablo, e de uma gineza, supportando os trabalhos e perigos da guerra. E David, porque debaixo da samarra creava maior valor

e talento que elles, sem marchar de dia, nem fazer a sentinella de noite, nem estar sujeito á ordem de uma legião de officinaes, não só se habilitava no cajado para o bastão do exercito, senão para o sceptro do reino.

Passemos do campo ao mar, e ponhamo-nos nas praias e ribeira do Tiberiades. Na praia andava passeando Christo: *Ambulans Jesus juxta mare Galilee*, (Matth. IV — 18) e na ribeira viu a Pedro, e a seu irmão, que estavam lançando as redes ao mar: *Vidit duos fratres mittentes rete in mare*. Acrescenta o evangelista: *Erant enim piscatoris*, porque eram pescadores: e eu pergunto: Sobre quem é esta advertencia? Todos dizem que sobre Pedro, e seu irmão; e eu digo, que não só é sobre Pedro e André, senão também sobre Christo; porque Christo e elles naquella occasião todos eram pescadores. Elles pescadores, porque estavam lançando as redes ao mar para pescar os peixes, e Christo pescador, porque andava passeando na praia para os pescar a elles. Excellentemente S. João Chrysostomo: *Piscatur eos Jesus, ut ipsi piscentur alios. Ipsi primum pisces efficiuntur, ut piscentur à Christo, postea alios piscaturi*. Supposto, pois, que Pedro com seu irmão, e com as suas redes pescava, e Christo só, e sem redes também pescou, pergunto outra vez, qual foi maior e melhor pescador, Pedro, ou Christo? Não ha duvida que Christo era o melhor, mas ambos foram grandes pescadores. Christo grande pescador, porque do primeiro lanço pescou um pontifice; e Pedro grande pescador, porque sem recolher o lanço pescou o pontificado. Isto é o que significam ainda hoje, e significarão até o fim do mundo os assignaturas e sellos de todos os decretos pontificios, debaixo do anel do pescador: *Sub annulo piscatorio*. Agora tomára eu poder entrar naquella grande cabeça, que depois foi coroada com a suprema tiara, e examinar-lhe os pensamentos, não só desta hora, senão de toda a sua vida. Por ventura em toda a sua vida quando Pedro ouvia dizer que em Jerusalem residia o summo pontifice, ou fosse Simon, ou Matthias, ou Jozazaro, ou Eliazaro, ou Anano, ou Caiphaz, que são os que succederam em seu tempo, veio-lhe algum dia ao pensamento, ou acordado ou sonhando, que poderia elle subir áquella suprema di-

gnidade? É certo que nunca a sua barca navegou com tão prospero vento e maré, que tal coisa lhe passasse pela imaginação. E comtudo desde a sua eternidade o tinha Deus destinado para outra e mais universal tiara, não dependente dos Cesares romanos, ou dos seus tenentes na Syria e na Judéa, que eram os que punham uns, e despunham outros, mas estabelecida em si, e em seus successores, pela eleição immutavel da providencia divina.

E se assim como eu tenho perguntado tanto, me perguntarem tambem sobre que merecimentos ou talentos de Pedro assentou Deus a proporção e justiça destes seus decretos? Responde Eusebio Gallicano, que sobre a grande proporção que tem a arte e officio de pescador com o de pontifice: sobre a prudencia de governar o leme, e sustentar e levar segura a barca: sobre a constancia e valor de contrastar com os mares, e com os ventos: sobre o soffrimento e dureza sem mimio nem regalo de supportar os trabalhos: sobre a vigilancia de observar a lua e as estrellas, e contar os passos, as marés de dia e de noite: sobre a discrição de usar do remo ou da vela, segundo a oportunidade dos tempos, e muito particularmente sobre o instrumento universal, não do anzol, ou do arpão, senão da rede que cerca e abraça sem distincção a todos. E assim vemos deste grande pescador de homens, que os pescava a milhares, ou a milheiros, em um laço tres mil, e em outro cinco mil. E como Pedro em tão singular sciencia e talento se applicava todo ao officio da sua profissão; neste mesmo descuido, esquecimento e ocio de outras maiores pretensões ou desejos, se habilitava e fazia digno de que o mesmo Deus o fosse buscar ás suas praias, e a maior dignidade e officio do universo o pretendesse a elle, quando elle no trabalho e descanso do seu não pretendia outro.

VI.

E para que vejamos quão ditosos e prudentes são os que retirados ao descanso de não pretender, se fazem merecedores de ser pretendidos; e a infelicidade e máu conselho dos que por

ser pretendentes, nunca chegam a alcançar o descanso ; lêamos a historia de uma e outra fortuna, em dois homens não encontrados, mas pae e filho, Jacob e José. Jacob ainda antes de nascer começou a ser pretendente da benção e morgado de Isaac, luctando com seu irmão Esaú desde as entranhas da mãe sobre esta pretensão. A poucos annos de nascido conhecendo que o pae estava inclinado a Esaú, por haver sido o primogenito ; para lhe fazer guerra com partido igual, tractou de lisongear e ganhar a vontade á mãe, não saindo jámais de sua presença : *Jacob habitans in tabernaculis*. Outra vez dizendo-lhe Esaú que estava morrendo á fome, soube-se aproveitar tão bem da occasião, e tão mal das obrigações da irmandade, que lhe não quiz emprestar o soccorro da vida, senão a preço do mesmo morgado, sujeitando-o á força da necessidade a que lh'o vendesse. Chegado em fim o dia em que o pae havia de dar a benção a Esaú, sabidos são os dolos, os enganos, e as falsidades, com que lh'a roubou, com nome falso, com vestidos falsos, com mãos falsas, com iguarias falsas ; infiel ao irmão, infiel ao pae, e infiel ao mesmo Deus, allegando que fôra vontade de Deus ter achado tão depressa a caça, sem haver tal caça, nem tal pressa, nem tal vontade de Deus. Já agora parece que estará contente Jacob com a victoria em contenda tão duvidosa : mas não foi assim ; porque alcançando por taes meios o fim da sua pretensão, nem por isso conseguiu o descanso e felicidade que se promettia no dominio de tão oppulenta herança ; antes agora foram maiores e mais perigosos os seus trabalhos, obrigado, pobre, e com um pau na mão, a perder a casa do pae, a deixar o amor da mãe, e a se desterrar da patria por salvar a vida. Ide embora, perigrino pretendente, caminhaes subindo montes, e descendo valles ; chegae cansado á terra onde vos leva vosso destino, que lá pretendereis outra vez, e achareis a paga do vosso merecimento. Pretendeu Jacob a Rachel, filha de Labão, e ao cabo de sete annos que serviu por ella, deram-lhe em logar de Rachel a Lia, com obrigação de servir outros sete. Servia de pastor a partido, e posto que foram muitas as ovelhas que contou, os dolos e injustiças que nos mesmos partidos lhe faziam cada hora, não tiveram conto. Desta maneira vingou Labão

a Reatú, e padeceu Jacob nos enganós de seu sógro, os que tinha feito a seu irmão.

Porhamo-nos agora á vista deste retrato de Jacob, sempre pretendente, e nunca com descanço, a imagem tão diversa de José seu filho, a quem em toda a parte pretênderam sempre os maiores logares, sem elle dar um passo, nem occupar um pensamento em os pretender. Filho em casa de seu pae, captivo, e vendido a Putifar; prezo nos carceres do Egypto; ministro no palacio de Pharaó: esta foi em toda a parte a fortuna de José; ella pretendendo-o sempre, e elle nunca pretendente della. Filho em casa de seu pae, de quem era o mais favorecido, estava dormindo José, e no campo as payeas dos segadores, e no ceu o sol, a lua e as estrellas, que lhe vigiavam o somno, lhe estavam prometendo as adorações de seus irmãos, e do mesmo pae. Vendido a Putifar, quando como escravo podia esperar um logar na cavalharia, o senhor lhe deu o seu, mandando a todos que lhe obedecessem, e a elle que governasse a casa, e toda sua fazenda, da qual como dono, e não criado, se lhe não pedia conta. No carcere do Egypto, onde entrou como reo, e do mais grave crime, logo de prezo passou a carcereiro, fiando-se-lhe as chaves, e o aperto ou allivio das cadêas, e, o que é mais, pronunciando antes da sentença dos juizes, ou o castigo aos que haviam de ser condemnados, ou a soltura e liberdade aos que saíam absolutos. Finalmente, tirado da prisão, e levado a palacio, el-rei Pharaó não só o levantou ao logar de seu primeiro ministro, mas lhe deu a representação e tenencia de sua propria pessoa, sem mais differença que a das insignias reaes, reservando o rei para si o sceptro sem o governo, e dando a José o governo sem o sceptro. Tais foram as fortunas de José em todas os estados de sua vida, e se alguém deseja saber com que artes as conseguiu, digo que com duas coisas: com se fazer sempre merecedor dellas, e com nunca as pretender. Depois dos dois sonhos do rei, e sabido que em todas as ribeiras do Nilo e terras do Egypto, a sete annos de fartura haviam de succeder outros sete de fome, só aconselhou José ao rei, que para remediar a esterilidade de uns com a fertilidade de outros, se encomendasse o cargo desta prevenção,

a pessoa de talento e industria, que em todas as cidades do reino a fizesse executar. Pareceu bem o conselho ao rei, e a todos seus ministros, e reconhecendo que em nenhum outro homem se podiam achar partes iguaes ás de José para aquella tão importante superintendencia, logo foi nomeado no officio com todos os poderes reais. De maneira que uma só vez que José fallou em officio, e o procurou para outro homem, não estrangeiro, como elle, senão egypcio, o officio ás aveessas se fez pretendente do homem, e o pretendeu ao mesmo José, e o conseguiu.

Oh se acabassem os homens de querer antes imitar a José, que a Jacob, e tractar mais de ser benemeritos que pretendentes! Se não bastam os exemplos humanos para nos persuadir esta honrada e descansada industria, ponhamos os olhos em todas as outras creaturas a que a natureza não deu razão nem sentido, e veremos como todas as que teem valor e prestimo, occupadas só em crescer, e se fazer a si mesmas, sem ellas pretenderem, nem buscarem a outrem, todos as buscam e pretendem a ellas. Que fazia a oliveira, a figueira e a vide, senão carregar-se de fructos, quando toda a republica verde das arvores e plantas lhe foi offerrecer o governo e o imperio? Não o quizeram accetar, porque se contentaram com o merecer. Deixou-se crescer o pinheiro, e subir até as nuvens na Norwega, que de lá o irão tirar para masto grande, e levar a bandeira no tope. Cresça também o cedro gigante do Libano, e saiba que quando daquelle monte for passado ao de Sion, não é para o sobredeirar o oiro do templo, mas para elle com maior dignidade cobrar e revestir o mesmo oiro. Bem mal cuidava o marfim na sua fortuna, quando se via endurecer nos dentes do elephante; e d'elli foi levado para throno de Salomão! Que descuidados crescem os rubins em Ceylão, e em Collocondá os diamantes; e lá os mandam conquistar com armadas os reis para resplandor e ornato das suas coroas! Empreguem todo o seu cuidado os grandes sujeitos em aperfeiçoar os talentos e dotes que aelles depositou a natureza ou a graça, e se por retirados, e escondidos cuidarem que perdem tempo e estimação, lembrem-se que sepultadas as perolas no fundo do mar, e a prata no centro da terra, nem as perolas falta quem pelas desafogar, nem

gue a respiração; nem á prata quem pela desenterrar enterre a vida.

Os que se acharem com espiritos guerreiros exercitem a architectura militar, e a formatura dos exercitos na paz, e deem sós por sós consigo as batalhas seccas, para que depois as possam tingir no sangue dos inimigos: o politico faça-se versado em toda a lição das historias, e aprenda mais na pratica dos exemplos, que na especulação do discurso a resolução dos casos futuros, e a experiencia dos passados. O inclinado ás letras, procure com o estudo universal as noticias de todas as sciencias, e não coide que só com a memoria de poucos textos das leis lhe podem dar as demandas e trapaças o falso e mal merecido nome de letrado: emfim, por humilde e rasteira que seja a inclinação, ou fortuna de cada um, faça-se no seu estado insigne, lembrando-se que os antigos romanos do arado eram escolhidos para o bastão, e do triumpho tornavam outra vez ao arado. E se acaso nestes solitarios exercicios julgarem que estão ociosos por lhe tardar a promoção do que elles merecem, advirtam que tudo tem sua hora. Ás cinco da tarde chamou o pae de familias para a vinha aquelles a quem disse: *Quid hic statis tota die otiosi?* E tanto mereceram e alcançaram estes na ultima hora, como os que tinham trabalhado todas as doze do dia. Quem não julgará pelos mais ociosos de todos os homens a Enoch e Elias, retirados ha tantos centos de annos no segredo do paraizo terreal? Mas quando apparecerem no mundo os formidaveis exercitos do Anti-Christo, então mostrará Deus que os não tem ociosos, senão poupados para restauradores do mesmo mundo. Assim vivem, assim descansam, e assim merecem sem pretender; para ultima prova da segunda conveniencia, ou ponto do nosso discurso, em que dissemos, que, retirados da côrte e das pretensões, viverão mais descansados os benemeritos.

VII.

Seguia-se agora a terceira conveniencia, de que por este modo estariam mais desembaraçadas as côrtes, ponto de pouco gosto

e utilidade para os que neste embarço teem a sua lavoura, e, sem cavar, nem semear, a sua colheita. Mas porque este tumulto e confusão nas portas e escadas dos ministros, e nas mesmas ruas é tão frequente, que igualmente tropeçam nella os pés e os olhos; para não gastar o pouco tempo que nos resta em materia tão sabida e tão vista, deixada a conveniencia della á consideração dos que me ouvem, passemos, como mais importante e menos advertida á quarta.

A quarta conveniencia de serem os officios os pretendentes, e os homens os pretendidos, é que fazendo-se assim, será mais bem servida a republica. E para que vejamos esta infallivel verdade provada tambem, como prometti, com os exemplos e ditames do governo e politica divina; ponhamos, e passemos os olhos pela republica hebreá, que foi a que Deus chamou sua, e como tal a governou por si mesmo. Teve esta republica em diversos tempos quatro estados, e nelles quatro modos de governo. O primeiro no tempo do captivo: o segundo no tempo dos juizes: o terceiro no tempo dos reis: o quarto no tempo dos prophetas: e em todos estes tempos e estados, então foi mais feliz o seu governo, quando foi administrado por homens, não só que não pretendiam os officios, mas que se escusavam e fugiam delles.

Captivo o povo no Egypto, e cada dia mais opprimido e tyrannizado, elegeu Deus para seu libertador a Moysés, nascido e creado no mesmo Egypto, com pratica e experiencia não menos que de quarenta annos. E é digna mais que de admiração a contenda que houve entre Deus e Moysés: Deus instando em que acceitasse o officio, e Moysés replicando, e escusando-se quasi obstinadamente. Primeiro disse: *Quis sum ego, ut vadam ad Pharaonem, et educam filios Israel de Egypto?* Quem sou eu para ir a Pharaó, e livrar os filhos de Israel do Egypto? Tu só, respondeu Deus, não poderás nada, mas tu commigo que sempre te assistirei, poderás tudo. Não me crerão, Senhor, replica Moysés, que vós sois o que me mandaes, e me apparecestes. Sim, crerão, diz Deus, porque com essa vara que tens na mão farás taes milagres, que não possam deixar de dar credito a quanto

lhe disseses. Reparae, Senhor, torna a replicar Moysés, que eu sou tartamudo, e nem com os meus poderei fallar, quanto mais com Pharaó. Arão, teu, irmão que é expedito e eloquente, irá comtigo, e eu moverei a tua lingua e mais a sua, elle será teu interprete e teu propheta, e tu como Deus fallarás por elle. Atalhadas por este modo todas as escusas, ainda se não aquietou Moysés, e lançando-se aos pés de Deus, lhe pediu e protestou com instantissimos rogos, que mandasse a quem havia de mandar : *Mitte quem missurus es* : e isto com tal resolução, que o mesmo Deus se irou contra elle : *Iratu8 est Dominu8 in Moysen*. Obedeceu enfim Moysés, e quando parece que não havia de satisfazer á sua obrigação um ministro mandado por força, e tanto contra sua vontade, o effeito mostrou que quem mais se escusa, mais conhece as difficuldades, e quem melhor as prevê antes, mais fortemente as vence depois.

Não só libertou Moysés o povo, mas com tudo quanto possuia, não ficando dos seus gados no Egypto, como diz o texto, nem uma unha ; e com tal sagacidade e industria, que pedidas por emprestimo o oiro, prata e joias dos egypcios, também saíram pagos do serviço injusto de tantos annos. Libertado o povo assim, ou quasi libertado, nos ultimos confins do Egypto se viu no maior perigo ; porque pela parte de diante lhe atalhava o passo o mar Vermelho, e pelas costas o seguia Pharaó com todos seus exercitos ; e os hebreus, ainda que quizessem resistir, desarmados. Tudo suppriu, porém, a vara do libertador. Tocou o mar, o qual abriu uma larga estrada, por onde o passaram a pé enxuto os fugitivos, e não fazendo alto, mas proseguindo a marcha o exercito inimigo por entre as duas muralhas, que de uma e outra parte tinha levantado o mar, tornando-se a unir os afogou a todos. Restava a segunda viagem que era d'alli para a terra de promissão, na qual se mostrou mais milagroso Moysés, que a sua mesma vara ; porque constando o povo libertado de seiscentas mil familias, e durando a perigrinação quarenta annos, sendo todos mal contentes, ingratos, murmuradores, e descomedidos, se foi milagroso naquella deserto a providencia de Deus em os sustentar, a prudencia e paciencia de Moysés não foi menos milagrosa em os

soffrer. Tão exactamente exercitou o officio quem tão constantemente se tinha escusado delle!

Entrado o povo felizmente na terra de promissão, succedeu áquella grande republica o segundo estado e governo chamado dos juizes, os quaes se não elegiam annualmente, senão quando alguma grave necessidade o requeria. Tal era a que padecia o mesmo povo, occupadas todas as suas terras, ou, mais verdadeiramente, inundadas pela multidão immensa dos madianitas, amalecitas, e outras nações orientaes, que, com os seus camellos e outras grandes manadas de todo genero de gados, á maneira de enxames de gafanhotos, talavam e abrasavam os campos, comendo e assollando quanto nelles nascia. Fugitivos no mesmo tempo e escondidos os miseraveis israelitas, mais como feras, que como homens, nas grutas e concavidades dos montes e espessura dos bosques, neste aperto appareceu um anjo a Gedeão, ao qual chamou *Virorum fortissime*, o mais valente dos homens, porque verdadeiramente o era na robusteza do corpo, e no valor do animo. E sobre este titulo lhe encarregou que tomasse as armas e o governo do povo, e o livrasse do jugo daquelles barbaros, e de tão insupportavel miseria. Não duvidava Gedeão ter sua parte como soldado na empreza, posto que tão difficultosa, mas como o anjo lhe fallou no governo, de que nunca tivera pretensão, nem pensamento, a primeira proposta com que se escusou foi a humildade da sua casa, dizendo que era a infima do tribu de Manasses, e elle o minimo della. *Obsecro mi Domine in quo liberabo Israel: ecce familia mea infima est in Manasse, et ego minimus in domo patris mei*. Se o anjo não tivera dito a Gedeão que era o mais valente de todos os homens, só pela valentia desta escusa o antepuzera eu á terceira parte dos anjos. Persistiu o valentissimo heroe nesta honrada resistencia com tal desconfiança de si mesmo, que foram necessarios milagres sobre milagres para o persuadir a que acceitasse o cargo. Acceitou em fim; e a quem o tinha resistido com tal generosidade de animo, argumento era e prognostico certo, que nenhum poder haveria no mundo que bastasse a lhe resistir. Assim foi; porque só com trezentos combatentes desbaratou e poz em fugida toda aquella

immensa multidão que a escriptura compara ás arêas do mar, sendo muito poucos os que escaparam com vida. Desembaraçada a campanha saíram os fugitivos israelitas das grutas e covas resuscitados, habitaram outra vez as suas casas, povoaram as cidades arruinadas, e restituiram a dissipada república, a qual agradecida a seu prodigioso libertador, o quiz levantar do governo privado á monarchia, offerecendo-lhe por aclamação o titulo de rei : mas elle com a mesma moderação e modestia com que tinha recusado o bastão, recusou tambem a coroa ; e não a querendo acceitar nem para si nem para seu filho, não só coroou com esta todas as suas façanhas, mas mostrou e ensinou ao mundo quanto mais aptos e capazes são dos grandes logares os que pretendidos os recusam, que os que ambiciosos os pretendem.

Passado o povo hebreu do governo politico e militar dos juizes ao dos reis, o primeiro eleito á soberania da dignidade real, foi Saul. Já vimos como se escusou, já vimos como fugiu, já vimos como se escondeu : vejamos agora se estes temores e desconfianças de si e do seu talento eram bem fundadas. As duas primeiras coisas que viu e ouviu Saul feito rei, foram as lagrimas do povo, e as murmurações e despresos dos que reprovavam a sua eleição. E como se portaria nestes dois casos o filho de Cis, homem tão pequeno como o seu nome, que poucos dias antes andava buscando as jumentas do pae ? Se fôra filho de Filipe de Macedonia, e de tão real talento como Alexandre Magno, não se pudéra portar melhor, nem obrar mais como rei. Quanto ás murmurações e despresos de sua pessoa, diz o texto sagrado : *Ipse verò dissimulabat se audire* : que ouvia e dissimulava : já sabia reinar, porque sabia dissimular. Quanto ás lagrimas do povo, perguntou qual era a causa porque chorava : *Quid habet populus quòd plorat* ? Se não fôra bom rei, não fizera caso das lagrimas do povo. Perguntou a causa, porque as quiz remediar, e remediou-as, porque lhes não dilatou o remedio. Foi resolução por todas suas circumstancias notavel. A causa das lagrimas do povo, era por ter chegado nova que os amonitas com poderoso exercito tinham sitiado a cidade de Jabes Galaad, e que offerecendo-se os cercados a se render a partido, Naas, que era o rei

e general do exercito, respondêra que o partido havia de ser tirando-lhes a todos os olhos direitos, e que sendo tão cruel e injusta esta condição, também a tinham já acceito, se em espaço de sete dias não fossem soccorridos. Isto ouviu Saul, diz o texto, indo recolhendo do campo para casa os seus bois, que eram dois: e no mesmo ponto em que teve noticia do aperto em que estava aquella cidade, que não era muito distante, o que fez foi partir os mesmos bois em muitos pedaços, e mandal-os por todos os tribus de Israel, dizendo o pregão! Assim se ha de fazer aos bois de quem logo não seguir a Saul: *Quicumque non exierit et secutus fuerit Saul, sic fiet bobus ejus*. Ó que pregão tão bem entendido, que não só entrasse pelos ouvidos, senão também pelos olhos! Rei que para a guerra primeiro mata os seus bois, melhor matará os alheios, se o não seguirem. Foi obedecido o bando de maneira, que marchando Saul toda a noite, no quarto da alva se achou com trezentos e trinta mil homens armados. Deram de repente nos inimigos, e estes foram tão rotos e desbaratados, que não houve dois que ficassem juntos, *Ut non relinquerentur in eis duo pariter*. Haverá agora quem lhe parece e diga mal da eleição de Saul? Foi tal o respeito e amor que conciliou o novo rei com esta victoria, que logo se levantou voz em todo o exercito: Appareçam os que reprovaram a eleição de Saul, e morram todos. Acudiu elle, porém, não consentindo a execução daquelle castigo, posto que merecido, e mostrando-se no mesmo dia verdadeiro rei, tanto nas vidas que tirou victorioso a seus inimigos, como nas que perdoou offendido a seus vassallos. Tudo isto se escondia naquelle homem que se escondeu!

Ao governo dos reis succedeu em parte, e em parte se ajuntou, o dos prophetas, como interpretes da vontade divina: e também os que se escusavam e repugnavam o officio, foram os mais republicos. Baste por todos o exemplo de Jeremias. Disse-lhe Deus, que desde o ventre de sua mãe o tinha escolhido para propheta; e elle que quando recebeu esta primeira revelação contava somente quatorze annos, respondeu: *á, á, á, Domine Deus, ecce nescio loqui, quia puer ego sum: á, á, á, Senhor,*

que sou uma creança, incapaz de tão alto, tão difficultoso e tão pesado officio! Tomou-lhe o peso, commenta Cornelio, e reconhecendo-se incapaz de tamanha carga, aquelles tres *daá*, foram tres ais, com que começou a gemer debaixo della: *Per trinum daá*, diz Santo Thomaz, *notantur tres defectus, qui Jeremiam ineptum reddebant ad prophetandum, scilicet defectum etatis, scientia et eloquentia*. E um homem que não em tres palavras semão em tres letras reconhece em si tres defeitos, da idade, do saber, e da lingua, e em tres letras dá a Deus tres escusas para não acceitar o officio; obrigado a o acceitar por obediencia e por força, que faria? O que ninguém cuidou delle, nem elle de si. Não teve Deus propheta, nem mais zeloso da sua nação, nem mais amante da sua patria, nem mais cuidadoso e vigilante da sua republica, fazendo-se pedaços pela assistir em todos seus trabalhos, já na propria terra, já nos desterrós; defendendo-a sempre dos mesmos, que, enganados com falsas esperanças, ajudavam a sua ruina; aconselhando-os que se accommodassem com a presente fortuna, para não virem a padecer outra peor; chorando mais que todos suas desgraças, e ensinando-lhes os meios de se converter em bonanças; fiel na vida, constante na morte, e ainda depois de morto immortal protector dos que Deus lhe tinha encomendado. Na vida ensinando-lhes a verdade contra os falsos prophetas, na morte deixando-se martyrisar por defensa delle; e depois de morto apparecendo a Judas Machabeu, e dando-lhe a espada com que havia de restaurar, renovar e estabelecer no culto do verdadeiro Deus, e observancia das leis patrias, a mesma republica. Agora tirarei eu da bocca do mesmo Jeremias os seus tres *daá*, e lamentarei com tanta razão como elle, que por que ha tantos ambiciosos, e ha tantos pretendentes, e ha tantos que alcançam os officios de que são indigaos; e por que não ha quem conheça os benemeritos, nem ha quem busque os escondidos, nem ha quem os desenterre dos seus retiros, por isso ou está sepultada a republica, ou caminha a passos largos para a sepultura, sem modo nem esperanza de resuscitar della.

VIII.

Supposto, pois, que os corpos políticos (ou sejam de governo monarchico, ou de qualquer outro que eu intendo geralmente de baixo do nome commum de republica) supposto, digo, que então serão bem servidos, quando os officios forem administrados, por homens que se escusem delles, isto é, não pelos ambiciosos, senão pelos benemeritos, que não pisam as lamas, nem frequentam os oratorios das cortes, antes fogem e se retiram de as ver, nem se lhes mostrar: e supposto assim mesmo, que os officios, como hoje em Jerusalem, hão de pretender os homens, e não os homens os officios, e estes os hão de ir buscar ainda que vivam nos desertos; com razão se me perguntará, reduzindo o discurso á practica, quem são os que hão de procurar e sollicitar os homens, estando elles retirados, e quem são os que hão de requerer e fallar pelos officios, sendo elles mudos? Respondo em uma palavra, que estes sollicitadores e estes requerentes devem ser todos aquelles a quem pertence a superintendencia do governo, quaes são nas republicas os supremos magistrados, e nos reinos os seus principes e monarchas.

E se a algum, por ventura, ou por desgraça, lhe parecer menos digno da auctoridade real este cuidado de sollicitadores e requerentes dos seus subditos e vassallos, ouçam agora, e o que lhes entrar pelos ouvidos, lhes abaterá os arcos das sobancelhas. Nos desertos de Madian appareceu uma charça, que ardia e não se queimava; e debaixo desta cortina de fogo quem estava? Deus que tinha descido do céu á terra. E para que? O effeito o mostrou logo. Andava apascentando o seu gado naquelle deserto um homem chamado Moysés, o qual havia quarenta annos que se tinha retirado da corte d'el-rei Pharaó; e para buscar este homem, e lhe rogar que o quizesse servir na liberdade do seu povo captivo no Egypto, chegando para isso a lhe dar o seu proprio titulo de Deus, tinha vindo Deus do céu á terra. Ó, não digo inchação e vaidade humana, mas descuido e esquecimento cego de quão iguaes fez a natureza a todos os homens! De maneira, que para buscar em um deserto a um pastor, porque o

ha mister, desce do céu á terra o Deus que fez os homens; e terão por menos decoro da magestade os que não são deuses, não digo já o ir buscar e rogar em pessoa, mas o chamar e trazer a seu serviço um daquelles homens que só Deus pôde fazer, e elles não podem? Parecerá por ventura que se Deus fôra homem, não fizera outro tanto, mas é certo que sim fizera, e com muito maiores empenhos.

Já Deus era homem, e já estava assentado á dextra do padre, quando ás portas de Damasco se ouviu um trovão, que derribando do cavallo a Saulo, fez estremecer e cair em terra a todos os que o acompanhavam armados. No meio daquelles homens se ouviu juntamente uma voz, que dizia: *Saule, Saule, cur me persequeris?* Saulo, Saulo, porque me persegues? Mas que voz foi esta, e de quem? Alguns cuidaram que fôra somente formada no ar por modo de visão imaginaria; mas é certo, e de fé, que foi voz do mesmo Christo em pessoa, como declarou o mesmo S. Paulo, e consta de outros muitos logares da historia sagrada. E notá S. Thomaz, que por todo aquelle espaço de tempo deixou Christo o ceu, e desceu até ás portas de Damasco, para converter a Saulo. Pois para converter um homem, e um homem actualmente seu perseguidor e inimigo, se aballa em pessoa o Filho de Deus, e deixa o throno de sua Magestade, e vem á terra com tanto estrondo e apparato de poder, e lhe falla e o chama duas vezes por seu proprio nome? Sim. E a razão deu o mesmo Christo a Ananias, dizendo que tinha escolhido aquelle homem para se servir d'elle na pregação do evangelho, e dilatação de sua igreja por todo o mundo: *Vas electio- nis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus.* E se Christo Deus e homem, deixa o throno de sua Magestade, e desce do ceu á terra para buscar e trazer a seu serviço um homem em quem na mesma guerra que lhe fazia conheceu o grande talento com que o podia servir; os homens, que não são deuses, porque terão por acção menos decorosa á sua grandeza buscarem por si mesmos os homens, para se servirem de seus talentos no officios e cargas de maior importancia, e serem elles como pretens dentes dos mesmos homens, os requerentes dos mesmos officios?

Quem isto estranhar, é porque o intende ás avessas. Cuidam que nestes casos fazem os reis os provimentos nos vassallos, e é engano. Os providos nestes provimentos não são os vassallos, senão os mesmos reis. Deus era o rei de Israel, e quando proveu o officio em um filho de Isai, que disse a Samuel? *Mittam te ad Isai, providi enim in filiis ejus mihi regem*: Irás a casa de Isai, porque em seus filhos tenho provido para mim o rei. Notae muito muito o *providi mihi*: provi para mim: o provimento foi feito em David, mas o provido foi Deus. O mesmo se verificou no provimento de Moysés, e no provimento de Paulo. Quando Deus proveu a Moysés, disse que descêra do céu, para por meio d'elle livrar do captivo a seu povo: *Descendi ut liberem populum meum de manibus ægyptiorum*. De sorte que Deus e o seu povo era o empenhado no officio provido em Moysés. E quando Christo desceu tambem do céu, e elegeu a S. Paulo, o que disse foi: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum*, onde se deve notar o *mihi*, e o *nomen meum*, porque tambem o empenhado no provimento de Paulo era o mesmo Christo e o seu nome. E como os principes quando proveem os officios nos grandes homens, elles, posto que supremos e soberanos, são os providos, não é muito que elles tambem sejam os que os busquem, e se deem os parabens de os acharem, como Deus se gloriava e dava o parabem de achar a David: *Inveni David servum meum: inveni hominem secundum cor meum, qui faciat omnes voluntates meas*.

Quando assim o fizerem os reis buscando os escondidos, e pretendendo os que não pretendem, e tirando-os para seu serviço dos logares onde estiverem mais retirados, então obrarão como reis, e serão venerados e adorados como reis descidos do céu. Quando Natanael appareceu a primeira vez diante de Christo, disse o Senhor d'elle, que era verdadeiro israelita: *Ecce verus israelita, in quo dolus non est*. E como admirado Natanael, perguntasse d'onde o conhecia, e o Senhor respondesse, que já o tinha visto, quando deitado debaixo da sua figueira o chamára Filippe: *Priusquam te Philippus vocaret, cum esses sub ficu, vidi te*; exclamou Natanael, dizendo: *Tu es Filius Dei, tu es*

Rex Israel : Confesso que vós Senhor, sois o verdadeiro Rei de Israel, e Filho de Deus. Pois porque Christo lhe disse que antes de apparecer diante delle o conhecia, e que o vira quando estava á sombra da sua figueira, d'ahi infere Natanael, que é verdadeiro Rei, Filho de Deus, e Redemptor de Israel? Sim. Porque o Rei que conhece os seus vassallos, e as suas boas partes e merecimentos, antes de apparecerem em sua presença, e estando ausentes e retirados ao pé de uma arvore, põe os olhos nelle; este tal Rei, não só é Rei, mas vindo do céu, e merecedor de ser acclamado e venerado com adorações. Tal é o exemplo que a todos os reis deixou o verdadeiro Messias, e tal o estylo com que tambem hoje a republica de Jerusalem não buscou ao mesmo Messias na côrte, senão nos desertos: *Miserunt Judæi ab Jerosolymis sacerdotes et levitas ad Joannem.*

SÊRMÃO

DE

S. SEBASTIÃO.

Prégado na egreja do mesmo santo de Accupe, termo da Bahia, no anno de 1634.

Beati pauperes : quia vestrum est regnum Dei. Beati qui nunc esuritis : quia saturabimini. Beati qui nunc fletis : quia ridebitis. Beati eritis cum vos oderint hominis. — Luc. VI — 20.

Cuidam os que peor conceito fazem do mundo (e assim o cuidava tambem eu) que só no ceu ha bemaventurados. Mas hoje nos desengana Christo no evangelho, que tambem ha bemaventurados na terra. No ceu não ha pobreza ; e são bemaventurados os pobres : *Beati pauperes*. No ceu não ha lagrimas ; e são bemaventurados os que choram : *Beati qui lugent*. No ceu não ha fome, nem sede ; e são bemaventurados os que a padecem : *Beati qui nunc esuritis*. No ceu não ha odios, nem perseguições ; e são bemaventurados os perseguidos e aborrecidos : *Beati eritis cum vos oderint homines*. E como a terra seja o hospital da pobreza, o valle das lagrimas, o deserto da fome, e a patria do odio e perseguição ; bem clara fica a consequencia, ou demonstração evangelica, que tambem ha bemaventurados na terra. Os corpos dos

bemaventurados do ceu teem quatro dotes gloriosos ; os espiritos dos bemaventurados da terra teem outros quatro dotes, que, ainda que o mundo lhes não chame de gloria, não são menos para gloriar. A pobreza, que nos allivia do pezo e embaraço das coisas da terra, responde ao dote da agilidade : *Beati pauperes*. As lagrimas, que entre as sombras da tristeza são os claros do allivio e consolação, respondem ao dote da claridade : *Beati qui lugent*. A fome e sede, que atenua e adelgaça a quantidade grosseira do corpo, responde ao dote da subtilidade : *Beati qui nunc esuritis*. A paciencia generosa, com que os odios e perseguições se fazem menos sensiveis, responde ao dote da impassibilidade : *Beati estis cum vos oderint hominis*. Tão parecidos são como isto os espiritos bemaventurados da terra com os corpos bemaventurados do ceu !

Mas entre esta similhaça tão grande perguntará com razão alguém : em que se differença esta bemaventurança daquella bemaventurança ; em que se distinguem estes bemaventurados daquelles bemaventurados ? É tão grande a distancia e a differença, que vae e chega do ceu á terra. A bemaventurança do ceu é bemaventurança descoberta e visivel ; a bemaventurança da terra é bemaventurança invisivel e encoberta. A do ceu é visivel e descoberta entre os resplandores da gloria ; a da terra é invisivel e encoberta debaixo dos accidentes da pena : séguez uma e outra bemaventurança as condições e estados do seu objecto. O objecto da bemaventurança é Deus ; mas Deus no ceu é descoberto á vista, e Deus na terra é encoberto á fé. Que muito logó que uma e outra bemaventurança, conformando-se com o seu objecto, e retratando-se nelle, no ceu seja bemaventurança descoberta e visivel, e na terra bemaventurança invisivel e encoberta ? Encoberta debaixo dos trajez vis da pobreza : *Beati pauperes* ; encoberta debaixo das nuvens tristes das lagrimas : *Beati qui lugent* ; encoberta debaixo dos horrores macilentos da fome : *Beati qui nunc esuritis* ; e encoberta debaixo dos eclipses escuros do odio : *Beati eritis cum vos oderint* ? Assim andam neste mundo encobertos os bemaventurados ; e assim viveu, quando vivia nelle, aquelle grande bemaventurado, e aquelle famoso encoberto, cujas saudosas e gloriosas memorias hoje celebramos,

o illustrissimo e invictissimo confessor de Christo, S. Sebastião. Ó divino bemaventurado! Ó divino encoberto! No céu vos celebra a igreja triumphante descobertamente bemaventurado; na terra vos festeja a igreja militante bemaventurado, mas encoberto: assim vos chamo, e assim vos devo chamar, porque assim vos descreve, e assim vos pinta hoje o evangelho, encoberto com quatro disfarces, mas todos quatro de bemaventurança, e bemaventurado: *Beati pauperes: Beati qui lugent: Beati qui nunc esuritis? Beati eritis cum vos oderint homines.* Supposto este fundamento do evangelho, resumindo o meu discurso só a duas palavras, todo o assumpto delle será este: *Sebastião o encoberto.* Para sair bem de tão antigo e tão novo assumpto, não poderá ser sem muita assistencia da graça. *Ave Maria.*

De quatro maneiras encobertos nos representa o evangelho aos bemaventurados: e em outras quatro considerações (se bem o advertirmos) foi S. Sebastião o encoberto: encoberto na vida, e encoberto na morte: encoberto na fé, e encoberto nas obras: e a estas duas combinações de encobrir reduziremos toda a prova do nosso assumpto. Foi S. Sebastião encoberto na vida, e encoberto na morte: porque? Porque encobriu a realidade da vida debaixo da opinião da morte; e encobriu a apparencia da morte debaixo da realidade da vida. Foi tambem S. Sebastião encoberto na fé, e encoberto nas obras: porque? Porque encobriu a verdade da fé com a politica das obras; e encobriu a politica das obras com a dissimulação da fé. Assim como a igreja nos deu o assumpto no evangelho, que é a primeira fonte da verdade, assim nos ha de dar a prova nas lições que reza do santo, que é a segunda.

Primeiramente foi São Sebastião o encoberto, porque o encobriu a realidade da vida debaixo da opinião da morte. São palavras formaes do texto ecclesiastico da sua historia: *Quem omnium opinione mortuum, noctu sancta mulier Irene sepiendi gratia jussit auferri; sed vivum repertum domi suæ curavit; et paulò post confirmata valetudine.* Ó milagre! Ó maravilha da providencia divina! Na opinião de todos era Sebastião morto:

omnium opinione mortuum; mas na verdade e na realidade estava Sebastião vivo: *vivum repertum*: ferido sim, e mal ferido; mas depois das feridas curado: *Irene domi suæ curavit*: deixado sim por morto de dia na campanha; mas de noite retirado della: *noctu jussit auferri*: com vozes sim de sepultura e de sepultado: *sepeliendi gratia*; mas vivo, são, valente, e tão forte como de antes era: *confirmata valetudine*. Assim saiu Sebastião daquella batalha, e assim foi achado depois della: na opinião morto, mas na realidade vivo: *opinione mortuum, vivum repertum*. Atam a Sebastião a um tronco (escusada diligencia para quem estava mais atado a Christo, mais prezo na sua fé, e mais seguro na sua constancia), veam as setas, empregam-se os tiros, despejam-se as aljavas, desaparece o corpo, pregam-se já umas setas em outras setas: quem não crerá que está morto Sebastião? Assim o creem os barbaros, que já se retiram; assim o crê o tyranno, que já está satisfeito; assim o choram os amigos; assim o lamenta a egreja; assim o geme e suspira a christandade: mas que importa que Sebastião esteja morto na opinião, se estava vivo na realidade? Isto é ser Sebastião o encoberto; porque encobriu a realidade da vida debaixo da opinião da morte: *opinione mortuum, vivum repertum*.

Foi levada a Jacob a tunica de seu filho José, envolta falsamente no sangue supposto: e que fez Jacob tanto que a viu? Resolve-se, sem mais inquirição, que José era morto, assenta consigo que uma fera o matara; e porque não apparece morto, nem vivo, acrescenta, que tambem a fera o comera e engulira: *Fera pessima comedit eum, bestia decoravit Joseph.* (Gen. XXXVII — 33) A esta resolução seguiram-se os nejos, os lutos, as lagrimas, os suspiros, as lamentações perpetuas, sem bastar um anno, nem muitos annos, para que Jacob admittisse allivio á sua pena, nem consolação á sua dor: *Scissisque vestibus, indutus est cilicis, lugens filium suum multo tempore, et noluit consolationem accipere.* (Ibid. — 34) Oh, como é certo que ha homens cegamente credulos contra si mesmos! Basta que assim se ha de crer, e assim se ha de acrescentar, e assim se ha de assentir por certa uma tamanha nova? Vinde cá, Jacob, quem vos trouxe essa tu-

nica ensanguentada, disse-vos que o sangue era de Jacob? Não: ha alguém que o visse matar, ha alguém que o visse comer, ha alguém que o visse engulir? Pois como assim assentaes tão apresurada e precipitadamente, que José é morto? Mas não quero argumentar contra vossa piedade, como pae, senão contra vossa pouca fé, como justo.

Não sabeis vós que está prophetisado a José, que o ha de adorar o sol, a lua, e as estrellas? Não sois vós o mesmo que interpretastes a prophecia? Não sois o mesmo que intendestes e disestes que seu pae, sua mãe, e que seus irmãos o haviam de adorar? Pois se ainda não está cumprida esta adoração, como credes que é, ou pôde ser morto José? Não é razão, que se dê mais credito á fé, que á vista? Não é razão, que se crea mais a prophecia, que a tunica? Mas *vide utrùm tunica filii tui sit, an non.* (Ibid. — 32) Vêde bem se é mortalha de defunto, ou se pôde ser tunica de vivo; vêde bem se esse sangue é vosso e seu, ou se pôde ser alheio; tomae exemplo para vós no successo de vosso pae.

Mandou Deus a Abrahão que lhe sacrificasse seu filho Isaac, pae de Jacob; levou Isaac a lenha, Abrahão o fogo e a espada; compoz o altar, atou a victima, levantou o golpe: tudo verdade infallivel: mas se alguém neste passo, movido de piedade, afastasse os olhos, e visse d'ahi a um pouco que depois de arder a victima, ficavam sobre o altar aquellas cinzas, que havia de cuidar? Havia de cuidar que eram as cinzas de Isaac, e que alli acabára o malogrado moço; e que aquelle mesmo tumulto, que tinha sido o altar de seu sacrificio, era a sua sepultura. Esta havia de ser a opinião; mas não era esta a realidade, porque o venturoso Isaac no mesmo tempo estava livre, vivo e alegre, e com as esperanças confirmadas de se haverem de cumprir nelle todas as promessas de Deus feitas a seu pae e á sua casa. Pois se assim se podem enganar os juizes dos homens; se assim se equivoca a morte com a vida em um só abeir e fechar de olhos; se as cinzas, que pareciam de Isaac, eram do cordeiro; sobre tudo, se assim acode Deus pela verdade de suas promessas; porque não crerá vossa fé, Jacob, que pôde ter succedido a José,

ainda que tivesse algum perigo, o que succedeu a Isacc? Se as cinzas de um bruto se não distinguem das de Isaac, quem vos disse a vós que esse sangue que cuidaes ser de José, não será também de outro bruto? Todos estes motivos, tão fortes e tão bem fundados, tinha Jacob para não crer que José fosse morto; mas nem razões, nem conveniencias, nem prophcias, nem exemplos, nem coisa alguma do mundo era bastante para alliviar um momento de sua tristeza, nem a persuadir ou alentar, a que admit-tisse alguma melhor esperança. Tão certo, tão firme, tão desenganado estava de que José era morto: esta era a opinião, vamos agora á realidade. Ó admiraveis são os juisos e traças de Deus em homens fataes, que elle escolheu para coisas grandes!

No mesmo tempo em que isso passava em Canaan, estava José no Egypto não só vivo, são, e muito bem disposto; mas com successão muito copiosa para herdeiros de sua fortuna; e com uma fortuna tão notavel, que era absoluto senhor de todo o Egypto: *Absque tuo imperio non movebit quisquam manum aut pedem in omni terra Ægypti*: (Gen. XLI — 44) é verdade que foi José prezo e encarcerado: *miseruntque eum in cisternam veterem*: (Ibid. XXXVII — 24) é verdade que foi vendido: *vendiderunt eum ismaelitis*: (Ibid. — 28) é verdade que tractaram de o matar: *cogitaverunt illum occidere*: (Ibid. — 18) é verdade que o despojaram da purpura: *nudaverunt eum tunica talari, et polymita*; mas Deus o tinha escolhido e reservado para restaurador do mundo: *Vocavit eum lingua ægyptiaca, salvatorem mundi*; o mesmo Deus o libertou da servidão, o mesmo Deus o revestiu de outra melhor purpura: *Vestivit eum stola byssina, et collo torquem auream circumposuit*; o mesmo Deus o levantou ao throno de Pharaó com magestade e poder universal: *Constitui te super omnem terram Ægypti*, para ser adorado, para ser reverenciado, e para ser conhecido e obedecido de todos: *ut omnes coram eo genuflecterent, et præpositum esse scirent, universæ terræ*. Eis-aqui quão differente era a opinião, e quão diversa a realidade a respeito da vida e morte de José; mas como a providencia divina tinha determinado que elle estivesse tantos annos encoberto, sem saberem delle os de sua casa, nem os de

sua nação, occulta-se a realidade da vida debaixo da opinião da morte, que é o que succedeu ao nosso encoberto hoje.

Maia maravilhosamente foi encoberto Sebastião, que José; porque em José estava a opinião em Canaan, e a realidade em Egypto. Em Sebastião não assim. A opinião e a realidade, tudo estava na mesma Roma: dentro em Roma encobria Sebastião a realidade de vivo com a opinião de morto. Na opinião de Irene e na de Diocleciano estava morto; mas em si mesmo estava vivo. Houve aqui sem resurreição a mesma maravilha da resurreição de Christo. No mesmo horto do sepulchro fallava Christo com a Magdalena: no mesmo caminho de Emmaús fallava Christo com os dois discipulos; e bastava um disfarce de hortelão, ou de peregrino, para que em Christo se encobrisse a realidade de vivo, e na Magdalena e nos discipulos se continuasse a opinião de morto. Tambem estes tinham prophcias bem claras; mas eram incredulos. Onde está, ó incredulos, a memoria dos tres dias de Jonas, que ainda não são passados? Quando os marinheiros de Joppe viram a Jonas engulido da balea, e a balea sorvida do mar sem apparecer, deram todos a Jonas por morto; mas que importava que Jonas estivesse morto no conceito dos homens, se elle estava vivo (ainda que encoberto) no ventre da balea? Que coisa era aquella grande balea no meio do mar, senão uma ilha errante, em que ninguem podia tomar porto, que já apparecia, já desaparecia? Mas encoberto Jonas nesta ilha encoberta, por mais que a opinião o tenha por morto, como passarem os dias e as noites da prophcia de Christo, elle desembarcará vivo, e com assombro, nas praias de Ninive. Assim appareceu Sebastião ao imperador Diocleciano, como diz admiravelmente o nosso texto: *Cujus aspectu cum ille primum obstupisset, quod mortuum crederet*. Ficou pasmado e assombrado Diocleciano, quando viu diante de si vivo a Sebastião, a quem elle tinha por morto: mas isso mesmo foi ser Sebastião o verdadeiro encoberto, pois nos olhos do imperador do mundo, e nos do mesmo mundo pôde encobrir a realidade da vida debaixo da opinião da morte: *Opinione mortuum, vivum repertum*.

Assim como S. Sebastião encobriu a realidade da vida de-

baixo da opinião da morte, assim encobriu também a apparencia da morte debaixo da realidade da vida. Mas vejo que antes de provar esta proposição, me estão reprovando e impugnando com o meu texto: *Rei novitate, et acri Sebastiani reprehensione Diocletianus excandescens, cum tamdiu virgis cædi imperavit, donec animam Deo redderet.* Assombrado Diocleciano com a novidade da primeira maravilha, e enfurecido da constancia, zelo e liberdade com que Sebastião o reprehendia, mandou que de tal maneira continuassem os verdugos em o atormentar e ferir, não já de longe com settas senão, de perto, e aos braços com crueis açoites, que não parassem, nem desistissem do tormento, até que nelle dêsse a vida: e assim se executou. Pois a esta morte tão continuada e tão repetida, a esta morte tão cruel, a esta morte tão tormentosa, a esta morte tão conhecida, e tão verdadeiramente morte, chamo eu apparencia da morte; e não só apparencia da morte, senão apparencia da morte debaixo da realidade da vida. Isto é morte na apparencia, e isto é vida na realidade? Sim. Esta é a excellencia da morte de quem morre em Deus, e por Deus, e para Deus. As outras mortes são descobertamente o que parecem: parecem mortes, e são mortes: a morte do que morre por Deus, e para Deus, não é o que parece, é uma apparencia de morte debaixo da realidade da vida. Diz o sabio que os justos quando passam desta vida, por mais tormentos que padeçam, nenhum para elles é mortal: *Non tanget illos tormentum mortis.* E porque a novidade desta sentença parece que tinha contra si o testemunho de todos os olhos do mundo, que vêem morrer os justos nos tormentos, acode a esta objecção com outra sentença mais notavel: *Visi sunt oculis insipientium mori.* É verdade (diz o sabio) que muitos olhos podem testemunhar que viram, e vêem morrer os justos: mas esses olhos são os olhos dos nescios; ainda que sejam testemunhas de vista, não valem testemunha. Entre os olhos dos nescios, e os olhos dos sabios ha grande differença: os olhos dos nescios, como param na superficie, vêem só as apparencias: os olhos dos sabios, como penetram o interior das coisas vêem as realidades. E como naquelles que morrem por Deus está encoberta a rea-

lidade da vida debaixo da apparencia da morte, por isso os nescios, que só vêem as apparencias, presumem nelles a morte. *Visi sunt oculis insipientium mori*. E os sabios, que penetram as realidades, reconhecem nelles sempre a vida: *Non tanget illos tormentum mortis*: e senão, oiçamos a um sabio: *Mortui estis, sed vita vestra abscondita est in Christo cum Deo*. Estaes mortos (diz S. Paulo), mas a vossa vida está escondida em Christo com Deus. Glorioso apostolo, explicae os termos desta postilla, que parecem implicados. A vida, ainda que seja escondida, tambem é vida; posto que ha poucos viventes que a queiram esconder, e esconder-se. Logo se estes com quem fallaes teem vida, como lhes chamaes mortos: *Mortui estis?* E se são mortos, como affirmaes que teem vida: *sed vita vestra abscondita est?* Nas primeiras palavras fallou S. Paulo pela nossa linguagem, e nas segundas pela sua: e conforme estas duas linguagens, eram aquelles com quem S. Paulo fallava, juntamente mortos e vivos. Para os nescios, que vêem as coisas por fóra, eram mortos na apparencia; para os sabios, que vêem as coisas por dentro, eram vivos na realidade: mas essa vida (diz o grande apostolo) estava escondida em Christo: *sed vita vestra abscondita est in Christo*; porque os que morrem por Christo, e para Christo, teem escondida, e encoberta a realidade da vida debaixo da apparencia da morte.

Mandou o tyranno imperador que atormentassem a Sebastião, até que morresse: enganou-se o barbaro; porque para os que dão a vida por Christo, não ha tormento que chegue a matar: *Non tanget illos tormentum mortis*. Obedeceram os algozes furiamente, e quando viram espirar a Sebastião, tiveram-no por morto: mas tambem se enganaram os nescios; porque os que dão a vida por Christo, só nos olhos dos nescios podem morrer: *Visi sunt oculis insipientium mori*. E assim no mesmo theatro aonde Sebastião despido, chagado, envolto em seu sangue, parecia que estava morto, ahi mesmo perseverava, ahi mesmo se conservava, e ahi mesmo triumphava vivo. Porque, como milagroso encoberto na vida e na morte, debaixo da apparencia da morte encobria a realidade da vida: *Donec armam leo redderet*.

Notavel argumento foi aquelle de Christo contra os sadduceos. *Deus Abraham, Deus Isaac, et Deus Jacob, non est Deus mortuorum, sed viventium.* (Matth. XXII—32) Deus é Deus d'Abrahão, Deus de Isaac, Deus de Jacob; logo não é Deus dos mortos, senão dos vivos. Antes destas premissas, Mestre Divino, parece que se segue e se prova o contrario. Abrahão não morreu? Sim. Isaac não morreu? Sim. Jacob não morreu? Sim. Logo se Deus o é de Abrahão, de Isaac, e de Jacob, segue-se que Deus é Deus de mortos? Não se segue senão que Deus, é Deus de vivos; porque os santos como Abrahão, Isaac, e Jacob, que vivem com Deus, e morrem para Deus, só passam pela morte na apparencia, e sempre conservam a vida na realidade. Na apparencia para os olhos da carne são mortos; na realidade para os olhos do espirito são vivos: *Non est Deus mortuorum, sed viventium.* Esta foi a razão altissima, porque dobrando Deus a Job na segunda fortuna tudo o que tinha perdido, lhe não dobrou os filhos: pois se Deus premea a paciencia e constancia de Job com lhe restituir em dobro a fazenda, os gados, os escravos e criados; os filhos, que era o que mais estimava, porque lh'os não dá tambem em dobro? Porque Deus não dobrou a Job senão o que tinha perdido, e que lhe tinham morto os inimigos: e os olhos de Job nem elle os perdeu, nem lh'os mataram. É verdade que os mensageiros lhe vieram dizer que todos ficavam mortos: mas Deus em lh'os não restituir, quiz dar-lhe um seguro de que estavam vivos. Se morreram fóra da graça e serviço de Deus, então era verdade certa e triste em todo o sentido, que estavam mortos; mas como tinham passado da vida como verdadeiros filhos de tão grande servo de Deus como Job; ainda que debaixo da ruina da casa pereceram mortos na apparencia, ficaram sempre vivos na realidade. E se os que morrem em Deus, e para Deus, não passam mais que pelas apparencias da morte, conservando sempre as realidades da vida; que direi de Sebastião, aquelle fidelissimo e animosissimo servo, que não só acabou a vida em Deus e para Deus, senão que á força de tantos, tão exquisitos e tão repetidos tormentos a deu por Deus? Não deixou a vida a Sebastião no fim de seus annos, como deixou a Abrahão, Isaac

e Jacob ; não lhe cortou o fio da vida um caso inopinado, como aos filhos de Job ; mas elle a deu a Deus voluntariamente, quando mais inteira ; elle a deixou cortar por Deus, quando mais florida. Por isso, meu invictissimo encoberto, por mais que Diocleciano vos mande matar, por mais que os algozes vos deixem por morto, por mais que Irene vos queira sepultar, por mais que vós mesmo reveleis o logar de vosso sepulchro, e por mais que vossas reliquias, como despojos da morte, estejam repartidas pelo mesmo ; eu comtudo vos reconheço vivo, vos confesso vivo, vos reverenço vivo, e espero de vós favores como de vivo : porque debaixo destas apparencias da morte conservaes e encobris a realidade da vida : *Tamdiu virgis cædi imperavit, donec animam Deo redderet.*

Passando brevemente á segunda combinação do nosso assumpto, foi tambem Sebastião encoberto na fé e encoberto nas obras : porque (como diziamos) encobriu a verdade da fé com a politica das obras ; e encobriu a politica das obras com a dissimulação da fé : *Christianos, quorum fidem clam colebat, opera et facultatibus adjuvabat* (diz o nosso texto) ; onde se devem notar muito aquellas palavras, *quorum fidem clam colebat*. Era christão, mas christão encoberto : e como era encoberto, sendo christão ? Encobrendo a verdade da fé debaixo da politica das obras : tudo é do mesmo texto : *Diocletiano charus, dux primæ cohortis, christianos, quorum fidem clam colebat, opera et facultatibus adjuvabat*. Ó que grande christão por dentro, ó que grande politico por fóra ! Sebastião visto por fóra e entendido por dentro : uma coisa era o que era, e outra coisa era o que parecia, parecia um corteção do palacio da terra, e era um peregrino da corte do ceu : parecia um capitão que militava debaixo das aguias romanas, e era um soldado que servia debaixo da bandeira da cruz : parecia um grande privado de Diocleciano, e era o maior confidente de Christo. Sua fortuna, seu habito e trajo, seu nome, tudo era supposto : o nome era ironia : debaixo do nome de Sebastião (que significava Augusto) encobria o principe a quem servia : debaixo das armas e do bastão encobria a milicia que professava : debaixo da privança e graça do imperador encobria a graça de Christo, de que só vivia. Toda a sua vida era uma dis-

simulação da vista, toda era um enigma da opinião, e toda era uma metaphora do que não era : porque parecendo que toda se empregava em dar a Cezar o que era de Cezar, só dava Deus o que era de Deus. Assim servia Sebastião encoberto a Christo, porque intendia (e cuidava bem) que o servia mais encoberto, que declarado.

Espira Christo na cruz em summo desamparo; deixam-no morto até os mesmos que lhe tiraram a vida; não ha quem o desça daquelle madeiro; não ha donde lhe venha uma mortalha; e até a terra lhe falta para o sepultar. Eis-que apparecem personagens dos mais auctorizados de Jerusalem, com hollandas, com aromas, e, o que mais é, com licença de Pilatos para aquelles piedosos officios. Mas quem eram estes dois homens? Eram José e Nicodemus, dois discipulos nobres da escola de Christo. Pois não tem Christo nos seus trabalhos, nem acha nos seus desamparos outros discipulos que o sirvam e soccorram, se não José e Nicodemus? Onde estão os Pedros, onde estão os Andrés, onde estão os Jacobos, onde estão os Filippes e os Bartholomeus? João bem sabemos que está presente; mas ainda que tomou á sua conta a Mãe, nenhuma diligencia fez para o filho defuncto. Pois se estes discipulos, tão antigos, tão obrigados, e tão frequentes da escola de Christo, o deixam e desamparam todos; porque só se atrevem a o buscar, a o servir, e a o venerar José e Nicodemus? Porque os outros eram discipulos declarados, José e Nicodemus eram discipulos encobertos. Assim o notou e ponderou o evangelista São João neste mesmo logar: *Joseph ab Arimathæa discipulus Jesu occultus propter metum judæorum et Nicodemus, qui venit ad Jesum nocte.* (Joan. XIX — 38 e 39) Eram José e Nicodemus, discipulos encobertos de Christo, e nos trabalhos de Christo e da christandade (que é o seu corpo mystico desamparado na cruz) são-lhe de maior importancia e de maior serviço os amigos encobertos, que os amigos declarados: porque os declarados, ainda que desejem igualmente, porque são amigos; os encobertos podem mais, porque não são suspeitosos. Ninguém era mais amigo, nem ainda mais animoso que João; mas João não se atreveu a procurar a licença

de Pilatos, como José; porque em João a fé e a amisade declarada era suspeitosa, e em José a fé e a amisade encoberta era effectiva. Esta é a razão por que sendo S. Sebastião tão fino e tão fiel christão, e tão amigo de Christo, encobria comtudo com divina politica a sua fé, para a poder melhor empregar nas obras. Se Sebastião se declárra professor de Christo, publicava a fé, e perdia as obras: e como importava mais á christandade o soccorro de suas obras, que a publicidade de sua fé, por isso com maiores quilates de christão encobria a verdade da fé debaixo da politica das obras: *Christianos, quorum fidem clam colebat, opera et facultatibus adjuvabat.*

Quem não sabe aquella notavel resolução de David, quando se rebellou contra elle Absalão? O maior confidente e o mais fiel amigo que então tinha David para o acompanhar e servir em toda a fortuna, era Chusay; mas agradecendo-lhe a vontade, e não lhe aceitando a companhia, manda-o que se vá metter com Absalão, que o sirva em todos os postos que occupar, e que aceite qualquer logar que lhe der em sua casa, que, segundo a qualidade de Chusay, não podia ser senão muito grande. Pois, David, fugitivo e perseguido rei, que conselho é este vosso? Agora que todo Israel segue a Absalão, agora que todos vos deixam, e adoram o sol que nasce; a um só amigo que se acosta á vossa fortuna, ao maior homem e de maior valor e juiso que tendes, tira-o de vós, e mandael-o metter em casa, e no serviço de vosso inimigo? Sim. E foi a máis bem intendida acção que nunca fez David: porque muito maiores serviços lhe podia fazer a fé de Chusay encoberta em casa de seu inimigo, do que a fé do mesmo Chusay declarada em sua propria casa: e assim foi, porque não obrou menos este confidente de David admittido á graça e serviço de Absalão, que tirar a coroa da cabeça a Absalão, e tornal-a a pôr na cabeça de David.

Quem é David, senão Christo? Quem é Absalão, senão Diocleciano? Quem é Chusay, senão Sebastião? Mette Christo a Sebastião, seu maior confidente, em casa de Diocleciano, seu inimigo, para que alli obre a sua fé encoberta muito mais do que pudéra fazer fóra d'alli declarada. D'alli encoberto ajudava aos

christãos, d'alli encoberto os defendia, d'alli encoberto os exhortava e sustentava na confissão constante de Christo; e desta maneira não sendo christão declarado para os gentios, era christão mais effectivo para os christãos, porque encobria a verdade da fé debaixo da politica das obras: *Christianos, quorum fidem clam colebat, opera, et facultatibus adjuvabat.*

Agora restava mostrar como encobriu o nosso encoberto a mesma politica de suas obras debaixo da dissimulação da sua fé, sendo as obras da fé de Christo, que exercitava no secreto, contra a fé do imperador, que professava no publico; concordando as cautelas de politico com a sinceridade christã; servindo no mesmo tempo a dois senhores encontrados; e sendo homem de duas fés, sem ser infiel a nenhuma dellas. Mas porque nos falta o tempo (que sempre é forçoso faltar, onde o sujeito é maior que tudo o que se póde dizer), já que não posso continuar louvando, quero acabar pedindo.

Divino Sebastião encoberto, bemaventurado na terra, e descoberto defensor que sempre fostes deste reino no ceu: ponde lá de cima os olhos nelle, e vêde o que não poderá vêr sem piedade, quem está vendo a Deus: vereis pobreza e miserias, que se não remedeiam; vereis lagrimas e afflicções, que se não consolam; vereis fomes e cobiças, que se não fartam; vereis odios e desuniões, que se não pacificam. Ó como serão ditosos e remediados os pobres, se vós lhes acudirdes: *Beati pauperes!* Ó como serão ditosos e alliviados os afflictos, se vós os consohardes: *Beati qui lugent!* Ó como serão ditosos e satisfeitos os famintos, se vós os enriquecerdes: *Beati qui nunc esuritis!* Ó como serão contentes os odiados e desunidos, se vós os concordardes: *Beatis estis cum vos oderint hominis!* Desta maneira, santo glorioso, por meio de vosso amparo conseguiremos a bemaventurança encoberta desta vida, até que por meio da vossa intercessão alcancemos a bemaventurança descoberta da outra: *Ad quam nos perducatur, etc.*

Pela nova obrigação que accresceu ao auctor com a superintendencia das missões da provincia do Brazil, fez no collegio da Bahia

as duas exhortações domesticas, que se seguem, uma em vespora do Espirito Santo, na capella interior do collegio, outra em vespora da visitação na capella do noviciado, dia em que alli se faz a renovação dos votos.

Dedica uma e outra aos irmãos noviços e estudantes da`companhia de Jesus, zelosos, como todos devem ser, de empregar e sacrificar a vida á conversão e salvação dos gentios nas missões das nossas conquistas.

EXHORTAÇÃO PRIMEIRA

EM VESPORA

DO ESPIRITO SANTO

Na capella interior do collegio.

Apparuerunt dispersitæ linguæ tamquam ignis, seditque supra singulos eorum. — Act. II.

I.

Appareceram sobre os apóstolos linguas de fogo partidas, as quaes se assentaram sobre cada um delles. Este foi o signal visivel com que o Espirito Santo desceu sobre o collegio apostolico; e esta a traça maravilhosa com que a misericordia divina sôbre as ruinas de uma fabrica, que sua mesma justiça tinha derribado, levantou e edificou a maior obra que nunca intentaram os homens. A maior obra que intentou a ambição e vaidade humana, foi aquella que depois se chamou torre de Babel, tão alta nos seus pensamentos, que chegasse até ao ceu: *Faciamus nobis turrim, cujus culmen pertingat ad cælum.* (Gen. XI — 4) E Deus, que nunca soffreu altivezas muito menores, que meio tomaria para

desfabricar aquella machina, para desbaratar aquelles intentos, e para fazer que antes de ser torre, fosse ruina? *Venite, confundamus linguam eorum*. Aquelles homens, que eram quantos então havia no mundo, todos fallavam uma só lingua, e esta lingua confundiu Deus de tal maneira, que de repente se começaram a fallar e ouvir em toda aquella multidão de trabalhadores, tantas linguas, quantos eram os mesmos homens. Todos depois disto fallavam, e todos ouviam; mas, como bem notou Paulo Hebreu, todos no mesmo tempo ficaram surdos e mudos. Surdos, porque ouvindo, não entendiam aos que fallavam; e mudos, porque fallando, nenhum percebia oquediziam.

Tal foi o delicto, e tal o castigo antigamente, mas hoje estamos na vespóra de um dia, em que, trocada a justiça em misericórdia, querendo Deus edificar outra torre propria sua, do mesmo delicto tomou a traça, e do mesmo castigo os instrumentos. O delicto daquelles homens foi quererem edificar uma torre que chegasse até o ceu: e Deus seguindo a mesma traça, e o mesmo desenho, não se contentou com menos, que com edificar outra torre, que não só chegasse ao ceu, mas levasse e mettesse no ceu os mesmos auctores daquelle pensamento. Esta torre é a igreja catholica, a qual desceu a fundar o Espirito Santo por sua mesma Pessoa, e na qual se verifica propriissimamente o *cujus culmen pertingat ad cælum*; porque sendo militante na terra, é juntamente triumphante no ceu. E para que a segunda circumstancia fosse tão maravilhosa como a primeira, assim como do delicto tomou Deus a traça da sua obra, assim do castigo tomou os instrumentos della, fundando e levantando uma torre com os mesmos instrumentos com que tinha abatido a outra. Quaes foram os instrumentos com que Deus abateu e confundiu a torre de Babel? Foram as novas e varias linguas em que dividiu e multiplicou aquella lingua universal e unica que todos fallavam. Pois por isso desceu o Espirito Santo sobre os apóstolos, em fórma também de linguas, muitas, e repartidas: *Apparuerunt dispersitæ linguæ*; (Act. II — 3) para que por este modo, assim como confundindo as linguas nos edificadores da torre, impediu a obra que elles intentavam, assim infundindo as linguas nos apóstolos, e

prégadores da fé, fundasse, estabelecesse, e propagasse a sua, que era a egreja.

Qual fosse o numero das linguas, cuja noticia receberam os apóstolos, não se pôde definir ao certo. Só se sabe que foram tantas, nem mais nem menos, quantas originalmente tiveram seu principio na torre de Babel. Na torre de Babel nasceram, d'alli se dividiram em varias nações, depois se estenderam por todo o mundo, e ultimamente se tornaram a ajuntar no cenaculo de Jerusalem, sendo tão milagrosa esta ultima união, como tinha sido milagrosa sua primeira origem. E se alguém perguntar, como sendo estas e aquellas linguas em tudo as mesmas, tiveram tão diversos e contrarios effeitos, que umas impediram e fizeram parar a obra, e outras a adiantaram e fizeram crescer tanto? A razão é manifesta. As linguas dos edificadores da torre, eram linguas que os homens ignoravam, e não entendiam: e essas mesmas linguas no cenaculo de Jerusalem, eram linguas que os apóstolos entendiam, e de que tiveram inteira e perfeita sciencia; e essa é a grande differença que ha em obrar com sciencia das linguas, ou com ignorancia dellas. Todos os homens quantos havia no mundo, com ignorancia das linguas, não poderam acrescentar á torre uma pedra sobre outra pedra; e doze homens no cenaculo com sciencia das linguas poderam fundar a egreja, e estendel-a por todo o mundo: *Spiritus Domini replevit orbem terrarum, et hoc quod continet omnia, scientiam habet vocis.* (Sap. I — 7) Note-se muito o *scientiam habet vocis*. Dá o texto a razão e o modo com que o Espirito Santo encheu o mundo: *Hoc quod continet omnia*, é o mundo que contém e abraça todas as coisas: e porque o mundo teve a sciencia das vozes, que foi quando os apóstolos receberam o dom das linguas, esse foi o modo e o meio com que elles encheram o mundo do Espirito Santo, ou o Espirito Santo por elles encheu o mundo: *Spiritus Domini replevit orbem terrarum.*

II.

De todo este discurso se convence, quão importante coisa é;

e quão totalmente necessaria a todos os que imitam o espirito apostolico, e se occupam na conversão das almas, a sciencia e intelligencia das linguas. Mas se o dom das linguas se acabou com a primitiva igreja, e passou com os fundadores della; que faremos nós, empenhados na mesma obrigação, sem esta ajuda de custo, e mandados trabalhar na mesma obra, sem Deus nos dar os mesmos instrumentos? S. Agostinho dizia a Deus: *Da quod potes, et jube quod vis*. Dae vós, Senhor, o que podeis, e mandae o que quizerdes. Mas Deus a nós manda-nos o que quer, e não nos dá o que póde, porque nos não dá o que deu aos apóstolos? Respondo que sim dá: porque se aos apóstolos deu as linguas de fogo, aos que teem espirito apostolico dá o fogo das linguas. No mesmo texto o temos, coisa muito digna de se advertir: *Apparuerunt dispersitæ linguæ tamquam ignis, seditque supra singulos eorum*. Apareceram sobre os apóstolos linguas de fogo, o qual fogo se assentou sobre elles. De maneira que não foram as linguas as que se assentaram, senão o fogo. E porque? Porque as linguas vieram de passagem, e passaram com a primitiva igreja; porém o fogo das mesmas linguas esse não passou, mas permaneceu, e ficou de assento: *Sedit*. E que fogo de linguas é este? É o zelo e fervor ardente que tem e sempre tiveram os herdeiros do espirito apostolico, de saber, estudar, e aprender as linguas estranhas, para com ellas prégar o evangelho, propagar a fé, e amplificar a igreja,

E senão vejamos quanto se acendeu este fogo das linguas naquelle grande homem ou gigante de fogo, por isso chamado Ignacio. Tíham descoberto em seu tempo no mundo dois novos mundos, um oriental na Asia, outro occidental na America: tíham apparecido novos homens e novas nações, tão diferentes nas linguas, como nas cores: tinha-se ouvido a fama de novas gentilidades, não conhecidas, nem nomeadas no tempo dos apóstolos: e que faria o fogo que ardia naquelle vastissimo peito para abraçar e abraçar a todas? O que fez S. Ignacio fui fundar e levantar outra terceira torre, também fornecida e armada de todas as linguas, para que instruidos repartidamente seus filhos em todas,

podessem ensinar e converter com ellas todas as mesmas nações. A primeira torre foi de Nembrot, em que se confundiram as linguas : a segunda torre foi do Espirito Santo, em que se infundiram : a terceira torre é a de S. Ignacio, em que não se confundem, nem se infundem. Não se confundem ; porque se aprendem distincta e ordenadamente : nem se infundem ; porque não são graça *gratis data*, como o dom das linguas, mas adquirida e comprada a preço de muito estudo e grande trabalho, e por isso com muitos e grandes merecimentos.

Oiçamos ao fundador da mesma torre. Nossa vocação (diz S. Ignacio no principio de seu instituto) é para discorrer e fazer vida em qualquer parte do mundo, onde se espera maior serviço de Deus, e ajuda das almas. E para ajudar essas almas, que meios ou que instrumentos nos deu e nos ensinou a providencia do mesmo santo e sapientissimo patriarcha ? A sua regra o diz. Para maior ajuda dos naturaes da terra em que residem, todos aprendam a lingua della. Reparemos bem naquellas duas clausulas universaes : *todos e em qualquer parte, ou partes do mundo* : e que terra ou terras são essas onde residem ? O Japão, a China, o Malabar, o Mogor, o Mexico, o Perú, o Brazil, o Maranhão, e se se descobrir a terra incognita, tambem essa. E quem são os que hão de aprender as linguas ? Todos, diz, sem excepção de pessoa. Podéra dizer que aprendessem a lingua alguns, ou a maior parte, mas não diz ~~se~~ não, todos os estudantes e os professores, os irmãos e os padres, os discipulos e os mestres e os velhos, os subditos e os superiores, sem que haja officio, ou occupação alguma tão importante, que os exceptue desta, porque ella é a maior, a mais importante, e a de que depende o fim de toda a companhia. Olhemos para o cenaculo dos apostolos. Havia no cenaculo dos apostolos algum, o qual, além da lingua propria e natural, não estivesse habilitado com a sciencia das estranhas ? Nenhum. *Supra singulos eorum* : Todos e cada um sabiam as linguas : todos e cada um, fallando a nosso modo, eram linguas. Lingua S. Pedro, que era o prelado, e linguas os outros, que eram os subditos : Lingua S. André, que era o mais antigo, e lingua S. Mathias que era o mais moderno : lingua S. João, que era o maior theologo, e lingua S. Filippe que

era o menos douto : lingua S. Matheus exercitado no Telonio, lingua S. Bartholomeu (que era Natanael) versado nas escolas : e linguas os demais tirados da barca e do remo : emfim todos, porque todos haviam de ser pescadores de almas.

III.

Tal era o cenaculo dos apóstolos em Jerusalem, e tal quer S. Ignacio que seja em qualquer parte do mundo todo o collegio da companhia de Jesus. O titulo que o mesmo Jesus teve na cruz estava escripto nas tres linguas, que só então se não chamavam barbaras : a hebreia, a grega, a latina : e estas tres são as que se professam nas universidades de Europa, e nas quaes é tão eminente a companhia, como se vê na estampa de seus escriptos, Porém depois que o Calvario se estendeu a todo o mundo, e nelle se arvorou o estandarte do Crucificado, o titulo da cruz já é composto de todas as linguas, por barbaras e incognitas que sejam. Quão praticada fosse a do Brazil nesta nossa provincia, bem o testifica a primeira arte, ou grammatica della, de que foi auctor e inventor o grande Anchieta, e com razão se pôde estimar por um dos seus milagres. Bem o testificam as outras que depois saíram mais abbreviadas, e os vocabularios tão copiosos, e o cathicismo tão exacto em todos os mysterios da fé, e tão singular entre quantos se teem escripto nas linguas politicas, que mais parece ordenado para fazer de christãos theologos, que de gentios christãos. Sobre tudo o testifica o mesmo uso de que nos lembramos os velhos, em que a nativa lingua portugueza não era mais geral entre nós que a brasilica. Isto é o que alcancei, mas não é isto o que vejo hoje, não sei se com maior sentimento, ou maior admiração. Deu-nos Deus um rei (que elle guarde) tão herdeiro de seus gloriosos progenitores, e de animo tão pio e verdadeiramente apostolico, que entre a grandeza e multidão de seus cuidados, o maior de todos é a propagação da fé, fiando-a toda neste estado, e muito mais no do Maranhão, ao zelo e doutrina da companhia. Deu-nos Deus no mesmo tempo por universal pae, e geral della

ao mais insigne missionario deste seculo em Hespanha, cujo espirito não atado a Roma como o de S. Paulo, se nos faz presente por suas cartas, em todas as quaes com o fogo de S. Ignacio mais nos accende, que exhorta ás missões. E que direi eu ao collegio da Bahia, ou que me dirá elle a mim, quando nesta grande comunidade é já tão pouco geral a lingua chamada geral do Brazil, que são mui contados aquelles em que se acha? Direi por ventura ou por grande desgraça que emmudeceram, ou se diminuiram as linguas, porque se apagou ou esfriou o fogo?

Se assim tivesse succedido, não seria maravilha, que tão fortes são os poderes do tempo, ainda contra as coisas mais santas. Quando o povo de Israel foi desterrado para a Persia, retiraram os sacerdotes o fogo santo que ardia no templo, e o esconderam na cova de um valle secreto, onde ficasse guardado. E diz o texto que d'ahi a muitos annos, *Cum autem præterissent anni multi*, (2. Machab. I — 20) indo os descendentes dos mesmos sacerdotes a buscar aquelle sagrado deposito, não acharam fogo senão uma pouca de agua grossa: *Non invenerunt ignem, sed aquam crassam*. De sorte que o que d'antes tinha sido fogo ardente, agora era agua fria e grossa: fria, porque se tinha apagado o calor; e grossa, porque se tinha perdido a fineza. Eu bem conheço que uma das maiores finetas que se podem offerecer a Deus abaixo de dar a vida, é applical-a ao martyrio, ou ao difficulosissimo estudo das linguas barbaras, que tão trabalhosamente se chegam a entender e fallar. Assim o arguiu o mesmo Deus, e quasi lançou em rosto ao propheta Ezechiél, quando por que mostrava temer a missão, a que o tinha destinado, lhe disse: *Non enim ad populum profundi sermonis, et ignotæ linguæ tu mitteris*. (Ezech. III — 5) Diremos, pois, que se tem engrossado as antigas finezas, ou se tem apagado, e, quando menos, esfriado este fogo das linguas na nossa provincia, por se ver menos cultivada hoje nella a lingua geral do Brazil? Não digo, nem se póde dizer tal coisa, pois é certo que a diminuição de uma lingua tem succedido cinco. A portugueza, com que por tantos meios se insiste na reformação dos portuguezes: a ethiopia, com que só nesta cidade se doutrinam e cathequisam vinte e cinco mil

negros, não fallando no infinito numero dos de fóra: as duas de tapuyas, com que no mais interior dos sertões ainda remotissimos, se teem levantado as seis novas christandades dos payayás e chiriris: nem finalmente a propria brasilica e geral, com que nas doze residencias mais visinhas ao mar, em quatrocentas leguas de costa, doutrina a companhia, e conserva as reliquias dos indios deste nome, que já estariam acabados se ella os não conservára.

IV.

Tudo isto não se póde negar que é fogo de linguas. E se esta ultima se diminuiu, tambem confesso que nessa mesma diminuição se não faltou á regra de S. Ignacio, a qual onde manda que se aprenda a lingua dos naturaes, acrescenta — salvo se lhes servisse mais a sua propria. — E como no Brazil se foi diminuindo o numero dos indios, e crescendo o dos portuguezes; com prudencia não alhêa de nosso instituto, se limitou o estudo da lingua da terra, para que as idades em que ella mais facilmente se aprende, se applicassem desde logo ao estudo da rethorica-philosophia e theologia, e mais depressa se formassem os operarios, que necessitam de maiores letras. Porém na occasião presente em que ás obrigações desta provincia se tem acrescentado a conquista universal do novo mundo do Maranhão, e grande mar do rio das Amazonas, não ha duvida que a lingua geral do Brazil, como porta por onde só se póde entrar ao conhecimento das outras, nos faz a grande falta e aperto em que nos vemos. Esta é a razão por que novamente ordenou nosso reverendo padre, que nesta provincia se torne observar o estylo antigo, e que o estudo da lingua preceda a todos os outros, sem que a elles possa passar algum da companhia, sem primeiro ser rigorosamente examinado e approvedo nella. Mas quando se começarão a lograr os effeitos deste tão acertado decreto? As enfermidades presentes não se curam bem com remedios futuros, e mais em materia de salvação de almas, em que se não devem perder instantes. Tão de repente no dia de amanhã acudiu ás almas S. Pedro, como tinha descido de repente o Espirito Santo. O Es-

pirito Santo desceu à hora de terça, e à mesma hora, como o mesmo S. Pedro advertiu: *Cum sit hora diei tertia*, (Act. II — 15) já elle estava convertendo almas, e não menos que tres mil.

Supposto, pois, que o remedio ha de ser proposto, e sem perder momento, onde o acharemos nós para a presente necessidade? Os apostolos no Cenaculo já estavam ordenados, e habilitados de sacerdotes: mas ainda não estavam perfeitos ou inteiros missionarios; porque lhes faltavam as linguas, as quaes appareceram de repente onde as não havia: *Et apparuerunt dispersitæ linguæ*. E que grande mercê faria o Espirito Santo, se neste mesmo logar sagrado onde estamos apparecessem agora as linguas, e com ellas nos achassemos de repente com o soccorro de missionarios que havemos mister, não dilatado, mas prompto; não futuro, mas presente? Padres reverendos, e irmãos carissimos, se olho para os padres sós, eu não acho este soccorro: se olho para os irmãos sós, tambem o não vejo; mas se considero os padres acompanhados dos irmãos não me parece impossivel; senão muito facil. Se entre os padres não achamos linguas, entre os irmãos, temos as que bastam: e de um padre acompanhado de um irmão bem se pôde formar um perfeito missionario, não só por invenção humana, mas por traça divina. Uma das maiores missões, e mais difficultosas que houve no mundo foi a de Moysés, quando Deus o mandou libertar o seu povo do captiveiro do Egypto. Escusou-se Moysés com a falta da lingua: *Impeditioris, et tardioris linguæ sum*: e que lhe respondeu Deus? *Aaron frater tuus levites, scio quod eloquens sit, ipse loquetur pro te*. Arão vosso irmão tem boa lingua, elle fallará por vós. Quem tal resposta esperára da bocca do Omnipotente em um negocio em que tão empenhado estava?! Não podéra Deus dar a lingua a Moysés tão facilmente como a deu aos apostolos? Claro está: pois porque lh'a não deu? Não lhe quiz dar a elle a lingua, para nos dar a nós o exemplo; para que intendessemos, que de um Moysés sem lingua, e de um seu irmão com lingua, se pôde fazer um perfeito missionario. Moysés supprirá o que falta a Arão, e Arão o que falta a Moysés. Quando o padre Trigaucio andou pela China, viu que uns homeas levavam

outros aos hombros: e advertiu que os levados aos hombros, eram mancos, e os que os levavam, cegos. De sorte que o manco, por que tinha olhos, emprestava os olhos ao cego; e o cego, por que tinha pés, emprestava os pés ao manco: e deste modo inventou a necessidade fazer de dois homens defeituosos um homem inteiro. Assim o devemos nós fazer obrigados da mesma necessidade. O sacerdote supprirá o que falta ao irmão, e o irmão o que falta ao sacerdote: o sacerdote sem lingua administrando os sacramentos, e o irmão com lingua instruindo e ensinando os que os hão de receber.

V.

Nem os irmãos se devem escusar, quando assim o ordenar a obediencia. Escolheu Deus e avisou a Jeremias para uma missão muito semelhante ás nossas; porque era para derribar e edificar: *Ut destruas, et ædifices*, (Jerem. I — 10 e seg.) assim como nós imos derribar a gentilidade, e edificar a christandade: e era para arrancar e plantar: *Ut evellas, et plantes*, assim como nós imos arrancar a superstição e ignorancia, e plantar a fé. Ficou assombrado Jeremias, que ainda não chegava a dezeseis annos, vendo-se escolhido para tamanha empresa, e escusou-se, dizendo que era moço, e não tinha lingua: *A', á, á, Domine, nescio loqui, quia puer ego sum*. Fundava-se esta escusa em duas razões, cada uma dellas bastante, ao que parece, para ser acceita. Cresça primeiro Jeremias, e aprenda a fallar, e como tiver idade e lingua, então se lhe encarregará uma missão e commissão de tanta importancia. Mas Deus comtudo, de nenhum modo lhe acceitou a escusa, nem julgou por sufficientes as razões della: *Noli dicere, quia puer sum, ad omnia enim quæ mittam te, ibis*. E se Deus não escusou a Jeremias, nem por moço, nem por falta de lingua, muito menos se devem escusar os que não podem allegar a falta da lingua, e só os póde desconfiar a da idade, que cada dia cresce e se emenda.

Notem agora muito os moços a resposta de Deus, e verão quanto póde a virtude da obediencia, e a graça de missionario. *Mittam te*: eis-aqui Jeremias feito missionario. *Noli dicere, quia-*

puer ego sum; eil-o aqui missionario, e moço. E postó que moço prestará para alguma coisa? Para mais que alguma. E prestará para muito? Para mais ainda. E para que? E para quanto? *Ad omnia*. Para tudo. Prestará para tudo, e tudo fará indo á missão: *Ad omnia quæ mittam te, ibis*. Ó que grande e divina palavra: *Ad omnia*! Este *ad omnia*, é, e deve ser, a empreza e o timbre de todo o verdadeiro missionario, como o foi de S. Paulo: *Omnibus omnia factus sum, ut omnes facerem salvos*. (1 Cor. IX — 22) Todo para todos, e para todos tudo. Não só para os cathequisar gentios, nem só para os baptisar cathecumenos, nem só para os doutrinar christãos; mas para os sustentar famintos, para os vestir nús, para os curar enfermos, para os resgatar captivos, para os sepultar mortos: como mestres, como paes, como pastores, como tutores, como medicos, como enfermeiros, e como servos e escravos seus em tudo, para viver perpetuamente, e morrer com elles e por elles, e tambem ás mãos delles, como algumas vezes tem acontecido. Tudo isto significa aquelle *ad omnia*, e tudo isto pôde e deve fazer todo o missionario, ainda o que fôr falto da lingua, como tão santa como discretamente disse S. Francisco Xavier. Estava na ilha de Moro, e escrevendo a Goa, dizia assim: Acho-me nesta ilha, onde não sei a lingua dos naturaes, mas nem por isso estou ocioso, porque baptizo os innocentes, que não ha mister lingua, e aos demais procuro ajudar e servir com obras de caridade, que é lingua que todos intendem.

VI.

Só nos resta fallar com os que não estudaram a lingua da terra, por se applicarem ás sciencias que parecem maiores. A maior gula da natureza racional é o desejo de saber. Esta foi a que matou a Eva, e a tantos mata e entizica na companhia, lançando pela boca aquelle sangue que fôra mais bem empregado nas postillas ou memoriaes, de que estão cheios os archivros de Roma. E que memoriaes são estes? São os continuos requerimentos e as cartas não escriptas com tinta, senão com o proprio sangue, em

que de todas as provincias de Europa se pedem de joelhos ao supremo governo da companhia as missões ultramarinas, mais amarriscadas e perigosas. De melhor côr são estas borlas, que as azues de mestres de artes, e as brancas de doutores em theologia, e os grãos, a que por esses tão duros degrãos dentro e fóra da religião se costuma subir. Desejoso só comtudo nosso reverendo padre de favorecer muito as letras, e muito mais as missões (podendo dizer com S. Paulo em um e outro favor, *ministerium meum honorificabo*) (Rom. XI — 13) para ganhar instantes e evitar dilações, em que se perdem muitas almas, tem novamente concedido aos que não acabaram seus estudos, que os possam ir acabar ao Maranhão, ainda com dispensação quotidiana de lições e annual de tempo. Assim que os nossos theologos do primeiro, do segundo, e do terceiro anno, sem dispendio do curso das sciencias, nem da differença do grão, podem logo partir para aquella gloriosa conquista. A viagem é de poucos dias, sem calmas de Guiné, nem tormentos do cabo de Boa Esperança, a cujos trabalhos e perigos não deixam por isso de se expor todos os annos (e hoje vão navegando pelos mares fronteiros a estes nossos) tantos filhos da companhia, estudantes e alumnos daquelles dois famosos seminarios de apostolos e martyres, os dois collegios reaes de Coimbra e Evora.

E espero eu dos que sairem deste nosso, tambem real, theologos, philosophos e humanistas, que, quando chegarem ao Grão-Pará e rio das Amazonas, e se virem naquella immensa universidade de almas, espero, digo, do seu espirito, e ainda do seu juizo, que, esquecidos das sciencias que cá deixam, se applicuem todos á da conversão. Quando o Filho de Deus fez a sua missão a este mundo, a que sciencia entre todas e sobre todas applicou a sua subedoria infinita? *Ad dandam scientiam salutis plebi ejus*: (Luc. I — 77). Á sciencia somente da salvação, e essa ensinada não aos grandes do mundo, senão á plebe: aos mais baixos, aos mais desprezados, aos mais pobres, aos mais miseraveis, quaes são aquellas desomparadas gentes. E á vista deste exemplo verdadeiramente formidavel, quem haverá que queira ser graduado em outra sciencia? Sendo o logar das linguas a bocca, não póde

carecer de grande mysterio, que as linguas de amanhã apparecessem sobre as cabeças dos apóstolos. E porque razão sobre as cabeças? *Ut eos authoraret in orbis doctores*, diz Ammonio Alexandrino: poz o Espirito Santo as linguas nas cabeças dos apóstolos, para com aquellas, como borlas, os graduar de doutores do mundo. É o gráu não menos que de S. Paulo, *doctor gentium*. (1. Tim. II — 7) E este gráu, e esta borla, não se dá na Bahia, nem em Coimbra, nem em Salamanca, senão nas aldeas de palha, nos desertos dos sertões, nos bosques das gentilidades.

VII.

Dirá por ventura, ou por desgraça, algum daquelles que mais enfeitiça o desejo immoderado das sciencias (ou da opinião dellas, que é o maior feitiço): O servo do evangelho que enterrou o talento foi condemnado: e eu porque hei de enterrar os talentos que Deus me deu, entre barbaros, se posso seguir os estudos, continuar as cadeiras, e ser um grande letrado? Primeiramente, ou sim, ou não; que muitos correm no estadio, e ao cabo acham-se cançados, e não coroados. Mas oiçam estes idolatras das letras a David, em quem a habilidade, o engenho, e os talentos, não só igualavam, mas excediam os mais presumidos, e vejamos o gráu que deixou, e o que escolheu: *Quoniam non cognovi litteraturam, introibo in potentias Domini*. (Psal. LXX — 15 e 16) Não diz, porque me não appliquei ás letras, senão, porque não fiz caso das letras, ou das letraduras: *Quoniam non cognovi litteraturam*. E que alcançou David com esta desatenção ou desprezo de não querer ser letrado? *Introibo in potentias Domini*: Sem os cadilhos da borla serei admittido a entrar nas potencias de Deus. E quaes são por antonomasia as potencias de Deus? Criar mundos? Não. Resuscitar mortos? Não. Obedecer a seus acenos, e tremerem delles as gerarchias? Não. Pois quaes são? Converter e salvar almas. Por isso S. Dionisio Areopagita, dando um superlativo á divindade, lhe chama *Opus Dei divinissimum*, obra de Deus não só divina, mas divinissima. E que maior honra (já que tão pegados

estamos a essas honrinhas), que maior honra que entrar eu com Deus á parte na maior obra de sua omnipotencia? Quem converteu este gentio? Deus, e eu: Deus com a sua graça, e eu com a minha doutrina: Deus nesta obra entrou com a sua parte, e eu com a minha: *Introibo in potentias Domini*. Aqui não ha senão cruzar as mãos, pôr o dedo na boca, e confessar, ou a nossa ignorancia, ou a nossa pouca fé.

Mas deixados estes argumentos tão altos, argumente-se cada um a si comsigo mesmo: Quando eu estava no mundo, não dei-xei o mundo do mundo, por salvar a minha alma? Pois agora que sou religioso, por que não deixarei o mundo da religião por salvar muitas almas? Qual é o mundo da religião? São as re-thoricas, são as philosophias, são as theologias, são as cadeiras, são os grãos, que na mesma religião reputa o mundo por mais auctorisados. E que é o nada de tudo isto? Quem me dêra poder agora chamar por seus nomes as almas de todos aquelles que eu acompanhei, quando fui á missão do Maranhão, e nella trabalharam e morreram gloriosamente? Eram dos melhores engenhos das nossas universidades, humanistas, philosophos, theologos, e quando se viram naquella grande seara de almas, todos renunciaram uniformemente todos os grãos, que costuma e pôde dar a companhia ás lettras, e não quizeram outros estudos, senão aquelles somente, que lhes serviam para cathequizar um gentio na sua lingua. Alli lhes succedeu, diante dos meus olhos, o que no dia do Espirito Santo aos apóstolos: *Stupebant autem omnes, et mirabantur, quoniam audiebat unusquisque lingua sua illos loquentes*. (Act. II — 6 e 7) Pasmavam todos, porque todos os ouvíam fallar na sua propria lingua. Aquella gentilidade barbara, pelo conhecimento confuso que tem de Deus, da-lhe o nome de Tupan, que significa trovão: assim como a gentilidade politica chamava Tonante ao seu Jupiter. Ensinando pois os novos mestres da fé, e novos discipulos das linguas, a cada um na sua propria, que o verdadeiro Deus Creador do ceu e da terra é um só; que faziam? Chegavam á nação dos tupinambarânas, e diziam ao tupinambarâna: Tupan oyepêim: chegavam á nação dos juruunas, e diziam ao juruuna: Tupan memê: chegavam á nação dos nhua-

nas, e diziam do nhuane, Tupan gemegem : chegavam á nação dos tapaiôs, e diziam ao tapaiô, Tupan catamocêm : chegavam á nação dos mamayanás, e dos nheangaibas, e diziam ao nheangaiba, Tupan amopererimperin.

Á vista, e na admiração desta novidade pasmavam todos : *Stupebant omnes*. Pasmavam os gentios de ver as suas lingoas na boca dos nossos missionarios ; e elles tambem pasmavam de ver os grandes progressos que tinham feito em tão pouco tempo, e davam infinitas graças a Deus pelos ter escolhido d'entre seus condiscipulos, e de os ter passado dos estudos da Europa a esta escola do céu, tão superior, tão alta, tão util, e tão descansada. Torno a dizer, tão descansada ; porque alli não se quebram os peitos com escripturas, nem se affogam os dias e as vidas com o penso das lições de manhã e tarde, nem se embaraçam os intendimentos com o labyrintho de opiniões e difficuldades sem saída ; nem dão cuidado argumentos, nem disputas, nem conclusões, que se hão de defender ou impugnar ; nem se passa por um, e por dois, e por sete exames em sete annos ; e sobre tudo depois de tanto tempo e trabalho, não resta ainda o temor ou contingencia de ser ou não ser approvado, porque os examinadores, que são, Deus e S. Ignacio e os anjos da guarda daquellas almas, tudo o que se aprende e se ensina approvam e louvam.

VIII.

E se todas estas razões não só divinas, mas ainda humanas, não bastam para desapegar dos bancos, e dos archi-bancos, aos que tomam por pretexto de não ir logo ás missões o acabar seus estudos ; quero acabar eu com um argumento, que primeiro me fez tremer, e depois me levou ao Maranhão, para lá viver e morrer, e ainda lhe não sei a resposta. É certo que aquella missão, como tem declarado nosso reverendo padre, pertence a esta provincia : é certo que para nella salvar almas, não se requerem mais letras que a doutrina christã : é certo que por falta de quem lhes ensine esta doutrina, se estão indo ao inferno

todos os dias infinitas almas. E será bom velo e boa consolação para as mesmas almas, dizerem-lhes os humanistas, que esperem dois annos; e os philosophos, que esperem tres; e os theologos, que esperem quatro; e todo este curso de estudos, que esperem; ou desesperem onze annos inteiros? Onze annos fazem porventura quatro mil dias, não havendo dia algum em que muitos daquelles miseraveis não morram sem fé, e sem baptismo. E quem ha de dar conta a Deus de tantas almas? Onde estão as leis da caridade? Onde estão as obrigações da necessidade extrema? Onde está aquelle fim, e aquella vocação de descobrir e correr a qualquer parte do mundo, onde se espera maior fructo e remedio das mesmas almas? Ó como é certo tambem, e sem duvida, que naquelle ultimo transe, em que se lhes notifica a condemnação, levantarão todas gritos ao céu, não contra outros, senão contra nós. Sujeitos da companhia de Jesus, que por caridade e instituto tinheis tantas obrigações de nos acudir, não sois filhos de S. Ignacio? Não sois irmãos de S. Francisco Xavier? Não sois irmãos tambem daquelles quarenta, que no mar e a mãos dos hereses deram o sangue e a vida vindo a salvar os avós de que nós somos netos? Como vos não lembraes logo de quem sois, como vos não lastimaeis de nós, como nos desamparaes com tanta crueldade, e como grandes e pequenos (queos eram aquelles) vos não offereceis a nos acudir e soccorrer, ao menos por que não fique por vós? Pois nós vos empraçamos para diante do tribunal de Christo Jesus, onde lhe dareis conta dessas vossas razões; porque nos não fizestes participantes do preço de seu sangue; porque nos deixastes morrer neste desamparo; porque não ouvimes a pregação da fé; porque não recebemos o baptismo; e porque por falta ou culpa vossa, havemos de carecer da vista de Deus para sempre, e agora desçemos a pena no fogo e tormentos do inferno, onde estaremos por toda a eternidade. Ó miseraveis delles, e miseravel de mim!

Mas que importam, Espirito divino, as palavras fracas e frias de quanto tenho dito, se a vossa soberana virtude as não animar e assistir com os impulsos e efficacias de suas inspirações! Quando aquella agon crassa, que tinha sido fogo, appareceu-se

gelada, diz o texto sagrado, que ferindo-a o sol com um raio, logo no mesmo ponto se converteu no fogo que d'antes era: *Veni sancte spiritus, emitte calidus lucis tuæ radium*. Venha pois do céu um raio desse fogo divino, que allumie os nossos entendimentos, que inflamme as nossas vontades, que penetre, que excite, que anime, que afervore, que acenda os nossos corações, e os encha, como hoje encheu aos apóstolos, do zelo forte, intrepido, e ardente de sair de Jerusalem, e converter o mundo. Fortalecei e resuscitae onde estiverem mortos, aquelles vivos desejos que tantas vezes vos offerecemos na oração, de padecer trabalhos, perseguições, injurias, e a mesma morte pela salvação das almas. Abrazae e queimae em nós todo-o affecto de honra ou commodidade desta vida. E pois sois aquelle soberano Espírito, que renova a face da terra, renova dentro nesta, que tanto nos aggrava, o espirito e espirites de nossa vocação: para que, como verdadeiros soldados da companhia de Jesus, não sós, mas com muitos outros por nosso meio (como diz o santo patriarcha) ~~edificamos o felicissimo e benaventurado~~ fim a d'onde chegam seus escolhidos. Amen.

EXHORTAÇÃO SEGUNDA

EM VESPORA

DA VISITAÇÃO

Na capella interior do noviciado.

Discessit ab illa angelus: Exurgens autem Maria abiit in montana cum festinatione in civitatem Juda. — Luc. I.

I.

Em todas as suas idades, e em todas as suas acções, ensinou sempre o Filho de Deus aos homens, o que cada um deve obrar conforme seu estado. E na presente solemnidade, o que ensina aos irmãos noviços desta nossa província, é que comecem a ser missionarios desde o ventre da Mãe. Este será, charrissimos, só para elles, o argumento desta breve exhortação: o este é o mais proprio e natural das palavras que propuz.

II.

Concluido o sublime mysterio da encarnação, diz o evange-

lista S. Lucas, que o anjo se apartou da Virgem Maria: *Discessit ab illa angelus*: e que a Virgem se poz logo a caminho com toda a pressa para as montanhas de Judéa: *Exurgens Maria abiit in montana cum festinatione in civitatem Juda*. (Luc. I — 39) O anjo apartando-se da Senhora tornou para o ceu a levar a resposta da sua embaixada; e a Senhora caminhando para as montanhas, levou na custodia virginal de seu purissimo ventre ao Filho de Deus, e seu, para que elle santificasse o Baptista. Agora pergunto: E qual dos dois fez melhor caminho; o anjo indo para o ceu, ou o Menino recém-concebido indo a pôr em graça aquella alma? Esta questão já foi proposta e disputada entre os dois primeiros geraes da companhia, nosso santo patriarcha, e seu successor o padre mestre Laines. Laines com todas as suas letras disse, que em similhante caso, se a eleição fosse sua, escolheria ir logo para o ceu. Porém S. Ignacio com o heroico e sublime de seu espirito, respondeu, que antes elegeria ficar no mundo servindo a Deus na salvação dos proximos, ainda com incerteza do mesmo ceu. Esta admiravel sentença approvou e canonisou a egreja, e a mandou estampar na vida do nosso santo, para gloria sua, para imitação de seus filhos, e para confusão de todos aquelles que do emprego e empenho da salvação das almas não fazem a estimação que devem: *Auditus aliquando dicere: Si optio daretur, malle se beatitudinis incertum vivere, et interim Deo inservire, et proximorum saluti, quam certum ejusdem gloriæ statim mori*. Quasi me pesa de que S. Paulo tivesse similhante resolução. Mas com tal companheiro bem se pôde renunciar a singularidade.

Em certa occasião não duvidou S. Paulo dizer: *Optabam ego ipse anathema esse à Christo pro fratribus meis*: (Rom. IX—3) e escrevendo aos philippenses, diz assim: *Mihi vivere Christus est, et mori lucrum: permanere autem in carne necessarium propter vos*. (Philip. I — 21 e 24) Como a minha vida é Christo, que já está no ceu, para mim o mais conveniente é morrer logo: mas para vós o mais necessario é viver eu, e estar convosco. Dividido, pois, e suspenso, entre esta minha conveniencia, e esta vossa necessidade, me vejo como em talas, e não sei a qual das

duas partes me hei de inclinar, e qual devo eleger : *Coarcter autem à duobus, et quid eligam ignoro*. Mas quanto se deteve o grande apostolo nesta duvida, ou nesta suspensão ? Immediatamente sem interpor palavra retratou aquelle *ignoro* com um *scio*, *et hoc confidens scio* : e confiada e absolutamente resolveu, que havia de continuar e perseverar com os proximos para proveito seu, e para augmento, ou, como elle diz, para alegria da fé ; *Et hoc confidens scio, quia manebo, et permanebo vobis, ad profectum vestrum, et gaudium fidei*. Note-se muito esta ultima palavra, *et gaudium fidei*. De sorte que quando ha quem tracta do proveito e bem das almas, alegra-se a fé, e não cabe em si de prazer, *gaudium fidei* ; pelo contrario, quando não ha quem se applique a esta grande obra, entristece-se a fé, chora a fé, lamenta-se a fé : *Et non est qui consulatur eam*. (Thren. I — 17) Ó que alegre estará a fé nesta occasião, e que agradecida á nossa provincia, pois, sem embargo de estar tão necessitada de sujeitos, pelo grande zelo que tem, e sempre teve da salvação das almas, não duvidou de soccorrer a mesma fé, para as gentilidades do Maranhão, com tantos e fervorosos missionarios, não menos que quinze ; maior numero que o que Christo escolheu para a conversão de todo o mundo.

III.

Tornando porém a S. Paulo, não é justo que eu passe em silencio umas notaveis palavras que elle ajuntou entre as referidas : *Desiderium habens dissolvi, et esse cum Christo, multo magis melius*. O meu desejo é desatar-me das prisões do corpo, e ir logo pera o ceu a estar com Christo, que é muito melhor. Ainda o encarece mais o apostolo. Não só diz que é muito melhor, vênho muito mais melhor : *Multo magis melius*. Pois se é muito melhor, e muito mais melhor ir ao ceu, e estar com Christo ; como se resolve o mesmo apostolo a ficar e perseverar com os homens, para os aprobeitar : *Manebo, et permanebo vobis ad profectum vestrum* ? Logo se S. Paulo depois de dizer a que disse, escolheu antes ficar com os homens para os aprobeitar, segue-se que este mais é muito mais que aquelle mais

e este *melhor* é muito melhor que aquelle *melhor*. Assim é: e não seria S. Paulo S. Paulo, se assim e não intendêra, e assim o fizera. E qual é ou pôde ser a razão deste *mais*, em negócios tão grande, e deste *melhor* em materia tão boa? O mesmo S. Paulo o disse com palavras de Christo, fallando aos mesmos termos, e acrescentando o mesmo *mais* sobre outro comparativo: *Beatius est, magis dare, quam accipere.* (Act. XX—35) Combinemos agora o *magis beatius*, com o *magis melius*. De modo que é *magis melius* o tractar da conversão das almas, que é estar com Christo no céu; porque é *magis beatius* o dar, que o receber. Que faz o que vai ao céu, e que faz o que vai converter almas? O que vai ao céu, vai receber o céu para si; o que vai converter almas, vai dar o céu aos que converte: logo isto é o melhor, e mais melhor, e isto sobre o bemaventurado o mais bemaventurado: *Beatius est magis dare, quam accipere.*

E se insistirmos na palavra *beatius*; nella temos mais profundamente a razão desta mesma razão. E qual é? Porque indo ao céu, vou participar a gloria dos bemaventurados; porém tractando da salvação das almas na terra, faço-me participante da gloria do mesmo Filho de Deus. Admiravelmente S. João! *Verbum caro factum est, et habitavit in nobis: et vidimus gloriam ejus, gloriam quasi Unigeniti à Patre plenum gratiæ, et veritatis.* (Joan. I—14) Fez-se o Verbo Eterno Homem, habitou, e morou connosco: e vimos a sua gloria como gloria verdadeiramente de Filho Unigenito do Padre, cheio de graça e de verdade. Aquelle *plenum* refere-se ao *Verbum*. E porque diz que veio o Verbo cheio de graça e de verdade? Porque veio cheio de que faltava ao mundo, para encher o mesmo mundo. O mundo estava cheio de peccados, e por isso veio cheio de graça: o mundo estava cheio de erros e ignorancias, e por isso veio cheio de verdade: cheio de graça, para communicar a graça de Deus aos que estavam fóra da graça; e cheio de verdade, para ensinar as verdades da fé aos que estavam ignorantes della. Isto é o que fez o Verbo vindo ao mundo, e isto é o que fazem quando vão ás gentilidades os missionarios da companhia: levam a graça aos que estão na miseria do peccado; e levam a verdade aos que estão nas

trevas da ignorância: Por isso são bemaventurados, não com a gloria dos homens, ou anjos que estão no ceu, senão bemaventurados com a gloria do mesmo Filho Unigenito de Deus, quando foi visto na terra: *Vidimus gloriam ejus quasi Unigeniti à Patre.*

Ainda não está dito. E quanto vae de uma gloria a outra gloria? Diremós que vae tanto de uma a outra, quanto vae de ser glorificador a ser glorificado? Não digo tal, porque é pouco. Vae tanto de uma gloria a outra gloria, quanto vae de ser santificador a ser glorificado. Dentro da mesma grandexa e omnipotencia de Deus, é maior e mais excellente obra a de santificar, que a de glorificar; porque glorificar é dar a gloria, e o santificar é dar a graça, que é melhor que a gloria. Por isso o Verbo sendo glorificador no ceu, veio a ser santificador na terra, e tanto que poz os pés na mesma terra, ou antes de os pôr, foi logo a toda a pressa a santificar o Baptista. E tal é a gloria de que o mesmo Verbo faz participantes aos que se occupam em converter e santificar almas. Não gloria como a dos bemaventurados no ceu, mas gloria como a do mesmo Filho de Deus, que os faz bemaventurados; e que para os fazer bemaventurados os enche primeiro de graça e de verdade: *Gloriam quasi Unigeniti à Patre plenum gratiæ et veritatis.*

IV.

Esta é, irmãos charissimos, a nossa e vossa vocação, a qual muitos não conhecem quando pedem ser admittidos a ella. Imos áquella portaria, vemo-nos cercados de muitos que andam pedindo, e se lhes perguntamos porque pedem a companhia; respondem: Padre, porque me quero salvar e ir ao ceu. Se para isso só pedis: *Nescitis quid petatis*: se só quereis salvar a vossa alma e ir ao ceu, ide a outras religiões muito santas, mas não á companhia. O espirito da companhia não é só salvar a alma propria, senão as alheias: não é só ser bemaventurado, mas fazer bemaventurados: não é só ir ao ceu, mas levar e metter no ceu todos os que por falta de fé, ou de graça, andam longe

delle. Este é o altissimo fim que ha de pôr e trazer diante dos olhos todo o noviço da companhia. Isto ha de aprender e emprehender: isto ha de procurar e exercitar desde o mesmo noviciado, que, como disse eu quiz dizer ao principio, é o ventre da Mãe.

Uma das mais notaveis acções de Christo Senhor nosso, foi esta primeira de sua vida, que imos ponderando: *Abiit in montana cum festinatione in civitatem Juda*. Não reparo que a sua primeira jornada fosse a livrar do peccado uma alma, nem reparo que esta alma fosse de um homem natural de Judéa, porque o Senhor, como elle mesmo disse, foi missionario particularmente daquella nação: *Non sum missus nisi ad oves, quæ perierunt, domus Israel*. (Matth. XV — 24). Mas o que muito admiro, e devem admirar todos, é que comece esta missão antes de nascer. Nasça primeiro, e então fará esta jornada, e muitas outras jornadas: nasça primeiro, e então irá livrar do peccado esta alma, e muitas outras almas. Porém, que não aguardando o nascer, e que estando ainda no ventre de sua Mãe deixe a patria, no ventre de sua Mãe caminhe as montanhas, no ventre de sua Mãe vá dar principio á sua missão, com tanta pressa? Sim. Porque Christo Redemptor nosso, não só havia de dar o exemplo, senão tambem ser o exemplar de todos os missionarios, em sua maior perfeição: e o perfeito e consumado missionario ha de começar a sua missão desde o ventre da mãe.

Assim o fez o Menino Deus recém-concebido; e assim o havia de fazer, porque assim estava prophetisado delle por Isaías, quanto á vocação, quanto ao nome, e quanto ao officio, tudo desde o ventre da Mãe. Desde o ventre da Mãe quanto á vocação: *Dominus ab uero vocavit me*: (Isai. XLIX — 1 e 5) desde o ventre da Mãe quanto ao nome: *De ventre Matris meæ recordatus est nominis mei*: desde o ventre da Mãe quanto ao officio: *Formans me ex utero servum sibi*. E porque, e para que? Porque? Porque era missionario do povo de Israel. E para que? Para que convertesse e reduzisse o mesmo povo a Deus. Assim o declara expressamente o propheta: *Formans me ex utero servum sibi, ut reducam Jacob ad eum*. A maior missão que nunca

havia no mundo, foi a do povo de Israel. Maior, por ser a gente que Deus tinha escolhido e separado para si, entre todas as nações: maior, por ser a gente mais inclinada e dada às idolatrias da gentilidade: maior, por ser a gente mais rebelde, mais obstinada, e de mais dura cerviz. E como a empresa era tão ardua e difficultosa, em que todos os patriarchas e prophetas tinham trabalhado e padecido tanto, sempre debalde, para que o ultimo e principal missionario de tal gente, na diligencia, na applicação, e na efficacia, respondesse ás obrigações do tamanho empenho; por isso foi não só conveniente, mas necessario (ainda naturalmente) que dêsse principio á sua missão, logo desde o ventre da Mãe. Esta é a razão por que Deus lh'o mandou inculcar assim, uma, duas, e tres vezes, não só como a missionario de Israel, mas como mestre, e exemplar de todos os missionarios do mundo. Uma vez, para que se lembrem de sua vocação: *Vocavit me nomen meo*: outra vez, para que respondam á significação da tão grande nome: *De ventre Matris mee recordatus est nominis mei*: e a terceira, para que se não contentem com menos, que fazer do proprio officio natureza: *Formans me ex utero servum tibi*. Esta é a energia daquella *formans*; formando-se desde o ventre da mãe, onde tudo o que vive e sente, recebe a fórma, segundo a sua especie.

V.

O ventre da religião, meus charissimos, é o noviciado. Porque assim como no ventre da mãe o que ha de ser homem se encontra em um embrião imperfeito e informe, e pouco a pouco se vai dispondo e organisando, até que em todos os membros e officinas das potencias e sentidos, seja capaz de receber, e se lhe infundir a alma, e com ella a vida racional; assim no noviciado com o conhecimento e exercicio das virtudes se purgam e purificam as imperfeições que trazemos do mundo, e nos imos dispondo e habilitando para receber o espirito da religião, e viver vida religiosa em cada uma, segundo seu instituto. Nas outras

religiões signala-se para isto um anno de noviciado, na companhia dois annos. E porque? Porque as nossas obrigações são maiores, e pedem sujeitos que se não geram senão mais de vagar. Os elefantes, como dizem os naturaes, andam dois annos no ventre da mãe: e não por outra razão, ou providencia da natureza, senão porque hão de ser elefantes. Hão de ser uns corpos tão grandes, tão fortes e tão robustos, que cada um delles leve sobre si um castello: e não basta para sustentar tão grande peso, que só cresçam depois de nascidos; mas que comecem a se lhes criar, endurecer os ossos, e furnir os membros dentro do ventre da mãe. Admiravel coisa é, que luctasse Jacob com Deus, e lhe resistisse tão fortemente, que confessando-se o mesmo Deus por vencido, lhe dissesse: *Si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines praevaleris?* (Genes. XXXII — 28) Se contra Deus foste tão forte, quanto mais prevalecerás contra os homens? E d'onde lhe veio a Jacob tanta fortaleza, e como chegou a ser tão valente luctador, e tão invencivel? Porque começou a exercitar esta arte, e estas forças, desde o ventre da mãe, luctando com Esaú, *Collidebantur in utero*. (Ibid. XXV — 22) O verdadeiro e valente missionario ha de luctar com Deus, e luctar com os homens: com Deus, obrigando-o por meio da oração; e com os homens, convencendo-os por meio da pregação: e tudo isto se ha de começar a exercitar do ventre da mãe, e não esperar, como Christo hoje não esperou, para depois de nascer.

Neste mesmo dia cantou Zacharias a Christo: *Illuminare his, qui in tenebris, et in umbra mortis sedent*: (Luc. I — 79) Alluminae, Senhor, aos que estão em trevas, e na sombra da morte. Assim allumiou Christo ao Baptista, que estava nas trevas do peccado original, que verdadeiramente é sombra da morte. Mas quando o allumiou? Malachias diz que Christo nasceria como sol: *Orietur vobis sol justitiae*: (Malach. IV — 2) e este Sol quando allumiou aquellas trevas? Por ventura depois de nascido? Não. É propriedade do sol allumiarem antes de nascer. Quando o sol nasce, já estão dissipadas as trevas, e allumiado o mundo por meio da aurora. Assim allumiou Christo ao Baptista antes de nascer, por meio da sua aurora, que é a Virgem Maria:

Exurgens Maria, quasi aurora consurgens *. Ainda estava escondido no ventre da Mãe, mas assim escondido, e antes de nascer, allumiou também antes de nascer, ao maior dos nascidos: o allumiador e o allumiado ambos por meio das mães: *Ut facta est vox salutationis tuæ in auribus meis, exultavit in gaudio infans in utero meo.* (Luc. I — 44)

Não posso deixar de reconhecer aqui o que nos acontece no sertão, quando o missionario não sabe a lingua do que ha de converter. Neste caso toma-se um, e, não poucas vezes, dois interpretes: um interprete, por quem falla o missionario, e outro interprete, por quem ouve o gentio. Assim foram interpretes nesta occasião a Virgem, e Santa Isabel. Christo, que ainda não tinha o uso da lingua, fallou pela voz da Virgem, *Vox salutationis tuæ*: o Baptista, que ainda não tinha o uso de ouvir, ouviu pelos ouvidos de Isabel, *In auribus meis*: e desta maneira pôde o mudo fallar ao surdo, e o missionario converter, e o pagão ser convertido, não por si mesmos, senão por meio dos mais, estando cada um no ventre da sua.

VI.

Isto é o que fez e ensinou Christo, isto o que imitou o Baptista, e isto o que ordenou S. Ignacio, para que exercitando-se os noviços da companhia desde o ventre da mãe no que hão de obrar quando maiores, o façam com a perfeição que é bem. Ordenou S. Ignacio que os noviços fizessem doutrinas nesta capella, e as fossem fazer áquella portaria, e que assistissem todòs á repetição dos tons, e que decorassem um quarto de hora cada dia: para que? Para que assim se ensinassem e facilitassem a doutrinar e prégar. Ordenou que no primeiro anno do noviciado tivessem quatro semanas de exercicios espirituaes: na primeira meditando os motivos da via purgativa, na segunda e na terceira os da illuminativa, na quarta os da unitiva: para que? Para que alli ajuntassem cabedal de razões fortes, solidas e efficazes, com as quaes, assim como se tinham persuadido e convencido a si mesmos,

Luc. I — 39. Cant. VI — 9.

depois persuadissem, e convencessem os do mundo. Ordenou, que um mez servissem nos hospitaes, e outro mez andassem em peregrinação, e mais tempo, quando convier: para que? Para que abraçassem juntamente os dois polos, em que se revolve, e resolve todo o ministerio de salvar almas, que são: ensinar e padecer. Assim o ensinou o divino Mestre a S. Paulo: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus*; eisahi o ensinar: *ego enim ostendam illi quanta oporteat eum pro nomine meo pati*, (Act. IX—15 e 16) eisahi o padecer.

Sáem tres noviços do noviciado em Portugal, sem mais que o seu bordõesinho na mão, e o seu alforge ao tiracolo, debaixo das capas remendadas: e que fazem? Caminhando pelas estradas, vão sempre a pé, e com os olhos baixos, pedindo esmola, e sustentando-se pobremente da que lhe dão, e mais pobremente da que lhe negam, recolhendo-se de noite aos hospitaes, e, onde os não ha, dormindo nos palheiros: para que? Para que aprendam, se endureçam, e se costumem a padecer. E que mais fazem? Entrando pelas villas e logares convocam os meninos, e gente rude, vão ás igrejas ou ermidas, sobem ao pulpito; primeiro que tudo ensinam a doutrina christã, logo fallam temerosamente da morte, do juizo, e do inferno, bradando com as vozes ainda delgadas contra os peccados: e para que? Para o que se experimenta communmente nos ouvintes; porque ouvindo-os daquella idade se enternecem, e elles os persuadem tanto com as suas palavras, como com a sua modestia e exemplo.

Lembra-me, que estando em Albano, quatorze milhas de Roma, em uma quinta nossa, vieram alli fazer noite tres noviços da companhia: e que tinham feito naquelle dia? Pela manhã tinham pregado na parochia, que é do cardeal Ursino, onde então residia, ficando igualmente edificado e admirado de os ouvir aquelle principe, tão grande no secular, como no ecclesiastico. À tarde foram em romaria a Nossa Senhora da Richa, onde viram debaixo de uma arvore uns homens jogando. Chegaram-se a elles: referiram-lhe o exemplo e documento de S. Francisco de Borja, o qual dizia, que no jogo se perdiam quatro coisas: o tempo, o dinheiro, a paciencia, e muitas vezes a alma: e foi tal a efficacia com que

lhes detestaram aquelle custoso genero de divertimento, que os jogadores, mais picados do que ouviam, se levantaram do jogo; e lhes entregaram as cartas, que elles rasgaram. Lá fingiram os poetas, que o seu Hercules no berço despedaçara serpentes. Tardaram em dizer no berço; porque os nossos alcides dentro no ventre da mãe as despedaçaram. E não é isto ser já verdadeiros e valentes missionarios? Pois todos eram noviços.

VII.

E que direi dos nossos? É certo que não farão menos no mesmo ventre da mãe, senão muito mais: e não d'aqui a muito tempo, senão dentro de poucas horas. Amanhã renovam os seus votos, votos offerecidos a Deus, e feitos propriamente antes de nascerem; porque quando embora fizerem os do collegio, então saem do ventre da mãe, e então é que nascem. E disse *que não farão menos amanhã, senão muito mais*; porque por meio dos mesmos votos, não só despedaçarão serpentes, mas degolarão os tres monstros capitaes, a que se reduzem todos os vicios do mundo. *Quidquid est in mundo* (diz S. João) *concupiscentia carnis est, concupiscentia oculorum, et superbia vitæ*. *Concupiscentia oculorum*, (I. Joan II — 16) é o amor das riquezas, e este degolam, e mettem debaixo dos pés dizendo, *Voveo paupertatem*. *Concupiscentia carnis*, é o appetite da intemperança, e este degolam, e pizam, dizendo, *Voveo castitatem*. *Superbia vitæ*, é a ambição de mandar, e esta degolam não pizando, mas deixando-se pizar, e dizendo, *Voveo obedientiam*. Degolados, pois, em si mesmos desde o ventre da mãe estes tres monstros; que se segue de uma tão grande e primeira victoria? Segue-se, que já ficam daqui tão valentes e poderosos missionarios, que, saindo depois a conquistar as gentilidades, facilmente derribarão todas suas idolatrias. Os maiores, e mais adorados idolos da gentilidade, tambem eram tres: Jupiter no Ceo, Neptuno no mar, Plutão debaixo da terra. E á voz dos que votaram pobreza, cairá Plutão, que é o idolo das riquezas; á voz dos que votaram castidade, cairá Neptuno, que é o idolo da intemperança; á voz dos que votaram obe-

diencia, cairá Jupiter, que é o idolo do mando e do imperio. E deste modo triumphará de toda a idolatria da gentildade, quando saírem ao campo, os que antes da guerra e da batalha a levam já vencida.

VIII.

Todos estes monstros, e todos estes idolos, pizou o menino Baptista com aquelles saltos que deu no ventre da mãe; que tão depressa arma e fortalece Christo aos que faz seus missionarios, qual o mesmo Baptista foi: *Fuit homo missus à Deo.* (Joan. I — 6) Ainda não tinha voz o que havia de ser *vox clamantis*, (Isai. XL — 3) e com os gestos, movimentos, e saltos do corpozinho, que só tinha, já começava a prôgar, que era chegado o Messias: ainda não tinha voz o mais que propheta, e já prophetisava: quaes haviam de ser os impulsos e empenhos da sua vida: ainda não tinha voz o precursor missionario, e já ia diante dos nossos mostrando-lhes como o haviam de imitar e seguir. Elle havia de morar no deserto; os nossos pelos mattos e pelos bosques: elle havia de vestir pelles de camello; os nossos o burel de algodão-grossoiro tinto nos tujucos: elle havia de se sustentar de gafanhotos; os nossos até de lagartos: elle havia de matar a sede com mel silvestre; os nossos com o lodo dos charcos, e com as cacimbas das praias: elle havia de baptisar no pequeno rio Jordão; os nossos no immenso das Amazonas: elle havia de converter homens, a que chamou viboras, mas da sua nação e da sua lingua; os nossos, a homens que se podem chamar feras, em linguas tão estranhas e barbaras, como as vozes dos brutos. Para isto hão de sair e partir d'aqui, deixando as capellas doiradas, e os corredores azulejados, e os eirados de flores, e vistas alegres; sem saudades, sem repugnancias, sem temores, antes com jubilos de alegria, e saltos de prazer: *Exultavit in gaudio infans in utero meo.*

Finalmente, sobre tudo: *Ut facta est vox salutationis tua:* com a voz, com a luz, com a assistencia, e com a protecção da Virgem Maria, não só protectora e advogada, mas suavissima Mãe

de todos os noviços da companhia, que a mesma Senhora instituiu. Em sua soberana presença hão de renovar amanhã os seus votos: *Coram sacratissima Virgine Maria*. E como todos aqui a servem com tão affectuosos e filiaes obsequios, e a visitam e saudam tão frequentemente todos os dias, não ha duvida que a mesma sacratissima Virgem no dia de sua visitaçào os visite, e encha de todos os dons e graças do céu, de que encheu o menino precursor no ventre da mãe, e a mesma mãe, e a toda a casa de Zacarias. Zacarias quer dizer, *Memoria Domini*; e que casa ha mais digna deste nome, e na qual a memoria de Deus seja o perpetuo exercicio da vida, e a alma de todas as acções mais propriamente, que este sagrado retiro da companhia de Jesus? Como pôde logó o mesmo Jesus deixar de visitar esta casa, e trazer a ella sua santissima Mãe, para ambos santificarem as novas e innocentes almas, que tão anticipadamente desde o ventre da Mãe se offerecem e dedicam ao serviço de uma e outra magestade no exercicio que sobre todos mais lhes agrada, qual é o das missões para que se criam? Assim será igualmente sem duvida, por mercê, por privilegio, e por graça propria deste dia, em que o mesmo Jesus, levado no purissimo ventre de sua santissima Mãe, a levou a santificar o seu primeiro missionario com tanta pressa: *Exurgens Maria abiit in montana cum festinatione*.

SERMÃO

DE

SANTA CATHARINA,

VIRGEM E MARTYR.

Em occasião que se festejava em Lisboa uma grande victoria.

Ne fortè. — Matth.

I.

Breve clausula para thêma ; porém grande para sermão ! É tão grande e tão forte a significação deste *ne fortè*, que com ella se sustentam e são fortes todas as fortalezas : e as que não são fortes, nem se defendem, só por falta della se rendem e são vencidas. E que quer dizer *ne fortè* ? Quer dizer : para que não por algum engano : para que não por alguma violencia : para que não por algum descuido proprio, ou diligencia e industria alheia. É o *ne fortè* um adverbio, sempre vigilante, mas indeciso : é uma suspensão do que é : é uma duvida do

que será: é um cuidado sollicito do que póde ser. É um receio temeroso do futuro, não esquecido do passado, nem divertido do presente; e neste circulo de todos os tempos acautelado para todos. Deriva-se a palavra *ne fortè* daquella que o mundo chama fortuna, e é uma força tão poderosa e tão forte, que desarma a mesma fortuna de todos os seus poderes; porque a quem sempre estiver cuidadoso do que ella póde fazer ou desfazer, nunca lhe acontecerá que diga — não cuidei —, que é a primeira maxima da prudencia.

De prudentes e nescias se compõe toda a historia do nosso evangelho, gloriosa para umas, e tragica para outras. As prudentes foram as aventureosas, porque disseram: *Ne fortè*: as nescias as sem ventura, porque o não souberam dizer. As prudentes com as alampadas accezas entraram ás vodas; as nescias ás escuras, e com ellas apagadas, ficaram de fóra. Cuidáram as nescias que se lhes não apagariam as alampadas, cuidaram que seriam soccorridas das companheiras, cuidaram que ainda que chegassem tarde, se lhes abriam as portas: e depois de tanto cuidar, acharam que não tinham cuidado; porque não cuidaram quando, e como convinha, nem souberam dizer a tempo, *ne fortè*. Tres vezes o disseram as prudentes: na consideração, na prevenção, e na resolução. Na consideração, considerando que por falta do sustento natural do oleo se podia apagar o fogo, e morrer a luz das alampadas: na prevenção, porque se preveniram de o levar nas redomas, para dellas o supprir, quando faltasse: na resolução, porque faltando ás companheiras, resolutamente lhes responderam, que não as podiam soccorrer, porque podia não bastar para todas: *Ne fortè non sufficiat nobis, et vobis.* (Matth. XXV — 9)

Ô virgem fortissima, e prudentissima Catharina, que bem tratada vos vejo nas cinco prudentes do evangelho, como Juno pelo pincel de Zeusis nas cinco escolhidas de Argentina! Offereceu o imperador Maximino a Catharina tudo o que podia dar neste mundo a fortuna, que eram as vodas, e coroa imperial: mas porque a virgem prudentissima, ainda com prudencia humana, considerou nesta grande offerta, não o que era, senão o

que podia ser ; despresou a coroa da terra sujeita á roda da fortuna, e segurou a que hoje gosa no céu, que a mesma fortuna nem póde dar, nem tirar : *Ne fortè*. Este será o argumento do meu discurso, tão proprio do tempo presente, como das graças que devemos dar a Deus pelas fortunas do mesmo tempo. Mas como para acertar a dar estas graças é necessario que o mesmo Deus nos assista com a sua ; peçamol-a primeiro, por intercessão da cheia de graça. *Ave Maria*.

II.

Ne fortè.

Todos os titulos que nos obrigam a dar graças a Deus pelos triumphos do tempo presente, me parece que estou vendo copiados e divididos nas gloriosas insignias daquella sagrada imagem. Está adornada a imagem de S. Catharina com os tres instrumentos, ou tropheos da sua victoria — uma palma, uma espada, uma roda. — Os oradores evangelicos, que, entre salvas, repiques e luminarias celebraram atégora a felicidade de nossas armas na campanha deste anno, uns tomaram por assumpto a palma, outros a espada ; na palma, fazendo panegyricos á victoria ; na espada, ao valor dos capitães e soldados. E porque nenhum atégora fallou na roda, ella será o meu assumpto. As palmas, que teem as raizes na terra, todas se podem seccar, ou murchar : só são perpetuamente verdes aquellas que viu S. João no seu Apocalypse : *Et palmæ in manibus eorum*. (Apoc. VII — 9) As espadas também teem os seus revezes na terra, ainda que sejam descidas do ceu. Do ceu trouxe a alma do propheta Jeremias a espada que metteu na mão a Judas Machabeo : mas depois de tantas victorias, emfim pode dizer com David aquelle valorosissimo capitão : *Gladius meus non salvabit me* ; (Psalm. XLIII — 7) porque na tragica batalha contra Bachides e Alcimo não defendeu ao grande Machabeo a sua espada, e com ella na mão caiu morto. Tudo isto são avisos ás palmas, rebates ás espadas, e desenganos a todo o vencedor, que no meio dos maiores triumphos podem temer a

roda. Esta roda, pois, como prometti, será o meu argumento, o qual sobre os eixos della se revolverá em dois discursos, quanto for possível, breves.

III.

Ne fortè. Variamente pintaram os antigos a que elles chamaram Fortuna. Uns lhe puzeram na mão o mundo, outros uma cornucopia, outros um leme: uns a formaram de oiro, outros de vidro, e todos a fizeram cega, todos em figura de mulher, todos com azas nos pés, e os pés sobre uma roda. Em muitas coisas erraram, como gentios; em outras acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de Fortuna, que significa caso, ou fado; erraram na cegueira dos olhos; erraram nas insignias e poderes das mãos; porque o governo do mundo, significado no leme, e a distribuição de todas as coisas, significada na cornucopia, pertence somente á providencia divina, a qual não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria, e com a balança de sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos, o que para os fins da mesma providencia com altissimo conselho tem ordenado e disposto. Acertaram, porém, os mesmos gentios na figura que lhe deram de mulher, pela inconstancia; nas azas dos pés, pela velocidade com que se muda; e sobre tudo em lh'os pôrem sobre uma roda; porque nem no prospero, nem no adverso, e muito menos no prospero, teve jámais firmeza. Dos que a fizeram de oiro diremos depois: o que agora somente me parece dizer, é que os que a fingiram de vidro pela fragilidade, fingiram e encareceram pouco; porque ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstancia da roda.

Em uma das fabricas particulares e famosas do templo, diz o texto sagrado, que fez Salomão dez bases de bronze, quadradas e iguaes por todas as partes: *Fecit decem bases æneas, quatuor cubitorum longitudinis, bases singulas, et quatuor cubitorum latitudinis.* (3. Reg. VII — 27) Diz mais (o que se o não disserra, não se imaginára) que estas dez bases as assentára cada uma so-

bre quatro rodas: *Et quatuor rotæ per bases singulas*: (Ibid. — 30) acrescentando para maior clareza, que as rodas eram propriamente como as das carroças, com seus eixos, raios, e tudo o mais fundido também do mesmo bronze: *Tales autem rotæ erant quales solent in curru fieri; et axes earum, et radii, et canthi, et modiolii, omniu fusilia*. (Ibid. — 33) Toda esta miudeza foi necessario que se explicasse, para que se entendesse a obra, da qual se não fôra o auctor Salomão, quem haveria que ao menos não estranhasse tal modo de architectura? As bases são o fundamento e firmeza de toda a fabrica; a figura quadrada, entre todas as figuras a mais firme; o bronze entre todos os metaes o mais forte. Pelo contrario as rodas com eixos, e todos os outros instrumentos de se moverem, são entre todas as coisas a menos constante, a menos estavel, a menos firme. Pois porque assenta a sabedoria de Salomão toda a firmeza e fortaleza das suas bases sobre rodas? Assentadas as bases sobre rodas, ficam sendo as rodas bases das bases: e isto, que não faria, não digo eu Vitruvio, senão o architecto mais imperito, que o fizesse Salomão? Sim, e com tanta arte como mysterio. Aquella obra era o chamado mar Eneo, fabricado antes de espelhos, e para espelho dos que nelle se fossem vêr e compor. Quiz pois o mais sabio de todos os homens, que na mesma traça, disposição, e ordem da fabrica, vissem e reconhecessem todos, que não ha, nem pôde haver neste mundo coisa alguma tão solida, tão forte, tão firme, nem ainda tão santa (qual aquella era), que, como se estivera fundada sobre rodas, não esteja sempre sujeita ás voltas, declinações e mudanças de qualquer impulso, impressão, ou movimento contrario. Tudo o que se diz da fortuna, e seus poderes, é fingido e falso; só uma coisa ha nella certa e verdadeira, que é a roda.

E para que nos vamos chegando ao nosso caso, deixados os vidros e bronzes, que são nomes metaphoricos, fallemos agora com o proprio do homem, e de todas as coisas humanas, que é o harro. Mandou Deus Nosso Senhor ao propheta Jeremias, que fosse á officina de um oleiro, e que depois de vêr o que aquelle homem fazia, lhe declararia o por que lá o mandava. Foi o pro-

pheta, e diz que achou o oleiro trabalhando sobre a sua roda : *Et ecce ipse faciebat opus super rotam.* (Jerem. XVIII — 3) E notando então com particular advertencia o que fazia, viu que ao principio estava formando um vaso muito polido, o qual, como se lhe descompuzesse e desmanchasse entre as mãos, desfel-o, e, como irado contra elle, tornou a amassar e pôr na roda o mesmo barro, e fez outro vaso muito differente, como lhe veio á phantasia. Aqui fallou então Deus ao propheta, e lhe disse desta maneira : Assim como o oleiro tem nas suas mãos o barro, e delle faz uns vasos, e desfaz outros ; assim tenho eu nas minhas mãos o mundo, e posso desfazer uns reinos, e fazer outros ao meu arbitrio. E se elle com a ponta de um pé dá estas voltas á sua roda, julgâ tu, se o poderei fazer eu. Vae a Jerusalem, conta-lhe o que viste, e dize-lhe que o primeiro vaso tão polido que o oleiro fazia, é o reino de Israel, tão amado e favorecido da minha providencia, o qual com a sua rebeldia se me descompõe entre as mãos ; e que ainda estou apparelhado para lhe perdoar, e arrepender do que tenho determinado : mas que se elle se não quizer emendar, darei volta á roda, e do mesmo barro farei outro vaso. Jerusalem passará para Babilonia, e o reino, que aqui é d'el-rei Joaquim com liberdade, lá será de Nabucodonosor com perpetuo captiveiro. E assim foi.

Ô que facilmente se engana o juizo humano nas apprehensões de qualquer successo prospero ! Por isso disse sabia e prudentissimamente o grande senador romano, Severino Boecio, que melhor e mais util é ao homem a fortuna adversa, que a prospera : *Plus reor hominibus adversam, quam prosperam prodesse fortunam.* E dá a razão ; porque a prospera mente, e a adversa desengana : *Illa enim semper specie felicitatis, cum videtur blanda, mentitur : hæc semper vera est, cum se instabilem mutatione demonstrat. Illa fallit, hæc instruit.* Quem se não quizer enganar com as lisonjas da fortuna prospera, olhe para a roda. Nella, e do mesmo barro faz Deus reinos, e desfaz reinos ; desfaz Jerusalem, e acrescenta Babilonias ; captiva os livres, e restitue a li-

Boet. de Consol. libro 2. pros. 38.

berdade aos captivos. Assim o fez a benignidade divina, dando outra volta á roda, e restituindo os captivos de Babylonia á liberdade, de que poucos já se lembravam, no fim de setenta annos : caso bem parecido ao nosso.

IV.

Lá, depois de setenta annos ; cá, depois de sessenta, uns e outros prophetisados : mas nem por isso cuide alguém, que para todas estas voltas da roda são necessarios tantos espaços, ou tantos vagares do tempo. As rodas do carro de Ezechiel, em que Deus se lhe mostrou governando todo este mundo, eram cada uma composta de duas, uma roda atravessada, e outra cruzada com ella pelo meio. Isso quer dizer : *Rota in medio rotæ*. (Ezech. X — 10) E que rodas eram e são estas ? Uma é a roda da fortuna, outra a roda do tempo. Mas de tal maneira unidas e travadas entre si, e tão independentes uma do curso da outra, que para a roda da fortuna dar uma volta inteira, não é necessario que a dê tambem inteira o tempo. As voltas da roda do tempo são as mesmas que as do sol. O sol dá uma volta maior cada anno, e uma maior cada dia. Porém para a fortuna dar uma volta inteira aos maiores imperios, não são necessarios annos nem dias.

O maior imperio e monarchia que tinha havido no mundo, era a dos assyrios e chaldeus. E quantas horas houve mister a roda da fortuna para derribar esta, e levantar sobre ella outra maior ? Diga-o a escriptura sagrada por boca de Daniel, que se achou presente : *Eadem nocte interfectus est Baltassar rex chaldeus, et Darius Medus successit in regnum* : (Dan. V — 30 e 31) Na mesma noite fatal em que o rei com mil magnates da sua monarchia, convidados para um solemne banquete, estavam brindando aos seus deuses, foi morto (diz Daniel) Balthasar rei chaldeu, e lhe succedeu no imperio Dario Medo. De sorte que tanto mais depressa deu volta a roda da fortuna, que a roda do tempo, que, não tendo o tempo em ausencia do sol andado um dia natural, nem meio dia ; a fortuna, morto Balthasar, e succedendo-lhe na coroa Dario, já tinha posto por terra a monarchia dos as-

syrios e chaldeus, e levantados até as nuvens a dos persas e medos.

Caiu a monarchia, mas não caiu a côrte; porque ficaram em pé os famosos muros de Babylonia, com os seus jardins cultivados no ar, por isso chamados hortos pensiles; onde porém até as flores não escaparam de ficar tristemente murchas e seccas, servindo a mãos estranhas, que as não tinham regado. E para que alguém não imagine da roda da fortuna, que, não perdoando ás coroas, ao menos dá quartel ás pedras; passando do maior imperio da Asia á melhor cidade da Europa, oiçamos em outra coisa não menos tragica, quão precipitada é a sua volta tambem em estas ruinas.

Falla Seneca da antiga Lugduno, que anoitecendo cidade, amanheceu cinza, e escreve assim: *Tot pulcherrima opera, quæ singula illustrare urbes singulas possent, una nox stravit. Et in tanta pace, quantum ne bello quidem timeri potest, accidit. Quis credat? Lugdunum, quod ostendebatur in Gallia, quæritur. Omnibus fortuna, quos publicè affixit, quod passuri erant, timere permisit. Nulla res magna non aliquod habuit ruinæ suæ spatium. In hac una nox interfuit inter urbem maximam, et nullam. Denique diutius illam periisse, quam perit, narro.* (Senec. Epist.) É lastima haver de affrontar com a traducção de qualquer outra lingua a elegancia destas palavras. « Aquelles famosos edificios (diz Seneca), que, cada um delles pudêra ennobrecer e illustrar uma cidade, todos igualou com a terra uma noite; e aconteceu na bella paz, o que nem da mais furiosa guerra se pudêra temer. Quem tal crêra? Aquella Lugduno, que se mostrava por maravilha na Gallia, busca-se nella, e não se acha. A todos os que a fortuna affligiu publicamente, permittiu que temessem o que haviam de padecer, e a nenhuma coisa grande deixou de dar o tempo algum espaço á sua propria ruina. Só nesta entre a cidade maxima e o nada, não houve mais que uma noite. Ainda acabou mais depressa do que eu ó escrevo. » Atéqui a narração e ponderação do grande philosopho. E como para as maiores voltas, e mudanças da roda da fortuna não são necessarios annos, nem dias inteiros, e da ametade de um dia sobejam ainda horas e

essas as mais occultas á vista ; que segurança pôde haver tão confiada, que entre os abraços mais lisongeiros da felicidade não tema os seus reveses ? E que reino ou republica, que rei ou capitão prudente, que entre os maiores triumphos lhe não esteja sempre batendo ás portas do coração aquella voz duvidosa : *Ne forte ?*

V.

Não é minha tenção com este discurso querer què a muito nobre cidade de Lisboa entristeça a sua alegria, nem ponha silencio aos seus applausos ; porque seria ser ingrata ao ceu, e negar os publicos pregões da fama aos que com o seu esforço e sangue tão honradamente lh'os mereceram. O que só desejo é que toda esta monarchia de Portugal se não deixe tanto inchar do vento da fortuna, que se fie della e a crea. Ouvi de baixo de um paradoxo o mais sizudo juizo da prudencia militar. Como na guerra não ha coisa mais para estimar que o vencer ; assim não ha outra mais para temer que a mesma victoria. Quando o sabio capitão se vir mais victorioso e triumphante na carroça de Marte e da fortuna, então é que mais se deve temer da volta das suas rodas.

Vencedor Abrahão de quatro reis, que tinham vencido outros cinco, e levado captivo com parte delles a Loth seu sobrinho, fizeram mais famosa esta interpreza tres circumstancias notaveis : uma da parte dos reis vencidos, outra da parte de Abrahão vencedor, e a terceira da parte de Deus, que neste acontecimento lhe appareceu e fallou. Notavel da parte dos reis vencidos ; porque naquella mesma noite em que contentes e divertidos estavam brindando á sua victoria, deu sobre elles Abrahão, com que a não chegaram a lograr quatro horas inteiras, bastando tão pouco espaço de tempo para dar volta a roda, e de victoriosos e triumphantes se verem vencidos. Notavel da parte de Abrahão vencedor ; porque voltando triumphante com parabens e applausos de Melchisedech, rei de Salem, nenhuma demonstração fez de festejar o seu proprio triumpho. Não havia então salvas de artilheria, nem repiques, nem luminarias ; mas conforme o uso

daquelle tempo, pudéra levantar tropheos, que eram arvores, desgallados os ramos, e penduradas delles as armas e despojos dos inimigos que Abrahão despresou generosamente. Notavel emfim da parte de Deus; porque naquella mesma occasião lhe appareceu o Senhor dos exercitos, e lhe disse estas notaveis palavras: *Noli timere, Abraham, ego protector tuus*; (Gen. XV — 1) ou, como se lê no texto original: *Ego scutum tuum*: Não temas, Abrahão, que eu sou o teu protector e o teu escudo. Aqui é o meu reparo, e primeiro que tudo, naquelle *noli timere*: Não temas. Não é este Abrahão aquelle mesmo, que pouco ha tão animoso e destemido, com resolução quasi temeraria se atreveu a *accommitter* quatro reis victoriosos e triumphantes só com trezentos e dezoito homens de sua casa? Não é aquelle mesmo que com tanta arte, disposição, e ordem militar soube repartir os seus, e de tal modo, e a tal tempo investiu os inimigos, que, sem logar de se defenderem, os poz a todos em fugida? Pois se antes não temeu a batalha, sendo tão arriscada; como agora teme, depois de a vencer, e tão venturosamente? D'antes podia temer os inimigos por muitos e victoriosos; mas agora depois de desbaratados e vencidos a quem teme, ou de quem se teme? Teme-se da sua propria victoria. Por isso Deus, que, para vencer a batalha, lhe não deu a espada; para conservar e defender a victoria, lhe promette o escudo: *Ego scutum tuum*.

Vêde quanta razão e quantas razões tinha Abrahão para temer e se temer da sua victoria: *Noli timere*. Considerava Abrahão que elle era um, e os reis que vencera quatro: e na comparação de um a muitos, que coração haverá tão agigantado, que com os pés na campanha não tema? O gigante Goliath coberto de ferro, e maior na sua soberba, que na sua estatura, nunca se atreveu em quarenta dias a desafiar mais que a um: *Ad singulare certamen*. (1 Reg. XVII — 10). De Hercules, cujas forças e façanhas é mais certo que foram fabulosas, do que verdadeiras, é contundo verdadeiro o proverbio que: *Nec Hercules contra duos*. E posto que es de Judas Machabeu, canonisadas na escriptura sagrada, não admittom duvida, também a não ha, de que na ultima batalha, que teve quasi vencida, acabou sem remedio, nem redim-

tonceiu, não vencido no valor, mas opprimido da multidão. Considerava mais Abrahão, que o poder menor competindo com e grandemente maior, ainda quando vence, sempre fica desigual : e é tal a differença nesta desproporção defensiva, que o maior, ainda perdendo muitas batalhas, facilmente se conserva na sua mesma grandeza ; e o menor tendo necessidade de muitas victorias para se conservar, bastará perder só uma para se perder. Finalmente, temia Abrahão a sua victoria ; porque não olhava para ella só, senão juntamente para a dos mesmos inimigos, a quem vencêra. E se elles (dizia consigo) não lograram a sua victoria quatro horas inteiras ; que segurança posso eu ter de me sustentar sempre na minha ? Por ventura pregou ella algum crayo na roda da fortuna, para que não dê aquellas voltas que continuamente está dando o mundo, sem jámais parar ?

Ó como pudêra o mesmo Abrahão confirmar este seu temor depois da victoria dos quatro reis, com o exemplo de outros qua-
tro do Egypto, onde já no tempo de Abrahão se começavam a coroar os homens ! Sesostris, rei do Egypto, depois de vencer outros quatro reis visinhos, se desvaneceu a tanta soberba, que em lugar de outros tantos cavallos, mandou que os quatro reis vencidos tirassem pela sua carroça. Assim se fez. Em um dia porém de grande celebridade, advertiu que um dos reis vencidos de tal maneira caminhava ao compasso dos outros, que o rosto e os olhos sempre os levava voltados, e postos no rodar da mesma carroça. E como Sesostris lhe perguntasse, com que pensamento o fazia ; respondeu : *Intueor volumen hoc assiduum rotæ, in qua sticissim: ima summa, et summa ima fiunt* : Levo sempre postos os olhos nesta roda ; porque vejo nella, que assim como esta parte que agora está em baixo, esteve já em cima ; assim a que está em cima, com meia volta só torna a estar em baixo. Intendeu o mysterio o rei victorioso e soberbo, e mandou logo tirar do jugo aos vencidos. As victorias proprias, vistas sem os olhos na roda, ensoberbecem ; com os olhos nella, humilham. Com os olhos na roda, aos vencidos causam esperança, e aos vencedores temor. Por isso Abrahão temia a sua victoria, e todos os grandes capitães temeram sempre as suas.

Ouvi isto mesmo admiravelmente discursado por Seneca, o poeta, e com a mesma propriedade representado por el-rei Agamenon, rei e general do exercito grego, depois de abrazada Troya: *Stat avidus ira victor, et lentum Ilium metitur oculis*: Olhava para Troya vencida o vencedor Agamenon; e porque a não podia ver toda de uma vez, lentamente, e pouco a pouco ia medindo com os olhos sua grandeza. A primeira coisa que deve fazer o prudente vencedor, é tomar bem as medidas ao paiz vencido: *Et lentum Ilium metitur oculis*. E que se seguirá d'aqui? O que aconteceu a Agamenon: *Victamque quamvis videat, haud credit sibi potuisse vinci*: e ainda que Agamenon estava vendo vencida a Troya, não acabava de crer, nem de se persuadir a si mesmo, que elle a tivesse vencido. Não se podia louvar mais, nem encarecer melhor a grandeza da victoria. Na opinião invencivel, aos olhos vencida. E passando da terra á coroa, da metropole ao rei, e de Troya a Priamo, a conclusão do juiso de Agamenon foi esta: *Tu me superbum, Priame, tu timidum facis*: Tu, ó Priamo, me fazes soberbo, e tu me fazes tímido. Quando vejo que venci um tão grande rei como Priamo, monarcha e senhor de toda a Asia, veem-me pensamentos de soberba: *Tu me superbum Priame*. Mas quando no mesmo Priamo me vejo a mim, como em espelho, e quando considero e reconheço que assim como eu o venci a elle, outro me póde vencer a mim; e dando volta a fortuna, como hoje me vejo vencedor, amanhã me posso vêr vencido, todos os ardores da soberba se me convertem em frios de temor: *Tu me superbam, tu timidum facis*.

Este foi o juiso de Abrahão em temer a sua victoria: e este o de Agamenon em temer a sua: e o meu no nosso caso qual será? Porque não me persuado a temer, nem quero persuadir temores, e por outra parte quizera prometter segurança ás nossas victorias, sujeitas todas aos revezes da roda da fortuna; só no escudo que Deus prometteu a Abrahão, que é circulo permanentemente, as acho. Escreve Plinio, que em Roma no portico de Pompeu se via com admiração a pintura de um soldado sem mais armas que um escudo, obra de Pelignoto, famoso naquella arte; e o que nella se admirava era estar pintado o soldado em tal

acção no meio de uma escada, que ninguém podia divisar se subia, ou descia : *Hujus (Pelignoti) est tabula in porticu Pompei, in qua dubitatur ascendentem cum clypeo pinxerit, an descendentem.* Toda a escada, senhores meus, ainda que em differente figura, é também roda ; porque pelos mesmos degraus se pôde subir ou descer. No meio desta escada vejo aos nossos soldados armados também de escudo á defensiva, qual é a nossa guerra : e posto que na presente victoria parece que estão em acção de subir, como igualmente é sem questão, que podem descer, nesta duvida ou contingencia, não lhes posso affirmar coisa certa. É verdade que estou vendo muitos arcos triumphaes levantados ; mas estes, ainda que não tiveram as bases na terra, não podem segurar firmeza ao que significam. Nas ires, ou arcos celestes, não só observaram os mathematicos, mas experimentam os rusticos, que quando o sol sobe, os arcos descem, e quando o sol desce, os arcos sobem. E se nas voltas que dá o sol ao mundo, se vê esta differença naquelles espelhos ; se quando os arcos se abatem, é signal que sobe o sol ao Zenith, e quando os arcos crescem e se levantam, é signal que o mesmo principe dos planetas desce ao occaso : que juizo se pôde formar do apparente destes triumphaes meteoros, para segurar o augmento das monarchias, ou sua declinação ? A que hoje parece que sobe, amanhã pôde descer, e a que hoje desce, amanhã pôde subir ; e só no escudo, que abraça o braço de Deus (e é circulo, como dizia, permanentemente), se pôde segurar o prudente temor, para que não diga : *Ne fortè.*

VI.

Temos satisfeito neste primeiro discurso ao evangelho, ao thema, ao tempo e caso presente, e ao *ne fortè* das virgens prudentes. Agora vejamos como a virgem prudentissima, que nos deu a roda, com o exemplo e successos gloriosos das suas victorias nos ensina o que devemos desprezar, temer, ou assegurar em todas as voltas, que á da fortuna, e á do proprio alvedrio pôde dar o mundo.

Primeiramente, assim como é prudencia nas coisas duvido-

sas e contingentes dizer: *Ne fortè*; assim nas certas, e que não podem ter duvida, dizer: *Ne fortè*, é a maior imprudencia. A mais imprudente mulher (tambem virgem) que houve no mundo, foi a destruidora d'elle, Eva. E porque? Porque sobre a verdade mais certa, e a certeza mais infallivel, da qual se não podia duvidar, disse: *Ne fortè*. Tinha Deus notificado a Adão, e nelle a Eva, que no dia em que comessem da arvore vedada, ficariam sujeitos á morte. E sendo as palavras expressas do preceito, *In quacumque die comederis ex eo, morte morieris*, Eva respondendo á pergunta do demonio, e referindo o mesmo preceito, acrescentou-lhe um *ne fortè*: *præcepit nobis Deus, ne comedemus, et ne tangeremus illud, ne fortè moriamur*. E que se seguiu deste *ne fortè* da virgem nescia do paraizo? Seguiu-se o erro que emendou o *ne fortè* das virgens prudentes do evangelho. O *ne fortè* da nescia poz duvida, onde não podia haver duvida: o *ne fortè* das prudentes não admittiu duvida, onde podia haver muitas.

Podiam duvidar, sendo companheiras, como eram, se seria contra as leis da verdadeira e fiel companhia não ser communi de todas, o que era particular de algumas. Podiam duvidar, sendo amigas, se era obrigação em tal aperto offerecerem-lhes ellas o oleo, ainda que o não pedissem, quanto mais não lá o negar, tendo-o pedido. Podiam duvidar, se nas circumstancias de um caso tão preciso, era licito descomporem o acompanhamento, e desfazerem o apparatus das vodas, para o qual foram escolhidas em tal numero, e para tantas parellhas. Podiam duvidar, se sentiriam, como era razão, o desar daquella falta o esposo e esposa, que eram os senhores a quem serviam, e de cujo agrado e favor dependia o seu bem, e toda a sua esperanza. Podiam duvidar, em fim, se era contra o primor, contra a cortezia, contra a nobreza, contra o credito e reputação, e contra todos os outros respeito e pontos de honra, que tão escrupulosamente observam nas acções publicas os que as fazem nos olhos do mundo, e sujeitas aos seus juisos. Pois se em dar ou não dar aquelle soccorro havia tantas duvidas, como se resolveram as prudentes a o negar, principalmente sendo muito pouco o que haviam de

dispender, sabendo que o Esposo já vinha: *Ecce sponsus venit?* (Matth. XXV — 6)

A razão deste tão bom fundado reparo, é muito mal praticada nas côrtes, e por isso necessario que a nossa, com quem fallo, a ouça. O que importava á prevenção das virgens prudentes, e o que dependia de ella bastar, ou não bastar para todas, não era menos infallivelmente que o entrar ás vodas, ou não entrar; o ganhar o ceu, ou perdê-lo; o salvar, ou não salvar; e em materia de salvação não se ha de admittir duvida, nem contingencia, por menor ou minima que seja. Todos os pontos do primor, do credito, da reputação, e honra humana, em chegando a este ponto, são nada. Todas as obrigações e finezas da amizade, e do amor, ainda que seja o que mais cega, que é o dos paes para com os filhos, a qualquer sombra deste perigo se devem converter em odio; este só respeito ha de vencer todos os respeitos, esta só dependencia todas as dependencias, este só interesse todos os interesses. Cuide o mundo, murmure a vaidade, diga a fama o que quizer; arrisque-se em fim tudo o que se pôde arriscar, perca-se tudo o que se pôde perder, com tanto que se não arrisque, ou ponha em duvida a salvação.

Tão sizudo, e tão forte como isto foi o *ne forte* das virgens prudentes. Mas por isso mesmo não só parece deshumano, senão contrario a toda a razão, e proximidade. Se tanto reparo, e tanto escrupulo fazeis neste ponto, por ser da salvação; porque não reparaes na de vossas companheiras? Não vêdes, que seguindo o vosso conselho, vão arriscadas a se lhes fecharem as portas do ceu, e o perderem, e se perderem para sempre? Assim o viam como sabias, e o sentiam como amigas. Mas esta é a obrigação precisa e indispensavel, e este o privilegio soberanissimo da salvação propria. Se a duvida ou risco da minha salvação, em qualquer caso se encontra com a alheia, seja a alheia de quem fôr, e de quantos fôr; sou obrigado a tractar tão unicamente da minha salvação, que me salve eu, ainda que se perca todo o mundo. Não é menos divino este tremendo documento, que da boca da mesma verdade: *Qui prodest homini, si mundum universum dixerit, animæ verò suæ detrimentum patiatur?*

(Ibid. XVI — 26) Que lhe aproveita a um homem (diz o Salvador dos homens) salvar elle, ou que por seu meio se salvem todas as almas do mundo, se elle perder a sua? Aqui não ha senão dar um ponto na boca. E este foi o fecho com que as prudentes acabaram de concluir, não a desculpa, senão a obrigação que tiveram de não acudir á salvação das companheiras, pois era com duvida e risco da propria: *Ne fortè non sufficias nobis, et vobis.* (Ibid. XXV — 9)

VII.

Em confirmação desta notavel verdade, que é bem saibam todos, para que nos fiemos das diligencias proprias, e não de dependencias alheias; seguiu-se o alegre e triste fim da historia do evangelho. As prudentes entraram ás vodas, as portas do ceu tornaram a se fechar, e posto que as nescias vieram e bateram, ficaram de fóra. Cuidava eu que as virgens prudentes vendo-se já dentro no ceu, sem duvida, nem perigo da salvação propria, ao menos se lembrassem de interceder pelas companheiras; mas este foi o segundo e novo desengano, para que cada um se fie só de si. Lá vão chorando as tristes e miseraveis nescias, que nem na terra tiveram remedio, nem no ceu o acharam. E que effeitos causaria esta lastimosa vista no coração, no zelo, e no valor de Catharina? Com assombro dos outros santos, dos anjos, e do mesmo evangelho, resolve-se a fazer abrir outra vez as portas do ceu, já fechadas, e que entrem tambem as nescias.

Já vejo que reparam os doutos na proposição; mas notem o solido fundamento della. As nescias do evangelho são aquellas, cujas alampadas se apagaram por falta de oleo, e por esta falta não entraram ás vodas. E estas nescias, que somente o são em parábola e similhaça, em realidade e verdade, significam aquellas almas a quem falta o lume da fé e o oleo da caridade; sem o qual, ainda que haja fé, é fé morta, e o lume da mesma fé apagado, sendo que só com elle ardente, e ella viva, se póde entrar no ceu. Taes eram, e pela maior parte idolatras, os que ha-

bitavam a grande cidade de Alexandria, patria da nossa santa, onde então residia o imperador Maximino, o maior inimigo de Christo, e o mais cruel tyranno e perseguidor dos christãos. Estava alli Catharina cheia de fé entre infieis, estava cheia de sabedoria entre ignorantes, estava cheia de luz entre cegos, estava cheia de piedade entre tyrannos. E que fariam dentro daquelle generoso coração, e como rebentando nelle todas estas heroicas virtudes, e cada uma dellas? A fé o incitava a converter a infidelidade, a sabedoria a ensinar a ignorancia, a luz a allumiar a cegueira, a piedade a abrandar e amansar a tyrannia; e sobre tudo o abraçava a vista da perdição de tantas almas. Se Catharina fóra uma das dez virgens, com duvida e contingencia da salvação, diria com as prudentes da parabolá : *Ne fortè* : mas como depois de o mesmo Christo lhe dar o anel de esposo, ella era a esposa, que não podia deixar de entrar ás vodas : *Exierunt obviam sponso, et sponsæ* ; (Ibid. XXV — 1) por isso em logar de dizer : *Ne fortè* ; (notae muito) em logar de dizer : *Ne fortè* : disse : *Si fortè*.

Si fortè, disse com novidade inaudita em logar de *ne fortè*, e é bem que reparemos muito na differença destes dois adverbios; porque em tão pequena mudança de letras teem a significação totalmente contraria. O *ne fortè*, significa, *para que não*, como já vimos; o *si fortè*, quer dizer, *se por ventura* : o *ne fortè*, é adverbio seguro e frio; o *si fortè*, animoso e ardente : o *ne fortè*, fecha as portas ao temor; o *si fortè*, abre-as á esperanza : o *ne fortè*, é freio para a cautela; o *si fortè*, é espóra para a ousadia : o *ne fortè*, diz : Não te arrisques; o *si fortè*, diz : Aventura-te : finalmente, o *ne forte*, tem por effeito evitar o mal, que suspeita; e o *si fortè*, tem por objecto emprehender e conseguir o bem, a que aspira. Mas este bem não ha de ser qualquer bem ordinario e vulgar, senão grande, senão arduo, senão heroico, e que tenha mais gráus de difficuloso, que de possivel. Para prova do *ne fortè*, basta o das virgens do evangelho, que deixamos tão debattida. Para declaração e exemplo do *si fortè*, temos dois famosos no Testamento Velho, e tão medonhos, como atrevidos.

Tendo os philisteus com innumeravel exercito posto em tal

aperto os filhos de Israel, que para guarecerem as vidas, se escondiam pelas covas e grutas dos montes, veio ao pensamento de Jonatas, filho d'el-rei Saul, que se elle rompesse as sentinellas na hora mais secreta do somno, o desaccordo do mesmo somno, e a escuridade da noite, podia pôr os inimigos em tal confusão, que sentindo-se ferir e matar, sem saber por quem, elles mesmos voltassem as armas uns contra os outros, e se desbaratassem e fugissem. Assim o imaginou aquelle principe, assim o executou, e assim succedeu, sendo os auctores desta prodigiosa façanha o mesmo Jonatas, e o seu 'pagem da lança somente. Mas com que motivo racional em caso tão difficultoso? Sem outro motivo ou impulso mais, que a ousadia de um animoso *si fortè*. Assim o disse o mesmo Jonatas, quando accommetteu a empresa, deixando-a toda a Deus, e á ventura: *Veni, transeamus, ad stationem incircumcisorum horum, si fortè faciat Dominus pro nobis*, (1 Reg. XIV — 6) O segundo exemplo ainda foi maior, se pôde ser; porque não teve parte nelle o soccorro da noite. Quando Josué repartia as conquistas da terra de promissão, pediu-lhe seu antigo companheiro Caleb um sitio chamado o Monte dos Gigantes, em que elles se mantinham inexpugnavelmente fortificados: *Da mi montem istum, in quo Enacim (idest Gigantes) sunt, et urbes magnæ, atque munitæ*. (Josué XIV — 12) Mas se os homens de ordinaria estatura em comparação dos gigantes são pygmeus, e os muros que defendiam as suas cidades, eram tão agigantados como elles; com que confiança Caleb, que já contava oitenta e cinco annos de idade, se atreve a tão desigual e difficullosa conquista? Com a mesma confiança e impulsos de um intrepido e valoroso *si fortè*: *Si fortè sit Dominus mecum, et potuero delere eos*. (Ibid.)

Tal era o fortissimo *si fortè*, de que estava armada a nossa valorosissima aventureira para assaltar outro monte mais alto, e conquistar outras muralhas mais impenetraveis, e abrir as portas do céu ás nescias da sua patria, tanto mais nescias e ignorantes, que não sabiam chorar, nem ainda conhecer a miseravel cegueira que as tinha fóra d'elle então, e para sempre. Sendo tão grande a difficuldade da empresa, ainda a difficultou com outra maior,

naquelle mesma occasião a tyrannia do imperador Maximino. Lançou bando, que todos os subditos do seu imperio, agradecidos ás mercês com que os deuses immortaes o favoreciam, lhe viessem offerecer sacrificio publico, sob pena da vida, e da sua indignação aos que assim o não obedecessem. A indignação do tyranno significava os exquisitos tormentos, com que a morte, por si só terrível, se fazia muito mais formidável. E aqui se viu Catharina mettida entre dois extremos os mais repugnantes á natureza, e ainda á mesma graça. De uma parte o ceu, da outra o inferno: de uma parte a morte temporal propria, da outra a eterna alheia: de uma parte a perdição, da outra a salvação de tantas almas. Mas naquelle sublime espirito não foram necessarios muitos discursos para a mais heroica deliberação. A morte (diz Catharina) é certa, a salvação duvidosa; mas a morte é minha, a salvação é dos proximos: aventure-se pois Catharina a conseguir a salvação alheia, e perca embora de contado a vida propria.

Em toda a escriptura sagrada ha só uma deliberação que tenha alguma similhança com esta. Tinha passado el-rei Assuero um decreto, por industria e vingança de seu grande privado Aman, para que em certo dia assignalado, nas cento e vinte e sete provincias sujeitas a seu imperio morressem todos os hebreus que nellas se achavam. Teve esta noticia Esther, que tambem era hebreia, resolve-se a procurar a salvação do seu povo; porém querendo fallar ao rei, soube que havia outro novo e segundo decreto seu, em que prohibia, que nenhum homem, nem mulher pudesse entrar á sua presença sob pena de perder no mesmo instante a vida: *Quòd sive vir, sive mulier, non vocatus, interius atrium regis intraverit, absque ulla cunctatione interficiatur.* (Esth. IV — 11) Tudo eram traças do mesmo Aman, para que a execução da morte universal dos hebreus se não pudesse revogar. E aqui temos a Esther mettida entre as duas pontas de um fatal dilemma, por ambas as partes mortal. Se não entra ao rei, executa-se o primeiro decreto, e morre o povo: se se atreve a entrar, executa-se o segundo, e morre Esther. Que faria pois a generosa heroína, vendo-se expressamente compre-

hendida nas palavras do decreto: *Sive vir, sive mulier?* Execute-se embora (diz) a morte em mim, com tanta que nesse mesmo risco me aventure eu a conseguir a salvação do meu povo. Isto disse a famosa resolução de Esther, e nisto parece que se igualou o seu *si fortè* com o *si fortè* de Catharina. Mas não consinto eu tal igualdade; nem foi assim: porque? Porque no mesmo decreto se acrescentava esta condição: *Nisi fortè rex auream virgam ad eum tetenderit pro signo clementiæ*: (Ibid) Excepto somente o caso em que o rei estenda o sceptro de ouro sobre quem entrar, em signal de clemencia. De sorte que o *si fortè* de Esther tinha por si o *ni fortè* de Assuero; porém o de Catharina era *si fortè* sem *ni fortè*. Aquelle tinha por si a condicional do rei, este tinha contra si a condição do tyranno: aquelle tinha por si a clemencia, este a crueldade inexoravel; aquelle o sceptro de ouro, este não o sceptro, senão a espada; não o ouro, senão o ferro, tantas vezes tinto no sangue christão, e insaciavel delle. Em summa, que o bando era absoluto, e sem excepção; a morte certa, e sem duvida; os tormentos exquisitos, e iguaes á sevicia e crueldade do tyranno: e a tudo isto se offereceu uma donzella, que ainda não tinha idade para se chamar mulher, com a esperança incerta, duvidosa, e somente possivel, da salvação alheia, á ventura e contingencia de se poder ou não poder conseguir: *Si fortè*.

VIII.

Mas porque é mais facil o desejar, que o fazer, e menos difficil o resolver, que o executar; passemos do pensamento ás mãos, e vejamos como a nossa conquistadora do ceu e das almas, entra e se empenha bizarra nas suas aventuras. O primeiro tiro que fez, foi a cabeça. Presenta-se ao imperador, armada da sua eloquencia, e acompanhada só de si mesma. Estranha-lhe a publicidade do bando, o terror das ameaças, o sacrilegio dos sacrificios, a falsidade dos deuses com nome de immortaes, sendo páus e pedras: e sobre este exordio passou á doutrina da verdadeira fé. Pasma Maximino de tal audacia e atrevimento na

fraqueza daquelle sexo e idade, e cumprindo-se no impio idolatra a discreta maldição de David, que sejam semelhantes aos idolos os que os adoram: *Similes illis fiant, qui faciunt ea*; (Psal. CXIII — 8) elle ficou mais idolo, que idolatra. Os idolos teem olhos, e não vêem; elle ficou cego: os idolos teem ouvidos, e não ouvem; elle ficou surdo: os idolos teem lingoa, e não falam; elle ficou mudo: cego á luz, surdo á voz, mudo á força da razão, a que não podia resistir, nem queria ceder.

Não ha cabeças mais duras de penetrar e converter, que as coroadas; e se o rei, ou tyranno, por dentro é máu e vicioso, e por fóra hypocrita e devoto, estas apparencias de religião, com que se justificam, os endurecem e obstinam mais. Taes hão de ser as artes do Anti-Christo na falsa introdução da sua divindade; e taes eram em Maximino, sem artificio, o zelo e veneração da que cria nos seus deuses, e negava e blasfemava em Christo. Com tão pouca esperanza de vencer, começou a primeira aventura de Catharina, o que ella não estranhou, porque na empreza do seu heroico *si forte*, sempre levou os olhos postos nas duas faces da contingencia, uma alegre, outra adversa; uma vencedora, outra não. Comtudo, depois que o imperador fallou o ouviu, se não alcançou delle a inteira victoria, conseguiu parte della. E qual foi; porque nem o mesmo imperador o intendeu? Foi que se o não fez catholico da nossa fé, fel-o herege da sua. Alcançou delle modesta e sabiamente a santa, que entre ella e seus philosophos se disputasse publicamente a questão da verdadeira ou falsa divindade dos deuses. E aqui fraqueou a astucia do imperador, e se viu a subtileza de Catharina; porque o que se põe em questão e disputa, igualmente se põe em duvida; e quem duvida da sua fé, qualquer que seja, já é herege della.

Appareceram enfim os philosophos em uma salla, que era o theatro da famosa disputa, não menos em numero que cincoenta, e tão varios cada um nos trajos, e no mesmo aspectó, como nas seitas. Não se viam alli armas, posto que todas as universidades tinham destinado áquella campanha os seus Achilles. Affrontaram-se elles de haver de contender em letras com uma mulher, não desmaiando porém ella de vencer a tantos homens de tanta

fama e tanta presumpção, que todos se estimavam banhados na lagoa Estygia. Assim tinha cada um por invulneravel a sua seita, e inexpugnavel os outras. Para abbreviar pois o conflicto, e não ter suspensa a expectação dos circumstantes, todos se comprometteram na sabedoria de um, o mais velho e veneravel, de mais celebrada opinião. Fallou este, e com igual arrogancia e eloquencia ostentou por largo espaço quanto sabia. Mas Catharina, sem desprezar a pompa das palavras, nem temer o estrondo dos argumentos, com modestas e vivas razões desfez, e desbaratou tudo com tal evidencia, que o philosopho compromissario do duello, attonito e pasmado, se rendeu, e convencido se lançou a seus pés. Os demais, já convencidos nelle, com o mesmo assombro do que ouviram e ignoravam, não só reconheceram inteiramente a verdade, mas não podendo reprimir com o silencio os impulsos della, sem pejo do imperador presente, e de toda Alexandria e com affronta de todas as escolas da Grecia, confessaram publicamente a falsidade dos deuses e a unica divindade do Crucificado Jesu Christo.

Esta publica confissão foi o maior triumpho da victoria de Catharina, maior contra Democritos e Diogenes sem espada, que se fôra contra Scipiões armados. As batalhas mais invencíveis são as do intendmento; porque onde as feridas não tiram sangue, nem a fraqueza se vê pela côr, nenhum sabio se confessa vencido. Diz S. Paulo que a sciencia incha: *Scientia inflat*. (1. Cor. VIII — 1) E não só é difficil, sem graça muito singular sciencia sem inchação, mas sempre a inchação é maior que a sciencia. A maior sciencia, e o maior intendimento, que Deus creou entre homens e anjos, foi o de Lucifer; mas ainda foi maior a sua inchação e soberba: *Similis Altissimo*. (Isai. XIV — 14) Contra esta rebellião se deu no ceu aquella grande batalha de intendimentos: *Factum est prælium magnum in cælo*. (Apoc. XII — 7) Saiu vencer Miguel, ficou vencido Lucifer; mas de que modo vencido? Com ta inchação e soberba do seu saber, e tão namorado do mesmo intendimento que o cegou, que antes quiz cair do céu, que descer-se da sua opinião. Ha mais de seis mil annos, que arde no inferno Lucifer, e ha de

arder por toda a eternidade, só por não admittir um instante, em que confesse que errou.

À vista desta desventura do céu, triumphe mais, ó Catharina, o *si forte* das vossas aventuras. Maiores circumstancias teve esta victoria vossa, que a do capitão general de Deus na batalha do empyreo. A sua partiu-se entre o ceu e o inferno; a vossa inteiramente toda foi do ceu. Na sua ficaram só no ceu duas partes das tres jerarchias, que foram as vencedoras; e a terceira vencida foi precipitada no inferno. Na vossa só foram cincoenta os que vieram á batalha, e todos cincoenta venceram, todos cincoenta vos seguiram, todos cincoenta pisaram o inferno e voaram ao ceu, cujas portas vós lhes abristes, e nenhum ficou de fóra. Mais ainda. Quando no céu á voz de Miguel — *Quis sicut Deus* — se partiram os dois exercitos, um victorioso, outro caído, houve anjos e archanjos, houve principados e potestades, houve cherubins e serafins, houve enfim em todos os nove córos dos espiritos celestiaes muitos que seguiram a seita de Lucifer; porém á voz de Catharina (que tambem foi contra os deuses falsos, quem como o Deus verdadeiro? Sendo tantas e tão varias as seitas dos philosophos, como elles mesmos; nenhum houve (frieza não vista no ceu) que não deixasse a propria. Antes se viu naquella uniforme conversão, ou divino metamorphose uma singular maravilha ao entrar e ao sair do mesmo theatro. E foi, que ao entrar, uns philosophos eram platonicos, outros peripateticos, outros academicos, outros cnicos, outros estoicos, outros pitagoricos, outros epicureos, outros gnosticos e os demais, e ao sair, pelo nome da nova escóla e da nova mestra, todos eram, e se podiam chamar catharinos. Tão forte, e de um só rosto foi nesta segunda aventura, sem duvida, nem excepção, o seu glorioso *si fortè*.

IX.

Affrontado Maximino pelo seu descredito, e muito mais pela injuria e ignominia dos seus deuses conhecidos por falsos; para se vingar da fraqueza dos philosophos, e do valor da que os vencêra, resolveu barbaramente matar a todos, mas não com a

mesma morte : os philosophos á espada, Catharina á fome. Mandou-a metter ou sepultar em um carcere subterraneo, escuro e medonho, com comminação e pena capital ás guardas, que ninguem lhe desse de comer. Tudo isto era acrescentar trombetas á fama, e novos applausos á gloria de Catharina. E desejando a mesma imperatriz conhecer e vêr com seus olhos, antes que morresse, uma mulher de tão sublimes espiritos, delibera-se a ir em pessoa, e descer secretamente ao mesmo carcere. Mas repara, senhora, no que fazeis ; porque descer a essa masmorra não pôde ser sem o mesmo perigo que o propheta Daniel ao lago dos leões. Os leões de industria estavam famintos, sem a ração ordinaria, para que mais raivosa a sua natural fereza com a fome, no mesmo instante remetterssem ao propheta, e espedaçado o comessem. Sabei, pois, que essa mulher que quereis vêr, com fome não menos que de quasi doze dias, como uma leoa esfaimada, se ha de enviar a vós e comer-vos. Mas antes do successo, para que não pareça fabula ou chimera este dito, vejamos quão certo é.

Estando S. Pedro no porto de Joppe em oração ao meio dia, diz o evangelista S. Lucas, que teve fome : *Cum esuriret* : (Act. X — 10) e em quanto se lhe punha a meza na casa onde estava hospede, viu descer subitamente do ceu outra meza tão abundante de iguarias, como maravilhosa e nova : abundante de iguarias, porque eram todas as aves do ar e animaes da terra ; e maravilhosa e nova, porque não vinham mortas ou guizadas, senão vivas. Vivas ? E como as ha de comer Pedro ? Uma voz do ceu lh'o disse : *Surge, Petre, occide, et manduca*. (Ibid. 13) Eia, Pedro, mata e come. Nestas duas palavras lhe descobriu Deus o mysterio da visão, com similhaça e propriedade verdadeiramente divina. O animal quando o mata o homem, deixa de ser o que é, e quando o come, converte-se no que não é : morto deixa de ser bruto ; comido passa a ser homem. Da mesma maneira aquelles animaes de todos os generos, significavam os gentios de todas as nações, de todas as seitas e de todos os estados. E como Pedro era a cabeça da igreja e da christandade, aquella voz, *Occide et manduca*, foi o mesmo (declara S. Jeronymo) que dizer-lhe o ceu

a Pedro : *In corpus ecclesiæ, et tua membra et converte* : que matando-os e comendo-os, os incorporasse na igreja, e fizesse membros seus. De sorte, que assim como o animal matando o homem, deixa de ser bruto, e comendo-o se converte em homem, assim o gentio, por meio da doutrina evangelica, que tem a efficacia de matar e comer, morto deixa de ser gentio, e comido se converte em christão e membro da igreja. Esta era a fome de Pedro, a quem o mesmo S. Jeronymo compara neste passo ao leão, que só come o que mata ; e esta a fome de Catharina, a quem eu comparei á leão esfaimada, como quem tanta fome tinha da salvação das almas, e que por isso era certo que a imperatriz não escaparia de ser comida. E assim foi.

Desceu a imperatriz ao carcere, imaginando que veria em Catharina a imagem da mesma fome, pallida, macilenta, secca e consumida ; porém a santa estava tão viva, e tão a mesma nas forças, no vigor, na côr e na formosura, como quando alli entrara. Mais desejo creio lhe viria então á imperatriz de a comer a ella, que medo de que ella a comesse. Assim diziam os que amavam muito a Job : *Quis det de carnibus ejus ut saturemur ?* (Job. XXXI — 31) Affeiçoada com este primeiro milagre, e ouvindo a celestial eloquencia de Catharina, cada palavra sua lhe levava á imperatriz um bocado do coração, e de tal modo se deixou comer toda, que já não era gentia, nem imperatriz, senão christã e escrava de Christo.

Succedeu aqui a mutua transubstanciação, que o mesmo Christo affirma dos que comem seu corpo : *In me manet et ego in illo.* (Joan. VI — 57) A imperatriz por fé transubstanciada em Catharina, e Catharina por doutrina transubstanciada na imperatriz. Por isso a mesma imperatriz teve resolução e constancia para d'alli se ir apresentar a Maximino, declarando-lhe que era christã, e exhortando-o a que o fosse tambem. Ó como se püderá então gloriar Catharina no seu carcere, que, se d'antes lhe não pôde conquistar toda a alma ao imperador, agora lhe tinha conquistado ametade ! Mas elle porque todo o amor que devia a esta natural ametade, como esposa, era muito menor que o odio que tinha a Christo ; como máu marido, a privou logo do tha-

lamo ; como máu imperador, da corôa ; e como pessimo e cruelissimo tyranno, da vida. Morreu a imperatriz, trocou a sua corôa pela de martyr, abriram-se-lhe de par em par, como a tão grande princeza, as portas do ceu, sendo, pouco antes, uma e a maior das nescias. Esta foi a terceira aventura do animosissimo *si forte*, o qual eu considero tão admirado, como triumphante, reconhecendo por ventura maior a victoria, que a mesma sua esperança.

Se a fome da salvação das almas não fôra insaciavel em Catharina, já ella se déra por satisfeita com ter ganhado para Christo tantas, tão illustres, e tão alheias de sua fé. Mas como tivesse cercado o seu carcere um corpo da guarda de duzentos soldados romanos, governados por Porfirio, capitão do imperador, as muitas almas deste grande corpo lhe excitaram e animaram o fervoroso espirito, a que tambem emprehendesse sua salvação. Eu confesso que lhe não aconselhára tão duvidosa empreza ; porque não pudesse acontecer, que a natural inconstancia do *si forte*, nunca segura, puzesse a ultima clausula a proezas tão illustres com algum fim menos glorioso. Muito mais difficuloso é haver de vencer soldados, que ter convencido philosophos. Os soldados não se vencem com argumentos de palavras, senão com syllogismos de ferro. Para os mais subteis de entendimento, o capacete lhes defende a cabeça ; e para os mais brandos de vontade, a malha e o arnez lhes endurecem o peito. Toda a força que tem o philosopho consiste em a razão, e toda a razão do soldado consiste na força. Só a maior força, só a maior violencia, só ao maior poder, se abatem as bandeiras, e rendem as armas. Alma e salvação são as duas coisas mais precisas, e por isso as que causam maior medo de se perderem ; mas para quem tem piedade de uma, e fé da outra : e do soldado diz o proverbio : *Nulla fides pietasque viris. qui castra sequuntur*. Comtudo, nenhuma destas considerações foram parte, para que Catharina desistisse do seu pensamento, maior que todas ellas. S. Paulo dizia que as suas prisões, ainda que o atavam a elle, não atavam nelle a palavra : *Laboro usque ad vincula ; sed verbum Dei non est alligatum*. (2 Tim. II — 9) Assim tambem Catharina. Ella estava preza ; mas a palavra de Deus nella tão livre, tão efficaz, e tão poderosa, que a todos os

soldados que guardavam a sua prisão, fez seus prisioneiros. O menos que elles fariam, era pôr a santa em sua liberdade; mas ella queria-lhes abrir a elles as portas do ceu, e não que elles lhe abrissem a do carcere. Todos se salvaram, todos renunciaram o imperador da terra, todos se fizeram christãos; maravilha que só pôde encarecer, ponderando, que eram soldados e soldados romanos.

Todos os soldados que concorreram na paixão de Christo, eram da milicia romana, que presidiavam a Judéa. E que fizeram? No Horto os soldados e cabo da escolta de Judas prenderam a Christo, e atado o levaram a Annás: *Cohors ergo, et tribunus comprehenderunt, et ligaverunt eum, et adduxerunt ad Annam.* (Joan. XVIII — 12 e 13) No pretorio os soldados da guarda de Pilatos convocaram contra Christo toda a esquadra: *Milites præsidis congregaverunt ad eum universam cohortem.* (Matth. XXVII — 27) No palacio de Herodes os soldados do seu exercito, e o mesmo rei, o desprezaram e affrontaram: *Sprevit illum Herodes cum exercitu suo.* (Luc. XXIII — 11) Remettido outra vez a Pilatos, os soldados lhe teceram a coroa de espinhos, lhe vestiram a purpura de escarneo, e puzeram o sceptro de cana na mão, como aquelles que se prezam de ter na sua as purpuras, os sceptros, e as coroas dos reis: *Et milites plectentes coronam de spinis imposuerunt capiti ejus, etc.* (Joan. XIX — 2) No Calvario os soldados crucificaram a Christo: *Milites ergo cum crucifixissent eum.* (Ibid. — 23) Os soldados o blasphemavam com os principes dos sacerdotes: *Illudebant autem ei et milites.* (Luc. XXIII — 36) Os soldados lhe repartiram os vestidos, e jogaram a tunica, como gente que para ter que jogar, despirá a Christo, e os seus altares: *Et dixerunt, non scindamus eam, sed sortiamur de illa: et milites quidem hæc fecerunt.* (Joan. XIX — 24) Finalmente, depois de morto Christo, o que se atreveu sobre toda a deshumanidade a lhe romper o peito com a lançada, tambem foi um dos soldados: *Unus militum lancea latus ejus aperuit.* (Ibid. — 34) Isto foi o que obraram contra Christo em Jerusalem a impiedade e perfidia dos soldados romanos, e desta infamia os desaffrontaram a elles, e a si os soldados, tambem romanos, em Cons-

tantinopla. Em Jerusalem o crucificaram, em Constantinopla o adoraram : em Jerusalem negaram a Christo, em Constantinopla o confessaram : em Jerusalem lhe derramaram o sangue, em Constantinopla derramaram o seu por elle : em Jerusalem lhe tiraram a vida, e em Constantinopla lhe sacrificaram, não uma, senão duzentas vidas. O maior dia que houve no mundo, foi o da paixão e morte de Christo ; e no dia em que manava das suas veias, e corria por cinco fontes a salvação, de toda a milicia romana se converteu só o centurio, que disse : *Vere Filius Dei erat iste*. (Matth. XXVII — 54) Era capitão de uma companhia de cem soldados, que isso quer dizer, *centurio* ; mas de cem soldados nem um só se converteu em tal dia. E honrou o mesmo Christo tão admiravelmente, e quasi incrivelmente, a morte de Catharina, que no dia em que ella morreu, não só se converteu por seu meio Porfirio, capitão de duas centurias ; mas sendo duzentos os seus soldados, todos receberam concordemente a doutrina da nossa fé, todos com o mesmo valor se sujeitaram ao martyrio, sem vacillar nos tormentos, todos deixaram escripto com o proprio sangue o testemunho infallivel da sua victoria, todos, enfim, sem faltar um só, se salvaram.

X.

Esta foi a famosa historia, parte natural e humana, parte sobrenatural e divina, que sobre o *ne forte* do evangelho nos motivou a roda de Santa Catharina. Só nos resta saber qual foi a mesma roda, e que volta deu. Attonito e raivoso Maximino das victorias de Catharina, para se vingar e as vingar nella, determinou inventar um novo genero de martyrio e tormento, em que excedesse os de Nero e Diocleciano, e os de todos os tyrannos seus successores. Mandou pois fabricar a machina de uma roda, armada por toda a circumferencia de dentes, ou pontas de ferro agudas, em fórma de navalhas, as quaes, movendo-se no mesmo tempo, executassem em qualquer volta o que os braços de muitos algozes não podiam. As primeiras voltas feririam com innumeraveis golpes o corpo da santa : as que se seguissem, de-

pois que não houvesse nella parte sã, feririam as feridas, como falla S. Cypriano: e as ultimas, quando não restassem já mais que os ossos, os cortariam e desfariam de sorte, que de todo aquelle formoso composto, mais de alabastro, que de carne, nem ficasse a similhança.

Ó cogueira humana, grande em todos os homens, e nos tyrannos e perseguidores dos bons, maior e mais rematada, pois não tem olhos para ver, que onde machinam a ruina alheia, fabricam a sua! Antigamente havia uma invenção, ou artificio de arcos, cujas setas depois de despedidas, como se tivessem uso de razão, as suas pennas voltavam com dobrada força as pontas, e feriam a quem as atirava. Assim o suppõe David, chamando a este instrumento, *arco pravo*: *Conversi sunt in arcum pravum*. (Psal. LXXVII — 57) E assim contesta com elle Oseas, chamando-lhe *arco doloso*: *Facti sunt quasi arcus dolosus*. (Ose. VII — 46) Eu não intendo a arte com que isto podia ser, posto que nas historias ecclesiasticas se leiam muitos milagres semelhantes: mas tenho para mim, que é justa providencia do governo divino, que as traições e maldades sejam traidoras a seus proprios auctores, e voltando retrogradamente vão buscar a cabeça que as machinou, e lhe deem a devida paga. O mesmo propheta rei, tão exercitado em todo o genero de armas, o disse: *Convertetur dolor ejus in caput ejus et in verticem ipsius iniquitas ejus descendet*. (Psal. VII — 17) Todos sabemos que a machina da roda de S. Catharina, com impulso superior, e movimento contrario, desarmou sobre seus inimigos. E se quando a santa estava posta em uma roda, Maximino, tivesse olhos para ver que estava em outra, pôde ser que se não atrevesse á santa. Estava Catharina na roda do seu tyranno, que era o imperador: estava o imperador na roda da sua tyranna, que era a fortuna; e quando cuidou que a da santa lhe espedaçasse o corpo, a sua lhe espedaçou o imperio.

E esta uma observação, que me admiro não fizessem aqui os historiadores na combinação dos tempos. Eu a farei (para que acabemos com a roda da fortuna, como começámos, e é, que no mesmo anno fei martyrisada santa Catharina, no mesmo anno

entrou a imperar Maximino, e no mesmo anno começou a fatal declinação e ruina do imperio romano. Imperando Galerio Maximiano em Roma, e conhecendo por muitas experiencias que uma monarchia tão vasta não podia ser bem governada por um só homem (o que já tinha antevisto o mesmo Julio Cesar, seu fundador, quando lhe definiu certos limites), determinou dividil-a em duas partes e duas cabeças, como com effeito a dividiu em dois imperadores e dois imperios; um chamado occidental, de que continuou a ser cabeça Roma; outro chamado oriental, de que começou a ser cabeça Constantinopla: e foram os dois novos imperadores, do occidente Severo, e do oriente Maximino, ambos tyrannos, mas com os nomes trocados; porque Maximino não só foi severo, senão o extremo da severidade e da sevicia.

Por esta occasião a aguia, insignia das bandeiras romanas, que até então tinha uma só cabeça, começou a apparecer com duas, como hoje a vemos, posto que é mais facil copiar o pintado, que restaurar o verdadeiro. E como a divisão em todas as comunidades de homens e de coroas é indício fatal de declinação e ruina, assim o foi no imperio e aguia romana a divisão daquellas duas cabeças. Já o propheta Daniel o tinha mostrado na mesma divisão, não das cabeças da aguia, senão dos pés da estatua. Na estatua de Nabucodonosor, formada das quatro monarchias, ou imperios, que successivamente haviam de florescer no mundo; a cabeça de oiro significava o imperio dos assyrios; o peito de prata, o imperio dos persas; o ventre de bronze, o imperio dos gregos; e o resto de ferro até os pés, o imperio dos romanos. E porque bastou que tocassem os mesmos pés uma pedra arrancada do monte sem mãos, para que caisse toda a estatua, e o mesmo imperio romano, e as outras monarchias, que nelle por successão se continuavam, ficassem convertidas em pó? Porque naquelles dois pés, divididos entre si, e cada pé dividido em cinco dedos, e cada dedo dividido em ferro e barro, teve o seu ultimo complemento a divisão do imperio romano. E assim como nas duas cabeças da aguia, em que começou a divisão do mesmo imperio, começou a sua declinação; assim na divisão

dos dois pés da estatua, em que teve o ultimo complemento a sua divisão, teve tambem o ultimo fim a sua ruina. De sorte (reduzindo a conclusão aos termos da nossa metaphora) que a roda da fortuna do imperio romano, na divisão das duas cabeças da aguia começou a voltar, e na divisão dos dois pés da estatua acabou a volta.

Agora havemos de ouvir a Plutarcho, famoso philosopho grego, que não é dos que convenceu santa Catharina, porque floresceu muito antes; mas eu o quero convencer a elle, digno de se ouvir neste caso. Excitando Plutarcho, e disputando uma questão sobre a fortuna do imperio romano, diz assim: *Fortuna Persis et assyriis desertis, cum leviter pervolasset Macedoniam et celeriter abjecisset Alexandrum, ægyptiosque, deinde et Syriam peragrando regna extulisset et sæpè conversa carthaginenses tulisset, postquam transmissio Tiberi ad palatium appropinquavit, alas deposuit, talaria exuit, ac infideli et versatili globo misso, Romam intravit mansura*: Quer dizer: A fortuna, depois de deixar os persas e assyrios, depois de voar levemente pela Macedonia, e rejeitar Alexandre, e os que no Egypto lhe succederam, depois de andar pela Syria levantando e desfazendo reinos, e se deter, já prospera, já adversa, com os carthaginezes, passando finalmente o Tibre, chegou ao capitolio romano, e alli arrancou dos hombros as azas maiores, e descalçou dos pés as menores, alli se despojou e desarmou do globo, ou roda variavel e inconstante, e alli, isto é, em Roma, fez o seu perpetuo assento, para nella perseverar, e morar sempre firme, e sem mudança. Isto é o que disse Plutarcho, e isto o que criam os imperadores romanos, os quaes sobre esta fé fundaram de oiro uma estatua da sua fortuna e a collocaram no mesmo aposento onde elles dormiam, como que podessem dormir seguros, pois a fortuna lhes guardava o somno: e quando algum imperador morria, passava e era levada a mesma estatua ao successor, mostrando a vaidade e superstição dos que chegavam a alcançar a coroa romana, que podiam testar da fortuna, como de patrimonio hereditario e proprio. Estava isto escripto nos seus Annaes, como oraculo dos deuses: isto celebravam os seus poetas, os bucolicos com frau-

tas pastoris á sombra das faias; os heroicos com trombetas marciaes em assombro das outras nações: e assim o cantou com elegante mentira o maior de todos, quando disse:

*His ego nec metas rerum, nec tempora pono,
Imperium sine fine dedi.*

Agora podéra eu perguntar aos imperadores romanos, ou dormindo, ou acordados, onde está aquella sua fortuna de oiro, ou o oiro daquella fortuna? Foi volta da mesma fortuna, verdadeiramente lastimosa. Quando Alarico sitiou a Roma, viram-se os romanos tão apertados, que houveram de remir a dinheiro o levantar-se o sitio, e então entre o oiro e prata das outras estatuas dos seus deuses, foi tambem batido em moeda o oiro da sua fortuna. Assim dormiam seguros os que se fiavam da fé de uma traidora, e da vigilancia de uma cega.

Mas eu só quero confundir e envergonhar a Plutarcho com as palavras da sua mesma lisonja. Diz que depoz a fortuna ao pé do capitolio a roda. E quantas vezes a tornou a tomar, e lhe deu taes voltas na Italia, e dentro da mesma Roma, que metteu a que era cabeça do mundo debaixo dos pés de Attila e Totila, inundada de godos e hunos, de suevos e alanos, e de tantos outros barbaros? Diz do mesmo modo, que tambem depoz alli a fortuna as azas. E quantas vezes a tornou a tomar, e vppou ás Germanias, ás Gallias, e ás Hespanhas, que Roma imaginava pacificamente sujeitas com os presidios das suas legiões, contra as quaes porém se levantaram então aquellas mesmas nações, como tão activas e bellicosas, não só restituindo-se cada uma ao que era seu, mas cortando ás aguias romanas as unhas com que th'o tinham roubado? Diz mais, que em Roma fez a fortuna o seu assento, para nella morar perpetuamente. E se no interior da mesma Roma recorreremos ás coisas de maior duração, quaes são os marmores; quantos annos, e quantos seculos ha, que dos mesmos marmores levantados em obeliscos e arcos triumphaes, se vêem só as miseraveis ruinas, ou meio sepultadas já, ou cobertas de hera? Finalmente aquelle imperio sem fim, a

que a fortuna não poz metas ou limites alguns, nem á grandeza, nem ao tempo; diga-nos a mesma fortuna onde está, e onde o tem escondido? Busque-se em todo o mundo o imperio romano, e não se achará delle mais que o nome, e este não em Roma, senão muito longe della.

Acabaram-se as guerras, e victorias romanas, não só fechados, mas quebrados para sempre os ferrolhos das portas de Jano: acabaram-se os capitolios: acabaram-se os consulados: acabaram-se as dictaduras: acabaram-se para os generaes as ovações e os triumphos: acabaram-se para os capitães famosos as estatuas e inscripções: acabaram-se para os soldados as coroas civicas, muraes e rostratas: acabaram-se emfim com o imperio os mesmos imperadores, e só vivem e reinam, ao revez da roda da fortuna, os que elles quizeram acabar. Acabou Nero; e vivem e reinam Pedro e Paulo: acabou Trajano; e vive e reina Clemente: acabou Marco Aurelio; e vive e reina Polycarpo: acabou Vespasiano; e vive e reina Apollinar: acabou Valeriano; e vive e reina Lourenço: acabou emfim Maximino; e vive e reina Catharina: elle, e os outros imperadores, porque se fiaram falsamente do imperio sem fim: *Imperium sine fine dedi*: e ella com os seus, e com os outros martyres, porque reinam e hão de reinar por toda a eternidade com Christo, no reino que verdadeiramente não ha de ter fim: *Cujus regni non erit finis*.

XI.

Bem acabava aqui o sermão, se nos não faltára uma circumstancia tão essenecial de todo o assumpto, como é a acção de graças. Não posso deixar de dizer sobre este ponto uma palavra, e será só uma, para emenda da brevidade mal observada, que prometti ao principio. Mas qual parte, ou qual pessoa da nossa historia nos dará este documento? Para maior exemplo do agradecimento, e maior horror da ingratitude, não quero que seja santa Catharina, nem os philosophos, ou soldados convertidos, nem a mesma imperatriz, senão de quem menos se podia esperar, o imperador Maximino. Já vimos como o primeiro motivo

desta gloriosa tragedia foi o bando e edicto de Maximino, em que, sob pena da vida, mandou que todos os subditos do seu imperio, pelos beneficios com que os deuses o tinham favorecido e prosperado, lhes viessem dar graças e offerecer sacrificios. E que diremos de tal edicto? Em quanto impio, cruel e sacrilego, foi de tyranno, gentio, barbaro, e idolatra; mas em quanto reconhecido a uma mão superior, e divina, de quem confessava haver recebido os beneficios, foi de homem racional, prudente e religioso, posto que enganado.

E seria bem que na occasião da victoria presente se contenassem a nossa fé com as demonstrações e applausos exteriores, sem dar muito de coração as devidas graças áquella soberana Magestade, que, sendo Senhor de todas as coisas, tomou por nome particular o de Senhor dos exercitos? *Dominus exercituum*: Ó quanto importa em semelhantes casos o sermos agradecidos a Deus, e quanto se póde arriscar, se lhe formos ingratos! Quando os filhos de Israel de outra parte do mar Vermelho nos despojos do exercito de Pharaó, que o mesmo mar lançava á ribeira, reconheceram a sua victoria, e a segurança da sua liberdade; o que fez Moysés com todos os homens, e Maria, irmã do mesmo Moysés, com todas as mulheres, foi, repartidos em dois coros, cantar publicamente a Deus os louvores de tamanha victoria, e dar-lhe as devidas graças e glorias, como unico auctor della. Ditosos elles, se assim perseveraram agradecidos! Mas indignos e inimigos da sua propria felicidade (porque pouco depois trocaram o verdadeiro agradecimento na mais impia, mais barbara, e mais cega ingratidão), do mesmo oiro de que tinham despojado o Egypto, fundiram o idolo fatal do bezerro, e esquecidos do que pouco antes tinham visto e confessado, com novas festas e musicas roubaram outra vez a Deus as graças e louvores que lhe tinham dado, atrevendo-se a dizer e apregoar sem nenhum pejo: *Hi sunt dii tui, qui te eduxerunt de terra Egypti*: (Exod. XXXII — 4) Estes são os deuses que te deram a victoria, e te libertaram do poder dos egypcios. E quantos hoje em Portugal (para que nos espantemos mais de nós) estão dando as graças desta victoria cada um ao seu idolo? Uns á sua sciencia militar, outros

à sua disposição, outros ao seu conselho, outros ao seu valor, outros aos seus soccorros, e confirmando todos isto com certidões, que, ainda que por uma parte não sejam falsas, por outra são blasphemias, pois é verdadeira blasphemia tirar a Deus o que é de Deus? Dizia Job que pelas merces recebidas de Deus não se beijava a mão a si mesmo: *Si osculatus sum manum meam*. (Job. XXXI — 27) E quem beija as suas mãos, posto que tivessem muita parte na victoria, saiba que as mãos assim beijadas perdem, quando menos, o fructo della, como o perderam os filhos de Israel. Depois daquella victoria podiam chegar em poucos dias á terra da promissão, e porque a não attribuiram a Deus, cuja era, de seiscentos mil que saíram do Egypto, só dois, que foram Josué e Caleb, conseguiram o fim da jornada; e todos os outros em espaço de quarenta annos ficaram sepultados no deserto. Se formos agradecidos a Deus, por esta victoria nos dará outras victorias, e por esta graça outras graças: *Gratiam pro gratia*. E se pelo contrario formos ingratos, não só perderemos a merce recebida, mas ella, como diz S. Bernardo, nos perderá a nós: *Studete potius gloriam vestram referre ad illum, à quo est, si non vultis eam perdere, aut certè perdi ab ea*. (D. Bern. epist. 107)

SERMÃO

NA

SEGUNDA FEIRA

DEPOIS

DA SEGUNDA DOMINGA DA QUARESMA.

**Prégado em Torres Vedras, andando o auctor em
missão, no anno de 1652.**

*Ego vago, et quæretis me, et in peccato vestro
moriemini. — Joan. VIII.*

I.

Entre as famosas e escuras visões do Apocalypse é notavel a de uma aguia, a qual, diz o texto, que voando pelo meio do ceu, repetiu tres vezes a grandes vozes esta, não sei se diga pequena, se grande palavra *Væ*: *Et vidi, et audiui vocem unius aquilæ volantis per medium cæli, dicentis voce magna: Væ, væ, væ.* (Apoc. VIII — 13) *Væ* quer dizer ai; e repetir a aguia tres vezes, *væ, væ, væ*, foi dizer outras tantas vezes, *ai, ai, ai*. Mas se a aguia voava pelo meio do ceu, *volantis per medium cæli*, e no ceu não pôde haver dor, nem tristeza, que *ais* são estes, que se

ouvem no ceu? A mesma aguia declarou, que a causa dos ais não estava no ceu, senão na terra: *Væ, væ, væ habitantibus in terra: Ai, ai, ai sobre os habitadores da terra.* De sorte que os males que davam motivo aos ais, ou fossem males padecidos, ou ameaçados, não pertenciam aos moradores do ceu, senão aos da terra. Esta declaração, porém, não tira a duvida; porque os ais são signal de dor e tristeza, e no céu, como se diz no mesmo Apocalypse, não pôde haver tristeza, nem dor: *Neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra, quia prima abierunt.* (Apoc. XXI — 4) Que ais eram logo estes, e tão repetidos no céu? Responde litteralmente Aretas, que os ais não eram de propria e verdadeira dor, ou tristeza, de que não é capaz a gloria, mas de compaixão e piedade, condoendo-se os bemaventurados, quanto lhes é possível, e lamentando as desgraças e miserias, a que estamos sujeitos os homens, em quanto vivemos neste mundo: *Tripliciter væ propter caelestium erga nos condolentiam: propter quam etiam potissimum væ ipsis triplicatur, ad signandam lamentationem maximam, quam nostri gratia suscipiunt, tanquam ob suos conservos, adeoque contigit, ut illi affluentia tristitia afficiantur.* Atéqui Aretas, que escreveu ha novecentos annos, um dos mais doutos e graves commentadores do Apocalypse, cujas palavras ainda são mais apertadas e encarecidas, do que eu referi no sentido dellas.

E porque o juizo que os bemaventurados fazem das que nós chamamos desgraças e miserias é muito differente do nosso; com muita razão se me pôde perguntar, que desgraça e miseria humana será principalmente aquella que obrigue aos bemaventurados na segurança do ceu a se condoer tanto de nós, e lamentar com tão repetidos ais o perigo dos que vivemos na terra? Confiadamente respondo, que não é, nem pôde ser outra, senão o descuido contínuo da salvação, com que vivem os peccadores, e a impenitencia final com que acabam a vida e morrem em seu peccado. Provo. É verdade de fô, affirmada por boca do mesmo Christo, que quando um peccador se converte, com verdadeira penitencia de seus peccados, se fazem maiores festas no ceu, do que lá se festeja e celebra a innocencia de

noventa e nove justos, que não teem necessidade de penitencia : *Gaudium erit in cælo super uno peccatore pœnitentiam agente, quam super nonaginta novem justis, qui non indigent pœnitentia.* (Luc. XV — 7) Logo se a penitencia de um peccador verdadeiramente arrependido se celebra no ceu com tantas demonstrações de festa e alegria ; que outro motivo igual pôde haver que cause lamentações, e tão repetidos ais no mesmo ceu senão a vida habitualmente depravada dos peccadores, e a impenitencia ultima e final com que, morrendo como vivem, se perdem para sempre, e se condemnam ? Assim se deve crêr, e assim o torno a affirmar : nem quero outra maior, ou melhor confirmação do que digo, que a auctoridade do mesmo S. João, nem outras palavras suas, senão as que tomei por thema : *Ego vado, et quæretis me, et in peccato vestro moriemini.* (Joan. VIII — 21)

Perguntam os expositores do Apocalypse, quem era, ou significava aquella aguia, que bradava a grandes vozes, *væ, væ, væ* ? E resolvem Lyrano, Aurelio, e outros, que era o mesmo S. João, ao qual entre os quatro evangelistas representados nos quatro animaes do carro de Ezechiel, pertence a aguia. De maneira, que o mesmo S. João era a aguia que viu, e a aguia que foi vista no Apocalypse. E se aquella aguia disse, *væ, væ, væ* ; segue-se que o mesmo S. João, que a viu e ouviu, disse tambem o que ella disse. Mas quando ? Verdadeiramente, que não pôdo haver correspondencia, nem mais igual, nem mais propria. S. João primeiro escreveu o Apocalypse, e depois o evangelho. E assim como no capitulo oitavo do seu Apocalypse viu a aguia, e ouviu o que dizia, assim hoje no capitulo tambem oitavo do seu evangelho disse o que ouviu, para que nós o oiçamos. Lá fallou a aguia com tres ais : *væ, væ, væ* ; e cá explica S. João aquelles tres ais com outros tres, que são as tres clausulas do nosso thema : *Ego vado*, o primeiro ai ; *et quæretis me*, o segundo ; *et in peccato vestro moriemini*, o terceiro. As palavras que disse a aguia do Apocalypse não foram suas, senão de Deus, o qual lh'as poz na boca, para que com sobrenatural instincto as dearticulasse : e do mesmo modo estas palavras, que refere S. João no evange-

lho, não são suas, senão de Christo, o qual as tinha denunciado em Jerusalem, antes que elle as escrevesse. Não queriam aquellos homens obstinados crer que era Filho de Deus, e o verdadeiro e esperado redemptor de Israel: e como a todos os argumentos de sua divindade cerrassem os ouvidos, e a todas as evidencias de sua omnipotencia os olhos; já que assim é, conclue o Senhor, eu me irei deste mundo, e vos deixarei; mas virá tempo em que me busqueis, e não me acheis, e todos morrereis em vosso peccado: *Ego vado, et quæretis me, et in peccato vestro moriemini.*

Esta sentença prophetica se cumpriu pontualmente nos judeus, e se vae cumprindo ainda nos que obstinados e impenitentes vivem e morrem na mesma cegueira. Mas porque não basta só a fé a impedir a mesma desgraça, e que se não estenda a muitos christãos; para que estes oiçam, conheçam, e temam a tempo o seu perigo, ajuntaremos aos tres ais de S. João as tres partes da sentença de Christo, que elle refere, e verá cada um claramente, se caem ou podem cair estes ais sobre a sua vida e morte. *Væ*, ai de vós aquelles que sordes deixados de Deus: *Ego vado!* *Væ*, ai de vós aquelles que o haveis de buscar debalde, *et quæretis me!* *Væ*, ai de vós aquelles que morreredes no vosso peccado, *et in peccato vestro moriemini!* Da temerosa consideração destes tres ais se comporão os tres pontos do nosso discurso, bastante cada um delles a fazer tremer o mundo, a quebrar as pedras, e derreter os bronzes. Mas porque sem a graça de Deus, ainda ha corações mais duros; peçamol-a ao Espirito Santo, por intercessão da cheia de graça: *Ave Maria.*

II.

Ao primeiro *væ* da aguiá, e ao primeiro ai de S. João, responde a primeira clausula da sentença de Christo, em que diz o mesmo Senhor, que ha de deixar aquelle ingrato e obstinado povo, com quem fallava, e se ha de ir: *Ego vado.* Ó que terrivel ameaça! Ó que lastimosa despedida! Agora se cumpriu o que o mesmo Christo, em quanto Deus, por boca de Oseas tinha

prophetisado ao mesmo povo, e com o mesmo ai: *Vae eis, cum recessero ab eis*. (Ose. IX — 12) Ai delles, quando eu me apartar delles! Só quem podesse comprehender aquelle *ego*, entenderia bastantemente o que encerra em si este *vae*. O *vae* é o *eu* trocado, e assim como o *eu* significa o summo bem, assim o *vae* é uma summa abbreviada de todos os males. Nem comvosco ha mal que para mim seja mal, nem sem vós pôde haver bem, que para mim seja bem, dizia a Deus S. Agostinho. Se Deus, que me deu o ser, e de quem depende quanto sou, quanto posso, e quanto tenho, se apartar de mim, que ha de ser de mim? Quem não penetra o fundo desta verdade, nem tem fé, nem intendimento. Vêde que bem a intendeu David, e tambem seus inimigos.

Considerando-se David nos ultimos annos da velhice, compoz o psalmo setenta, em que fez esta oração a Deus: *Ne projicias me in tempore senectutis: cum defecerit virtus mea, ne derelinquas me. Quia dixerunt inimici mei mihi, et qui custodiebant animam meam, consilium fecerunt in unum, dicentes: Deus dereliquit eum, persequimini, et comprehendite eum, quia non est qui eripiat. Deus, ne elongeris à me.* (Psal. LXX — 9, 10, 11 e 12) Peço-vos, Senhor, que no tempo da velhice, quando me faltarem as forças, não me lanceis de vós, nem me deixeis. Porque meus inimigos se uniram, e fizeram conselho contra mim, no qual disseram: Deus deixou a David, agora é tempo de o perseguirmos e lhe tirarmos a vida; porque não tem quem o livre, nem defenda: pelo que vos peço, Senhor, que não vos aparteis de mim. Duas grandes ponderações se encerram nestas palavras. A primeira, o fundamento que tomam os inimigos de David no seu conselho, para o destruirer a seu salvo: a segunda, o soccorro que David pede a Deus, para se defender e prevalecer contra elles. O fundamento do conselho dos inimigos é que Deus deixou a David: *Deus dereliquit eum*; e o soccorro que David pede a Deus, é que o não deixe, nem se aparte delle: *Ne elongeris à me*. De sorte que em Deus se apartar ou não apartar de David, assim no seu juizo, como no de seus inimigos, consistia, ou a sua vida, ou a sua morte; ou a sua destruição, ou a sua felicidade; ou todo seu bem, ou todo seu mal. Bem pudéra o

conselho dos inimigos de David discorrer, e dizer prudentemente: Agora é a occasião de prevalecermos contra elle, porque aquelle valor e brio, com que vencía e matava os gigantes, carregado com o pezo dos annos, e cansado com os trabalhos da vida, já está enfranquecido e frio: agora é a occasião, porque pretendendo por uma parte Adonias, e por outra Salomão, succeder-lhe na corôa, não só está dividido o reino, mas vacillante a fé dos vassallos entre duas parcialidades: agora é a occasião, porque estando criminoso Joab pelas duas mortes de Abner e Amaza, e tendo o governo das armas, antes se quererá defender com ellas, que expor-se desarmado ao castigo. Mas nem destas nem de nenhuma outra consideração politica fizeram caso, e toda a resolução do seu conselho se fundou em Deus ter deixado a David como suppunham: *Deus dereliquit eum et non est qui eripiat*: e do mesmo modo David nem pediu a Deus a fidelidade dos vassallos, nem a concordia das parcialidades, nem o acerto da successão, nem a obediencia do general e sujeição do exercito, senão, uma e outra vez, que Deus o não deixasse, nem se apartasse d'elle: *Ne derelinquas me, ne elongeris à me*; porque se Deus o não deixasse nem se apartasse d'elle, em qualquer estado e perigo das coisas humanas estava seguro: e, pelo contrario, deixado e apartado de Deus, nem todo o mundo, ainda que o tivesse por si, o poderia defender nem livrar: *Non est qui eripiat*.

E se queremos ver a verdade deste discurso de David e seus inimigos reduzida á pratica, e canonisada na experiencia, ponhamos diante dos olhos a famosissima historia de Samsão na primeira e segunda parte de sua vida, ou em quanto conservou inteiros os seus cabellos, ou depois que os teve cortados. É caso que parece fabuloso se não fora da escriptura sagrada. Em quanto conservou os cabellos, era tão valente Samsão, que com as mãos nuas mettidas dentro das boccas dos leões, lhes partia os queixos e os lançava mortos aos pés: era tão valente, que cerrando as portas da cidade de Gaza os philisteus para o prenderem dentro, elle tambem, sem outro instrumento que as mãos, quebrou os ferrolhos, e tomando as mesmas portas aos hombros, lh'as foi pôr sobre um monte á vista: era tão valente, que cercado de um

grande exercito dos mesmos philisteus, com a queixada que alli achou de um jumento, matou não menos que mil delles : era tão valente, que dormindo, e atado com sete cordas, uma vez de linho nunca usadas, outra vez de nervos crús, outra cravadas fortemente na terra, só com o movimento de espertar rompeu tão facilmente aquellas ataduras, que poderam ter mão em sete elephantes, como sé foram teas de aranha. Póde haver maior maravilha, maior assombro, maior prodigio de forças? Nem se póde imaginar maior, nem jámais o houve semelhante. Assim era aquelle só homem o terror e o medo universal das cidades e dos exercitos da mais forte e bellicosa nação daquelle tempo. Voltemos agora a folha á mesma historia, e veremos outro assombro maior. Vedes levar preso e maniatado um miseravel homem, com o resto derribado para a terra, e com a cabeça escavada e sem cabello? Pois aquelle é o mesmo Samsão : porque uma mulher o entregou a seus inimigos, e elle o seu segredo a uma mulher. Lá o levam a um carcere, cujas cadeas elle não póde quebrar, e cujas portas não póde abrir : lá lhe arrancam ambos os olhos, com que de novo lhe atam as mãos, que já não temiam : de lá o tiram para moer em uma atafona como jumento, ou esquecidos, ou lembrados da queixada do outro : e para maior escarneo e affronta do que tantas vezes os affrontou, nos dias de festa publica o mandavam bailar nos seus banquetes : e aquelle mesmo Samsão, ao som de cujo nome emudeciam as trombetas dos exercitos dos philisteus, agora baila adiante delles ao som das suas guitarras!

Ó mudança estupenda e inaudita! E mais estupenda ainda pela causa, que pelo effeito! Em Samsão não houve outra mudança, que conservar ou não conservar os cabellos. E é possível, que só porque perdeu os cabellos, perdesse o valor, as forças e a virtude com que obrava tantas maravilhas? E que a fama e gloria que com ellas tinha ganhado, se convertesse em tal extremo de miseria e infamia? Sim, e não; porque debaixo desta causa exterior, que se via, havia outra principal e occulta, que era haver-se Deus apartado e deixado a Samsão. O mesmo texto sagrado o diz expressamente. Depois que Dalila lhe tinha cortado os cabellos, sem o mesmo Samsão o sentir, porque estava dormindo, ao

brado de que os philisteus vinham sobre elle, esportou sem nenhum temor, cuidando que se livraria das suas mãos tão facilmente como as outras vezes; mas não sabia, diz o texto, que Deus se tinha apartado d'elle: *Nesciens quòd recessisset ab eo Dominus.* (Judic. XVI — 20) Estae agora no caso e na verdadeira causa daquella tão notavel mudança. Samsão era de religião e profissão nazareno, cujo instituto principalmente consistia em conservar e nunca cortar os cabellos. Assim o declarou elle a Dalila quando lhe descobriu o segredo: *Ferrum nunquam ascendit super caput meum, quia nazaræus, idest, consecratus Deo sum ab utero matris meæ.* (Ibid. — 17) E como naquella cerimonia e protestaço exterior consistia a observancia do seu instituto, em quanto conservou os cabellos, assistiu-o Deus; tanto que se sujeitou a que lh'os cortassem, apartou-se d'elle. De sorte que a fortaleza dos braços de Samsão, e as maravilhas que com ella obrava, não era virtude natural que os seus cabellos tivessem, mas concurso e influxo particular de Deus, com que pela observancia da sua profissõ sobrenaturalmente o assistia. Assistido Samsão de Deus, era o terror de seus inimigos, a fama, o assombro e o milagre da valentia: e, pelo contrario, deixado de Deus, era o ludibrio e escarneo dos mesmos inimigos, e não só o exemplo mais raro da mudança, mas o despojo mais vil da fraqueza, do desprezo e da miseria. Assim levanta Deus a quem assiste, assim fica quem elle deixa, e assim ficou o ingrato e infeliz povo, a quem hoje disse que havia de deixar: *Ego vado.*

III.

Com muita razão (quando não houvera outra) deixou Christo aquelles que sendo seus, como diz S. João, o não receberam: *In propria venit et sui eum non receperunt.* (Joan. I — 11) E se perguntarmos quando se cumpriu a palavra *ego vado*, e quando teve seu effeito esta partida e despedida do Senhor, deixando não as pedras de Jerusalem, senão os seus habitantes mais duros que ellas, segundo a historia de Josepho se pôde reduzir ao tempo do cerco e destruição da mesma cidade por Tito e Ves-

*

passiano; porque então se ouviu claramente sair do templo uma voz que dizia: *Migremus hic, ramos-nos* daqui: para que constasse aos de dentro e aos de fóra, que Deus deixava e desamparava aquella casa, que em todo o mundo era conhecida por sua. Assim disse fingida, mas racionalmente o poeta, que antes de se abrasar Troja, a deixaram e se saíram della os deuses tutelares da mesma cidade: *Excessere adytis omnes, arisque; relictis, Dii, quibus imperium hoc steterat.*

Mas o certo é que o tempo em que Deus deixou aquelle ingratisimo povo, foi o mesmo em que elles o puzeram em uma cruz, e o mesmo Senhor que da sua carne, e do seu sangue tinha tomado o corpo mortal, deu a vida tambem por elles. Ouvi e oiçam os mesmos a clareza com que o tinha prophetizado o seu propheta Jeremias: *Reliqui domum meam: dimisi hereditatem meam: dedi dilectam animam meam in manu inimicorum ejus.* (Jerem. XII — 7) Jerusalem e Judéa era a que antigamente se chamava a casa e a herdade de Deus: e diz agora o mesmo Deus, que não só deixou a sua casa, e renunciou e abriu mão de sua herdade, senão que a sua propria vida entregou nas mãos de seus inimigos; porque tudo succedeu juntamente e no mesmo dia. No dia em que Deus se entregou nas mãos de seus inimigos, e morreu pregado por elles em uma cruz, nesse mesmo dia deixaram de ser casa sua e herdade sua, porque nesse mesmo dia os deixou e os lançou de si. E para que se veja o extremo de dôr com que Christo na mesma cruz, e no mesmo dia sentiu ver deixado por Deus, e lançado de sua protecção um povo a que tanto amava, e pelo qual tanto tinha padecido, ponderemos umas palavras do mesmo Senhor ditas naquella occasião, variamente interpretadas, e no sentido que quero dizer, propria e verdadeiramente intendidas.

A quarta palavra de Christo na cruz foi: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* (Matth. XXVII — 46) Deus meu, Deus meu, porque me deixastes? E como deixou Deus, ou pôde deixar a Christo? Quanto á divindade, não; porque a união da pessoa divina com a natureza humana é indissolúvel e eterna: quanto á graça, tambem não; porque a mesma graça e gloria

que recebeu na encarnação, e tem hoje no céu, teve e conservou na cruz. Nem se diz coherentemente que foi Christo deixado de Deus, porque o não livrou das dores e affrontas daquelle tormentoso supplicio; porque elle as aceitou e se offereceu a ellas voluntariamente: *Oblatus est, quia ipse voluit.* (Isai. LIII — 7) E se quizera que o Padre o livrara e defendêra de todo o poder de seus inimigos, bastando para isso um anjo, lhe daria mais de doze legiões, como disse o mesmo Senhor a S. Pedro: *An putas, quia non possum rogare Patrem et exhibebit mihi plusquam duodecim legiones angelorum?* (Matth. XXVI — 53) Pois se Christo não foi deixado de Deus, nem pela desunião da divindade, nem pela subtracção da graça, nem pela negação do auxilio e soccorro exterior, e muito menos pelo interior da virtude, da constancia, e da paciência, porque se lamenta o animosissimo e fortissimo Redemptor de Deus o ter deixado, *Ut quid dereliquisti me?* A razão foi, porque estas palavras disse-as Christo quasi á hora nona, em que espirou, como nota S. Matheus: *Et circa horam nonam clamavit Jesus voce magna dicens: Deus meus, ut quid dereliquisti me?* (Ibid. XXVII — 46) E naquella mesma hora deixou Deus, repudiou e lançou de si a nação hebreia, e passou a sua fé, o seu culto, e a sua igreja do povo judaico para o gentílico. Assim o significou na mesma hora o véo do templo, que cobria o sancta sanctorum, rasgando-se: e assim o ensinam S. Jeronymo, S. Ambrosio, Origenes, Theophilato, Euthimio, e o confirma com auctoridade pontificia S. Leão Papa. *Per veli scissionem repudiatos vos, ó judæi, debuistis agnoscere et omne jus sacerdotii perdidisse. Adeo tunc a lege ad evangelium, a synagoga ad ecclesiam, a multis sacrificiis ad unam hostiam, quæ Deus est, ejusdem est facta translatio.*

E porque Christo era da nação hebreia, e Deus naquella hora deixava e lançava de si a mesma nação, por isso na mesma hora se lamentou que Deus o deixava a elle. Quando Saulo perseguia a igreja, não lhe disse Christo: *Saule, Saule, quid me persequeris?* (Act. IX — 4) Pois assim como Saulo perseguia a Christo, porque perseguia o seu corpo mystico, que é a igreja; assim Deus deixava a Christo, porqu e deixava aquelle corpo na-

tural e politico, de que elle tomára a carne e sangue, que era a nação hebreia, *Ut quid dereliquisti me? Idest, meum genus meum populum judæorum qui secundum carnem mihi cognati sunt*, disse com singular pensamento Theophilato. E porque esta razão, que eu tenho pela mais propria, natural e genuina do texto, não fique só no testemunho de um auctor, posto que tão qualificado, eu a confirmo com outros dois, e da maior auctoridade de toda a igreja. Os evangelistas que relataram este caso, foram S. Mattheus e S. Marcos, e ambos com outra singularidade maior escreveram as palavras de Christo na lingua que naquelle tempo era a vulgar dos hebreus, em que o Senhor as disse: *Eli, Eli, lama sabacthani*. * Leam-se todos os evangelistas, e todas as sentenças que elles referem de Christo, e nenhuma se achará escripta na lingua hebraica, senão esta, em que o Senhor se lamentava de Deus o ter deixado. Qual é logo o mysterio, por que só esta se escreveu naquella lingua, e não só por um dos evangelistas, senão por ambos os que referem o caso? Sem duvida para que intendessemos que Christo se queixou, ou manifestou aquelle seu sentimento, não em quanto representava na cruz a todo o genero humano, senão em quanto fazia as partes do povo judaico. Christo na cruz, como segundo Adão, e pagador das suas dividas, representava a todo o genero humano, o qual então se dividia somente em dois povos, o gentilico e o judaico. E como Deus então lançava de si o povo judaico, e passava a sua igreja ao gentilico, por isso com tão singular novidade quizeram declarar os evangelistas, que quando assim se queixou o Senhor, não fallava em nome de todo o genero humano, senão do povo judaico somente, como quem actualmente estava vertendo o sangue, que d'elle tinha tomado.

Ó que admiravelmente concorda com esta lamentação de Christo, em quanto homem, aquelle *væ* do mesmo Christo, em quanto Deus, por boca do propheta Amos, que no principio referimos: *Væ eis, cum recessero ab eis!* Onde a nossa vulgata diz, *ai d'elles, quando eu me apartar d'elles*; a versão hebraica tem,

ai delles, quando eu tomar a carne delles : Væ eis, cum caro mea ex eis. Assim trasladam os setenta, aos quaes seguem todos os padres, principalmente gregos. Pois porque Deus se havia de unir tanto com os hebreus, que havia de tomar carne delles, por isso diz, *ai delles*, e que se ha de apartar delles : *Væ eis, cum recessero ab eis?* Sim. Assim como foi a maior felicidade do genero humano fazer-se Deus homem, assim foi a maior desgraça dos hebreus fazer-se Deus homem da sua nação. Porque antes de Deus se fazer homem, muitas vezes quiz deixar e lançar de si aos hebreus pelas grandes occasiões que para isso lhe deram com as suas ingratidões, mas sempre lhes perdoou. Porém depois que se fez homem da sua nação, e elles foram tão proterva e obstinadamente impios, que tomando delles o corpo e sangue, o corpo o pregaram em uma cruz, e o sangue o derramaram, então se fizeram indignos de todo o perdão. Ouvi quão descoberta e sentidamente lh'o declarou o mesmo Senhor : *Jerusalem, Jerusalem, quæ occidis prophetas et lapidas eos, qui ad te missi sunt.* (Matth. XXIII — 37) Ah Jerusalem, Jerusalem, que matas e apedrejas os prophetas, por meio dos quaes te chamou Deus, e te quiz unir a si ! *Quoties volui congregare filios tuos, quemadmodum gallina congregat pullos suos sub alas, et noluisti?* E quantas vezes quiz eu fazer o mesmo, chamando os teus filhos, como a ave mais amorosa chama os seus para os abraçar comsigo, e os metter debaixo das azas, e tu não quizeste ? Mas pois tu me não quizeste a mim, tambem eu te deixarei a ti : *Ecce relinquetur vobis domus vestra deserta.* (Ibid. — 38) Porque depois deste dia me não verá mais Jerusalem, senão quando eu fizer nella a ultima entrada, que será tambem a ultima despedida : *Dico enim vobis, non me videbitis amodo, donec dicatis : Benedictus qui venit in nomine Domini.* (Ibid. 39) — Então o viram para nunca mais o verem, porque entrou em Jerusalem para morrer, e morreu para a deixar e se ir : *Ego vado.*

IV.

Miseravel foi Jerusalem, e, sobre toda a miseria, miseravel,

quando Deus a lançou de si, e a deixou. E acabou-se então aquella miseria? Não. Porque na mesma Jerusalem, que acabou, era significada a alma, que não acaba (à qual tantas vezes na sagrada escriptura se dá o mesmo nome de Jerusalem), e não é menor, nem menos lastimosa, mas digna de ser lamentada com maiores ais a miseria de qualquer alma, quando Deus se aparta della, e quando verdadeiramente se pôde chamar alma deixada de Deus. Que succede ao corpo quando delle se aparta a alma? Tem olhos e não vê: tem ouvidos e não ouve: tem lingua e não falla: tem pés e não anda: tem mãos e não obra: tem coração e não vive; e isto mesmo é o que acontece ao homem de quem se aparta Deus, que é a alma da nossa alma. Cego para não vêr o que lhe convém, surdo para não ouvir os dictames da verdade, mudo para não confessar seus peccados, ou só por cerimonia e sem emenda: paralytico e tolhido de mãos e pés para não fazer acção, nem dar passo que não seja para sua perdição. Perdido nos pensamentos, perdido nas palavras, perdido nas obras, e dentro e fóra de si, todo, e em tudo perdido. Considerae-me um homem sem uso de razão, e um christão sem lume de fé, e tal é o que Deus deixou e lançou de si. Cavallo no precipicio sem freio, navio na tempestade sem leme, enfermo na doença mortal sem medico. Em quanto a mão de Deus o deteve, não caiu: em quanto as suas inspirações o guiaram, não se afogou: em quanto os seus auxilios o soccorreram, não morreu; mas logo o vereis precipitado, afogado, e morto sem remedio, porque Deus abriu mão delle, e o deixou.

Ó quantos deixados de Deus enchem hoje o mundo; e quão cegos são elles, se não se vêem, e nós tambem, se os não conhecemos! Quem é aquelle poderoso, que, de dia e de noite, não cuida, nem imagina, senão como ha de fartar a cubiça, inventando novas traças de adquirir e roubar o alheio, sem escrupulo, nem pensamento de o restituir? E quem é aquelle prodigo no pedir, insensivel no dever, e insaciavel no gastar, sem conta, sem peso, sem medida, como se a culpa de não pagar, devendo, não fóra estar sempre roubando, e assim vive, porque assim ha de morrer? É um deixado de Deus. Quem é aquelle soberbo,

que por faltar sua ambição, reconhecendo em si a falta que tem de merecimento, não repara em derribar por meios columniosos e traidores os que quer fazer degraus para elle subir? E quem é aquelle, que com subornos, com adulações, com hypocrisias e enganos, apesar da natureza, da fortuna, da justiça e da opinião, chega a conseguir e ser o que ellas lhe negaram, e não teme que ha de pagar na outra vida o que nesta não hão de lograr seus descendentes? É um deixado de Deus. Quem é aquelle sensual que por faltar seu appetite, com tanta publicidade nos vícios como se foram virtudes, sem reverencia de Deus, nem respeito do mundo, nem pejo de si mesmo, nos annos mais que da mocidade desbaratou a fazenda, a saude, a honra e a vida? E quem é aquelle que não tendo jámais que os ossos que mandar á sepultura, pelos não descarnar de todo, ainda á vista da morte, os leva a queimar no mesmo cemiterio, e pôr dar aquelle lenha secça ao fogo, que se accende e apaga em um momento, não faz caso (como se não tivera fé) de ir arder para sempre no do inferno? É um deixado de Deus.

Estas são as tres estradas geraes por onde são deixados de Deus os que elle deixa; mas os modos porque em cada uma dellas são deixados, não teem conto. Uma das coisas que muito tenho notado em David, é a grande frequencia com que pede a Deus que o não deixe, e os muitos e varios modos com que repete e insta nesta mesma petição. No psalmo vinte e um e trinta e sete: *Deus meus, ne discesseris á me*: no psalmo vinte e seis: *Ne avertas faciem tuam a me, neque despicias me, ne declines a serco tuo*: no psalmo trinta e quatro: *Ne discedas á me*: no psalmo cincoenta: *Ne projicias me*: no psalmo setenta: *Ne alongeris a me*: no psalmo cento e dezoito: *Ne repellas me*: no psalmo vinte e seis, trinta e sete, setenta, cento e dezoito, e cento e trinta e nove, cinco vezes pelas mesmas palavras: *Ne derelinquas me, ne derelinquas me, ne derelinquas me, non me derelinquas, ne derelinquas me*. Pois se Deus por um peccado de David uma só vez o deixou, e depois o restituiu á sua graça com tanta certeza e firmeza; como pede tantas vezes, e por tantos modos a Deus que o não deixe? É certo que o propheta não multiplicaria

tantos modos de pedir, se Deus não tivesse muitos modos de deixar. Mas porque razão? Tão propria da sua misericordia, como da nossa miseria. A razão é, porque Deus não deixa ao homem, senão depois de o homem o deixar a elle: e porque nós temos tantos modos de deixar a Deus, também Deus tem muitos modos de nos deixar a nós. Assim o escreveu o mesmo Deus por lei expressa no capitulo trinta e um do Deuteronomio: *Ibi derelinquet me, et derelinquam eum*: (Deut. XXXI — 16 e 17) e assim o tirou por consequencia no segundo do Paralipomenon: *Quare dereliquistis Dominum, ut derelinqueret vos?* (2. Paralip. XXIV — 20) Porque deixastes a Deus, para que elle vos deixasse? De sorte que o deixar, e o ser deixado entre Deus e o homem é condição reciproca. Se Deus deixa ao homem, o deixado é o homem: se o homem deixa a Deus, o deixado é Deus; mas sempre Deus o primeiro deixado. Se Deus, pelo contrario, houvera de ser o primeiro que nos deixasse, nunca nos deixaria; mas porque nós somos os primeiros em deixar, por isso tantas vezes e por tantos modos somos os deixados de Deus.

E se me perguntardes entre estes modos de ser deixado, qual é o mais temeroso e lamentavel, e sobre o qual cae mais em cheio aquella *ai, vae eis*; digo que é quando Deus deixa a alma e se aparta della para sempre, assim como hoje deixou, e se apartou de Jerusalem, quando disse: *Ego vado*. Chama-se este modo de deixar, em phrase do mesmo texto de David, de *deixação final*, ou *deixação total*: *deixação final, ne repellas in finem*; (Psal. XLIII — 23) e *deixação total, non me derelinquas usquequaque*. (Ibid. CXVIII — 8) Depois que o medico receitou e applicou todos os remedios da arte, sem nenhum effeito ou proveito, antes vê que a enfermidade vae sempre de mal em peor, posto que deixa o enfermo muito contra sua vontade, deixa-o, emfim, porque é incapaz de cura. E isto mesmo é o que faz Deus: *Curavimus Babylonem, et non est sanata: derelinquamus eam*: (Jerem. LI — 9) Curámos a Babilonia, não sarou, porque não quiz sarar, deixemol-a. Ó que terrivel palavra, *Derelinquamus eam*, deixemol-a, e para sempre! Em quantas

occasiões, ó alma, deixando-me tu tantas vezes, mereceste que eu te deixasse por uma vez? Quantas vezes te quiz trazer a mim; quantas vezes te quiz curar, e tu não quizeste: *Quoties volui, et noluisti?* (Matth. XXIII — 37) Appliquei-te primeiro os remedios brandos e lenitivos, vim por amor de ti á terra, prometti-te o ceu, ensinei-te o caminho da vida e da verdade, e fiz-me eu o mesmo caminho: *Ego sum via, veritas, et vita:* (Joan. XIV — 6) temporalmente dei-te os que tu chamas bens da fortuna, e são meus: espiritualmente enchi-te dos verdadeiros bens, que são os da minha graça, a qual tu perdeste, e eu te tornei a restituir muitas vezes: cheguei a te dar minha propria carne e sangue por alimento e medicamento; e tu, surda aos meus conselhos, rebelde ás minhas inspirações, dura e ingrata a tanto amor. A tudo resististe, e me voltaste sempre as costas, fugindo como de inimigo, de quem tanto te amava, e tão deveras procurava teu bem. Não aproveitando os meios e remedios brandos, passei aos asperos e sensitivos. Dei-te doenças com que te mortifiquei a saude, dei-te perdas com que tè diminui a fazenda, dei-te descreditos e desares com que magoei a honra: puz-te á vista ainda maiores trabalhos e desgostos que outros padeceram, e as causas delles, para que com o exemplo das suas chagas curasses e emendasses as tuas: cheguei-te uma e outra vez ás portas da morte com as do inferno abertas, que tantas vezes me tinhas merecido: cuidei que com uma eternidade de fogo aquecesse a tua frieza, e a tua dureza se abrandasse; mas porquê nada disto bastou a te reduzir, e nem no ceu, nem no inferno, nem em mim, nem fóra de mim tenho já que te applicar; posto que o meu amor e a minha misericordia te não quizera deixar, é força (pois assim o quer o teu depravado e obstinado alvedrio) é força que eu te deixe. Fica-te, e fica-te para sempre, que eu me vou: *Ego vado.*

Parece-vos, christãos, que ouvindo esta despedida uma alma, ainda que fosse de pedra, não se derreteria em lagrimas de dor e arrependimento? Pois sabei que quando Deus assim deixa estas miseraveis almas, então ficam ellas mais contentes e satisfeitas, porque como não tractam mais que do presente, sem memoria

do passado, nem temor do futuro, e como Deus que as pretendia sarar, já nenhum remedio lhes applica, e nenhum appetite lhes veda, deixadas á natureza, vivem á sua vontade. Assim o diz o mesmo Deus: *Dimisi eos secundum desideria cordis eorum, ibunt in adinventionibus suis.* (Ps. LXXX — 13) Quando me apartei totalmente, e deixei para sempre os que me deixaram, dei-lhes liberdade e largueza para que vivessem ao sabor dos seus desejos, com que esse pouco caminho que lhes resta, o andam todos, e cada um segundo as invenções de sua propria phantasia. Não se pôde passar em silencio o conceito de Hugo Cardeal neste passo: *Ibunt: iræ enim motum dicit, et terminum quærit: finis autem motus, et viæ peccatorum est infernus. Propter hoc bene dicit, ibunt in infernum et hoc in adinventionibus suis, quasi in quibusdam vehiculis, quibus portabuntur ad inferos.* Diz o texto, que irão: *Ibunt:* e se vão, para onde vão? Para o inferno. Diz mais, que irão nas suas invenções, *in adinventionibus suis:* e que invenções são estas? São como as que os homens inventaram para andar mais descansados: *Quasi in quibusdam vehiculis.* Os da Europa andam em liteiras e carroças; os da Asia em palanquins; os da America em serpentinhas: e estas duas invenções são para ir mais facil e mais descansadamente ao inferno. Os da Europa vão assentados; os da Asia e da America deitados e jazendo: os da Europa tirados por animaes; os da Asia e da America levados em hombros de homens: e estes são os que carregados dos seus captiveiros, violencias e oppressões, os levam facil e mercedamente ao inferno, para onde caminham.

Quando tornam para a patria (sempre mais ricos do que foram), todos invejam a sua boa fortuna, e elles recebem os parabens, como favorecidos de Deus, mas não é por favorecidos, é por deixados. E se não vêde o que fazem. Caim depois do successo de seu irmão, conheceu muito bem que era deixado de Deus, e assim o confessou: *Ecce ejicis me à facie terræ. et à facie tua abscondar.* (Gen. IV — 14) E que fez Caim depois que ouviu que a terra e o sangue que tinha derramado, pediam ao ceu justiça contra elle? É caso verdadeiramente digno de pasmo! Diz o texto sagrado, que se poz a edificar uma cidade (que foi

a primeira do mundo), e lhe deu o nome de seu primogenito Henoch, e se chamou Henochia: *Et edificavit civitatem, vocavitque nomen ejus ex nomine filii sui, Henach.* (Ibid. — 17) Quem esperára de tal homem, e em tal estado, taes pensamentos, e taes cuidados! De maneira, que, condemnado por Deus, e vivo por particular indulgência de sua misericórdia, em vez de te metteres em uma cova a fazer penitencia do teu peccado, e ver se podes applacar a justiça divina, te pões a fundar jurisdições, e edificar palacios ao teu morgado? Mas isto é o que fazem os deixados de Deus, como Caim, e seus imitadores. Estão as terras bradando ao cen, está o sangue, ou derramado, ou chupado violentamente, pedindo justiça a Deus, e elles, em vez de arrependidos, tornarem a repor os cabedacs que adquiriram por força, ou por más artes, e os dispenderem nas devidas restituções, o que fazem, e o que sempre desejaram e pretenderam, por meio de tantos perigos da vida e alma, é empregar o assim adquirido em morgados para os filhos, e em edificios vãos, que, levantados, hão de ser a ruina das mesmas casas. Ó ambição! Ó cegueira! Ó falta de fé e de juizo! Mas estas são as consciências e as consequencias dos deixados de Deus: *Dimisi eos secundum desideria cordis eorum: ibunt in adinventionibus suis.* Ai delles!

V.

Ouvido o primeiro *væ* da agua, e o primeiro *ai* da sentença de Christo, *Ego vado*, passemos a ouvir o segundo, *Et queretis me*. Diz Christo Senhor nosso, que depois de deixar aquelle ingrato e obstinado povo, elles o hão de buscar: e esta segunda clausula da sua sentença parece que se encontra com a primeira e com a terceira. Com a primeira, porque é promessa da palavra divina, que Deus não deixa a quem o busca: *Non dereliquisti quærentes te Domine.* (Psal. IX — 11) Pois se Deus não deixa aos que o buscam, como diz que o hão de buscar aquelles mesmos que elle deixou: *Ego vado, et queretis me?* Não implica. Porque mui differente coisa é não deixar Deus aos que

o buscaram primeiro, ou buscarem-no depois aquelles a quem elle primeiro deixou. Os que o buscaram primeiro não os deixa; porque o acham; porém os que o buscaram depois, ainda que o busquem, não o hão de achar: e isto é o que declara a terceira e ultima parte da mesma sentença: *Et quæretis me, et in peccato vestro moriemini*. Buscar-me-heis, e morrereis em vosso peccado. De maneira, que haverem de buscar a Deus os deixados de Deus, e não o haverem de achar, este é o segundo *væ*, e o segundo *ai* de S. João, ainda mais terrivel e mais admiravel que o primeiro. Mais terrivel porque confirma a deição total e final, sem nenhum remedio; e mais admiravel, porque estreita e reduz a um ponto toda a immensidade da misericordia divina, reclamando contra esta estreiteza, e contra este ponto, em proprios termos, todas as vozes e exemplos da escriptura sagrada. Ora vêde.

Primeiramente, já no Testamento Velho tinha Deus prometido, que todos os que o buscassem o achariam: assim o diz pelo propheta Jeremias: *Quæretis me, et invenietis*. (Jerem. XXIX — 13 e 14) E para maior confirmação, o mesmo que acabava de dizer pela activa, o torna a repetir pela passiva: *Et inveniar à vobis*. Achar-me-heis, e eu serei achado de vós. No evangelho não só nos aconselha e exhorta Christo a que o busquemos (que de si e de Deus falla principalmente), mas tambem nos promette, e dá sua palavra, em que não pôde haver duvida, que o acharemos: *Quærite, et invenietis*. (Luc. XI — 9 e 10) E porque não cuidasse alguém que a esta diligencia de buscar poderia faltar a ventura de achar, pela dignidade ou indignidade da pessoa, confirma o Senhor a mesma promessa com uma proposição universal, que a ninguem exclue: *Omnis enim, qui quærit, invenit*. Porque todo aquelle que me busca, me acha, seja quem fôr. Pois se é certo que todos os que buscam a Christo, o acham; como diz o mesmo Christo, que aquelles de quem elle se apartou, o hão de buscar, *quæretis me*; porém, que nem na vida, nem na morte o hão de achar: *Et in peccato vestro moriemini*?

Mais. Ainda que o Senhor não affirmára que o haviam de

buscar, e ainda que totalmente o não buscassem, nem d'ahi se seguia, ou podia inferir, que o não achariam. Porque não só é proprio da misericordia e bondade de Deus acharem-no os que o buscam, senão também os que o não buscam. Assim se gloria o mesmo Deus, e com muita razão, por Isaías: *Invenierunt qui non quasierunt me*; (Isai. LXV. — 1) Acharam-me os que me não buscavam. A Magdalena buscou a Christo, e achou-o; porém a samaritana achou-o sem o buscar: ia buscar agua, e achou a Christo. Uma e outra coisa nos ensinou o mesmo Senhor em duas parabolás. Um homem, diz, indo seu caminho, achou um thesouro no campo, e foi logo vender quanto tinha, e comprou o campo para lograr o thesouro. E um mercador que andava buscando perolas, achou uma muito preciosa, e para a comprar, deu por ella todo o cabedal que tinha. De sorte que o caminhante achou o thesouro sem o buscar, e o mercante achou a perola buscando-a; e ambos deram tudo pelo thesouro e pela perola; porque na perola e no thesouro era significado o que só val mais que tudo, que é Christo. No mercante foi cuidado e diligencia achar a perola, porque buscava perolas; no caminhante foi caso e ventura achar o thesouro, porque não buscava thesouros: e em um e outro nos ensinou o mesmo Senhor, que não só o acham os que o buscam, senão também os que o não buscam. Pois se também os que não buscam a Christo o acham, como diz o mesmo Christo, e annuncia aos de Jerusalem, que o não hão de achar, ainda que o busquem, suppondo e affirmando que o hão de buscar: *Quæretis me*?

Mais ainda. Não só acham a Christo os que o buscam, e os que o não buscam, senão também aquelles que nem o buscam, nem o podem buscar. Havia um pastor (diz o divino Mestre) o qual tinha cem ovelhas, e como se lhe perdesse uma, deixou as noventa e nove no deserto, e foi buscar a perdida. Achou-a, e tomando-a aos hombros, a trouxe muito contente para o rebanho. Havia assim mesmo uma mulher, a qual tinha dez drachmas, que eram certa moeda daquelle tempo, e como perdesse uma, acendeu a candeia, e varreu a casa para a achar. Achou-a também, e convocou as visinhas para que lhe dessem o para-

bem de ter achado a sua drachma perdida. Aquelle pastor, e esta mulher, significam em um e outro sexo, o amor e a diligencia com que Christo busca aos homens, por mais perdidos que sejam. A ovelha e a moeda são as almas, marcadas ambas, a moeda com a sua cruz, e a ovelha com o seu sangue. Agora pergunto: A ovelha ou a moeda podiam buscar a Christo? A ovelha não, porque não tinha intendmento; e a moeda muito menos, porque nem voz tinha para ballar. E contudo, assim a ovelha como a moeda, foram buscadas e achadas: para nos ensinar o mesmo Christo, que é tão diligente o seu amor, e tão amorosa a sua diligencia em buscar as almas, por mais perdidas que estejam, que não só busca e acha as que o não buscam, senão tambem as que o não podem buscar. Ajustemos agora todas estas demonstrações, e tiremos e apertemos a consequencia, que não pôde ser, nem mais admiravel, nem mais temerosa. É possível que busca Christo e acha abs que o buscam, e busca e acha aos que o não buscam, e busca e acha até as que o não podem buscar; e que ameace e prophetise ao povo hebreu dums coisas tão encontradas com estas escripturas e estes exemplos; a primeira, que o hão de buscar, *querelis me*; e a segunda, que o não hão de achar, nem ser achados d'elle, mas perecer em sua propria perdição: *Ei in peccato vestro moriemini?*

VI.

A resposta desta tão fundada e apertada duvida, quanto ao povo hebreu, é tão expressa na escriptura, como manifesta na experiencia. Sabes, povo ingrato e cego, porque ha tantos annos que buscas e esperas com tantas ancias o teu verdadeiro Messias, e não o achas, nem elle a ti? É porque o buscas indo para diante, sendo que o havias de buscar toruando atraz. Se um piloto para achar a terra que lhe demora ao norte, a buscase pelo rumo do sul, e para o mesmo sul navegasse sempre, claro está que não só não havia de achar o porto que buscava, mas que quanto mais navegasse, tanto mais se havia de apartar e estar mais longe d'elle. Isto mesmo é o que succede aos judeus com o

seu Messias. Como o Messias ha mil e seiscentos annos que veio, e lhe fica ao tempo passado, e elles ha outros tantos que o esperam e buscam sempre no futuro, dizendo que não veio, senão que ha de vir; esta é a razão porque não só o não acham, por mais que o buscam, antes quanto mais o buscam indo para diante, tanto mais se apartam delle, e se impossibilitam de o achar. D'onde se segue, que para os judeus acharem o Messias, é necessario que o busquem tornando atraz, e que quando assim o fizerem, como farão quando se converterem no fim do mundo, então o acharão. Tudo quanto digo é por boca do propheta Oseas no mais claro e expresso texto que se pôde desejar nem fingir.

Diz assim este, que foi o primeiro entre todos os prophetas, no cap. 3.^o: *Dies multus sedebunt filii Israel sine rege, et sine principe, et sine sacrificio, et sine altari, et sine ephod, et sine theraphim.* (Ose. III — 4) Muitos dias estarão os filhos de Israel sem rei, sem principe, sem sacrificio, sem altar, sem sacerdocio, e o mais que a elle pertence. Oseas prophetisou oitocentos e cincoenta annos antes da vinda de Christo; e depois que os judeus o crucificaram, e lhe tiraram a vida, ha mil e seiscentos annos que tudo isto se está cumprindo pontualmente, como vêem os olhos de todo o mundo, e os mesmos judeus não podem negar. Diz que muitos tempos estarão sem rei, como tiveram em Saul e seus successores, *sine regi*; e onde está este rei dos judeus? Diz que do mesmo modo estarão sem principe, como tiveram no tempo dos Machabeus; e tambem estão sem principe, *sine principe*. Diz que estarão sem sacrificio, sem altar, sem ornamentos sacerdotaes, o principal dos quaes era o chamado *ephod*, e totalmente sem sacerdocio, *sine sacrificio, sine altari, sine ephod*: e tudo isto se perdeu, e acabou com a perda e ~~anulação~~ anulação de Jerusalem, como o mesmo Christo lhe tinha prophetisado; e se vê experimentalmente por todo o mundo em todas as synagogas dos judeus, onde não ha mais que um archivo, ou encerramento de madeira, onde está fechada a lei, escripta em pergaminhos, e d'onde a tiram e mostram a seus tempos, sem sacerdote, nem vestes sacerdotaes, nem memoria, ou figura de altar, ou sacrificio.

E qual é a razão por que estes que o propheta chama *dies multos*, sendo já passados mais de mil e seiscentos annos, ainda continuam, sem os judeus acharem nem descobrirem o Messias, que desde então buscam e esperam? A razão é, como dizia, porque o buscam indo para diante, sendo que o haviam de buscar voltando atraz. Admiravelmente o mesmo propheta Oseas, continuando a sua prophesia immediatamente: *Et post hæc revertentur filii Israel, et quærent Dominum Deum suum, et David regem suum, et pavebunt ad Dominum, et ad bonum ejus in novissimo dierum.* (Ibid. — 5) A luz do sol não é tão clara como a deste texto: *Et post hæc*, e depois de tudo o que tenho dito, isto é, depois de os filhos de Israel estarem tantos tempos sem rei nem principe, sem sacerdocio nem sacrificio, tornarão atraz buscando o seu Deus, e o seu rei Messias, descendente de David: *Revertentur filii Israel, et quærent Dominum Deum suum, et David regem suum*: e quando o acharem, ficarão attonitos e pasmados do bem que tinham perdido: *Et pavebunt ad Dominum, et ad bonum ejus*: mas isto não será senão no fim dos dias: *In novissimo dierum.* Diz que isto será no fim dos dias, quando os judeus se hão de converter universalmente, como consta de todas as escripturas (posto que em particular antes desse tempo se possam converter e convertam muitos). Mas notae que não diz o propheta *convertentur*, senão *revertentur*: não diz que se converterão, senão que tornarão atraz. Porque todo o seu erro e engano de não acharem o Messias, é porque o buscam no futuro, havendo-o de buscar no passado: é porque o buscam indo para diante, havendo-o de buscar tornando atraz: *et revertentur*. A egreja catholica naquelles dias em que a misericordia divina banhada no sangue que da sua humanidade lhe derramaram os judeus, em vez de estar mais irada, está mais propicia, exhorta a Jerusalem, chamando-a repetidamente a que se converta: *Jerusalem, Jerusalem, convertere ad Dominum Deum tuum.* E para que vejamos a harmonia com que fallam desta mesma conversão as escripturas, no cap. 6.º dos Canticos, em que Salomão descreve os successos tambem ultimos da egreja, o que diz á mesma Jerusalem com dobrada repetição, são estas palavras: *Revertere,*

revertere Sulamitis, revertere, revertere, ut intueamur te: (Cant. VI — 12) Torna atraz, Jerusalem, torna atraz: torna atraz, torna atraz para que te vejamos. Mas se esta exhortação tão repetida é para que Jerusalem se converta; porque não lhe diz Salomão *convertere*, senão *revertere*; porque não lhe diz que se converta, senão que torne atraz? Porque não só lhe persuade a conversão, mas juntamente lhe ensina o modo della, que é o que mais ignora, e uma e outra coisa prophetisa, como se dissesse: *Revertere*, torna atraz, synagoga cega: *Revertere*, torna atraz, que vás errada: *Revertere*; porque não has de achar o Messias que buscas, em quanto caminhas para diante: *Revertere*; porque só quando tornardes atraz o has de achar: *Et revertentur ad Dominum Deum suum.*

Agora tornemos nós também atraz, e oiçamos a occasião que teve Oseas para prophetisar o que dissemos. É caso singular em toda a historia sagrada. Mandou Deus a este propheta, que se cazasse com uma mulher adúltera, como intendem muitos e graves interpretes, e, quando menos, que a levasse para sua casa, e a sustentasse nella, e a guardasse, com tal condição, que nem havia de ter communicação com o adúltero, nem com o marido, e que deste modo assim apartados haviam de continuar muito tempo, esperando sempre o marido reconciliar-se com ella, e ella esperando também reconciliar-se com o marido. Assim o assentou o propheta com a adúltera, ou como marido, ou como quem o representava, e como tal lhe disse: *Dies multos expectabis me: non fornicaberis, et non eris viro, sed et ego expectabo te:* (Ose. III — 3) Muitos dias esperarás por mim, sem marido, nem adúltero, e eu também esperarei por ti. Esta foi a historia e o caso sobre que se fundou a propheta que temos declarado, da qual a mesma historia foi admiravel parábola e figura. A mulher casada e adúltera representava a synagoga, e nação hebreia, com a qual se desposou Deus, e sempre lhe chamou esposa, e ella sempre lhe foi infiel, e adúltera, deixando continuamente a Deus pelos idolos, como consta de todo o Testamento Velho, desde o livro do Exodo até o dos Machabeos. Porém depois da vinda de Christo é mui differente o estylo que

observa a mesma nação, porque vive apartada do adúltero, e apartada também do Esposo: do adúltero, porque já não tem idolos; e do Esposo, porque não guarda fé a Deus, negando-lhe a divindade depois que se fez homem. Isso quer dizer, e diz admiravelmente o propheta naquellas duas palavras: *Non fornicaberis, et non eris viro: non fornicaberis*, porque está apartada dos idolos, em que consistia o adulterio; *et non eris viro*, porque está apartada de Deus, que era o verdadeiro Esposo. E que se segue ou seguiu d'aqui? Um effeito sobre toda a admiração estupendo, mas visto com os olhos. O mesmo Esposo o declarou á que já não tinha uso de adultera, nem de esposa; e assim o diz o mesmo Deus á nação hebreia, que hoje nem é idolatra nem fiel: *Dies multos expectabis me*: Muitos tempos esperarás por mim; *sed et ego expectabo te*; mas eu no mesmo tempo também esperarei por ti. Não é isto o que todo o mundo está vendo, e só o judaismo cego não vê? De maneira que não são só os judeus os que esperam; senão também o Messias: os judeus esperam pelo Messias; *expectabis me*: e o Messias também espera por elles; *sed et ego expectabo te*. E tão longe é uma esperança, como a outra; porque aquelle *dies multos* pertence igualmente a ambas: *Dies multos expectabis me*: ha mil e seiscentos annos que os judeus estão esperando pelo Messias: *Sed et ego expectabo te*; e em todo este tempo está também o Messias esperando por elles. Elles esperando pelo Messias, porque cuidam que ainda ha de vir, e o Messias esperando por elles, porque ha outros tantos annos, ou outros tantos seculos, que já veio. Mas o seu erro e engano está em que o buscam caminhando para diante, sendo que só o hão de achar voltando atraz: *Revertentur, et quærent Dominum Deum suum*.

VII.

Não ha duvida que bem digna é a miseravel Jerusalem daquelle segundo *væ*, ou segundo *ai*, pela cegueira culpavel e obstinada com que ha tantos centos de annos que busca e espera, alongando-se cada dia mais do que busca, e não ha de achar, e do que espera e não ha de vir. Mas como na mesma Jerusalem

é significada a alma de qualquer christão, tão maravilhosa como tremenda coisa é, que também em nós se possa verificar, que busquemos a Christo, em quem cremos com verdadeira e firme fé, e comtudo o não achemos. Christã era e fiel aquella alma, a qual confessa de si, que buscou ao mesmo Christo, e o não achou: *Quæsiui quem diligit anima mea, quæsiue illum, et non inveni.* (Cant. III — 1) E o propheta Isaias, que mais que todos foi propheta da lei da graça, diz que busquemos a Christo em quanto o podemos achar: *Quærite Dominum, dum inveniri potest.* (Isai. LV — 6) Logo suppõe que ha tempo, em que o não poderemos achar, ainda que o busquemos: *Quæretis me?*

Somos entrados no ponto mais apertado e terrivel da materia presente. Se ha e póde haver tempo em que não possamos achar a Deus, ainda que o busquemos, quando, e que tempo é este? O apostolo S. Paulo fallando deste *quando*, e deste *tempo*, diz: *Ecce nunc tempus acceptabile, ecce nunc dies salutis:* (2. Cor. VI — 2) Agora é o tempo de achar a Deus, e este é o dia da salvação. Se é agora, *ecce nunc*, não será depois; e se é no dia de hoje: *ecce nunc dies*, não será no de amanhã. Até um gentio, e de má vida, como era Marcial, o intendeu e aconselhou assim: *Ser a nimis vita est crastina, vive hodie:* Se queres viver bem, começa e vive hoje, que amanhã já é tarde. Todos os homens prometttem a Deus o dia de amanhã, e quasi todos dão ao demonio o dia de hoje. Este é o contracto tacito ou expresso que teem feito com o inferno: *Cum inferno fecimus pactum.* (Isai. XXVIII — 15) E que faz o demonio? Quando chega o dia de amanhã, se o homem diz: este dia é para Deus, replica o demonio, não é senão para mim: porque este dia de hontem era dia de amanhã; porém hoje depois que amanheceu, já não é dia de amanhã, ~~senão~~ de hoje; e assim é meu, e não de Deus. Por este modo, de manhã em manhã, e de dia em dia, leva o demonio todos os dias, e também leva os que lh'os dão. Elles mesmos confessam que o dia de amanhã ha de ser como o de hoje, e ainda peor: *Et erit sicut hodie, sic et cras, et multo amplius.* (Ibid. LVI — 12) Isto diziam os que tendo obrigação de governar espirital e temporalmente o povo de Deus, e lhe dar bom exemplo, só tractavam, não de fa-

zer, senão de levar boa vida. Hoje diziam, fartaremos nossos appetites, e amanhã muito mais, *et cras amplius*. Por isso, como notou, e muitas vezes repete S. Agostinho, a palavra *cras*, é voz do corvo, e o corvo uma vez que saiu da arca, não tornou mais a ella.

Esta é, em summa, a razão por que disse Isaias que buscássemos a Deus em quanto o podíamos achar. Mas oiçamol-a de sua propria boca : *Quærite Dominum, dum inveniri potest, invocate eum dum propè est* : (Ibid. LV — 6) Buscae a Deus em quanto se pôde achar, e chamae por elle em quanto está perto. Deus estando em toda a parte, está perto de uns, e longe de outros. Vêdes dois homens juntos, diz S. Agostinho, e se perguntardes se são amigos, responderá quem os conhece, que estão muito longe disso : pela presença ambos juntos, pela amisade muito longe um do outro. Tal é a similhaça de que usa o propheta. Cada peccado grave aparta a Deus de nós; e se os peccados são muitos, e continuados por muitos dias, a cada dia e a cada peccado se vae Deus sempre apartando mais e mais. Faça agora o computo o peccador, que não ha dias, nem mezes, senão annos e muitos annos, que continúa a estar fóra da graça de Deus, e conte quantos são os dias, e quantos os peccados (que ao menos de pensamentos sempre são muitos mais que os dias), e d'alli conjecturará de algum modo quanto longe estará de Deus, e Deus delle. E quando conhecer quão longe está de Deus, então entenderá tambem se poderá ser ouvido quando o invocar de tão longe. Deus longe, e a salvação longe, e não pelo não buscarmos, pois elle diz que o havemos de buscar, *quærelis me*; mas pelo não buscarmos no tempo em que se pôde achar. *Longe à peccatoribus salus*, diz David : A salvação está muito longe dos peccadores : e porque ? *Quia justificationes tuas non exquisierunt* : (Psal. CXVIII — 155) Porque não buscaram os meios de a conseguir. Notae, que não diz, porque não buscam, ou porque não hão de buscar, senão porque não buscaram, *quia non exquisierunt*. Para achar a Deus, e a salvação, não basta busca-la, ou havel-a de buscar, é necessario tel-a buscado, porque o tempo que já passou, esse era o tempo de a achar : *Dum inveniri potest*.

E se esta desgraça succede aos que buscam a Deus na vida e na saúde, que succederá aos que reservam esta diligencia para a enfermidade e para a morte, que é o nosso caso: *Et in peccato vestro moriemini?* Eu não quero desconfiar, nem metter em desesperação a nenhum peccador, por grande que seja, e por mais que se ache cercado de todos os peccados de sua vida, ainda na ultima desconfiança e perigo della, e já a braços com a mesma morte. O propheta diz, que busque o peccador a Deus em quanto o póde achar, *dum inveniri potest*; e eu lhe darei o meio com que o possa achar a qualquer tempo. Diz mais que chame por Deus em quanto está perto: *dum propè est*; e eu lhe darei o meio com que Deus o oiça, ainda que esteja muito longe. E que meio ou meios são estes, maiores que toda a esperança, e que toda a desesperação? É um só, mas muito certo e infallivel. E qual é? Que busque a Deus, e o chame com todo o coração. Se buscar a Deus com todo o coração, ainda que seja com a candeia na mão, achal-o-ha, e não o lançará de si: *In toto corde meo exquisivi te, ne repellas me.* (Psalm. CXVIII — 10) Se chamar por Deus com todo o coração, ainda que seja com a ultima boqueada, por muito longe que esteja, Deus o ouvirá: *Clamavi in toto corde meo, exaudi me Domine.* (Ibid. — 149) Uma e outra coisa suppõe o real propheta nas palavras que citei; e posto que bastava ser sua a supposição; acrescentou para maior firmeza, que é promessa infallivel do mesmo Deus, e condição expressa, em que nos promete, que sem duvida nos ouvirá, e o acharemos se o chamarmos e buscarmos, com tanto que seja com todo o coração. No capitulo quarto do Deuteronomio: *Cum quæsieris Dominum Deum tuum, invenies eum, si tamen toto corde quæsieris*: (Deut. IV — 29) Quando buscardes a Deus, achal-o-heis, com condição porém que o busqueis com todo o coração. E no capitulo vinte e nove de Jeremias, comprehendendo ambos os termos de chamar e buscar: *Invocabitis me, et ego exaudiam vos: quæretis me, et invenietis, cum quæsieritis me in toto corde vestro*: (Jerem. XXIX — 12 e 13) Chamar-me-heis, e eu vos ouvirei: buscar-me-heis, e vós me achareis, com tanto que me chameis, e me busqueis com todo vosso

coração. Assim que, todo aquelle que de todo seu coração chamar e buscar a Deus em qualquer dia, em qualquer hora, e em qualquer instante, ainda que seja o ultimo e mais apertado da vida, sem duvida será ouvido d'elle, e o achará. Mas que se segue d'aqui? Este é o ponto de que depende tudo.

VIII.

Parece que se segue d'aqui, que não haverá christão algum tão perdido, se tambem não tem perdido a fé e o juizo, que se não salve. Porque, como pôde haver nem imaginar-se creatura racional tão inimiga de si mesma, que vendo-se ás portás da morte e do inferno, e conhecendo que só em Deus pôde ter o remedio, não deseje tornar-se a elle, e invocar sua misericordia de todo coração? Tudo isto assim é (porque não quero fallar dos casos em que o subito da morte, ou dos accidentes mortaes se anticipam a estes mesmós desejos, e as miseraveis almas, que se guardaram para aquella hora, se condemnam sem remedio). Mas concedendo outra vez, que todo aquelle que na mesma hora invocar a Deus de todo o coração se salvará; e concedendo tambem que nenhum haverá que na mesma hora não deseje invocar a Deus e converter-se a elle de todo o coração, digo comtudo e concludo resolutamente, que raro ou nenhum destes se salva. Porque? Porque, como fica dito por tão repetida condicional, e excepção do mesmo Deus, nenhum se pôde salvar, senão convertendo-se a elle de todo o coração: e é certo que naquella hora, rarissimos são os que se convertem, ou podem converter a Deus de todo coração.

Toda a verdade desta ultima e temerosa conclusão se funda na probabilidade, ou certeza com que digo, que raro, ou nenhum naquella hora se converte a Deus de todo o seu coração. E esta sentença, que é commum na doutrina dos santos padres, se prova por dois principios, um da parte de Deus, outro da parte do mesmo homem. Começando pelo homem, a razão manifesta é, porque para o homem buscar a Deus com todo o seu coração, é necessario que o coração do homem seja todo seu, e

naquelle hora nem é seu, nem é todo. Quando é o coração todo, e quando é nosso? É nosso, quando o não domina outro affecto; e é todo, quando o não diverte outro cuidado: *Tunc porro in toto corde clamatur, quando aliunde non cogitatur*, diz S. Agostinho. Considerae-me agora um homem nas ultimas angustias da enfermidade, e quasi luctando já com a morte, e vereis, não só com o discurso, mas com os olhos, quão dividido tem o coração, para que não possa ser todo, e quão divertido e senho-reado de differentes cuidados, para que não possa ser seu.

Os que se guardam para aquella hora no principio da enfermidade, ou lisongeados dos medicos, e dos que os assistem, ou enganados do amor da vida, só tractam da saúde do corpo, e quando esta se desconfia totalmente, e se começa a dizer entre dentes que morre o enfermo, então lembra e se acode á alma, e aos remedios da salvação: *Multiplicatae sunt infirmitates eorum, postea acceleraverunt*. (Ibid. XV — 4) Então se chama o confessor á pressa, então vem o notario para o testamento, então cresce a febre e as dores, então se applicam os medicamentos extremos, e os martyrios mais fortes: e qual estará o coração do miseravel enfermo nesta angustia? Vêde qual será a confissão dos peccados de toda a vida? Vêde quaes serão as clausulas e declarações do testamento em quem sempre viveu com pouca conta, e com pouco ou nenhum escrupulo? A memoria perdida, o intendmento sem juizo, a vontade attonita e pasmada: os sentidos todos só vivos para a dor, e para o mais já quasi mortos: a alma na garganta, e a respiração agonisante. Ó que transe tão apertado! Ajuntao ao interior destas afflicções, as lagrimas da mulher, o amparo ou desempero dos filhos, a satisfação dos criados, a paga das dividas, a instancia dos acredores, as restituções do mal adquirido: as negociações dos interessados na herança do que se deixa por força; e sobretudo o temor da conta tambem forçado, e não por verdadeiro arrependimento; ouvindo-se a invocação do nome de Jesus na bocca do religioso que assiste á cabeceira, e não saindo do coração de quem nunca o amou, e só agora o teme, porque mais não pôde. Ó, valha-me Deus, quão longe estará de ouvir estas vozes sem alma o mesmo Deus, que está tão longe! E nesta per-

turbação, nesta confusão, neste laberinto de cuidados e affectos (tão implicados os deste mundo com os do outro) como poderá dar todo o coração a Deus, nem offerecer-lh'o como seu, quem por dividido e alienado totalmente, já não é senhor de si, nem possui delle a minima parte? Aqui se cumpre o que disse o propheta Oseas: *Divisum est cor eorum, nunc interibunt*: (Ose. X—2) Ai dos que assim teem dividido o coração, que neste estado, e neste instante, lhes chegou a hora de perecerem.

Eu não nego que por algum impulso interior, ou pelas exhortações de fóra, chamarão com a voz por Deus, e quererão chegar-se a elle: mas naquella multidão e confusão de cuidados, e naquella bateria de perturbações e temores, é igualmente certo, que o não poderão conseguir. Texto e decreto de Deus expresso no psalmo 31: *Pro hac orabit ad te omnis sanctus in tempore opportuno: verum tamen in diluvio aquarum mullarum ad eum non approximabunt*: (Psal. XXXI — 6) Pela remissão dos peccados rogarão a Deus no tempo opportuno todos os que se hão de salvar; mas no diluvio das muitas aguas, ainda que se queiram chegar a Deus, não o alcançarão. E que diluvio de muitas aguas é este? É a multidão de afflicções e angustias, que naquella hora como um diluvio afogam o coração dos que se guardaram para ella. De sorte que assim como na tempestade do diluvio muitos se quizeram valer da arca, e sossobrados da immensidade das aguas, e do concurso é contrariedade das ondas umas sobre outras, se afogaram e pereceram nellas; assim diz David, que naquelle tropel e tumulto de cuidados, de affectos, de dores, de penas, de temores, de irresoluções, de assombros, e naquelle verdadeiramente diluvio de ancias e angustias mortaes, opprimido e afogado o homem dentro e fóra de si mesmo, nenhum haverá que tenha forças ou tino para nadar á arca da salvação, e nenhum que se possa chegar a Deus, ainda que quizesse: *In diluvio aquarum mullarum ad eum non approximabunt*.

Esta é a razão natural e evidente, pela qual o homem reduzido áquelle ultimo conflicto, não pôde invocar a Deus de todo seu coração, porque já nem é todo, nem seu. E sobre esta, que tanto devemos temer, se acrescenta da parte de Deus outra muito

meis temerosa, porque não é fundada na nossa fraqueza, senão na sua justiça. Naquelle estado tão estreito, e em qualquer extremo da ultima desesperação, poderosa é a misericórdia e graça divina para livrar e pôr em salvo ao maior peccador: mas justissimamente não quer Deus usar com elle da efficacia destes seus poderes na morte, porque tambem elle se não quiz converter a Deus em quanto pôde na vida. Ou o peccador naquelle apertadissimo transe se quiz converter a Deus, ou não chegou a querer: e de qualquer modo o castiga com exactissima igualdade a divina justiça. Porque, se quiz, justamente é condemnado a que não possa quando quer, porque não quiz quando podia: *Impius cum vult, non potest, quia cum potuit, noluit*, diz S. Isidoro Pelusiota. E se não chegou a querer, tambem foi justamente condemnado a lhe faltar a sua propria vontade, porque bem merecedor é de que se esqueça de si na morte, quem se não lembrou de Deus na vida, diz S. Agostinho: *Hac enim animadversione percutitur peccator, ut in morte obliviscatur sui qui in vita oblitus est Dei*. Isto mesmo dizem com os outros padres gregos S. Chrysostomo, e com os outros latinos S. Ambrosio. Mas porque a materia é tão occulta aos vivos, que só passa entre Deus, e as almas dos que morrem; oíçamos de boca do mesmo Deus esta sentença e regra geral do seu tremendo e rectissimo juizo.

No primeiro capitulo dos Proverbios falla Deus, não com um, senão com muitos, porque aquelles a quem succede esta desgraça, não são poucos, e diz assim: *Vocavi, et renuitis: extendi manum meam, et non fuit qui aspiceret*: Chamei-vos com as vozes, e não me quizestes ouvir: chamei-vos com as mãos, e com os braços abertos, e não quizestes vir a mim: *Despexistis omne consilium meum, et increpationes meas neglexistis*: Aconselhei-vos, e desprezastes todos os meus conselhos: reprehendi-vos, e não fizestes caso de minhas reprehensões. E eu que farei? *Ego quoque in interitu vestro ridebo, et subsannabo, cum vobis id, quod timebatis, advenerit*: e quando vier a morte, e com ella tudo o mais que vós temieis, ou devieis temer, eu tambem zom-

* Proverb, I — 24 usq. ad 31.

barrei, e me riiei de vós. Todos os santos e expositores declararam este temeroso riso de Deus com as maiores expressões de castigo, de ira, e de vingança naquella hora. Mas nós continuemos a ouvir a sentença da mesma justiça divina, na qual se reduzem todas por seu proprio nome ás duas do nosso discurso: *Cum irruerit repentina calamitas, et interitus quasi tempestas ingruerit, quando venerit super vos tribulatio, et angustia*: Quando a ultima calamidade da vida, que é a morte, vier sobre vós como uma tempestade subita e repentina (porque a não esperaveis) e quando vos virdes afogados de afflicções e angustias, então recorreireis a mim; mas assim como quando eu chamei por vós, me não quizestes ouvir, assim eu vos não ouvirei quando me chamardes: *Tunc invocabunt me, et non exaudiam*: e assim como quando vos eu busquei, vos não achei, assim vós me buscareis, e não me achareis: *Mane consurgens, et non invenient me*. Deixados pois de mim na morte como elles me deixaram na vida (diz Deus), lá irão onde comam os fructos das suas obras, e se fartem dos seus conselhos: *Comedent igitur fructus viæ suæ, suisque consiliis saturabuntur*. Vêde se cairá bem o segundo ai de S. João sobre esta fartura de penas, que será insaciavel por toda a eternidade, acabando naquella hora os que se guardaram para ella, e não achando a Deus, posto que o busquem, nem sendo ouvidos d'elle, posto que o chamem. Ai de vós, infelizes almas, e para sempre infelizes!

Grande parte deste mundo, e não a menor dos grandes d'elle, acaba desta sorte. E deixam tão enganados os mortos aos vivos, que não só creem estes e celebram que morreram pia e christamente, mas não saltam espiritos illusos ou lisongeiros, que, com fingidas ou sonhadas revelações affirmam que brevemente os viram sair do purgatorio, onde foram ditosissimos se tivessem entrado. A verdadeira revelação da boa morte é a boa vida. E para que acabem de se enganar os que debaixo desta vã confiança asseguram o demonio para que vivam e morram do mesmo modo; ouçam a S. Agostinho: *Si quis positus in ultima necessitate ægritudinis suæ pœnitentiam accipit, et hinc vadit; fateor vobis non illi negamus quod petit, sed non præsumimus quia bene hinc exit*:

Se algum obrigado da ultima necessidade da doença, nos pede o sacramento da penitencia, confesso-vos, diz pregando S. Agostinho, que os bispos e sacerdotes lhes não negamos o que pede, mas nem por isso presumimos que sae bem desta vida. E S. Ambrosio apertando o mesmo ponto: Se cuidaes que es que deixam o arrependimento de seus peccados para a enfermidade da morte, vão seguros de sua salvação, eu vos protesto que não affirmo, nem prometto, nem digo tal coisa, porque o não presumo assim, nem vos quero enganar. Notae o peso das palavras com que diz e repete este desengano o eloquentissimo doutor: *Non presumo, non polliceor, non dico, non vos fallo, non vos decipio, non vobis promitto.* E o que S. Agostinho e S. Ambrosio não se atrevem a presumir, e protestam que vos não engane, isso credes vós, e celebraes, porque tambem fazeis conta de vos salvar, ou perder na mesma taboa.

A causa deste engano e falsa apprehensão dos que cá ficam são aquelles actos exteriores, com que parece morrem contrictos os que viveram impenitentes; mas vai muito do medo á contrição, e da penitencia apparente á verdadeira. E para prova solida e irrefragavel no mesmo caso, ouvi outra revelação, não como as vossas, sendo divina e de fé, escripta no livro dos Machabeos. Antiocho Epiphanes, rei da Grecia, foi o mais capital inimigo da fé e lei de Deus e da gente hebreia, em a qual naquelle tempo estava a verdadeira egreja. Resoluto pois este tyranno de destruir totalmente, extinguir e tirar do mundo o nome e nação dos judeus, marchava com formidavel exercito contra Jerusalem a grandes jornadas, quando subitamente se achou opprimido de uma gravissima e mortal enfermidade, a qual obrou nelle aquelles effeitos que costuma causar nos mais obstinados animos a visinhança da morte, quando se não esperava. Foi tal a mudança em tudo o que se via e ouvia em Antiocho, que não parecia o mesmo. Era soberbissimo, e já não só conhecia, mas confessava publicamente a fraqueza e miseria de todo o poder humano: era gentio e não só prometteu de receber a fé do verdadeiro Deus, mas de a estender e prégar por todo o mundo: ia determinado a destruir e extinguir os judeus, e não só lhes pediu perdão dos

damnos recebidos, mas lhes offereceu satisfação com vantagens iguaes aos seus mais nobres e estimados vassallos : levava no pensamento a destruição de Jerusalem e do templo, e sobre os votos de o enriquecer com novos thesouros e ornamentos, elle tomou por sua conta as despesas de todos os sacrificios, sacerdotes e culto divino. De todas estas promessas fez Antiocho escripturas authenticas, formadas de sua propria mão e encarregada a execução dellas depois de sua morte a seu filho e successor, com as maiores demonstrações de benignidade e encarecido affecto. Emfim morreu daquella enfermidade, e naquelle estado Antiocho, e pergunto se se salvaria? Este homem, e senhor de tantos homens, com tantas e tão manifestas demonstrações de arrependimento, salvar-se-ia naquella hora? Bem creio que dirão que sim os que com menos milagres, e muito differentes exemplos beatificam e canonisam outras mortes. Mas que diz a revelação divina, expressa na escriptura sagrada? Diz que pesando mais diante do tribunal divino os peccados da vida passada que as demonstrações da emenda presente, por mais que o miseravel Antiocho orou a Deus, não foi ouvido delle : *Orabat autem hic scelestus Dominum, à quo non esset misericordiam consecuturus.* (2. Machab. IX — 13)

Ó quanto vai dos juisos dos homens, que não passam do exterior ao juiso e conhecimento de Deus, que vê e penetra os corações! *Pœnitentia ista non fuit vera, quia non fuit propter offensam Dei, sed propter evasionem temporalis flagelli, et sic non fuit misericordiam consecutus quantum ad remissionem culpæ, et pænæ,* diz com a voz commum dos interpretes Lyrano. Todo aquelle apparatus de promessas e arrependimentos não foi bastante para livrar a Antiocho da culpa, nem da pena eterna, porque era nascido de medo, e desejo de escapar do perigo em que se via, e não de pesar de haver offendido a Deus, nem de verdadeira contricção. Pois se a doença era verdadeira, e as dores que padecia verdadeiras, e o perigo com a morte diante dos olhos verdadeiro, e sobre tudo verdadeiro o conhecimento de que Deus o castigava por seus peccados, e a confissão delles verdadeira; porque não foi tambem verdadeira a contricção? Ou porque não quiz, ou porque não pôde: e como o querer e o poder, uma e

outra coisa dependia do auxilio efficaz da graça de Deus, *qui dat velle, et perficere*: no descuido e obstinação com que Antiocho se não quiz emendar, como podéra na vida, já se tinha condemnado a não querer, nem poder arrepender-se na morte. Notae as palavras do texto: *Orabat Dominum, à quo non esset misericordiam consecuturus*. Não diz que não alcançou a misericordia que pediu a Deus, senão que pediu a Deus a misericordia que não havia de alcançar. Nos outros casos o desengano de não alcançar, é depois de pedir; mas neste caso antes de pedir, já estava fulminado o decreto de não alcançar: porque então decretou Deus, que não podesse alcançar o arrependimento na morte, ainda que quizesse, quando se não quiz arrepender, nem emendar na vida, como podia.

Por certo tenho, que se Antiocho escapasse na doença com vida, e se visse outra vez inteiramente convallescido, com as mesmas trombetas que lhe festejassem a saude, havia de mandar marchar o exercito contra Jerusalem, e pôr em execução quanto d'antes pretendia. E senão ponhamos os olhos na experiencia, em homens de menos má vida, e de mais antiga fé que a de Antiocho. Quantos vimos que chegados áquelle extremo perigo, abraçados com um Christo, se empenharam com suas chagas de nunca mais o offender, prometendo e multiplicando votos de emendar a vida e ser santos, se escapassem? Escaparam por mercê do mesmo Senhor, e que fizeram? Depois que se puzeram em pé, a primeira jornada foi ir dar graças a Deus á Penha de França, e a segunda romaria a reconciliar-se com o idolo a quem d'antes adoravam. Pois estes eram os votos? Estes os arrependimentos? Estas as contricções? Ou estas as traições? Sim. E vi eu algum que depois de assim escapar com a saude do corpo, e recair com a da alma; lhe sobreveio subitamente um tal accidente que logo lhe tirou a falla, e pouco depois a vida; para que no mesmo que não tinha cumprido as suas promessas, se cumprisse a de Christo: *Et in peccato vestro moriemini*.

IX.

Somos chegados ao terceiro e ultimo ai, que será eterno no inferno, e a mim me falta o tempo para o ponderar dignamente. Abbreviando pois esta grande materia, saibamos que peccado é este, em que diz Christo que hão de morrer os ameaçados; e propriamente se chama peccado seu: *In peccato vestro*? Aquelles com quem o Senhor immediatamente fallava quando pronunciou esta sentença, era o povo de Jerusalem: e assim como todas as nações teem os seus vícios particulares, a que naturalmente são inclinadas e sujeitas, assim o vicio e peccado da nação hebreia, e que propriissimamente merece o nome de seu, é o errar na fé. Não são nossos os livros, nem nossos os auctores que testemunham a uma voz esta verdade; serão os mesmos livros e escripturas sagradas de todo o Testamento Velho, em que elles e nós cremos. E de nenhum modo podem negar os hebreus haver sido sempre este o seu vicio, e o seu peccado.

- Os doze tribus de Israel, como filhos nasceram na Mesopotamia, e como povo no Egypto. Na Mesopotamia como filhos, na casa e familia de Jacob e no Egypto como povo; porque ali engrossaram, cresceram e se multiplicaram em grande numero. Mas passando depois de livres a captivos, devendo, como filhos conservar a fé de seus paes, seguiram como escravos a idolatria de seus senhores. Os egypcios adoravam a Osires em figura de touro, e esta foi a origem do bezerre, que os hebreus depois de libertados adoraram no deserto, attribuindo-lhe sobre tantos milagres não só impia, mas descaradamente a mesma liberdade.
- Moysés lhe deu a beber o bezerro desfeito em cinzas, mas elles de tal modo beberam nellas o errar na fé, que pelos erros que commetteram nos quarenta annos do mesmo deserto, mereceram da bocca de Deus ser chamados *os que erram sempre*: *Quadragesima annis proximus fui generationi huic, et dixi, semper hi errant corde.* (Psal. XCIV — 10) *Sempre*, disse a censura divina, e foi prophesia do que sempre haviam de ser, como verdadeiramente teem sido. Entrados na terra de promissão, logo dei-

xando a Deus, que os mettera de posse della, adoraram os idolos dos cananeus Baal, e Astaroth. No tempo em que foram governados pelos juizes, nove vezes os castigou Deus com muitos annos de captiveiro, debaixo do jugo de diferentes nações barbaras, pelo peccado da idolatria, e sempre sem nenhuma emenda tornaram a idolatrar, cada vez mais obatinados na cegueira deste seu vicio hereditario, como nota a escriptura : *Revertebantur, et multo faciebant peiora, quam fecerant patres eorum sequentes Deos alienos, et adorantes illos.* (Jud. II — 19) Depois que o governo se passou aos reis, quão raros foram os que não fossem idolatras, sendo o primeiro de todos o mais sabio de todos, Salomão? Porque dividida a monarchia por este peccado em duas partes, uma que se chamou reino de Israel, outra reino de Judá, em ambas, ou se professava publicamente a idolatria, ou se por algum breve tempo cessava o publico culto dos idolos, nem por isso deixavam de ser adorados secretamente. Estes eram os brados, estes os clamores, estas as invectivas, e estas as abominações, que, com o nome de adulterio contra Deus, se leem em todos os prophetas, seguindo-se ao peccado as ameaças, e ás ameaças os castigos.

No reino de Israel, que constava de dez tribus, levantou el-rei Jeroboão um templo ou fano, em que collocou dois bezerrões de oiro, que elle e todos os reis seus successores, sem excepção, adoravam, e em pena desta devassidão sua, e de todos os dez tribus, todos foram levados captivos aos assyrios, donde ha mais de dois mil annos desappareceram, e não se sabe delles. No reino de Judá, cuja côrte era Jerusalem, estava o templo da verdadeira divindade; mas nem em sua propria casa se defendeu Deus de que della o não viesse a lançar, com destruição do mesmo templo, o culto dos falsos deuses: exceptos neste reino alguns poucos reis, todos os outros foram idolatras, e idolatras com elles o mesmo reino e povo; pelo que, conquistados, presos, e transmigrados a Babilonia, lá pagaram com o captiveiro de setenta annos, e com a vida, a obstinação do seu peccado. Com as reliquias que escaparam daquelle desterro resuscitou Esdras o templo e a verdadeira fé; mas tambem resuscitou com ella a idolatria, como vi-

cio immortal desta nação. E por mais que o zelo e valor dos Machabeus trabalhava em restaurar as ruínas da verdadeira religião, no mesmo tempo chegaram os judeus a mandar embaixadores aos reis gentios, para que lhe fosse licito adorar os seus deuses, abrindo em Jerusaleem escolas publicas dos ritos com que eram venerados, collocada e adorada no mesmo logar do templo, onde se adorava o verdadeiro Deus, a estatua de Jupiter. Tudo isto que em summa tenho referido, é o que se lê em todos os livros do testamento Velho desde o Exodo até o segundo dos Machabeus, que é o ultimo. E porque este vicio e pertinacia de errar sempre na fé é o peccado seu, e proprio da nação hebreu; assim viviam e assim morriam; e assim morrem e hão de morrer no seu peccado; *Et in peccato vestro moriemini.*

Sobre esta demonstração (que só pôde negar o judeu que negar as suas mesmas escripturas) podem comtudo dizer, que Christo quando lhes disse, que morreriam em seu peccado, não fallou do tempo passado, senão do futuro; e é certo que os judeus desde o tempo de Christo a esta parte já não adoravam idolos, e só reconhecem e confessam o Deus verdadeiro que creou o ceu e a terra, e nós tambem confessamos. Logo, ou não morrem hoje em peccado, ou o peccado em que morrem, não é o da idolatria? Respondo, que tanto se enganam e erram agora na fé, como d'antes erraram; e tão idolatras são no tempo presente, como foram no passado. E senão digam-me elles, e digame todo o mundo, que coisa é idolo? Idolo não é outra coisa senão um Deus falso, ou uma coisa fingida, e vã, que não sendo Deus, se chama Deus, e se adora como Deus. Logo a fé que hoje professam os judeus é verdadeira e propria idolatria, porque o Deus que creem e adoram, verdadeira e propriamente é Deus falso. Provo com a sua mesma fé, e por dois principios evidentes: Os judeus confessam a unidade de Deus e negam a trindade; logo o Deus em que creem e adoram, é Deus falso, porque Deus que não seja um, e juntamente trino é falso, e não ha tal Deus. Mais. Os judeus confessam em Deus a divindade, e negam-lhe a humanidade; porque negam que Deus se fizesse homem: logo esse Deus que creem e adoram, é

outra vez, Deus falso; porque tendo-se o verdadeiro Deus feito homem, qualquer chamado Deus, que juntamente não seja homem, não é Deus. D'aqui se segue, com segunda e admirável demonstração, por uma parte de inconstancia, e por outra de pertinacia, quão propria e natural inclinação, e quão proprio e natural vicio é da gente hebreia o errar sempre na fé. Notae muito. Quando Deus era totalmente invisivel, queriam Deus que pudessem vêr com os olhos, e por isso frequentavam e adoravam os idolos: e depois que Deus, vestindo-se da humanidade, se fez visivel, e foi visto como diz Baruch, *Post hæc in terris visus est, et cum hominibus conversatus est*, (Baruch. III — 38) logo então mudaram de vontade e de fé, e não quizeram senão Deus invisivel. Do mesmo modo, em quanto Deus somente era espirito, queriam Deus que tivesse corpo, olhos, orelhas, boca, pés e mãos, como diz David; e por isso fabricavam e adoravam as estatuas: porém depois que Deus feito homem teve corpo com essa mesma figura, e esses mesmos sentidos, logo não quizeram Deus senão que fosse todo espirito. Maior entergia, e ainda galanteria tem esta mudança sobre a queixa que Deus fazia d'elles: *Novi recentesque venerunt: Deum qui te genuit dereliquisti*: (Deut. XXXII — 17 e 18) Vieram os deuses novos, que são os idolos, e o meu povo, a quem eu creei, deixou-me, porque era Deus velho: mas por mais que Deus quiz remediar a antiguidade da sua volhice, não lhe aproveitou; porque depois que o mesmo Deus pela novidade do mysterio da encarnação se fez Deus novo, *Novum creavit Dominus super terram, femina circumdabit virum*, (Jerem. XXXI — 22) logo se tornaram outra vez ao Deus velho, e não quizeram o novo. De sorte que é tão propria condição, ou natureza da nação hebreia o errar sempre na fé, que basta que ella o seja para logo a trocarem: e ainda quando quizeram deixar a idolatria, se fizeram dobradamente idolatras.

E porque não cuidem que esta censura é minha, leam e intendam as escripturas, e verão que é divina, e definida pelo mesmo Deus. Não ha coisa mais repetida e decantada nos prophetas, que a conversão e restituição do povo hebreu lá para o fim do mundo. O que mais largamente a descreve, é o propheta Eze-

chiel em muitos capitulos, e no trinta e seis da sua prophesia, que é desta materia o primeiro, depois de protestar Deus que lhe ha de fazer aquella mercê não por merecimento delles, senão por sua mera bondade, diz assim: *Tollam quippe vos de gentibus, et congregabo vos de universis terris, et adducam vos in terram vestram: et effundam super vos aquam mundam, et mundabimini ab omnibus inquinamentis vestris, et ab universis idolis vestris mundabo vos:* (Ezech. XXXVI — 24 e 25) Porque eu vos ajuntarei de todas as terras por onde andaes desterrados, e vos trarei á vossa; e derramarei sobre vós uma agua limpa e pura, com que ficareis purificados de todos vossos peccados, e com que eu vos purificarei de todas vossas idolatrias. Aqui está o ponto: *Et ab universis idolis vestris mundabo vos.* Pois se ha mil e seiscientos annos que os judeus andam desterrados, depois da destruição de Jerusalem pelos romanos, e em todo este tempo é certo que não adoram idolos de oiro, ou prata, nem de pau, ou pedra, como d'antes adoravam; por que não só diz Deus, que por meio daquella agua pura que derramará sobre elles (que é a do baptismo) os ha de purificar de todos seus peccados e maldades, senão tambem nomeadamente de todos seus idolos, *et ab universis idolis vestris?* Deem elles a solução, ou de-a alguém, se a sabe. Signal é logo evidente, que ainda agora suppõe Deus que os judeus são idolatras, e teem idolos; e estes idolos não são, nem podem ser outros, senão os que elles fabricam, não de pedra, ou de metal, senão da mesma divindade do verdadeiro Deus, negando á sua unidade a trindade das pessoas, e á sua natureza divina, a união que tem com a humana. E como este é o vicio nacional, e o peccado em que antes de Christo e depois de Christo sempre caíram e obstinadamente perseveram os judeus, que o não receberam, nem conheceram; este é o peccado em que vivem, e este o peccado em que morrem, e este o peccado seu em que Christo lhes prophetisou que haviam de morrer: *Et in peccato vestro moriemini.*

X.

O que acabo de dizer, é o peccado, e a morte sobre que cae

na obstinação final do judeu o *vã*, ou ai de S. João, tão justa como lastimosamente. E porque também tem lugar, com maior lastima ainda, na fê morta, e impenitencia do christão, saibamos finalmente qual é o peccado em que elle morre, ou ha de morrer, e se chama com a mesma propriedade peccado seu, *et in peccato vestro*. Não tem especie particular este peccado, mas pôde ser de qualquer especie. É pois aquelle vicio, a que a inclinação de cada um mais o arrasta e sujeita, o qual começando em acto, passa a ser habito, e continuando em habito, chega a ser natureza, como diz S. Agostinho: e como a natureza não se muda até á morte, também elle não tem emenda na morte, se a não teve na vida.

No psalmo *Miserere*, em que David pede perdão a Deus, e chora o adulterio commettido com Bersabé, cinco vezes chama seu aquelle peccado: *Dele iniquitatem meam: amplius lava me ab iniquitate mea: et à peccato meo munda me: quoniam iniquitatem meam ego cognosco; et peccatum meum contra me est semper.* (Psal. L — 3, 4 e 5) E quanto drou David naquelle peccado? Muito, mas não chegou a um anno. E se a um peccado emendado e chorado, e que não chegou a um anno, lhe chama David tantas vezes seu; o peccado de tantos annos, e de toda a vida; o peccado que nasceu, cresceu, envelheceu e viveu sempre convosco, porque não será vosso, *et in peccato vestro*? Vosso, porque o comprastes com a fazenda, com a honra, com a saude, e com tantos perigos da vida: vosso, porque destes por elle a consciencia, a alma, a graça de Deus, e o mesmo Deus: vosso, porque vos vendestes ao demonio para o adquirir e possuir, sem vos poder arrancar desta continuada e escandalosa posse nem o respeito da justiça ecclesiastica, nem as ameaças da divina, nem o amor do ceu, nem o temor do inferno: vosso enfim, porque nem na morte o deixastes, nem a morte que tudo acaba, pôde acabar que o não levasseis convosco: *Et in peccato vestro moriemini*.

Ora eu, supposto que fallei em David, não do seu peccado, mas da sua penitencia quero arguir e convencer, que haveis de morrer no vosso. Foi coisa mui notavel em David, e não pouco estranhada por Deus, que depois da morte de Urias (não execu-

tada com essa tenção) trocando o adulterio em matrimonio, se casou com a mesma Bersabé: *Introduxit eam in domum suam, et facta est ei uxor: et displicuit verbum hoc quod fecerat. David coram Domino.* (2. Reg. XI — 27) Pois se David se arrependeu, detestou e chorou tanto aquelle adulterio; porque se casou com a mesma occasião e causa d'elle, e não apartou de si a Bersabé até á morte, antes por ser seu filho Salomão, o fez herdeiro do reino? Porque tal é a força e vehemencia do affecto humano, quando é grande. Póde deixar o peccado, mas não póde deixar o amor. O peccado durou menos de um anno, o amor perseverou até á morte. Toda a prudencia e ventura de David estere em saber e poder apartar o peccado do amor, por meio do matrimonio; porque se elle não apartára o peccado do amor, assim como morreu com o amor, assim havia de morrer com o peccado. Isto é o que acontece a todos os homens que não fazem o mesmo, e em todos os peccados, nos quaes se não póde fazer. Não ha melhor exemplo, nem mais propria similhança para explicar o inseparavel perigo do morrer em peccado, que o casamento. O casamento é um contracto, que de sua natureza dura até á morte, nem antes della póde haver separação dos que o contrahem. Tal é o jugo inseparavel a que estão sujeitos os que vivem casados com o seu peccado. Ainda que se queiram apartar, tanto pelo costume inveterado, que se tem convertido em necessidade, quanto pelo justo juizo e castigo de Deus, que assim o permite; nem o peccado habitual se aparta do peccador, nem o peccador do peccado, senão mediante a morte; e por isso todos morrem geralmente no seu peccado: *Et in peccato vestro moriemini.*

Vae, ai de ti, miseravel, que se apartou Deus de ti, *Ego vado*: Vae, ai de ti, infeliz homem, que não achaste a Deus, ainda que o buscaste, *Et quaeritis me*: Vae, ai de ti, mofno e maldito homem, que porque não tractaste da salvação na vida, a perderás para todas as eternidades na morte: *Et in peccato vestro moriemini!* Homens, se temos uso de razão; christãos, se ainda não está apagado de todo em nós o lume da fé, reparemos bem, e consideremos nestas tres clausulas tremendas da

sentença de Christo. E se queremos segurar a vida e saude eterna, não guardemos o arrependimento para a morte, nem a emenda para a enfermidade. Mas se uma e outra coisa fizermos de todo coração na vida e na saude, a enfermidade e a morte, como conclue S. Ambrosio, nos acharão seguros: *Age pænitentiam, dum sanus es; si enim agis pænitentiam dum sanus es, et invenerit te novissimus dies, securus es.*

SERMÃO

DE

SANTO ESTEVÃO

NA PRIMEIRA OITAVA DO NATAL.

**Prégado domesticamente no collegio da companhia
de Jesus da Bahia.**

*Transeamus usque ad Bethlehem, et videamus hoc Verbum, quod factum est. — Luc. II.
Hierusalem, Hierusalem, quæ occidis prophetas, et lapidas eos, qui ad te missi sunt.
— Matth. XXIII.*

Ó Belém! Ó Jerusalem! Ó Belém, cidade pequena; ó dia fausto e alegre para os pastores! Ó Jerusalem, cidade grande! Ó dia cruel e funesto para os prophetas. Isto é o que cantam e choram os textos que propuz. É posto que um annuncia o nascimento do segundo Adão, e o outro a morte do primeiro martyr, muito bem se atam comtudo estes dois dias; o de hontem, e o de hoje. Hontem (diz S. Fulgencio) celebrámos o nascimento temporal do Rei eterno; hoje os triumphos do martyrio de um seu soldado: hontem o Rei da gloria se dignou visitar o mundo, saindo do purissimo claustro de uma virgem; hoje o seu soldado,

o tabernaculo do corpo, se passou aos ceus triumphante : hontem Christo, encoberta a magestade do ser divino, tomando o habito militar, entrou em as campanhas do mundo a pelejar como soldado ; hoje Estevão, depondo a chlamyde corruptivel do corpo, subiu aos celestiaes palacios para perpetuamente reinar como Rei. Hontem desceu Deus coberto com a vestidura de nossa humanidade ; hoje o homem e tal homem, subiu coroado com os laureis de seu sangue. Isto é o que diz S. Fulgencio, combinando elegantemente a correspondencia destes dois dias. E eu que direi ? Combinando tambem um dia com outro dia, e uma celebridade com outra, quizera dizer que o dia de hontem foi prognostico do dia de hoje ; e que o nascimento e presepio de Christo prognosticou hontem em Belem o martyrio que Estevão padeceu, e com que triumphou hoje em Jerusalem.

Lembra-me que em tal dia como o de hontem, o anno passado, sobre as palavras do anjo aos pastores : *Hoc vobis signum. invenietis infantem pannis involutum, et positum in præsepio*, (Luc. II — 12) provei, que naquella signal se comprehendiam todos os signaes, não só *in genere*, senão tambem *in specie* ; nem só em *commum*, senão tambem em particular. Disse o anno passado, que fôra signal formal, em quanto incognito ; e signal instrumental, em quanto conhecido : disse então, que fôra signal natural, em quanto proprio da benignidade divina ; e signal *ex instituto*, em quanto traçado por sua sabedoria, e decretado por sua vontade. Agora digo, seguindo e adiantando o mesmo pensamento, que outra vez, e por outro modo foi signal, porque foi signal prognostico.

Entre o nascimento de Christo, e o martyrio de Santo Estevão passaram trinta e quatro annos ; e os philosophos dividindo os signaes, em quanto abraçam todas as differenças dos tempos, por distantes que sejam, dizem, que, ou são demonstrativos, ou rememorativos ou prognosticos : os demonstrativos mostram o presente ; os rememorativos trazem á memoria o passado ; os prognosticos annunciam ou pronunciam o futuro : e tal digo eu que foi o signal de Christo infante, em respeito do martyrio de Santo Estevão. Isto supposto, será o argumento ou assumpto do meu dis-

curso este: — Que o dia e mysterio de hontem prognosticou o dia e celebridade de hoje; porque o nascimento de Christo foi signal do martyrio de Estevão; e o presepio do Salvador prognostico da coroa do proto-martyr. — Bem tonheço quão grande difficuldade é o achar e conciliar união entre coisas tão diversas e tão distantes; mas toda a minha confiança ponho na graça daquelle Senhora, em cujo sacrario virginal se uniram as mais diversas e distantes de todas, qual era, Deus e homem. *Ave Maria.*

I.

Os signaes prognosticos, segundo a lei geral com que a Providencia divina governa o universo, guardam entre si tal ordem no tempo e no lugar, que primeiro apparecem os signaes no ceu. e depois se verificam os prognosticos na terra. Exemplo sejam os cometas, de que tão fertil foi nestes ultimos annos o nosso seculo. Os cometas, diz Tibullo, prognosticam guerras: *Belli mala signa cometæ*. Os cometas, diz Arato, prognosticam tempestades: *Sæpe dat horrendas tempestas sicca cometas*. Os cometas, diz Lucano, prognosticam mudanças de reinos: *Crinemque timendi syderis, et terris mutantem regna cometen*. Os cometas, diz Pontano, significam destruição dos povos e mortes dos reis: *Magnorum, et clades populorum, et funera regum*. E quando as guerras, as tempestades, as mudanças dos reinos, as destruições dos povos, as mortes dos reis, e os outros effeitos destes prognosticos se experimentam na terra, já da mesma terra se tinham visto no ceu os funestos signaes delles: por isso disse geralmente Claudiano: *Et nunquam terris spectatum impune cometen*. Deixados porém os poetas, cuja fé é duvidosa e incerta, temos em prova desta verdade o oraculo infallivel do mesmo Christo: *Erunt, signa in sole, et luna, et stellis*: (Luc. XXI — 25) Apparecerão diz o Senhor, no fim do mundo varios signaes no sol, na lua e nas estrellas. E quando estes signaes se virem no ceu, que succederá na terra? *Et in terra pressura gentium*. Na terra se verão as oppressões e calamidades que os mesmos signaes prognosticam. De sorte que a lei geral com que Deus governa o uni-

- verso, é, que primeiro se vejam os signaes no ceu, e que depois se verifiquem os prognosticos da terra. Hoje, porém, ou hoje e hontem, o signal viu-se na terra, e o prognostico verificou-se no ceu. Que viram hontem os pastores na terra? O signal que lhes deu o anjo, que foi Christo infante reclinado no presepio: *Hoc vobis signum, invenientis infantem pannis involutum, et positum in præsepio.* (Luc. II — 12) E que viu hoje Estevão no ceu? *Ecce video celos apertos, et Filium hominis stantem à dextris virtutis Dei:* (Act. VII — 55) Vejo (diz) os ceus abertos, e ao Filho do homem em pé á mão direita de Deus. Notavel differença por certo! Não canta a igreja, e não nos ensina a fé, que Christo está assentado á dextra do Padre: *Qui sedet ad dextram Patris?* Pois se Christo está no ceu assentado, como o viu Estevão em pé? Excellentemente S. Cypriano: *Stabat quasi sollicitus, ut coronaret martyrem:* Estava como solícito, porque via padecer martyrio, e queria coroar o martyr. Fazendo no presepio, lhe deu o exemplo, e posto em pé no ceu, lhe preparava o premio; porque, como diziamos no principio, o nascimento de
- Christo prognosticou o martyrio de Estevão; e o presepio do Salvador foi prognostico da coroa do proto-martyr.

Mas porque entre o signal geralmente, e muito mais entre o signal prognostico, e a coisa, ou effeito, prognosticado, deve de haver proporção, conveniencia, e similitude; que similitude, que conveniencia, ou que proporção tem, ou pôde ter o nascimento e presepio de Christo com o martyrio de Estevão, principalmente sendo o nascimento o principio natural da vida, e o martyrio o fim violento della? O cardeal S. Pedro Damiano o disse tão altamente, como em poucas palavras; *Reclinatus Dei Filius in præsepio legem martyrii præfigebat:* (S. Petr. Dam.) Nascendo (diz) o Filho de Deus em um presepio, naquellas columnas semi-rotas do portal de Belem fixou as leis do martyrio. O signal, e o prognostico, a similitude e proporção do nascimento de Christo com o martyrio, não esteve no nascer, senão no modo, no lugar, no tempo, e nas outras circumstancias, com que nasceu em um presepio: *Reclinatus in præsepio.* A dureza da magedoura, a aspreza das palhas, a companhia irracional dos brutos, o desabrigo

do portal, a escuridade da noite, o frio e rigor do inverno, a abertura das faxas com que estava atado de pés e mãos, *Et Dei manus, pedesque stricta cingit fascia*; sobre tudo o apartamento da Mãe, posto que em pequena distancia, não chegado a seu peito e em seus braços, senão separado delles, como exposto: *Positum in præsepio*; e tudo isto padecido com um silencio soffrido, e um soffrimento calado, sem se queixar dos que o não receberam em suas casas, nem fallar palavra, que isso quer dizer *infantem*. Esta foi a similhaça do signal, esta a proporção do prognostico, e este o prognostico do martyrio.

Verdadeiramente é muito digno de grande reparo, que os tres dias, e as tres festas, de que se acompanha esta soberana solemnidade do nascimento do Salvador, todas tres sejam de martyres. Martyr Santo Estevão, martyr S. João, martyres os Santos Innocentes; e não só martyres de qualquer modo, senão martyres com tal differença, que nestes tres se comprehendem todas as especies de martyrios. Assim o notou com esquisita subtileza o doutissimo e devotissimo Bernardo: *Habemus in Beato Stephano martyrii simul, et opus, et voluntatem: habemus solam voluntatem in Beato Joanne, solum in Beatis Innocentibus opus. Biberunt omnes hi calicem salutaris, aut corpore simul, et spiritu, aut solo spiritu, aut corpore solo*: Temos nestas tres festas (diz o Santo) as tres especies que ha, ou pôde haver de martyrio: martyrio de morte sem vontade, martyrio de vontade sem morte, e martyrio de morte, e juntamente de vontade. Nos Innocentes martyrio de morte sem vontade; porque morreram antes do uso da razão: em S. João martyrio de vontade sem morte; porque não morreu violentamente: em Santo Estevão martyrio de morte, e juntamente de vontade, porque sobre a vontade, e ardentissimo desejo com que se abrazava seu coração de morrer por Christo, verdadeiramente padeceu cruelissima morte a mãos dos cruentissimos tyrannos, mais dura, que as mesmas pedras, de que contra elle se armaram. Todos finalmente beberam o calix do Senhor, que é o martyrio: *Aut corpore solo*. Ou só no corpo, como os Innocentes: *Aut solo spiritu*; ou só no espirito, como S. João: *Aut corpore simul, et spiritu*;

ou no corpo e no espirito juntamente, como Estevão. Mas porque razão é este, e não outro o apparatus de que se orna a solemnidade do nascimento de Christo ; e o não acompanham nella outros santos e cortezãos do ceu de eminentissimas dignidades, senão os martyres somente, e os martyres não só de uma, senão de todas as especies de martyrio ? Sem duvida, porque estes foram os effeitos prognosticados pelo signal do presepio de Christo ; e estes foram os fructos do seu nascimento, inundaçào de todo o genero de martyrios, diz o mesmo S. Bernardo: *Utili proinde dispensatione triplex ista solemnitas natale Domini comitatur, ut non modò inter continuas solemnitates devotio continua perseveret, sed et fructus Dominicæ nativitatis exundet.*

II.

E para que vejamos em particular, quão cumpridamente se verificou no valoroso proto-martyr o prognostico desta inundaçào, a qual nelle foi tão forte, que chegou a levar comsigo as pedras, -necessario é que advirtamos primeiro, qual foi a condiçào da lei, com que o Senhor recém-nascido publicou a do martyrio no seu presepio: *In præsepio reclinatus legem martyrii præfigebat.* Por ventura bastará padecer constantemente a violencia e rigor dos tormentos, sem resistencia, nem movimento proprio em contrario, como o mesmo Senhor o não teve nos rigores do seu presepio ? Absolutamente digo, que não bastará, se juntamente não concorre a primeira e principal condiçào do signal prognosticante, com o qual se deve proporcionar o prognosticado. Qual foi a primeira e principal condiçào, ou propriedade do signal ? O anjo que o assignalou ~~e disse~~: *Hoc vobis signum, invenietis infantem.* *Infantem* não só quer dizer menino, mas menino que não falla : e assim estava o Menino Deus, padecendo no presepio todos os rigores que ponderámos, do tempo e do lugar, das semrazões dos homens, tendo elle em quanto homem perfectissimo uso de razão ; mas mudo, e sem fallar palavra : *Infantem.* Para observar a perfeita lei da paciencia no martyrio, não basta só padecer, nem muito padecer, mas é neces-

sario padecer e calar: é necessario padecer infante, para chegar a ser martyr. Esta é a qualidade singular, por que a mesma egreja catholica canonisa a paciencia dos martyres.

*Traduntur gladiis more bidentium,
Non murmur resonat, non querimonia,
Sed corde impavido mens benè conscia
Conservat patientiam.*

Padecem os martyres os tormentos, diz a egreja, e não se ouve da sua bocca uma só palavra de queixa, nem alta, nem baixa, nem declarada, nem escura, e entre dentes, que isso quer dizer *non murmur resonat*. E porque? Porque conhecem, como bem intendidos: *Mens benè conscia*, que só por este modo, padecendo e calando, se conserva a paciencia: *Conservat patientiam*. Admiravel sentença por certo! Assim como o licor precioso, se a bocca da redoma não está tapada, exhala e evapora o cheiro, e perde a virtude; assim a paciencia de nenhum modo se conserva na sua perfeição, se o silencio constante lhe não tapa e emmudece a bocca; porque só padecendo e calando ha verdadeira paciencia.

Depois que o demonio em um dia, ou em uma hora, despojou a Job de tudo o que com tanta abundancia possuia, lavou-ras, gados, escravos, casas, filhos, sem que nenhuma destas per-das, ou todas juntas, bastassem a lhe derribar a constancia e en-fraquecer a paciencia; vencido nesta primeira batalha, pediu e alcançou licença de Deus o mesmo demonio, para passar dos ac-cidentes á substancia, e combater novamente ao vencedor anta-gonista de mais perto, e não de fóra, mas na propria pessoa. Com isto se viu em outro momento o mesmo Job não coberto de cha-gas, mas feito todo uma chaga viva, que de pés á cabeça o co-bria, excepta, como elle diz, a bocca: *Et derelicta sunt tantum-modo labia circa dentes meos*. (Job. XIX — 20) Nesta excepção reparo, e pergunto ao demonio: Vem cá, espirito soberbo e in-fernal, se tão inimigo és de Job, tão forte e tão ardiloso: se in-juriado de te ver vencido o accommettes raivoso a segunda vez; e se és tão cruel, que parte por parte o feriste e atormentas todo,

por que perdoas á bocca, e lh'a deixas livre? Deus na licença que te deu, só exceptuou a vida; pois se elle não faz esta excepção, porque a fazes tu, em tudo o mais cruel, e só com a bocca piedoso? Não foi piedade, não (diz S. Chrysostomo) senão ardil subtilissimo do demonio, que assim lhe quiz armar o laço para o derribar da virtude, em que foi mais eminente. Job na primeira victoria alcançou o famoso titulo não só de exemplo, mas de exemplar da paciencia; pois para que cáia e fique vencido nella, deixemos-lhe livre o instrumento da falla e da queixa; porque desafogando a dôr pela bocca, não se poderá dizer da sua: *non murmur resonat, non querimonia*; e com o não padecer mudo e calado, ainda que padeça muito, perderá a perfeição e lustre da perfeita paciencia, que consiste em padecer e calar: e como neste silencio soffrido, ou neste soffrimento mudo, consiste a principal observancia da lei do martyrio; por isso o prototypo dos martyres no seu presepio, e o proto-martyr no seu tormento, ambos padeceram sem fallar, e cada um delles como infante: *Invenietis infantem*.

Fallando Santo Estevão, era tão poderosa a efficacia de suas palavras, que ninguem podia resistir a ellas: *Et non poterant resistere sapientiæ, quæ loquebatur*: (Act. VI — 10) e comtudo, quando impetuosamente o arrebatarem para o apedrejar, nenhuma palavra lhes disse, nem de queixa, nem de repugnancia, deixando-se levar da furia da multidão mudamente, e sem o menor movimento de resistencia. Pois se ninguem lhe podia resistir, quando fallava, por que não fallou tambem agora, para elle resistir não a outros, senão aos mesmos que tantas vezes tinha vencido? Porque d'antes obrava como mestre, e agora como martyr: e como era a maior gloria do seu magisterio que ninguem ~~podesse~~ resistir á sua sapiencia; assim era a maior gloria do seu martyrio, que a ninguem resistisse a sua paciencia. A sapiencia invencivel fallando, e a paciencia calando, tambem invencivel. E aqui se deve notar muito o modo ou cautela, com que a mesma multidão dos tyrannos se atreveram a pôr as mãos no martyr, e lhe atiraram as pedras. Diz o texto sagrado, que primeiro taparam os ouvidos, e assim arremetteram impetuosamente a elle: *Continuerunt aures*

suas, et impetum fecerunt unanimiter in eum. Ibid. VII — 56) Qual foi pois o motivo desta tão extraordinaria cautela, com que taparam primeiro os ouvidos? Que importára que ouvissem a Estevão, ou não o ouvissem, se estavam determinados a lhe tirar a vida? Importava muito. Dos aspides, diz David, que tapam os ouvidos, para que o sabio encantador com as suas vozes os não encante; e de bravos e venenosos os não domestique e amanse: *Sicut aspidis surdæ, et obturantis aures suas, quæ non exaudiet vocem incantantium, et venefici incantantis sapienter.* (Psalm. LVII 5 e 6) Eram aspides venenosos e feros aquelles inimigos mortaes de Estevão e de Christo, a quem prégava; e como tinham experimentado tantas vezes, que em fallando Estevão, como sabio encantador, com a virtude de suas palavras os encantava e rendia de maneira, que não havia quem lhe resistisse; por isso agora, temendo-se que fallando obrasse nelles os mesmos effeitos, cerraram primeiro os ouvidos para o não poderem ouvir, e surdos como aspides empregaram nelle o seu veneno. Enganaram-se, porém, tão cegos, como surdos; porque tão necessarias eram as suas vozes á sua sabedoria, como o seu silencio á sua paciencia: as vozes necessarias á sabedoria para não ser resistida e vencer, e o silencio necessario á paciencia para não resistir e ser ferida.

III.

Torno a dizer — para não resistir, nem ser ferida —, clausula ou consequencia, que parece pouco coherente, como se a resistencia, que é a que repara o corpo dos golpes, fosse a que o expozesse ás feridas; mas na paciencia é assim: quando a paciencia resiste, não são tanto os contrarios, os que recebem as feridas, quanto a mesma paciencia, a qual resistindo-lhe a elles, se fere a si mesma. De Estevão, diz a historia de S. Lucas, que não só obrava milagres de qualquer modo, senão grandes, prodigiosos e estupendos: *Stephanus autem plenus gratia, et fortitudine, faciebat prodigia et signa magna in populo:* (Act. VI — 8) e segundo estes poderes extraordinarios que Deus tinha delegado nelle, sem offensa do espirito que professava, bem pudéra, como prégador zeloso,

como varão apostolico, e como discipulo de Christo, resistir de tal maneira á furia de seus inimigos, que, ou os fizesse cair mortos diante de si, ou, quando menos, lhes atasse as mãos de modo, que lhe não podessem atirar as pedras. Como prégador zeloso pudéra fazer que do ceu saíssem raios de fogo, que os abraçassem, como Elias aos soldados de Achab: como varão apostolico pudéra fazer que ensissem mortos a seus pés, como S. Pedro a Ananias, e Saphira: e como discipulo de Christo pudéra fazer que nem nas mãos tivessem força, com que atirar as pedras, nem nos olhos vista, com que vêr a quem haviam de apedrejar: *Tulerunt lapides, ut jacerent in eum; Jesus autem abscondit se.* (Joan. VIII — 89) Pois se tudo isto pudéra fazer Estevão, como fazia outros grandes prodigios; por que o não fez em sua defesa, resistindo a seus inimigos? Porque se assim resistisse, feriria a sua paciencia, a qual elle tinha obrigação de conservar, não só muda na boca, senão illeza nas mãos, como a do infante de Bellem, que no presepio, sendo omnipotente, as tinha atadas: *Et Dei manus, pedesque stricta cingit fascia.* Tudo é pensamento altissimo de Tertuliano, o qual disse, que quando Pedro, resistindo aos soldados que vinham prender a Christo, feriu a Malco, recebeu Christo aquella mesma ferida na sua paciencia: *Patientia Christi in Malcho vulnerata est.* Bem mereciam os tyrannos, ou algozes de Estevão, que elle, como Pedro, quando menos lhes cortasse as orelhas, pois elles *continuerunt aures suas, et impetum fecerunt unanimiter in eum.* Mas assim como o Senhor mandou embainhar a espada do principe dos apostolos, assim o principe dos martyres embainhou a do seu poder; e antes quiz não receber ferida na sua paciencia, que cural-a em Malco. E para concluir com o maior elogio da paciencia do proto-martyr, mais prodigiosa que todos os outros seus prodigios, e em materia e occasião que muito nos póde servir de exemplo para imitar, diz o mesmo texto de S. Lucas, que todas as synagogas, ou escólas, que naquella tempo se achavam em Jerusalem, de todas as tres partes do mundo, os Alexandrinos da Asia, os Libertinos da Africa, os Cyrinenses e outros da Europa, todos disputavam contra Estevão: *Surrexerunt autem quidam de sy-*

nagoga, quæ appellatur Libertinorum, et Cyrenensium, et Alexandrinorum, et eorum, qui erant à Cilicia, et Asia disputantes cum Stephano. (Act. VI — 9) Só Estevão era o que defendia, e todos os outros o pertendiam impugnar; mas como não pudessem resistir á sua sabedoria: *Non poterant resistere sapientiæ, et spiritui, qui loquebatur,* (Ibid. — 10) que fizeram? Primeiramente fizeram, o que muitos fazem, que quando não podem soltar os argumentos, soltam a lingua em injurias, chamando-lhe blasphemo; e sobre isso passaram das linguas ás mãos e ás pedras, com que, multiplicando os tiros, o deixaram sepultado de baixo dellas. Tiraram-lhe a vida, mas não lhe venceram a paciencia; porque o invencivel proto-martyr, tendo só voz, e altas vozes, com que orava a Deus por elles, nenhuma se lhe ouviu, nem de queixa contra seus atormentadores, nem de resistencia ou repugnancia contra os tormentos. Este foi o glorioso fim da disputa, em que a pedra não era do defendente, mas eram as pedras dos argumentantes; e este foi o triumpho da paciencia de Estevão, em que não digo que deu quináu á de Job, mas que mereceu um paralogismo de maior louvor, que a sua.

Já vimos como o demonio, para fazer cair a Job, e lhe escurecer a gloria da paciencia, lhe armou o laço na boca, deixando-lhe livre a lingua: e qual foi o successo desta sua astucia? A historia de Job divide-se toda em duas partes. A primeira, em que por meio dos inimigos o despojou de todos os bens: a segunda, em que por meio dos amigos altercou com elle uma larga disputa. Na perda dos bens estende tão forte e constante a sua paciencia, que diz della o texto sagrado: *In omnibus his non peccavit Job labiis suis, neque stultum quid loquutus est contra Deum.* (Job. I — 22) Porém na disputa com os amigos, respondeu o mesmo Job de maneira que Deus o reprehendeu, dizendo: *Quis est iste involvens sententias sermonibus imperitis?* (Ibid. XXXVIII — 2) E o mesmo Job confessou de si, que tinha fallado ignorantemente: *Ideo insipienter loquutus sum.* (Ibid. XLII — 3) Pois se Job não perdeu a sabedoria e a paciencia na perda dos bens, porque a perdeu na disputa? Porque o calor e fervor do disputar, batalha em que se

não empenha a fazenda ou a saúde, senão o intendimento, é o mais rigoroso exame da paciência. Conservou-se a paciência de Job em tantas perdas, e perdeu-se em uma disputa: *Ideo insipienter loquutus sum.* (Ibid.) Nota-se muito a paciência: *Loquutus sum*, para que se veja a victoria da paciência de Estevão, e a razão da mesma victoria. Job disputava contra tres homens, Estevão contra tres escolas inteiras: Job com amigos, e Estevão com os mais duros e crueis inimigos. Mas Job respondia contra os argumentos, e contra as injurias; e Estevão pelo contrario, sendo injuriado com injurias de blasphemo, e impugnado com syllogismos de pedra, nem uma só palavra se lhe ouviu contra ellas: e como um padeceu fallando, e outro callando; por isso Job, que ainda não tinha o exemplo do infante de Bellem, perdeu a paciência no que fallou: *Insipienter loquutus sum*; e Estevão pelo contrario, conservou e qualificou a sua paciência no silencio, porque imitou o do mesmo Infante no seu presepio: *Invenietis Infantem positum in præsepio.*

IV.

Isto é o que eu pretendi dizer do glorioso proto-martyr, a quem peço perdão do pouco e mal que disse. Mas á vista do exemplo do seu martyrio, e muito mais, á vista do seu exemplar no presepio, que me posso eu dizer a mim, e aos que me ouvem? A igreja no dia de hoje com palavras tomadas de Santo Agostinho, a maior prerogativa que considera em Estevão, é ser o primeiro que com a morte propria pagou a Christo a morte que elle se dignou padeecer por nós: *Mortem enim, quam Salvator noster dignatus est pro nobis pati, nemo illi primus reddidit Salvatori.* Morreu Estevão por Christo; porque Christo morrendo por todos nós, tambem morreu por elle. Eu, porém, creio que a divida que o proto-martyr pagou a Christo, não foi esta, senão outra mais antiga: Não só pagou a Christo com a morte a morte, senão tambem o nascimento; porque para Deus nos obrigar a morrer por elle, não foi necessario que elle morresse por nós; mas bastou que nascesse por nós, e para nós.

Assim o disse n'outra occasião o mesmo Santo Agostinho, com mais alto pensamento: *Opportebat enim ut primum Immortalis pro mortalibus susciperet carnem, ut hic mortalis pro Immortali susciperet mortem*: Depois que o Immortal encarnou, e nasceu por amor do mortal, logo ficou obrigado o mortal a morrer pelo Immortal. Assim que, no nascimento de Christo é que contraiu Estevão a obrigação de morrer por Christo: e porque Christo nascendo se pareceu com Estevão, por isso ficou obrigada Estevão a se parecer com Christo morrendo, diz o mesmo santo doutor: *Sicut Christus nascendo Stephano, ita Christus Stephanus moriendo conjunctus est.*

Esta é a nossa obrigação no dia de hontem, e de hoje, não só de dar a vida por Christo, porque morreu por nós, senão também porque nasceu por nós: e não nos desobriga desta correspondencia chamar-nos Christo á sua fé em tempo e em terra onde não há tyrannos; porque a todos nos chamou á religião, a qual se não é martyrio tão rigoroso e tão duro, como o de Estevão, como bem disse S. Bernardo, é martyrio mais dilatado. O que importa é que nós pontualmente observemos as leis deste martyrio, que o soberano Legislador em entrando neste mundo publicou logo no seu presepio: *In præsepio reclinatus, legem martyrii præfigebat*. Sejam os martyres, como elle no seu presepio foi martyr, padecendo em silencio, e sem queixa, todas aquellas mortificações, que á nossa fraqueza se offerecem dentro das occasiões domesticas, em que ao presente vivemos. Se o aposento fôr incommodo, e mais sujeito ás inclemencias do tempo, como se queixará um religioso de mal agasalhado, se do Creador do mundo se diz; *Non erat ei locus in diversoria?* Se a cama fôr menos branda, a quem lhe não parecerá muito mi-mosa, á vista da dureza daquella mangedoira, e da aspereza daquellas polhas: *Reclinavit eum in præsepio?* (Luc. II—7) Se o vestido fôr da estofa mais-grosseira, quem o não terá por gala, sendo esta a do principe da gloria: *Et pannum eum involvit?* Se o companheiro não fôr o de mais agradável condição, quem se não concordará com elle, sendo os de Deus humanado dois brutos irracionais? Se a pobreza lhe atar as mãos, e a

obediência e a clausura os pés, quem se atreverá a bolir pé, nem mão, vendo atado de pés e mãos ao Omnipotente? E, o que mais se póde sentir, quem se resentirá, ou dará por aggravado de o apartarem de si, ainda que seja para muito longe, os que distribuem os logares, se a mesma Mãe do Filho de Deus, e seu, o apartou de seu peito, e de seus braços, e o poz Infante em um presepio: *Infantem positum in præsepio*? Desta maneira acharam os pastores no presepio ao divino Exemplar da paciência muda: e ditoso e hemaventurado aquelle religioso, que assim fór achado na hora da morte, e em todos os dias, horas, ou instantes da vida: *Positum*, posto em qualquer logar, onde o puzer a obediência: e *Infantem*, sem fallar, nem replicar, nem pedir ou desejar mudança do mesmo logar; porque com esta resignação e indifferença imitará a Christo, como o proto-martyr o imitou na terra, e o verá, como elle o viu no céu: *Ad quod nos perducatur Dominus Jesus. Amen.*

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO.

**Prégado na egreja da Senhora do Desterro. Bahia,
no anno de 1639.**

De qua natus est Jesus. — Matth. I.

I.

Logar, pessoa, e tempo são aquellas tres circumstancias geraes, com que todo o orador se deve medir, se não quer faltar, nem exceder as leis desta nobilissima arte, que na natureza racional é a primogenita. Assim o desejei fazer hoje. E posto que a pessoa, ou pessoas, se concordam facilmente com o logar e com o tempo, nem o tempo com o logar, nem o logar com o tempo entre si, parece que tem possivel accommodação. As pessoas são as que se nomeam nas palavras que propuz, Jesus e Maria: o logar é esta nossa egreja da Senhora do Desterro; e o tempo é o dia de sua purissima conceição. As pessoas se concordam facilmente com o logar do Desterro, porque a Mãe e o Filho ambos foram desterrados: e com a mesma propriedade se con-

cordam também com o dia da concepção, porque a Mãe foi a concebida sem peccado original, e o Filho o que a remiu e preservou d'elle: mas o desterro e a concepção são dois extremos tão remotos e tão distantes, que muito menor distancia é a de Nazareth, onde a Senhora foi concebida, ao Egypto, para onde foi desterrada. Na consideração desta grande difficuldade quasi estive deliberado a mè deixar vencer della: não me faltando exemplos muito auctorisados dos que não só com perdão, mas com applauso, sem sair do logar, o deixam, reputando esta circumstancia, ou por superflua e alheia do mysterio, ou por menos necessaria aos ouvintes. Mas porque os que veem de tão longe a este deserto trazidos só da nova devação da Senhora do Desterro, se não ouvem fallar do mesmo desterro em qualquer dia que seja, tornam desconsolados; para satisfazer á piedade do seu affecto, e lhes compensar gostosamente o trabalho das passadas, não pude deixar de insistir outra vez no intento começado. Invocando pois o favor da Santissima Virgem, debaixo de ambos os nomes, e tornando a considerar com maiores impulsos, se entre o mysterio da sua concepção e o do seu desterro podia descobrir alguma razão de correspondencia; a que se me offereceu foi tão alta, tão propria, e tão cabal, que ella será a materia do sermão, e o emprego de todo o meu discurso. Para que eu possa dizer qual é, e provar o que disser de tal modo que fique persuadido, peçamos á mesma Esposa do Espirito Santo, que, como Senhora do Desterro, e Senhora da Concepção, nos assista com sua graça. *Ave Maria.*

H.

Depois que propuz a materia deste sermão, e sem a declarar, encareci tanto a alteza e propriedade della, razão tenho para me parecer que estou vendo a todos os que me ouvem, tão suspensos, como alvoroçados, no desejo e curiosidade de saber qual seja. E bem creio que a nenhum tenha vindo ao pensamento qual possa ser a correspondencia entre dois mysterios tão diversos, e em todas suas circumstancias tão encontrados. A concepção se

ebrou no primeiro instante da vida da Senhora, o desterro na idade em que já era Mãe : a concepção em Galiléa, terra de fleis ; e desterro no Egypto, região de gentios : a concepção a livrou do peccado original, e o desterro a sujeitou a todos os trabalhos de que foi causa o mesmo peccado. Como se podem logo corresponder, e com grande propriedade, dois mysterios tão oppostos ? Já o digo em duas palavras, para depois o demonstrar em muitas. Digo que os mysterios do desterro e concepção da Mãe de Deus, se correspondem não só altíssima, mas também propriissimamente, porque o desterro da Senhora foi o desempenho da sua concepção : e foi o desempenho da sua concepção ; porque tudo o que deveu a seu Filho na concepção, lhe pagou no seu desterro. Dae-me agora attenção.

O maior e mais excellente beneficio de que a Mãe de Deus é devedora a seu Filho, não é a dignidade de a fazer sua Mãe, senão o privilegio de ser concebida sem peccado. Ambos foram beneficios singulares, que nem se concederam, nem se hão de conceder a outrem : *Nec similem visa est, nec habere sequentem* ; mas a singularidade de ser concebida sem peccado, maior e muito mais excellente que a de ser Mãe de Deus. Não tenho menos legitima prova, nem menos qualificado auctor desta que pôde parecer duvidosa supposição, que a mesma Mãe que concebeu ao Filho de Deus, e foi concebida em sua graça. Concluido o mysterio da encarnação do Verbo, e despedido o anjo embaixador, partiu logo a Virgem, já Mãe de Deus, a visitar Santa Isabel, a qual a recebeu, não nos braços, como faz erer ao vulgo a phantasia dos pintores, mas prostrada a seus sacratissimos pés, como se deve ter por certo ; e as palavras que disse foram estas : *Unde hoc mihi, ut veniat Mater Domini mei ad me ?* (Luc. I — 43) De d'onde a mim tanto bem, que veja eu em minha casa a Mãe de meu Senhor ? Assim fallou a Mãe, que havia seis mezes o era do Baptista, informada já por espirito prophetico da fé do mysterio, e confirmando o que dizia com os saltos e alvoroços do maior dos prophetas, que tinha em suas entranhas. Mas que responderia a tudo isto a Virgem Maria ? *Magnificat anima mea Dominum, et exultavit spiritus meus in Deo salutari meo.* A minha

alma louva e glorifica ao Senhor, e o meu espirito (que é a parte superior da mesma alma) se alegrou em Deus meu *Redemptor*. Note, e repare muito nestas ultimas palavras. Em Deus meu *Redemptor*, diz, e não em Deus meu *Filho*. Pois se o parabem que dá Isabel á Senhora, é de ser Mãe de Deus: *Ut veniat Mater Domini mei ad me*; por que não diz que se alegrou seu espirito em Deus seu *Filho*, senão em Deus seu *Redemptor*? Por que muito mais estimou a Virgem immaculada, e muito mais alto lugar teve em seu espirito a immuniade com que o Filho a preservou em quanto *Redemptor*, que a dignidade a que a sublimou em quanto *Filho*. Em quanto *Redemptor* remiu-a do peccado original na concepção; em quanto *Filho* sel-a Mãe de Deus no parto: e no juizo da mesma Senhora, em que não podia haver erro, mais digno de estimação foi o privilegio de ser concebido sem peccado, que a dignidade de ser Mãe de Deus. A razão para os theologos é, por que a dignidade de Mãe de Deus pertence ás graças *gratis datas*, e a de ser concebida sem peccado, á santificante. E como o privilegio singular da concepção sem peccado, ainda comparado com a ineffavel dignidade de Mãe de Deus, é maior e mais excellente beneficio; muito mais obrigada e devedora ficou a Mãe de Deus a seu Filho, pela isentar e remir do peccado original, que pela fazer Mãe sua.

III.

Assentada a verdade desta gloriosa supposição, segue-se agora ver como a Senhora podia satisfazer a esta grandissima divida, e como com effeito se desempenhou della, e a pagou. Para intelligencia deste ponto, que é o fundamento do ~~nosso~~ *discurso*, hão de saber os que ainda o não teem advertido, que neste mundo não houve um só Herodes, senão dois, e o primeiro muito peor e mais cruel que o segundo. Este segundo foi o que reinava em Jerusalem quando Christo nasceu: o primeiro foi o que deu occasião a que o mesmo Christo nascesse, e Deus se fizesse homem, o qual se chamou Adão: e foi Adão peor, e mais cruel Herodes que o de Jerusalem; porque Herodes matou os innocentes

de dois annos para baixo, e Adão mata a todos seus descendentes no mesmo instante em que são concebidos. Os que matou Herodes, fel-os martyres; os que mata Adão, sal-os peccadores. E como Christo na concepção de sua Mãe a livrou da morte, em que, como filha de Adão, havia de ser concebida, e a mesma Mãe desterrando-se livrou ao mesmo Christo da morte, em que, como innocente de Belem, havia de padecer a mãos de Herodes; esta foi a igual correspondencia, e o beneficio e preço tambem igual; com que a Senhora por meio do seu desterro pagou ao Filho tudo o que lhe devia na concepção: e por este modo, assim como o Filho foi especial Redemptor da Mãe, porque a livrou da morte, a que estava sentenciada, por haver de nascer de Adão; assim a Mãe foi especial Redemptora do Filho, porque o livrou da morte, a que estava sentenciado, por ter nascido em Belem. Ninguém ignora que Christo Senhor nosso é Redemptor universal de todos os homens, porque a todos remiu do captivo e da morte, a que todos ficámos sujeitos por filhos de Adão: e se a Virgem Santissima tambem é filha de Adão, em que consistiu a especialidade com que seu Filho a remiu a ella, e não aos demais? Consistiu em que aos demais remiu-os do captivo depois da captivos, e da morte depois de mortos; porém a sua Mãe antes de morta, nem captiva, a remiu anticipadamente, para que o não fosse. E tal foi o nobilissimo modo de redempção, com que a mesma Mãe remiu tambem a seu Filho; porque o remiu das mãos de Herodes, antes de cair nellas, e da morte que lhe queria dar, antes que lh'a dêsse: *Futurum est enim ut Herodes quærat puerum ad perdendum eum.*

E que este modo de livrar anticipadamente da morte seja verdadeiro remir, ouvi a prova que em materia tão debatida por ventura nunca ouvistes, nem se pôde desejar mais adequada. Depois da famosa victoria contra o gigante, David, que não só era valente, mas poeta e musico, compoz e cantou a Deus em acção de graças um psalmo, no qual diz com termos exquisitos, não que o Senhor o livrara, mas que o remira da espada maligna: *Redemisti servum tuum de gladio maligno.* Por ventura o gigante matou, feriu ou tocou a David com a sua espada? Tão longe es-

teve disso que nem a tirou da bainha. Pois se a espada de Golias não partiu a David desde a cabeça até os peitos, como costumam ser os golpes dos gigantes : se lhe não despedaçou membro por membro o corpo em tão miudos retalhos que os desse a comer, como elle dizia, ás aves : e finalmente se não chegou a executar em David nenhuma daquellas furias e crueldades, pelas quaes lhe chamou espada maligna ; por que diz que Deus o remiu della : *Redemisti servum tuum à gladio maligno ?* Por que para Deus remir a David das mãos e da espada do gigante, não era necessario que David caísse nas suas mãos, nem que elle o ferisse com a espada. Antes por isso o remiu com redempção mais nobre e mais perfeita ; por que antes de poder lançar mão á espada, já estava livre da sua espada e das suas mãos, e vencedor do mesmo gigante. Se Deus depois de ferido David o sarára, ou depois de morte o resuscitára, seria um modo de o livrar muito milagroso, mas não seria o mais nobre, nem o mais honrado, assim para Deus, como para David : mas por que Deus o preservou da morte e das feridas, e do menor toque da espada do gigante, não lhe permittindo que a arrancasse contra elle, por isso diz não simplesmente, que o livrou, senão propria e nomeadamente, que o remiu : *Redemisti servum tuum* ; por que este modo anticipado não só é o mais nobre e o mais perfeito, senão o nobilissimo e perfectissimo de remir.

Este foi o successo da batalha de David. Mudemos agora a campanha. Temos nella não um gigante, senão dois gigantes, nem um David, senão dois filhos de David. Os dois gigantes são o peccado original, e Herodes. Os dois filhos de David são Maria e Jesus. Ambos os gigantes estão poderosamente armados, e ambos com espadas, que por isso se chamam malignas, porque a niuguem perdoam, a todos matam. A espada do original mata a alma, a espada de Herodes mata o corpo : e entre o perigo quasi inevitavel destas duas mortes se empenharam reciprocamente a Mãe e o Filho : o Filho a remir anticipadamente a Mãe da espada do original, e a Mãe a remir tambem antecipadamente o Filho da espada de Herodes. Difficiloso empenho por certo, mas venturosamente executado ; porque matando e

*

manchando a espada do original a todos os filhos de Adão, só Maria ficou isenta do golpe e da mancha; e matando a espada de Herodes a todos os innocentes de Belém, sem nenhum se lhe poder occultar, só Jesus escapou della livre e vivo! Vêde agora se se correspondem bem o mysterio da conceição com o do desterro. O Filho na conceição Redemptor da Mãe, porque a remiu da espada do original: a Mãe no desterro Redemptora do Filho, porque o remiu da espada de Herodes: o Filho na Conceição empenhando a Mãe na maior divida: a Mãe no desterro desempenhando-se della, e pagando-a não só com igual, mas com maior preço.

IV.

Bem estou vendo, que tambem o meu discurso se tem empenhado e indvidado com os doutos em algumas supposições que elle foi involvendo na paridade que sigo entre um e outro mysterio; mas respondendo, como agora farei, á difficuldade de todas, dellas ficará mais provado e manifesto quão adequadamente pagou a Mãe no seu desterro o que devia ao Filho na sua conceição. Primeiramente a vida de que priva o peccado original, como dissemos, é a vida da alma; e a vida de que Herodes privou aos innocentes, e quiz tambem tirar a Christo, era a vida do corpo: logo se eu digo que a Senhora pagou com uma vida a divida da outra, parece que a paga de nenhum modo pôde ser igual á divida: porque a vida da Mãe, que o Filho preservou, e remiu na conceição, foi a vida espirital; e a vida do Filho, que a Mãe preservou e remiu no desterro, é a vida corporal: e a vida espirital é tanto mais nobre, e de tanto maior preço que a corporal, quanto vae da alma ao corpo. Absolutamente, e fallando de sogeitos iguaes, assim é, que a vida espirital é muito mais nobre, e de muito mais excellente valor, que a vida corporal: mas no nosso caso a vida corporal, que a Senhora remiu e salvou das mãos de Herodes, foi a vida corporal de Christo, a qual vida, posto que corporal, por ser vida de Deus, excede infinitamente a vida espirital não só da mesma Virgem Maria, senão de todas as puras creaturas possiveis.

Notavel coisa é que no dia de juizo havendo de dar Christo Senhor nosso a bemaventurança em premio das obras de misericordia, só nomee as corporaes, e das espirituaes nenhuma menção faça. Vinde, bemditos de meu Padre, a gosar a gloria do ceu : *Esurivi enim, et dedistis mihi manducare, sitivi, et dedistis mihi bibere* ; porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber. É certo que o premio deve ser proporcionado ao merecimento ; o premio da bemaventurança, que consiste na vista clara de Deus, é espiritual e eterno ; o merecimento, que consiste na esmola com que se dá de comer e beber ao pobre, é corporal e temporal no effeito, porque a vida do pobre que com ella se sustenta, tambem é corporal e temporal. Que proporção tem logo, nem a esmola que se dá ao pobre, nem a vida do pobre que se sustenta com a esmola, para Deus a pagar com a bemaventurança, pois vem a ser pagar a vida corporal e temporal com a vida espiritual e eterna ? Não ha duvida, que, absolutamente fallando, nenhuma proporção tem a esmola com a bemaventurança, nem a vida corporal e temporal do pobre, que della se sustenta na terra, com a vida espiritual e eterna, que ha de gosar no ceu. Mas vêde o que diz o Senhor. Não diz, *porque destes de comer e beber ao pobre*, senão, *porque me destes de comer e beber a mim : Quia dedistis mihi manducare, et dedistis mihi bibere* : e como a vida corporal e temporal, que se sustenta e conserva no pobre, por privilegio e excesso da divina misericordia, passa a ser vida de Christo, essa vida de Christo sustentada pela esmola, posto que seja vida corporal e temporal, não só é igual no preço á vida espiritual e eterna da bemaventurança, mas como vida de Deus a excede infinitamente. O mesmo digo, e muito mais e ~~melhor~~ no nosso caso ; porque a vida corporal do pobre, que sustentou a esmola, era vida de Christo só por aceitação e privilegio ; porém a vida corporal, que a Senhora conservou e salvou, era propria, natural e realmente vida do Filho de Deus e seu. E como a soberana Virgem com a anticipada preservação desta vida corporal de seu Filho pagou a preservação tambem anticipada da vida espiritual sua, d'aqui se segue, que a paga com que satisfêz por

meio do seu desterro á divida que contraiu na conceição, não só foi igual á mesma divida, mas a excedeu milhares e milhares de vezes, e com excesso de preço, que nem o mesmo Deus o pôde reduzir a numero, porque foi infinitamente maior.

Competiu a Senhora nesta satisfação com seu Filho, não só em lhe pagar anticipadamente a graça recebida na conceição, que foi de preço, posto que singular finito; mas pagando-lhe o preço da mesma graça, que verdadeiramente foi infinito, porque foi o sangue derramado na cruz, com que especialmente a remiu. Como se disséra a Senhora: Vós, meu Filho, para me remir do peccado original comprastes-me aquella graça com o preço infinito de vossa sangue e da vossa morte: pois eu hei-vos de pagar esta fineza com preço também infinito, que é o de vosso mesmo sangue, que quiz derramar Herodes, e da vossa mesma vida, que eu vos livre e salvei da tyrannia de suas mãos. Vós destes o preço, e eu guardei-o, que não foi menos que dar-vol-o; porque se eu o não guardára, não o podereis vós dar quando o destes. E tão infinito foi quando o destes por mim na minha conceição, como quando eu vol-o guardei com o meu desterro. Feche-nos todo este discurso Hugo Cardeal em proprio e verdadeiro sentido, posto que com palavras menos elegantes. Falla do preço da nossa redempção, á qual David chama copiosa: *Copiosa opud eum redemptio*, (Psal. CXXIX — 7) e diz assim: *Copiosa dicitur redemptio, quia pretium sufficiens fuit ad redemptionem mille milium mundorum. Cum enim sit Christus pretium nostrum, qui est verus Deus, et verus homo, in infinitum excedit rem redemptam*. Chama David copiosa a redempção, porque o preço della foi sufficiente a remir mil milhares de mundos. E a razão desta sufficiencia sem numero, nem medida, é, por que o preço da mesma redempção foi a vida de Deus humanado, que excede infinitamente todas as coisas remidas. E como esta mesma vida de Deus foi a que a Senhora remiu e salvou das mãos de Herodes por meio do seu desterro, bem provado e demonstrado fica, que a divida contraída, da conceição, em que seu Filho a remiu do peccado, não só a pagou a Mãe superabundantemente, quanto ao beneficio da graça recebida; mas também infinitamente quanto

se preço della, pois o preço foi a vida do mesmo Christo, agora remida, para depois ser redemptora.

V.

A segunda difficuldade que repugna, ou a segunda repugnancia que difficulta ser a paga da Mãe no desterro igual á divida do Filho na conceição, parece tão manifesta e palpavel, que se vê com os olhos e se toca com as mãos; porque Christo remiu a sua Mãe do peccado original morrendo na cruz por ella, e a Senhora remiu e salvou a seu Filho da espada de Herodes, não morrendo, senão desterrando-se somente. Logo tanto faltou á paga para ser igual á divida, quanto falta ao desterro para ser morte. Concedo que assim é, mas digo que para o desterro ser morte, nenhuma coisa lhe falta. O desterrar-se é enterrar-se; e se ha alguma differença entre a morte e o desterro, é que o desterro não só é morte, senão morte e sepultura. A morte mata, mas não sepulta: e sendo assim, que para ser morto e sepultado não basta só a morte, para ser morto e sepultado basta só o desterro. Não pôde negar esta igualdade, ou este excesso da paga o mesmo acreditar da divida da conceição, que é Christo, porque tudo quanto tenho dito do desterro são palavras tiradas da sua propria boca em quanto Deus. Ouvi a maior e mais litteral prova deste que parece e não é encarecimento.

Levou Deus ao propheta Ezechiel a um campo coberto todo de ossos mirrados e seccos, e era o campo tão grande, que não chegando a esphera dos olhos aonde sua largueza se estendia, foi necessario que o mesmo Deus lh'o fosse mostrando por partes: *Et circumdaxit me per ea in gyro: erant autem multa valde*: (Ezech. XXXVII — 2. e seg.) Sabes, Ezechiel, diz o Senhor, para que te mostrei esta multidão de ossos? É para que lhes prégues como prégador, e lhes annuncies como propheta o que ainda hão de ser. Foi-o assim o prégador propheta, dizendo, ou bradando a todos desta maneira: *Ossa arida audite verbum Domini. Hæc dicit Dominus Deus ossibus his: Ecce ego intromittam in vos spiritum, et vivetis*: Ossos seccos, ouvi a palavra de Deus. A todos estes ossos me manda

dizer Deus, que lhe ha de introduzir outra vez o espirito, e que todos hão de viver. Prégado isto em geral, não pouce admirado Ezechiél do que dizia e não intendia, passou a referir em particular o que Deus, parte por parte, lhe tinha ordenado, e ao compasso das palavras se ia seguindo subitamente com maior admiração o effeito dellas. A primeira coisa que se viu e onviu naquelle immenso auditorio, foi um grande reboço, movendo-se todos os ossos, e indo cada um buscar a juntura dos outros do mesmo corpo: depois de juntos appareceram os nervos, que os ataram: depois de atados, seguiu-se a carne, que os encheu: e depois de cheios estendeu-se por cima a pelle, que os vestiu. Mas posto que as estatuas dos corpos por fóra formadas em todos os membros, e por dentro organisadas com tudo o que pedia a harmonia de cada qual, estavam perfeitas, ellas comtudo, como verdadeiramente mortas e insensíveis, de nenhum modo se moviam. Então disse Deus ao propheta, que de todas as quatro partes do mundo chamasse o espirito, para que se introduzisse, e animasse aquelles cadaveres; e no mesmo tempo em que o espirito se introduziu nelles, todos se ergueram vivos e se puzeram em pé, fazendo um exercito innumeravel: *Et ingressus est in ea spiritus, et vixerunt, steteruntque; super pedes suos exercitus grandes nimis valde.* Isto e o que viu Ezechiél, não sabendo se o que significava aquella tão extraordinaria visão, era coisa passada, ou futura: e verdadeiramente ainda era mais, porque continha o passado, o futuro, e tambem o presente.

Emfim, depois de todo aquelle aparato de circumstancias tão varias e portentosas, declarou Deus a Ezechiél o que significavam, e disse: *Hæc ossa universa domus Israel est:* Estes ossos são todos os filhos de Israel, que hoje estão desterrados em Babilonia contigo. Admiravel caso, e se o mesmo Deus o não dissera, incrível! Os filhos de Israel em Babilonia estavam vivos. Pois se estavam vivos, como os representa Deus ao propheta em ossos descarnados e seccos? Se estavam vivos, como ainda depois de vestidos de carne e pelle, lhes chama o mesmo Deus mortos, *Inausta super interfectos istos?* Os mesmos homens mortos e vivos juntamente? Sim. Porque naquelle tempo e naquelle

logar todos os filhos de Israel estavam desterrados, e o desterro e a morte, posto que aos olhos humanos pareçam coisas diversas, no juizo e estimação de Deus são a mesma coisa. O desterro é como a morte, e a morte é como o desterro: e se algum excede ao outro na miseria, não é a morte ao desterro, senão o desterro á morte; porque se o desterrar-se da patria é morrer, o viver no desterro é enterrar-se. Por isso o oraculo divino uma vez lhes chamou cadaveres, e outra vez ossos seccos: cadaveres como mortos, e ossos seccos como sepultados. Não é commento meu, ou de algum expositor humano, senão declaração do mesmo Deus, fallando com os mesmos desterrados: *Ecce ego aperiam tumulos vestros, et educam vos de sepulchris vestris populus meus, et inducam vos in terram Israel: Consolac-vos, povo meu, filhos de Israel (diz Deus), porque ainda que neste desterro de Babylonia estaes mortos e sepultados, eu abrirei os vossos tumulos, e vos desenterrarei das vossas sepulturas, e vos restituirei á vossa patria resuscitados e vivos: Cum dederó spiritum meum in vobis, et vixeritis.*

De maneira, que por testemunho irrefragavel, e oraculo infallivel da suprema verdade, o perder a patria é morrer, o morrer no desterro é sepultura, e o tornar para a patria resurreição. Ninguém argua logo, nem se atreva a affirmar, que na circumstancia de morrer não foi a paga da Senhora igual á vida; antes, segundo o rigor da palavra divina, devemos todos confessar, que foi muito avantajada na duração; porque a sepultura do Filho morto, escaçamente chegou a tres dias; e a sepultura da Mãe tambem morta, porque desterrada, durou sete annos inteiros; verificando-se ~~no seu~~ desterro do Egypto, o que Deus disse aos desterrados de Babylonia: *Aperiam tumulos vestros, et educam vos de sepulchris vestris.*

VI.

Parece-me que ninguem haverá tão incredulo, que depois de ouvir o que até os ossos seccos ouviram, duvide a igualdade da correspondencia com que a Mãe livrando ao Filho da morte

por meio do seu desterro, pagou o que devia ao mesmo Filho em a preservar, e livrar por meio tambem da morte na sua concepção. Mas desta mesma igualdade assim provada e concedida, resulta outra nova objecção, a que podemos chamar a terceira difficuldade, e parece que tem muito difficultosa resposta. Quando o Filho morreu na cruz, para salvar e livrar a Mãe do peccado original, morreu elle só, e a Mãe não : quando a mesma Mãe se desterrou ao Egypto, para salvar e livrar o Filho da tyrannia de Herodes, não só se desterrou a Mãe, senão tambem o Filho : logo em um e outro modo de salvar houve grande differença ; porque o preço da cruz todo foi á custa do Filho, e não da Mãe, e o preço do desterro, não só foi á custa da Mãe, senão da Mãe, e juntamente do Filho. Assim parece, mas não foi assim. A vantagem do custo, se a houve, toda foi da parte da Mãe e do desterro, e não da parte do Filho e da cruz.

A primeira razão desta resposta é, por que muito mais acompanhou a Mãe ao Filho nas dores da cruz, do que o Filho á Mãe nos sentimentos do desterro. Quem poderá negar, que muito mais padeceu a Senhora ao pé da cruz a morte do Filho, do que podia padecer o Filho nos braços da Mãe o desterro de ambos ? Estando em pé junto á cruz, tudo o que padecia o Filho no corpo, padecia a Mãe na alma. E deixados os encarecimentos não só da conformidade reciproca, mas da identidade deste padecer, que consideram e celebram os santos ; o que não admite duvida é a fé do que prophetisou Simeão, *Et tuam ipsius animam pertransibit gladius* : e se os fios da mesma espada trespassavam o coração de ambas, vêde se o preço da redempção se pagou só á custa do Filho ! Por isso a theologia á boca cheia não duvida conceder á Mãe o titulo de corredemptora. Mas passemos do Calvario ao desterro. Christo Redemptor nosso, como por amor de nós não só se quiz fazer homem, senão tambem menino, na idade da infancia em que succedeu o desterro, só tinha o conhecimento, e sentimento das coisas que costumam ter os meninos naquella idade. Isto se intende não das sciencias

* D. Th. 3. p. q. 9. art. 4. Vas. in 3 p. q. t. 1. disp. 55.

sobrenaturaes com que conhecia tudo, mas da sciencia natural acquisita, que é a que naturalmente influe nos actos do sentimento. E d'aqui se segue, que o soberano Menino não sentiu o seu desterro, nem o da Mãe, porque o não conhecia. Ambos saiam de Nazareth, e perdiam a patria; mas o Menino nem conhecia a patria, nem a perda. E porque o conhecimento dos males é a medida do sentimento delles, esta foi a manifesta e summa differença da Mãe no sentimento das penas do Calvario. E já pôde ser que este fosse o mysterio, com que a Senhora junto á cruz se chama Mãe e mulher, e o Menino no desterro só se chama Menino, e não Filho. A Senhora junto á cruz Mãe e mulher: *Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus: Mulier, ecce filius tuus*: e o Menino no desterro, só Menino e não Filho: *Tolle puerum, et Matrem ejus*. E por que? Por que a Senhora na cruz sentiu as penas do Filho, como Mãe, pelo affecto do sangue; e como mulher, pelo conhecimento e reflexões da idade: porém o Menino no desterro, nem como Filho sentia a peregrinação da Mãe, nem como Menino a sua, porque nem uma, nem outra conhecia. Esta é a primeira razão, ou resposta da nossa duvida, não menos qualificada que com a auctoridade do sapientissimo Abulense.

Agora direi eu a minha. Digo que o preço da redempção, com que a Senhora por meio do seu desterro remiu e salvou o Filho das mãos de Herodes, todo foi á custa da mesma Mãe, e nada do Filho, porque só a Mãe foi a desterrada, e o Filho não. Mas como pôde isto ser, se a mesma Mãe partindo e caminhando para o desterro, levou o Filho em seus braços? Por isso mesmo. A Senhora saindo de Nazareth desterrou-se, porque Nazareth era a sua terra, e a sua patria; porém o Filho sendo levado nos braços da Senhora, não se desterrou, porque a terra e patria do Filho de Deus, e da Virgem, é a mesma Virgem de quem nasceu. Haverá quem nos diga e prove isto? Sim, e não menos que o pae ou avô de ambos, David. *Benedixisti Domine terram tuam*. (Psalm. LXXXIV — 1.) Vós Senhor (diz David fallando com Deus) fizestes bemdita a vossa terra. Toda esta terra em que vivemos, é de Deus, mas depois do peccado de Adão não é terra bemdita, senão maldita:

Maledicta terra in opere tuo. Que terra logo é esta bemdita, a quem David chama terra de Deus? É aquella a quem disse o anjo: *Benedicta tu in mulieribus*; (Luc. 1—28 e 42) e a quem disse Isabel: *Benedicta tu inter mulieres, et benedictus fructus ventris tui.* E por que razão a bemdita entre todas as mulheres, que é a Virgem Maria, se chama terra de Deus, *Terram tuam*? Por que depois que Deus nasceu nella, e della, ella é a sua terra e a sua patria, *Terram tuam, id est beatam Virginem*, diz Hugo de Santo Charo. E como a bemdita e bemditissima Virgem era a terra e patria de seu filho, nesta jornada do Egypto a Mãe foi a desterrada, e o Filho não. A Mãe a desterrada, porque deixou a sua terra, que era Nazareth; mas o Filho de nenhum modo desterrado, porque levava a sua terra consigo, ou a sua terra o levava a elle. *Terram tuam.*

Não sei se reparastes bem em uma coisa, que cada dia repetimos, e é, chamar-nos a igreja *Exules filii Eæ*: os desterrados filhos de Eva. Nós não só somos filhos de Eva, senão de Eva, e de Adão: e não só Eva foi desterrada do paraíso, senão também Adão, e juntamente com ella. Pois se o pae e a mãe ambos foram desterrados, nós que somos filhos de ambos, por que havemos de ser os desterrados filhos de Eva, e não os desterrados filhos de Adão? Porque fallaria muito errada, e muito imprópriamente quem de outro modo nos chamasse. É verdade que Adão e Eva ambos foram lançados do paraíso, mas a desterrada só foi Eva, Adão não. E porque? Porque Eva foi creada no paraíso, Adão não, senão fóra d'elle. E como Eva foi creada no paraíso, quando Deus a lançou do paraíso, então verdadeiramente foi desterrada, e por isso nós propriamente somos os desterrados filhos de Eva. Pelo contrario, Adão quando foi lançado do paraíso, tão fóra esteve de ser desterrado, que então é que tornou para a sua terra, como o mesmo Deus lhe disse: *Revertatur in terram de qua sumptus est*: Torne para a terra de que foi formado. Não póde haver história nem prophecia mais propria do nosso caso. A terra de que foi formada a humanidade do segundo Adão Christo, foi a terra bemdita e virginal da sempre Virgem Maria: *Terra de qua sumptus est.* Pois assim como sendo lan-

çados do paraíso Adão e Eva, Eva só foi a desterrada, porque saiu da sua patria, e Adão não foi desterrado, porque indo para a terra de que fôra formado, foi para a sua terra; assim na jornada do Egypto, a Mãe e o Filho ambos saíram de Nazareth, mas só a Mãe como segunda Eva foi desterrada, e o Filho como segundo Adão não: porque a Mãe deixou a terra em que tinha nascido, e o Filho levava comsigo, ou era levado da terra d'onde nascêra: *Terram de qua sumptus est.*

VII.

Respondidas por este modo as difficuldades, e não só satisfeitas e desfeitas as objecções, mas convertidas todas em vantagens, bem provada parece que fica a verdade do nosso assumpto, e quão comprida, e superabundantemente pagou a Virgem Senhora nossa por meio do seu desterro as finezas que devia ao Filho no singular privilegio da sua purissima conceição. E se dermos um passo adiante sobre este mesmo fundamento, com verdade não menos evidente podemos inferir, que não só ficou a divida, de que era acreedor o Filho, paga e satisfeita, mas o mesmo Filho novamente endividado, e dobradamente devedor á Mãe. Com elegante apostrophe disse S. Methodio á Virgem Maria, que devendo todos a Deus tudo quanto teem, só ella tem sempre por devedor ao mesmo Deus: *Euge, quæ Deum debitorem semper habes.* A razão natural deste dito é fundada naquella certa philosophia, com que disse Aristoteles, que aos paes ninguem póde pagar o que deve, porque lhes ~~devemos~~ o ser e a vida. E d'aqui se segue, que pelo beneficio e effeito do desterro ~~sobre~~ o da encarnação, ficou o Filho de Deus e da Virgem duas vezes obrigado a sua Mãe, e dobradamente devedor seu, como dizia; porque o ser e a vida que uma vez lhe tinha dado pela encarnação, livrando-o por meio do seu desterro das mãos de Herodes, lh'a tornou a dar outra vez, como se outra vez o gerára.

Prove o Pae o que dizemos da Mãe. Fallando o Eterno Padre com o mesmo Filho seu e da Virgem, no psalmo segundo diz,

que é seu Filho, e que o gerou hoje: *Filius meus es tu, ego hodie genui te*. A palavra *hoje* significa dia determinado, e não ha duvida que falla do dia da encarnação, porque o mesmo verbo que o Padre tinha gerado *ab eterno* em quanto Deus, naquelle dia o gerou temporalmente em quanto homem. E isto se confirma claramente de tudo o que o mesmo Padre continúa a dizer no mesmo psalmo. Mas não pára aqui a significação da mesma palavra *hoje* porque S. Ambrosio, S. Hilario, S. João Chrysostomo, e outros graves expositores, dizem que não só significa determinadamente o dia da encarnação, senão tambem o da resurreição. Tem por si o texto do apostolo S. Paulo, o qual depois de referir as mesmas palavras, *Ego hodie genui te*, acrescenta, que quando Deus tornou a introduzir a seu Filho no mundo, mandou a todos os anjos, que o adorassem: *Cum iterum introducit primogenitum in orbem terræ, dicit: Et adorent eum omnes angeli ejus*. (Ad Hebr. I — 6) De sorte que duas vezes introduziu o Eterno Padre a seu Filho neste mundo: a primeira vez no dia da encarnação, em que lhe deu o ser e vida de homem, e outra vez no dia da resurreição, em que depois de morto lhe tornou a dar o mesmo ser, e a mesma vida, E em ambos, e cada um destes dois dias diz o mesmo Padre, que gerou a seu Filho: *Ego hodie genui te*: porque o livral-o da morte no dia da resurreição, foi como se outra vez o gerára. Isto é o que o Padre diz de si, e isto mesmo o que eu digo da Mãe. O Pae quando livrou a seu Filho da morte por meio da resurreição, diz que o gerou outra vez: e se o Padre gerou outra vez a seu Filho, quando o livrou da morte por meio da resurreição; quem negará que tambem a Mãe gerou outra vez ao mesmo Filho, quando o livrou da morte por meio do seu desterro? Não ha duvida, que, assim o Pae, como a Mãe, geraram segunda vez ao mesmo Filho; porém a Mãe com maior propriedade, e maior vantagem, porque não só o livrou como Mãe, mas como Mãe anticipadamente preservada do original pelo mesmo Filho. O Pae livrou-o da morte depois de morto, a Mãe livrou-o anticipadamente para que não morresse. Assim havia de ser para que a paga do desterro se ajustasse em tudo á divida da concepção.

Logo não só Christo ficou pago, senão devedor, como eu inferia, e dobradamente devedor. Uma vez devedor do ser e da vida que lhe deu a Mãe pela encarnação, e outra vez devedor da mesma vida, que lhe salvou e remiu pelo desterro. S. Bernardo considerando que Deus o creou, e que Deus o remiu, confessa que duas vezes se deve a si mesmo, e duas vezes todo a Deus: *Si totum me debeo pro me facto, quid addam jam pro me reflecto* ? Já o tinha dito antes S. Ambrosio, convencido da mesma consideração, com que tambem nos convence: *Ergo redemptus à Domino, servus es, qui creatus es, servus es, qui redemptus es: Et quasi domino servitutem debes, et quasi Redemptori* ". Creado e remido por Deus, sois de Deus, porque vos creou, e sois de Deus, porque vos remiu: e por estes dois titulos vos deveis duas vezes a Deus, uma vez como Creador, e outra como Redemptor. Ó Virgem gloriosissima do Desterro, sempre gloriosa acreedora de vosso Filho, mas dobradamente quando desterrada. Tudo o que os homens somos obrigados a confessar que devemos a Deus, é obrigado o mesmo Deus a confessar que vos deve a vós: na encarnação devedor vosso, porque o creastes; no desterro outra vez devedor vosso, porque o remistes: na encarnação Mãe do Creador; no desterro Redemptora do Redemptor.

VIII.

Assim endividou a Mãe de Deus a seu Filho, quando lhe pagou com o desterro o que lhe devia na conceição. Mas não só o endividou a elle, senão tambem a todos nós. E por que? Por que quando por meio do seu desterro foi ~~Redemptora~~ de Redemptor, foi tambem Redemptora de todo o genero humano. Funda-se esta proposição em uma theologia certa, que melhor que todos declarou S. Pedro Chrysologo: *Christus totam causam nostræ salutis occiderat, si se parvulum permisisset occidi*.

S. Bernard. Tract. de diligendo Deo.

" Ambr. lib. de Isaac cap. 3."

Que se Christo morrêra nesta idade em que Herodes o queria matar, juntamente pereceria a redempção do mundo, e a salvação do genero humano. Assim é, ou assim seria ; porque ainda que a morte do Filho de Deus em qualquer tempo, e em qualquer idade, era preço mais que abundantissimo para a redempção do genero humano ; comtudo como a Santissima Trindade tinha decretado de não acceitar em seu resgate senão a morte de cruz, e tudo o mais que o Senhor padeceu, sendo os decretos de Deus immudaveis, qualquer destas condições que faltasse ficava a redempção do mundo frustrada. E que fez a Virgem Maria por meio do seu desterro ? No effeito salvou a vida do Filho, e na causa salvou a de todos : no effeito salvou o Redemptor, e na causa salvou a redempção, a qual pereceria, se elle então morresse : *Totam causam nostræ salutis occiderat*. D'onde se segue, que assim como o Filho lhe deveu a sua redempção, assim nós lhe devemos a nossa : e assim como pelo seu desterro foi a Senhora Redemptora do Redemptor, assim pelo mesmo acto foi Redemptora tambem de todo o genero humano.

No mesmo Egypto, para onde a Senhora foi desterrada, temos a prova. Quando José declarou a el-rei Pharaó o mysterio dos sonhos, e não só ensinou, mas executou o remedio com que nos sete annos da fartura se havia de fazer a prevenção para os outros sete da fome, mudou-lhe o mesmo Pharaó o nome, e mandou que d'alli por diante fosse chamado na lingua egypciaca, salvador do mundo : *Vertit nomen ejus, e vocavit eum lingua egypciaca salvatorem mundi*. Não reparo na mudança do nome, mas na grandeza delle sim, porque ainda que a acção e industria o merecia grande, parece que não se estendia a tanto. Se livrou da fome ao Egypto, chame-se salvador do Egypto, mas salvador do mundo todo ; por que ? A escritura o declara logo, e é a razão tão cabal como admiravel ao nosso proposito : *Omnes provinciæ veniebant ad Egyptum, ut emerent escas, e malum inopiæ temperarent* : Foi a fome tão universal em todo o mundo, que todas as provincias vinham ao Egypto buscar o remedio da vida : e como a prevenção de José, não só proveu do mantimento ao Egypto, senão a todas as provincias do mundo, por

isso com muita razão se chama, não só salvador do Egypto, senão do mundo todo. Em quanto livrou da fome ao Egypto, salvador do Egypto, e em quanto o Egypto livrou da fome ao mundo, salvador do mundo. É tão semelhante a consequencia de caso a caso, que quasi não tem necessidade de applicação. Em quanto a Virgem Maria por meio do seu desterro salvou a vida do Salvador, foi Salvadora do Salvador. Mas em quanto da vida do mesmo Salvador naquella idade, dependia como de causa o salvar-se ou não o genero humano: *Totam causam nostræ salutis occiderat, si se parvulum permisisset occidi*; não só foi Salvadora do Salvador, senão Salvadora tambem de todo o genero humano. E assim como o Filho deveu ao seu desterro a vida, assim o genero humano, que somos nós, lhe devemos tambem a salvação.

IX.

Supposto pois o conhecimento (que para muitos será novo) desta grande e universal mercê, de que somos devedores á Senhora do Desterro, ou ao desterro da Senhora, resta por fim (para darmos bom e proveitoso fim ao sermão) saber o modo com que poderemos pagar, ou quando menos agradecer uma divida, que tão particularmente toca a cada um como a todos. E porque o melhor e mais agradavel obsequio que podemos fazer á Mãe de Deus, e a melhor e mais verdadeira devoção com que podemos venerar seus sagrados mysterios, é a imitação do que obrou nelles; digo que o que devemos offerecer á Senhora desterrada, em memoria do seu desterro, é fazermos tambem deste mundo o nosso Egypto e o nosso ~~desterro~~, e vivermos nelle como desterrados.

Até os gentios souberam dizer que para o homem de valor todo o mundo é patria: *Omne solum forti patria est.* (Ovid. lib. 1 de Ponto) e se ha nação no mundo, para a qual o mesmo mundo seja patria, somos nós. O primeiro fundador de Portugal, e pae de todos os portuguezes foi Tubal, que quer dizer *Mundanus*, homem de todo o mundo, e tal foi a benção ou herança que deixou a todos seus filhos: uns na Europa, outros na Africa, outros

na Asia, outros nesta America, enfim, todos divididos nas quatro partes do mundo, como cidadãos do universo : para que nenhum portuguez cuide que basta para satisfazer á obrigação, e devoção que digo, só com estar fóra e longe de Portugal ; pois em qualquer parte do mundo está na sua patria. Que remedio logo para pagarmos á Senhora do Desterro o que devemos ao seu com o nosso ? Disse discretissimamente Seneca, que quem tem todo o mundo por patria, não pôde ser desterrado ; porque para qualquer parte do mundo que o levem, sempre vae para a sua patria : *Patriam meam transire non possum. Una omnium est, extra hanc nemo projici potest. In quamcumque terram venio, in meam tenio. Nulla exilium est, sed altera patria est.* E como todo o mundo para nós é patria, como poderemos pagar á Senhora do Desterro tambem com o nosso desterro o beneficio e mercê tão grande que nos fez com o seu ?

Respondo que sim, podemos, não já tendo o mundo todo por patria, senão por desterro. Quem mais sabia e elegantemente que todos definiu e dividiu este ponto, foi o maior juizo do seu seculo Hugo Victorino, o qual diz assim : *Delicatus ille est adhuc, cui patria dulcis est : fortis jam, cui omne solum patria est : perfectus, cui mundus totus exilium est. Ille mundo amorem infixit, iste sparsit, hic extinxit.* Quer dizer : O homem mimoso e fraco só ama e tem por patria a terra em que nasceu : o forte e valoroso todo o mundo tem por patria : o perfeito e christão todo o mundo tem por desterro. Cada um destes tres applicaram variamente ao mundo o seu amor : o primeiro fixou-o, o segundo espalhou-o, o terceiro extinguiu-o. O primeiro fixou-o, porque o poz em um só lugar, que é a terra onde nasceu : o segundo espalhou-o, porque o estendeu a qualquer parte do mundo : o terceiro extinguiu-o, porque nem alguma parte, nem todo o mundo teve por patria, mas todo é qualquer parte delle reputou por desterro. Este é o perfeito, e não estoico, mas heroico modo de viver o homem neste mundo, sempre e em qualquer parte delle como desterrado. E este é tambem o obsequio e corresponden-

* Seneca de remedio fortunæ.

cia, com que, imitando a Senhora do Desterro, desterrada no Egypto, podemos, senão pagar, ao menos agradecer com o nosso desterro o inestimavel beneficio da salvação do genero humano, que nos assegurou com o seu.

Ó que venturosa romaria seria esta do Desterro hoje, e que bem remunerados tornaríamos deste ermo, se todos levassemos uma firme resolução de viver d'aqui por diante como desterrados, conhecendo com viva fé, que tudo o que é terra, é desterro, e só o ceu nossa verdadeira patria! Oíçamos a S. Paulo, o qual arrebatado ao ceu, foi o unico homem que viu a patria antes de ser morador della: *Non habemus hic civitatem permanentem, sed futuram inquirimus*: Nenhum de nós tem, ou pôde ter na terra cidade ou patria certa e permanente; porque todos imos caminhando para a futura, que é a patria do ceu. E S. Basilio ameaçando-o com o desterro um governador do imperador Valente; enganas-te (respondeu) se cuidas que me pôdes desterrar. Porque eu não reconheço outra patria, senão a do ceu, e este lugar onde agora estou, e qualquer outro deste mundo, todos para mim são desterro. Assim o refere S. Gregorio Nazianzeno por estas palavras: *Ab omni exilii metu liber sum: unam omnium agnoscens esse patriam paradisum: terram enim quasi omnium commune aspicimus naturæ exilium: pro patria vero carens, terra nullo loco circumscribor*. O mesmo nome de patria nos está ensinando, que só o ceu o pôde ser. E porque? Porque o nome de patria, é derivado do Pae, e não da mãe: a terra em que nascemos, é a mãe que nos cria; o ceu para que somos creados, é o lugar do Pae que nos dá o ser: e se a patria se derivára da terra, ~~que é a mãe que nos cria; havia-se de chamar matria, mas chama-se patria, porque se deriva do Pae que nos deu o ser, e está no ceu.~~ E se para sermos filhos de tal Pae é necessario que só o ceu tenhamos por patria; assim para sermos dignos servos da Mãe deste mesmo Pae, é necessario que tenhamos toda a terra por Egypto, e por desterro.

Ó que mal intendida é a nossa vida, que mal entendidos os nossos cuidados, e que mal intendida a nossa pouca fé, e o

nosso pouco intendimento! A terra, que é um desterro cheio de tantos trabalhos, de tantas misérias, de tantas desgraças, de tantos desgostos, onde não ha um dia, nem uma hora, isenta de afflicções e molestias, essa nos leva todo o amor, e todos os pensamentos, como se fôra a verdadeira patria. E o ceu que é a patria de todos os bens, de todas as felicidades, de todas as delicias, de toda a bemaventurança, onde não ha, nem póde haver sombra de mal, ou de pena, em vez de ser a nossa perpetua saudade, e o nosso continuo cuidado, não só vivemos tão esquecidos della, e tão pouco desejosos, antes temerosos do dia em que havemos de ~~ser~~ chamados, como se fôra para o mais triste desterro. A Virgem desterrada, a cuja presença quando entrou no Egypto caíram todos os idolos, se sirva de desterrar de nossos corações esta falsa e cega idolatria, com que o mundo nos traz enganados, para que o adoremos, e com um raio de viva fé allumie a cegueira e ignorancia de nossos intendimentos, para que conheçamos, que tudo o que é terra, é desterro, e só o ceu, para que fomos creados, a nossa verdadeira e bem-aventurada patria: *Ad quam nos perducatur Dominus Jesus. Amen.*

INDICE.

Na antiga edição				
	Pag.	5 Tomo	11.º	Pag.
Sermão do demonio mudo.	37	"	6.º	281
" de Santa Iria.	61	"	11.º	355
" domestico.	78	"	"	322
" do beato Estalislau Koska.	102	"	6.º	250
" de quarta feira de Cinza.	129	"	11.º	58
" de Santo Antonio.	153	"	15.º	138
Pratica espiritual da crucifixão do Senhor...	169	"	14.º	107
Sermão de S. Roque.	193	"	6.º	49
" da 3.ª Dominga do Advento.	220	"	14.º	129
" de S. Sebastião.	235	"	6.º	189
Exhortação 1.ª em vespora do Espirito Santo	252	"	"	514
" 2.ª em vespora da Visitação.	265	"	11.º	534
Sermão de Santa Catharina.	300	"	6.º	1
" na segunda feira depois da 2.ª Do-	344	"	15.º	416
minga da Quaresma.	358	"	6.º	70
" de Santo Estevão.		"		261
" de Nossa Senhora da Conceição.				



